

## ELEMENTOS ARCAICOS E A FORMAÇÃO DOS MODELOS URBANÍSTICOS

Mitos, arquétipos e símbolo: da pré-história à Antiguidade



João Manuel Baltasar Firmino do Carmo  
(Licenciado)

Orientação Científica

Professor Doutor Paulo Garcia Pereira

Professor Doutor Jorge Firmino Nunes

Corpo de Júri

Vogal Professor Doutor Miguel Baptista Bastos

Presidente Professor Doutor Pedro Rodrigues

Documento Definitivo









*Ao Professor Paulo Pereira e ao Professor Jorge Nunes, pelo infindável conhecimento transmitido e incondicional apoio no desenvolvimento do trabalho;*

*Ao meu Pai e à minha Mãe, sem os quais não estaria aqui, a vários níveis;*

*À minha irmã e às minhas gatas;*

*Aos meus . . .*

## ABSTRACT

The city has become, as time progresses, less and less virtuous. The anxieties felt by the metropolitan dweller imply the necessity to review how the human being interprets the space around him.

The complete dissociation with man from its surroundings brings but damage to one's mental health. In an age where the dollar sign is the only attached to space, there is the need to try to understand what other meanings could have been given to the human being's surroundings - namely when it was initially designed and planned.

Key words: History | Simbol | Meaning | Space

## RESUMO

A cidade tem vindo, com o avançar do tempo, a tornar-se cada vez menos virtuosa. As ansiedades sentidas pelo habitante da metrópole implicam a necessidade de rever o modo como o ser humano interpreta o espaço à sua volta.

A completa dissociação do homem da sua envolvente traz danos para a sanidade mental do indivíduo. Numa contemporaneidade onde o cifrão é o único símbolo associado ao espaço e à construção, é preciso tentar entender que outros significados poderão ter sido conferidos ao ambiente frequentado pelo ser humano - nomeadamente quando este começou a ser desenhado e planeado.

Palavras-Chave: História | Símbolo | Significado | Espaço

## Índice de Conteúdos

I. Introdução	1
a. Questões introdutórias e problemática	3
b. Metodologia	7
II. Notas Prévias	19
a. <i>Sapiens a Sapiens</i>	21
b. Revolução Urbana	23
c. Casos de Estudo	24
III. Marcações no Território no Antigo Ocidente Europeu	36
a. O Ponto	38
b. Instituição do Lugar	39
i. Paleolítico Superior	40
ii. Megálitos	42
iii. Antiguidade clássica	42
c. O círculo	45
d. O Centro	54
i. Recintos e Limites	58
ii. Alinhamentos e Orientação	63
e. Antropologia do Habitat	65
i. Lareira e Lar	70
f. Reflexo do Cosmos	71
i. Céu, Terra e Divisão	72
ii. Alinhamentos e Orientação	74
iii. Recintos e Limites	76
g. Lugares Sagrados	80
i. Santuários	82
ii. Centros e Verticalidade	83
iii. Recintos e Limites	85
h. Recta como ideia reitora: Poder, Direito e Lei	88

i.	A realeza, orientação e império	94
i.	Ortogonalidades	95
j.	Em suma	99
<b>IV. Padrões Orgânicos</b>		<b>104</b>
a.	Organicismo Urbano	106
b.	Consciência Urbana	108
i.	Templos e Ziggurates	110
c.	Cidades Não Planeadas	113
d.	A Topografia e a sua Influência	117
e.	Divisões e partições da Terra e do entorno proto-urbano	119
f.	Em suma	121
<b>V. A Cidade Como Diagrama</b>		<b>124</b>
a.	O Diagrama no Espaço	126
b.	O Ponto	127
c.	O Círculo	131
d.	O Centro	134
e.	Religião e Política na Cidade-Diagrama	139
f.	O Habitat como Reflexo do Cosmos	140
g.	A circularidade como reflexo do cosmos	141
h.	Cidades Sagradas	145
i.	A Grelha e a Medição da Terra	152
j.	Em suma	155
<b>VI. Cidades Planeadas</b>		<b>158</b>
a.	Planeamento e Ortogonalidade	160
b.	Cahokia	161
c.	Teotihuacan	164
d.	Nas Margens do Nilo	172

i.	Djoser	175
ii.	Gizé	177
iii.	Deir Al-Bahri	179
e.	Em Suma	180
VII. Reflexões Finais		184
VIII. Lista de Obras Consultadas		194
IX. Anexos		202









## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Plano para Barcelona por Ildefonso Cerdá em 1860.	3
<i>In <a href="https://www.archdaily.com.br/br/880894/o-plano-cerda-de-barcelona-de-uma-nova-perspectiva-nessa-fotografia-aerea/59cd52e4b22e3875610000d6-o-plano-cerda-de-barcelona-de-uma-nova-perspectiva-nessa-fotografia-aerea-foto">https://www.archdaily.com.br/br/880894/o-plano-cerda-de-barcelona-de-uma-nova-perspectiva-nessa-fotografia-aerea/59cd52e4b22e3875610000d6-o-plano-cerda-de-barcelona-de-uma-nova-perspectiva-nessa-fotografia-aerea-foto</a></i>	
Figura 2: Frans Hals, <i>Retrato de René Descartes</i> , 1649-1700, óleo sobre tela, 77.5 x 68.5 cm, Louvre, Paris	5
<i>In <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Frans_Hals_-_Portret_van_Ren%C3%A9_Descartes.jpg#/media/Ficheiro:Frans_Hals_-_Portret_van_Ren%C3%A9_Descartes.jpg">https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Frans_Hals_-_Portret_van_Ren%C3%A9_Descartes.jpg#/media/Ficheiro:Frans_Hals_-_Portret_van_Ren%C3%A9_Descartes.jpg</a></i>	
Figura 3: Gravura de coluna Coríntia por PERRAULT, 1673	6
<i>In <i>Ordonnance des Cinq Espèces de Colonnades Selon la Methode des Anciens</i>, p. 82</i>	
Figura 4: Recinto C do Complexo de Gobleki Tepe	11
<i>In <i>Gobleki Tepe Site Management Plan</i>, p. 30</i>	
Figura 5: Estela adornada do recinto D.	11
<i>In <i>Gobleki Tepe Site Management Plan</i>, p. 32</i>	
Figura 6: Estela antropomórfica do recinto D.	12
<i>In <i>Gobleki Tepe Site Management Plan</i>, p. 32</i>	
Figura 7: Vista sobre as escavações de Gobleki Tepe	13
<i>In <i>Gobleki Tepe Site Management Plan</i>, p. 47</i>	
Figura 8: Vista aérea sob o recinto de Gobleki Tepe	13
<i>In <i>Gobleki Tepe Executive Summary</i>, p. 10</i>	
Figura 9: Taula megalítica na Ilha Minorca	14
<i>In <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a7/Taula_Torralba_01.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a7/Taula_Torralba_01.jpg</a></i>	
Figura 10: Reconstituição do recinto cerimonial em Minorca	14
<i>Cedida por Paulo Pereira</i>	
Figura 11: Santuário do Bom Jesus, Braga	15
<i>In <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4e/Treppenaufgang_Bom_Jesus_do_Monte.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4e/Treppenaufgang_Bom_Jesus_do_Monte.jpg</a></i>	
Figura 12: Templo Tikal, Guatemala	15
<i>In <a href="https://cdn.britannica.com/95/189895-050-C0C50BC5/Temple-Jaguar-Pyramid-Guatemala-Tikal.jpg">https://cdn.britannica.com/95/189895-050-C0C50BC5/Temple-Jaguar-Pyramid-Guatemala-Tikal.jpg</a></i>	
Figura 13: Crânio Homo Sapiens Sapiens em comparação com o de um Homo Sapiens Neanderthalensis	21
<i>In <a href="https://www.earthdate.org/sites/default/files/inline-images/ed066_01.jpg">https://www.earthdate.org/sites/default/files/inline-images/ed066_01.jpg</a></i>	

Figura 14: Gruta de La Pasiega; pintura neandertal (cima). Registo feito pelo Henri Breuil (baixo)	22
<i>In <a href="https://www.publico.es/ciencias/arqueologia-aumenta-polemica-antiguedad-pinturas-rupestres-cuevas-espanolas.html">https://www.publico.es/ciencias/arqueologia-aumenta-polemica-antiguedad-pinturas-rupestres-cuevas-espanolas.html</a></i>	
Figura 15: Vista aérea do Cromeleque dos Almendres	25
<i>Fotografia cedida pelo Centro Interpretativo dos Almendres</i>	
Figura 16: Verso de Moeda Romana de 269 a.C.	26
<i>In <a href="https://www.icollector.com/Roman-Republican-Anonymous-Struck-Coinage-AR-Didrachm-7-17-g-minted-at-Rome-or-possibly-Neapolis_i11764369">https://www.icollector.com/Roman-Republican-Anonymous-Struck-Coinage-AR-Didrachm-7-17-g-minted-at-Rome-or-possibly-Neapolis_i11764369</a> OU <a href="https://dygtyjqp7pi0m.cloudfront.net/i/11511/11764369_2.jpg?v=8CE9ABE46E70E70">https://dygtyjqp7pi0m.cloudfront.net/i/11511/11764369_2.jpg?v=8CE9ABE46E70E70</a></i>	
Figura 17: Gravura de Confúcio.	27
<i>In <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2d/Confucius_02.png">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2d/Confucius_02.png</a></i>	
Figura 18: Mural em Teotihuacan (detalhe).	30
<i>In <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/Great_Goddess_of_Teotihuacan_%28T_Aleto%29.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/Great_Goddess_of_Teotihuacan_%28T_Aleto%29.jpg</a></i>	
Figura 19: Gravura Xamanística na Caverna das Três Irmãs e Interpretação de Hen	40
<i>In <a href="https://cdn.britannica.com/s:1500x700,q:85/63/4763-004-824529EB/Sorcerer-cave-Trois-Freres-Ariege-France-image.jpg">https://cdn.britannica.com/s:1500x700,q:85/63/4763-004-824529EB/Sorcerer-cave-Trois-Freres-Ariege-France-image.jpg</a> e <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/Pintura_Trois_Freres.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/Pintura_Trois_Freres.jpg</a> (respectivamente)</i>	
Figura 20: Híbrido Cavalo/Homem na Gruta do Escoural e levantamento segundo Araújo e Lejeune	41
<i>Fotografia cedida pelo Centro Interpretativo da Gruta do Escoural, fotografia por Manuel Ribeiro</i>	
Figura 21: Monumentos megalíticos em Portugal (segundo Vera Leisner, Jousame e V. O. Jorge)	42
<i>In <a href="#">Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas</a>, p.57</i>	
Figura 22: Tholos no Oráculo de Delfos, Grécia (fotografia pelo autor)	44
<i>Fotografia pelo autor</i>	
Figura 23: Giovanni Paolo Pannini, <i>The interior of the Pantheon (Roma)</i> , 1730, óleo sobre tela, 128 x 99 cm, National Gallery of Art, Washington D.C.	46
<i>In <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/22/Giovanni_Paolo_Panini_-_Interior_of_the_Pantheon%2C_Rome_-_Google_Art_Project.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/22/Giovanni_Paolo_Panini_-_Interior_of_the_Pantheon%2C_Rome_-_Google_Art_Project.jpg</a></i>	
Figura 24: Reconstrução do templo de Aedes Vestae e Regia. (segundo H. Müller-Karpe)	46
<i>In <a href="#">The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World</a>, p.134</i>	
Figura 26: Covinhas ou Fossetes, num menir do Cromeleque dos Almendres	47
<i>Fotografia cedida pelo Centro Interpretativo dos Almendres</i>	

Figura 25: Diferentes fases de construção do Cromeleque dos Almendres	47
<i>In <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e1/CromelequeAlmendres.png/800px-CromelequeAlmendres.png">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e1/CromelequeAlmendres.png/800px-CromelequeAlmendres.png</a></i>	
Figura 27: Cromeleque da Portela dos Mogos, Évora (segundo M. Varela Gomes)	48
<i>In Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora, redesenhado pelo autor</i>	
Figura 28: Cabana de Rómulo por Giacomo Boni	49
<i>In On Adam's House in Paradise: The idea of the Primitive Hut in Architectural History, p.174</i>	
Figura 29: Paul Klee, <i>Os Limites da Razão</i>	51
<i>In <a href="http://alfredflechtheim.com/werke/grenzen-des-verstandes/">http://alfredflechtheim.com/werke/grenzen-des-verstandes/</a></i>	
Figura 30: Pedra Escrita, Serrazes (São Pedro do Sul)	52
<i><a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/71/Pedra_escrita_04_01.JPG">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/71/Pedra_escrita_04_01.JPG</a></i>	
Figura 31: Ilustração por Thomas Noble Howe da divisão do espaço e dos ventos segundo Vitruvius	53
<i>Tratado de Architectura</i>	
Figura 32: Templum do Céu	54
<i>In The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World, p.59</i>	
Figura 33: O <i>Omphalos</i> - umbigo - de Delfos, na Grécia.	56
<i>In <a href="https://ancientanatomies.files.wordpress.com/2017/11/omphalos-delphi.jpg?w=768&amp;h=718">https://ancientanatomies.files.wordpress.com/2017/11/omphalos-delphi.jpg?w=768&amp;h=718</a></i>	
Figura 34: A roda zodiacal centrada em Delfos (segundo Richer)	58
<i>In Sacred Geography of the Ancient Greeks: Astrological Symbolism in Art, Architecture, and Landscape, p. 26</i>	
Figura 35: Recinto de fosso dos Perdigões	59
<i>In Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica, p. 29</i>	
Figura 36: Recinto de Fossos e respectivas orientações segundo Valera	60
<i>In Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica, p. 29</i>	
Figura 37: Franz Matsch, <i>Aquiles Triunfante</i> .	61
<i>In <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/5/58/Triumph_of_Achilles_in_Corfu_Achilleion.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/5/58/Triumph_of_Achilles_in_Corfu_Achilleion.jpg</a></i>	
Figura 38: Modelo de barro de fígado utilizado para profetizar	62
<i>Fotografia pelo autor</i>	
Figura 40: Adam Elsheimer, <i>The Lupercalian Festival in Roma</i>	63
<i>In <a href="https://www.theguardian.com/science/2018/feb/15/wolves-nudity-mayhem-why-an-ancient-roman-festival-is-still-controversial#img-3">https://www.theguardian.com/science/2018/feb/15/wolves-nudity-mayhem-why-an-ancient-roman-festival-is-still-controversial#img-3</a></i>	

Figura 39: Performance por Jennifer Taylor de uma reconstituição da Lupercália	63
<i>In <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/38/Circle_of_Adam_Elzheimer_The_Lupercalian_Festival_in_Rome.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/38/Circle_of_Adam_Elzheimer_The_Lupercalian_Festival_in_Rome.jpg</a></i>	
Figura 41: Pôr do Sol no recinto megalítico dos Almendres no solstício de Inverno	64
<i>In Fotografia pelo Centro Interpretativo dos Almendres)</i>	
Figura 42: Réplica de Báculo de Xisto por Ébora Megalithica	65
<i>In <a href="https://www.instagram.com/p/B-sW3F0lvx/">https://www.instagram.com/p/B-sW3F0lvx/</a></i>	
Figura 43: Augur romano empunhando o seu Báculo	65
<i>In <a href="https://i.pinimg.com/564x/29/1d/11/291d110a560aaf0288a22261b29a4311.jpg">https://i.pinimg.com/564x/29/1d/11/291d110a560aaf0288a22261b29a4311.jpg</a></i>	
Figura 44: Pastor alentejano com cajado curvo	65
<i>In Menires do Alentejo Central, Génese e Evolução da paisagem megalítica regional, p.125</i>	
Figura 45: Povoados fortificados e Assentamentos humanos do Calcolítico na Estremadura.	68
<i>In Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas, p.199</i>	
Figura 46: Reconstrução de uma pintura numa parede em Çatalhöyük	71
<i>In The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History, p. 29</i>	
Figura 47: Detalhe de um balde encontrado em Certosa, Bolonha. Origem etrusca, século V a VI a.C. (museu Civico Bologna)	73
<i>In The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World, p.82</i>	
Figura 48: Femme a La Corne, encontrada em Dordogne, na França.	74
<i>In Female Figurines of the Upper Paleolithic, p. 16</i>	
Figura 49: Fotografia do Cromele do Xarez e levantamento do Menir Central	76
<i>Fotografia por Joana Gregório e Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas, p. 123</i>	
Figura 50: Ley que une o Cromeleque da Portela dos Mogos, Vale Maria do Meio, e o Menir da Casbarra 1, e o Menir de Mauriz (segundo Calado)	76
<i>In Menires do Alentejo Central, Génese e Evolução da paisagem megalítica regional, p.179</i>	
Figura 51: Coroa fortificada central do povoado de Vila Nova de S. Pedro, em Cartaxo	77
<i>In <a href="https://www.researchgate.net/profile/Cesar_Neves3/publication/323389458/figure/fig3/AS:597939764338694@1519571357066/Figura-3-Vila-Nova-de-Sao-Pedro-levantamento-topografico-realizado-em-1984-Arnaud-e.png">https://www.researchgate.net/profile/Cesar_Neves3/publication/323389458/figure/fig3/AS:597939764338694@1519571357066/Figura-3-Vila-Nova-de-Sao-Pedro-levantamento-topografico-realizado-em-1984-Arnaud-e.png</a></i>	
Figura 52: Povoado de Castanheira do Vento, em Vila Nova de Foz Côa	77
<i>In Castanheira do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) - Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional, p. 93</i>	

Figura 53: Planta esquemática do recinto amuralhado do Castelo Velho de Freixo de Numão, em Vila Nova de Foz Côa 78

*In [https://3.bp.blogspot.com/-AeTjeDslGcY/ThnWf3-1kwl/AAAAAAAAAKo/X88WFD7Rwg8/s1600/](https://3.bp.blogspot.com/-AeTjeDslGcY/ThnWf3-1kwl/AAAAAAAAAKo/X88WFD7Rwg8/s1600/Castelo+Velho.jpg)  
Castelo+Velho.jpg*

Figura 54: Planta do povoado de Leceia, em Oeira 78

*In [https://www.researchgate.net/profile/Joao\\_Cardoso19/publication/271440397/figure/fig45/AS:669460851601459@1536623313687/Fig-91-Povoado-pre-historico-fortificado-de-Leceia-Oeiras-Planta-simplificada-do.png](https://www.researchgate.net/profile/Joao_Cardoso19/publication/271440397/figure/fig45/AS:669460851601459@1536623313687/Fig-91-Povoado-pre-historico-fortificado-de-Leceia-Oeiras-Planta-simplificada-do.png)*

Figura 55: Planta do povoado fortificado do Zambujal 79

*In Estudos Arqueológicos de Oeiras 6, p. 265*

Figura 56: Maquete do povoado (Museu Municipal de Torres Vedras) 79

*In [https://1.bp.blogspot.com/-1mCSsEiMAkM/WJnaRoM92pl/AAAAAAAAArhg/7KQnD5uqDjoq3frqDtGr5M3MyXHsGXq6QCLcB/s1600/DSC\\_3741.JPG](https://1.bp.blogspot.com/-1mCSsEiMAkM/WJnaRoM92pl/AAAAAAAAArhg/7KQnD5uqDjoq3frqDtGr5M3MyXHsGXq6QCLcB/s1600/DSC_3741.JPG)*

Figura 57: Cromeleque dos Almendres (fotografia pelo Centro Interpretativo dos Almendres) 81

*Fotografia cedida pelo Centro Interpretativo dos Almendres*

Figura 58: Menir depositado no Museu de Silves 84

*In Menires do Alentejo Central, Génese e Evolução da paisagem megalítica regional, p.209*

Figura 59: Desenho para estação ferroviária e aeroporto da La Città Nuova de Antonio Sant'Elia 85

*In [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4f/Stazione\\_Sant%27Elia.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4f/Stazione_Sant%27Elia.jpg)*

Figura 60: Bastão de Asclépio 85

*In [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e3/Rod\\_of\\_Asclepius2.svg/110px-Rod\\_of\\_Asclepius2.svg.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e3/Rod_of_Asclepius2.svg/110px-Rod_of_Asclepius2.svg.png)*

Figura 61: Anta Grande do Zambujeiro 86

*Fotografia pelo autor*

Figura 62: Estátua/baixo-relevo de Lamassu, Britttish Museum. 87

*In <https://collectionapi.metmuseum.org/api/collection/v1/iiif/322609/1629447/main-image>*

Figura 63: Vista aérea do Stonehendge Cursus. 89

*In <https://www.english-heritage.org.uk/siteassets/home/visit/places-to-visit/stonehenge/history/stonehenge-cursus-12.jpg?w=640&mode=none&scale=downscale&quality=60&anchor=&WebsiteVersion=20200723110141>*

Figura 64: Centurição Romana no território de Bracara Augusta (segundo M. Martings e H. Carvalho) 90

*In A fundação de Bracara Augusta no contexto da política de Augusto. Urbanismo e povoamento rural, p. 737*



Figura 65: Assentamento da <i>groma</i> (segundo Dilke)	92
<i>Itin Tratado de Architectura</i>	
Figura 66: Rosa-dos-Ventos de acordo com Vitruvius.	92
<i>In Tratado de Architectura</i>	
Figura 67: Hyginus Gromaticus. Diagrama resultante da quadrícula orientada pela sombra do <i>gnomon</i>	92
<i>In Tratado de Architectura</i>	
Figura 68: Planta do Estado das escavações das Ruínas de Marzabotto (redesenhada pelo autor).	96
<i>In The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World, p.59, redenhado pelo autor</i>	
Figura 69: Planta de Miletus na época clássica. Cidade grega na Anatólia. (redenhada pelo autor).	97
<i>In <a href="https://s3.amazonaws.com/libapps/accounts/53574/images/1_-_gen_info_-_miletus_greece.png">https://s3.amazonaws.com/libapps/accounts/53574/images/1_-_gen_info_-_miletus_greece.png</a>, redenhado pelo autor</i>	
Figura 70: <i>Castrum</i> romano, como interpretado por Albert Uderzo	98
<i>In Asterix e Filho, p. 24</i>	
Figura 72: Variantes de placas idólicas de xisto.	99
<i>In <a href="https://lh3.googleusercontent.com/proxy/TFc2kmuMWf2d4vUwDvI39WJN5QqS8OJ3SvFMI5ljFNmUWT6JnOiFVLHvUjFg_JYcgbgIfUlaXCTluVQ4WQbSbQQ4B3Kx0EtqEtQXCTxUqUUe9Q">https://lh3.googleusercontent.com/proxy/TFc2kmuMWf2d4vUwDvI39WJN5QqS8OJ3SvFMI5ljFNmUWT6JnOiFVLHvUjFg_JYcgbgIfUlaXCTluVQ4WQbSbQQ4B3Kx0EtqEtQXCTxUqUUe9Q</a></i>	
Figura 71: Menir 56 do Cromeleque dos Almendres (segundo Gomes)	99
<i>In Menires do Alentejo Central, Génesis e Evolução da paisagem megalítica regional: Anexo, p.13</i>	
Figura 73: <i>O Homem como protótipo da forma urbana</i> di Giorgio Martini	106
<i>In The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History, p. 52</i>	
Figura 74: Mapa da Mesopotâmia	109
<i>In A History of Architecture: Settings and Rituals, p. 52</i>	
Figura 75: Zona residencial de Ur, a sudeste do mausoléu real. 2000 a.C.	110
<i>In A History of Architecture: Settings and Rituals, p. 53</i>	
Figura 76: Ruínas da Ziggurate de Ur, Iraque.	111
<i>In <a href="https://www.ancient-origins.net/sites/default/files/Ziggurat-of-Ur-remains.jpg">https://www.ancient-origins.net/sites/default/files/Ziggurat-of-Ur-remains.jpg</a></i>	
Figura 77: Pieter Bruegel, <i>Torre de Babel</i>	113
<i>In <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/fc/Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_%28Vienna%29_-_Google_Art_Project_-_edited.jpg/800px-Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_%28Vienna%29_-_Google_Art_Project_-_edited.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/fc/Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_%28Vienna%29_-_Google_Art_Project_-_edited.jpg/800px-Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_%28Vienna%29_-_Google_Art_Project_-_edited.jpg</a></i>	

Figura 78: Planta Esquemática de Tell Chuera	114
<i>In Making Ancient Cities: Space and Place in Early Urban Societies, p. 41, redesenhado pelo autor</i>	
Figura 79: Planta esquemática de Kazane durante a Idade do Bronze Superior	116
<i>In Making Ancient Cities: Space and Place in Early Urban Societies, p. 48, redesenhado pelo autor</i>	
Figura 80: O Selo de Adda	118
<i>In <a href="https://media.britishmuseum.org/media/Repository/Documents/2014_10/1_6/cc2ec66a_ca73_4868_ae3a_a3b7006cc6ae/preview_00032572_001.jpg">https://media.britishmuseum.org/media/Repository/Documents/2014_10/1_6/cc2ec66a_ca73_4868_ae3a_a3b7006cc6ae/preview_00032572_001.jpg</a></i>	
Figura 81: Mapa topográfico com linhas isoetas	119
<i>In American Journal of Archeology V. 22, 2; p. 178</i>	
Figura 82: Planta esquemática de Al-Rawda	120
<i>In Making Ancient Cities: Space and Place in Early Urban Societies, p. 42, redesenhado pelo autor</i>	
Figura 83: Tumtês III, soberano da XVIII dinastia. Museu de Luxor, Egito	127
<i>In Atlas Histórico: Mundo Antigo, p. 16</i>	
Figura 84: Templo de Apolo em Delfos	128
<i>In Fotografia pelo autor</i>	
Figura 85: Ara Pacis, em Roma	129
<i>In <a href="https://www.bestnccroma.com/wp-content/uploads/2017/09/ara-pacis.jpg">https://www.bestnccroma.com/wp-content/uploads/2017/09/ara-pacis.jpg</a></i>	
Figura 86: Fachada sul da Ara Pacis	130
<i>In <a href="https://cdn.kastatic.org/ka-perseus-images/5e89190a0946ee00bae5b7a20828d94cbd6b52f2.jpg">https://cdn.kastatic.org/ka-perseus-images/5e89190a0946ee00bae5b7a20828d94cbd6b52f2.jpg</a></i>	
Figura 87: Atlântida de acordo com Crítias	132
<i>In Lugares Mágicos de Portugal: Cabos do Mundo e Finisterras, p. 190</i>	
Figura 88: Gur (Firuzabad, no actual Irão)	133
<i>In <a href="https://www.researchgate.net/profile/Houshmand_Masoumi/publication/231169819/figure/fig43/AS:668909036384281@1536491750847/3-The-city-of-Gur-next-to-the-present-Firuzabad-city-in-Fars-province-in-south-of-Iran.jpg">https://www.researchgate.net/profile/Houshmand_Masoumi/publication/231169819/figure/fig43/AS:668909036384281@1536491750847/3-The-city-of-Gur-next-to-the-present-Firuzabad-city-in-Fars-province-in-south-of-Iran.jpg</a></i>	
Figura 89: A cidade ideal segundo os Zhou	134
<i>In The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World, p.220</i>	
Figura 90: Sistema de modilhões	135
<i>In A History of Architecture: Settings and Rituals, p. 234</i>	
Figura 91: Pagoda do Grande Ganso Selvagem	136

In [https://2.bp.blogspot.com/-QZWYybJE9z0/U2w9W-BcuMI/AAAAAAAAAVdg/Kyps\\_DR5zcs/s1600/10698203\\_181130904000\\_2-\(1\).jpg](https://2.bp.blogspot.com/-QZWYybJE9z0/U2w9W-BcuMI/AAAAAAAAAVdg/Kyps_DR5zcs/s1600/10698203_181130904000_2-(1).jpg)

Figura 92: Paleta de Narmer 137

In [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/be/Narmer\\_Palette.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/be/Narmer_Palette.jpg)

Figura 93: Principais cidades e recintos do Antigo Egito 138

In *A History of Architecture: Settings and Rituals*, p. 6

Figura 94: Cidade de Chang'an durante a dinastia Tang 139

In *A History of Architecture: Settings and Rituals*, p. 236

Figura 95 :Gravura de Yu o grande, durante a dinastia Han 140

In <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e2/%E5%A4%A7%E7%A6%B9%E6%B2%BB%E6%B0%B4%E5%9C%96.jpg>

Figura 96: Ming T'ang como descrita nos textos da Dinastia Han. 141

In *A History of Architecture: Settings and Rituals*, p. 236

Figura 97: Vasudhara Mandala, *circa* 1504, Nepal. Coleção de Stella Kramrisch. 142

In <https://www.asianart.com/exhibitions/malla/large/04.jpg>

Figura 98: A planta da cidade de Jaipur apresenta a divisão em nove baseado numa *mandala*. 144

In [https://architexturez.net/data/styles/az\\_cf\\_core\\_l-region-content/public/media/bvd-jaipure-figure-ground.png?itok=NFO4u0ZF](https://architexturez.net/data/styles/az_cf_core_l-region-content/public/media/bvd-jaipure-figure-ground.png?itok=NFO4u0ZF)

Figura 99: Vista aérea sobre o templo de Boroburu 145

In <https://vistapointe.net/images/borobudur-3.jpg>

Figura 100: Sistema Planetário no manuscrito de Collectar (*circa* 800, Colónia, Alemanha. 146

In *City of the Great King: Jerusalem from David to the Present*, p. 300

Figura 101: Jerusalém Celeste representada no manuscrito apocalíptico de Valenciennes, França. 146

In <https://www.chambord.org/500-ans/wp-content/uploads/sites/17/2019/03/Page-7-Valenciennes-1024x706.png>

Figura 102: Mapa T e O segundo *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha 147

In [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/70/T\\_and\\_O\\_map\\_Guntherus\\_Ziner\\_1472.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/70/T_and_O_map_Guntherus_Ziner_1472.jpg)

Figura 103: Uma das plantas de Jerusalém da Baixa Idade Média, meados do séc. XII 147

In [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b2/Brussels\\_map.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b2/Brussels_map.png)

Figura 104: «Nova Jerusalém». Iluminura do *Apocalipse de Lorvão*, 148

In *Arte e Ciência: Equações da Arte*, p.127

Figura 105: Projecção tridimensional da representação do Templo no Apocalipse de Lorrão	148
<i>In Arte e Ciência: Equações da Arte, p.127</i>	
Figura 106: “A Medição do Templo”. Iluminura do <i>Apocalipse de Lorrão</i>	149
<i>In Arte e Ciência: Equações da Arte, p.127</i>	
Figura 108: Lista de referências Bíblicas ao Templo de Salomão no Antigo Testamento	151
<i>In Arte e Ciência: Equações da Arte, p.160</i>	
Figura 107: Templo de Salomão, por Niocals de Lira, e Templo de Salomão na obra <i>Liber Chronicarum</i>	151
<i>In Arte e Ciência: Equações da Arte, p.164</i>	
Figura 109: Exemplo de um <i>Lo Shou</i>	152
<i>In The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World, p.21</i>	
Figura 110: Monde central de Cahokia.	162
<i>In <a href="https://i.guim.co.uk/img/media/025b0b9d94c2c7d610b4f58e82af56eb2b7dd8d2/0_300_5616_3370/master/5616.jpg?width=700&amp;quality=85&amp;auto=format&amp;fit=max&amp;s=f6e7bf826a95c84f541ce58c5951897f">https://i.guim.co.uk/img/media/025b0b9d94c2c7d610b4f58e82af56eb2b7dd8d2/0_300_5616_3370/master/5616.jpg?width=700&amp;quality=85&amp;auto=format&amp;fit=max&amp;s=f6e7bf826a95c84f541ce58c5951897f</a></i>	
Figura 111: Epicentro da comunidade Cahoki	163
<i>In Making Ancient Cities: Space and Place in Early Urban Societies, p. 298, redesenhado pelo autor</i>	
Figura 112: Avenida de los Muertos e envolvente	165
<i>In Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico, p. 154, redesenhado pelo autor</i>	
Figura 113: Planta da cave por baixo da Pirâmide do Sol	167
<i>In Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico, p. 129</i>	
Figura 114: Diosa de Água	168
<i>In Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico, p. 171</i>	
Figura 115: Estátua de Qutzalcoatl, detalhe da Pirâmide da Serpente Penada	168
<i>In <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0a/Teotihuacan-Temple_of_the_Feathered_Serpent-3031.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0a/Teotihuacan-Temple_of_the_Feathered_Serpent-3031.jpg</a></i>	
Figura 116: Recinto da <i>Ciudadela</i>	169
<i>In <a href="https://static.wixstatic.com/media/3a33cf_2226431cc68542d2ba14fae87b871c85~mv2.png">https://static.wixstatic.com/media/3a33cf_2226431cc68542d2ba14fae87b871c85~mv2.png</a></i>	
Figura 117: Pirâmide do Sol	170
<i>In <a href="https://miro.medium.com/max/1200/1*ojDPPhVO2Clv_tbwfSgWBwQ.jpeg">https://miro.medium.com/max/1200/1*ojDPPhVO2Clv_tbwfSgWBwQ.jpeg</a></i>	
Figura 118: Pirâmide da Lua	171
<i>In <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3e/Panorama_Moon_Pyramid_Teotihuacan_05_2015_MEX_3358.JPG">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3e/Panorama_Moon_Pyramid_Teotihuacan_05_2015_MEX_3358.JPG</a></i>	

Figura 120: Desenho de Nabta Playa. 173

*In [http://www.archaeo3d.com/download/1451901600\\_71bd/814-01\\_ENaaa.jpg](http://www.archaeo3d.com/download/1451901600_71bd/814-01_ENaaa.jpg)*

Figura 121: Reconstrução de Nabta Playa perto do Museu Núbio em Aswan. 173

*In [http://www.archaeo3d.com/download/1444590145\\_29c5/814-02b.jpg](http://www.archaeo3d.com/download/1444590145_29c5/814-02b.jpg)*

Figura 119: Niwt, hieróglifo para cidade ou urbanização. 173

*In [https://lh3.googleusercontent.com/proxy/ch6LnTtbM5JjCRXJcxWr9HfvnoqjYTnjHSd2jug-xu3maY8KG5XYMbU27X7bEiW7hXD2Q6Q-RPjzWNFv5kMWJ7dwcZXwODyYsxa0x2nVudxwdtxWwFtNJxVOH-Hv\\_N6PFG9IXz5OUaaRbhscrkysbaOoyb0f](https://lh3.googleusercontent.com/proxy/ch6LnTtbM5JjCRXJcxWr9HfvnoqjYTnjHSd2jug-xu3maY8KG5XYMbU27X7bEiW7hXD2Q6Q-RPjzWNFv5kMWJ7dwcZXwODyYsxa0x2nVudxwdtxWwFtNJxVOH-Hv_N6PFG9IXz5OUaaRbhscrkysbaOoyb0f)*

Figura 122: Deusa Nut, representada no papiro do Livro dos Mortos de Nesitanebtashru. 174

*In [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0b/Geb%2C\\_Nut%2C\\_Shu.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0b/Geb%2C_Nut%2C_Shu.jpg)*

Figura 123: Detalhe de um baixo relevo no qual Horus oferece a Ramsés II a vida (*Ankh*) 175

*In <https://securservercdn.net/45.40.155.175/m10.999.myftpupload.com/wp-content/uploads/2014/09/Horus-and-pharaoh.png>*

Figura 124: Pirâmide de Djoser, no Egito. 176

*In <https://nit.pt/wp-content/uploads/2020/03/d63e46fcab35ca0c3bfd887506faee1a-754x394.jpg>*

Figura 125: Vista aérea sobre o recinto de Gizé, fotografia orientada a Sul. 177

*In <https://i.pinimg.com/originals/e1/1a/3e/e11a3ef5a54887bd9becb2031dd695f4.png>*

Figura 126: Complexo de Gizé, da esquerda para a direita: Miquerinos, Khafre, Cheóps 178

*In [https://www.history.com/.image/c\\_fill%2Ccs\\_srgb%2Cfl\\_progressive%2Ch\\_400%2Cq\\_auto:good%2Cw\\_620/MTU3ODc5MDg2NDMxODcyNzM1/egyptian-pyramids-hero.jpg](https://www.history.com/.image/c_fill%2Ccs_srgb%2Cfl_progressive%2Ch_400%2Cq_auto:good%2Cw_620/MTU3ODc5MDg2NDMxODcyNzM1/egyptian-pyramids-hero.jpg)*

Figura 127: Corte da Pirâmide de Cheops 179

*In [https://ichef-1.bbci.co.uk/news/624/cpsprodpb/369A/production/\\_98587931\\_pyramid\\_void\\_640\\_portuguese-nc.jpg](https://ichef-1.bbci.co.uk/news/624/cpsprodpb/369A/production/_98587931_pyramid_void_640_portuguese-nc.jpg)*

Figura 128: Templo de Hatshepsut, centro de Deir Al-Bahri 180

*In [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/41/Egypt%2C\\_Luxor%2C\\_Djeser-Djeseru%2C\\_Hatshepsut%27s\\_Temple\\_at\\_Deir\\_el-Bahri\\_-\\_panoramio.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/41/Egypt%2C_Luxor%2C_Djeser-Djeseru%2C_Hatshepsut%27s_Temple_at_Deir_el-Bahri_-_panoramio.jpg)*

Fotomontagem editada com (da esquerda para a direita)

*[https://media-manager.noticiasao minuto.com/1920/naom\\_5d1359b5b98c9.jpg](https://media-manager.noticiasao minuto.com/1920/naom_5d1359b5b98c9.jpg), [https://live.staticflickr.com/29/46769923\\_a35c9ac3b5\\_b.jpg](https://live.staticflickr.com/29/46769923_a35c9ac3b5_b.jpg), Fotografia pelo autor, <https://abrilviagemeturismo.files.wordpress.com/2016/10/453127565.jpeg?quality=70&strip=info&w=925>, <https://cdn.britannica.com/61/129261-050-D3DC62B3/Big-Wild-Goose-Pagoda-Xian-China.jpg>, [https://www.magnusmundi.com/wp-content/uploads/2018/09/jantar-mantar-jaipur-india\\_030.jpg](https://www.magnusmundi.com/wp-content/uploads/2018/09/jantar-mantar-jaipur-india_030.jpg)*

“Quem é que faria aquelas coisas?  
Gente que nunca mais existiu...”

*Testemunhos recolhidos em 1996 para o livro: "Lugar e Memória - Testemunhos Megalíticos e Leituras do Passado"*  
*de Catarina Oliveira*





*"After all, the penis is only a phallic symbol"*

- attributed to C. G. Jung

## A. QUESTÕES INTRODUTÓRIAS E PROBLEMÁTICA

*"What is the city? How did it come into existence? What processes does it further: what functions does it perform: what purposes does it fulfill"*<sup>1</sup>. Um conjunto de perguntas, as quais quando projetadas para a contemporaneidade, se tornam mais palpáveis e objetivas.

Com clareza se pode dizer qual o motivo da criação de algumas das cidades mais recentes, como é o exemplo de Vila Nova de Santo André: uma cidade satélite criada com o principal propósito de alojar o que viriam a ser os trabalhadores da indústria pesada que se instalou na costa Sineense nas últimas décadas.

Os motivos e significados que estão na base das maiores intervenções e reformas urbanas dos últimos séculos como GEORG-GES-EUGÈNE HAUSSMAN (1809-1891) em Paris e ILDEFONS Cerdà (1815-1876) em Barcelona<sup>2</sup>, estão certamente definidos e ao alcance da compreensão da maioria da população. No entanto, o que acontece quando colocamos as mesmas perguntas em relação aos primeiros aglomerados organizados do ser humano há cerca de 11.000 anos?

Quais seriam as razões para se terem edificado povoados discretos, quase sem sinais na paisagem, no Neolítico Médio e Superior, e em seu redor -assim se supõe - antas e dolmens um pouco por toda a extensão ibérica? Qual o significado dado à forma circular nestas edificações? Qual o fundamento aparentemente obscuro mas provavelmente impressionantemente racional dos rituais de fundação de povoados ou mesmo cidades (e da celebração da sua criação e existência), cristalizada, há dois milénios, pela chamada "disciplina etrusco-latina"? O que estaria implícito na famosa divisão *cardo-decomana*<sup>3</sup>? Que premissa está na base das urbanizações encontradas na Mesopotâmia Superior no início da Idade do Bronze Oriental que implica que elas se apresentem

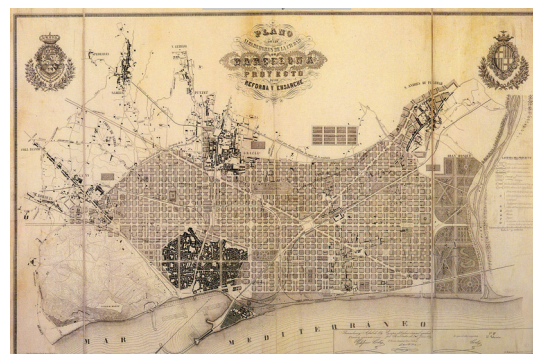


Figura 1: Plano para Barcelona por Ildefonso Cerdà em 1860.

1 Lewis Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects* (Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1961), p.3.

2 Spiro Kostof, *The City Assembled: Elements of Urban Form through History* (Londres: Thames & Hudson, 1992), p.

3 Como veremos no presente documento, apesar de, esta metodologia quadricular de dividir o espaço não ser uma invenção exclusivamente latina, a proliferação desta malha urbana um pouco por toda a Europa é, uma das consequências da estável ocupação do povo Romano por todo o redor do *Mare Nostrum*.

com uma forma circular<sup>4</sup>? De que modo é que depois se evolui para a cidade ortogonal pura, como virá a ser apanágio das culturas médio-orientais (e até, extremo-orientais).

Poucos são os que negam que tenha existido – principalmente nos últimos séculos de história – progresso. Contudo, o aumento de produção e mais descobertas científicas em todas as áreas do saber entram nesta equação tanto como entram todas as atrocidades perpetradas no último século (e já neste). Com isto, a certeza do progresso ganha volatilidade. Uma imensa volatilidade. A humanidade caminha. Mesmo nas épocas mais aflitivas da História alguns resquícios de progresso são visíveis. Podemos perguntar, sem quaisquer intenções catastrofistas: caminha para onde?

O ser humano migra para o meio urbano com o desejo de uma maior estabilidade com o intuito de obter um mais vasto leque de perspetivas para o futuro<sup>5</sup>. Este comportamento não é, no entanto, exclusivo do ser humano. O agrupamento de animais é um fenómeno bastante anterior à nossa existência. Pássaros, peixes, agrupam-se em bandos com o objetivo de procriar num ambiente mais seguro, de procurar alimento. O Homem não representa uma exceção.

*“These breeding and feeding grounds are plainly prototypes of the most primitive kind of permanent human settlement, the hamlet or village. One aspect of the early town, its sense of defensive isolation”*<sup>6</sup> Dando o homem então os primeiros passos para a urbanidade. Passos estes que foram dados em várias partes do globo. Em relação às primeiras civilizações e assentamentos humanos, tudo indica que se formaram primeiramente na Mesopotâmia<sup>7</sup>, entre o Rio Tigre e o Rio Eufrates. Não queremos, no entanto, limitar a nossa pesquisa a uma única região. Teremos como objetivo a análise e interpretação de várias civilizações, de modo a obter de forma transversal e diríamos mesmo “oblíqua” para recuperarmos uma definição de ANDRÉ CORBOZ (1928 - 2012), um meio de as compararmos permitindo que daí se retirem conclusões.

4 Andrew T. Creekmore, «Landscape and Settlement in the Harran Plain, Turkey: The Context of Third-Millennium Urbanization», *American Journal of Archeology* 122, n. 2 (2018): p. 177–208.

5 As políticas neoliberais que se têm tornado parte da ideologia vigente a um nível quase global, vieram a reforçar o êxodo rural, fazendo com que exista uma grande discrepância de oportunidades a nível laboral.

6 Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*, p.6

7 *Ibidem*, p.19

Dado que, a evolução não é um processo linear e que se expressa de diferente modo em diferentes épocas, bem como nas diversas comunidades espalhadas ao longo da História pelo mundo (que não tenham tido contacto ou particulares influências no contacto mais ou menos intenso com outros povos), o principal foco da nossa pesquisa será procurar o significado dado ao espaço por comunidades de diferentes e respectivos florescimentos urbanos e arquiteturais à escala mundial.

Com isto, pelos motivos referidos, serão analisadas algumas cidades na Mesopotâmia (atual zona fronteiriça entre Síria, Turquia e Iraque); no continente Asiático - a cidade de Chang'an, atual Xi'an, na China; no continente do Novo Mundo Norte-americano, através da análise da fascinante comunidade Cahokia, assim como, mais a Sul, na Mesoamérica, Teotihuacan. No continente Africano será analisada a incontornável civilização egípcia. Para acompanhar estas indagações, no continente europeu serão estudados os recintos Megalíticos da planície alentejana, bem como as cidades etrusco-romanas (nomeadamente a cidade de Roma e do Império), assim como - e através da comparação e eventual semelhança de premissas de desenho do espaço e da cidade - *procuraremos retirar conclusões sobre a mais intrínseca e natural vontade do ser humano*.

Existe, no entanto, já um grande vínculo nas vigentes tendências epistemológicas no qual assenta o pensamento ocidental. O homem moderno racionalista crê-se livre das "superstições"<sup>8</sup>.

Algumas décadas antes do Iluminismo<sup>9</sup>, estaria CLAUDE PERRAULT<sup>10</sup> (1613-1688) a concluir o laborioso trabalho de traduzir e comentar o primeiro tratado teórico sobre arquitetura de VITRÚVIO: Dez Livros de Architectura. Ficou editado como *"Ordonnance Des Cinq Espèces de Colonnes Selon La Methode Des Anciens"*<sup>11</sup>.



Figura 2: Frans Hals, *Retrato de René Descartes*, 1649-1700, óleo sobre tela, 77.5 x 68.5 cm, Louvre, Paris

<sup>8</sup> Carl G. Jung, Joseph L. Henderson, e Franz, *Man and his Symbols* (Anchor Press, 1988) p. 101

<sup>9</sup> Movimento filosófico e científico que perdurou principalmente durante o séc. XVIII, que prezava essencialmente o espírito racionalista e liberal. Neste, foram levantados muitos dos valores que estiveram na origem e foram perpetuados pela Revolução Francesa.

<sup>10</sup> Médico francês, e entusiasta da arquitetura. conhecido pelo desenho da fachada Este do Louvre; contribuiu também para o desenho do Palácio de Versailles, teve também um papel importante na tratadística do século XVII.

<sup>11</sup> Alberto Pérez-Gómez, introdução para edição de *Ordonnance des Cinq Espèces de Colonnes Selon la Methode des Anciens* (Santa Monica: The Getty Center for the History of Art and the Humanities, 1993), 1-44.

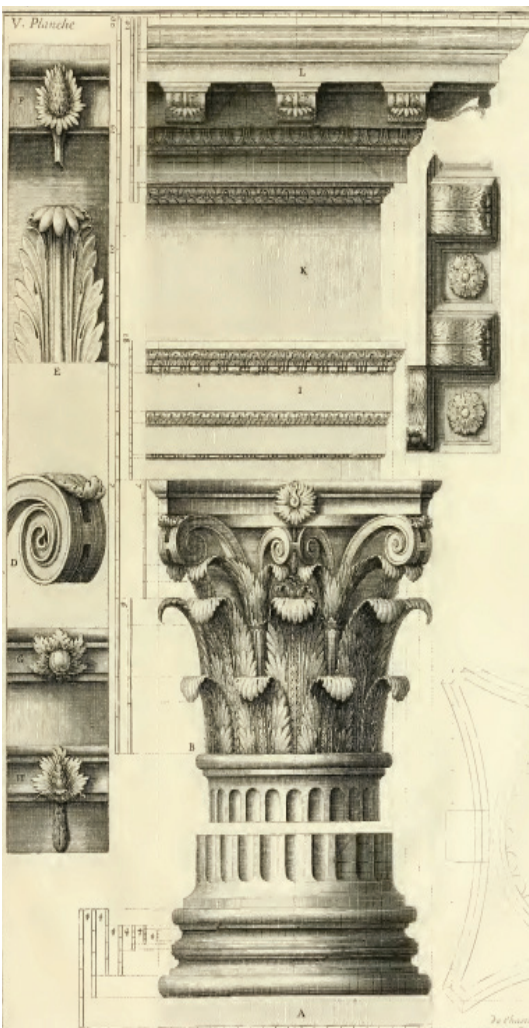


Figura 3: Gravura de coluna Coríntia por PERRAULT, 1673

Já no Renascimento, a disciplina da arquitetura estaria colocada no plano das artes “matemáticas”. Não obstante, CLAUDE PERRAULT almeja ir mais longe, ao retirar a arquitetura do plano de compreensão do cosmos derivado da crença, do mito e da filosofia. À luz dos novos métodos científicos postulados por GALILEI GALILEU (1564 - 1642) e por RENÉ DESCARTES<sup>12</sup> (1596 - 1650), PERRAULT faria o esforço de trazer para a arquitetura um novo enquadramento epistemológico com uma forte fundação científica<sup>13</sup>.

*“Things became numbers (...). The book of nature was rewritten in mathematical terms; man began to think that he could manipulate and dominate an objectified, external reality.”<sup>14</sup>*

Na época medieval, e em todas as que as precederam, as artes das ciências eram dotadas de um carácter de transcendência; teriam uma ordem divina pré-definida<sup>15</sup>. No entanto, impulsionado por pensadores como os acima referidos, e tantos outros, sensivelmente a partir do séc. XVII, o conhecimento seria assimilado através da observação de fenómenos naturais, sem ter em conta qualquer outro fator não observável que pudesse estar, ou não, na equação da compreensão do objecto em causa.

Nesta configuração epistemológica, está presente uma constante ansiedade e preocupação com os tempos próximos. PERRAULT, na introdução de *Ordonnance*, transporta este pensamento para a arquitetura. Afirma que nesta, assim como em todas as outras artes, está ainda por chegar o seu estado perfeito e final. Este tipo de raciocínio leva, inevitavelmente, o indivíduo a um estado de incompletude no presente. Curiosa é, também, a contradição no trabalho de um (chamemos-lhe assim...) *proto-positivista* quando no mesmo documento, declara as suas próprias ideias enquanto interpretações das ordens clássicas como sendo “conclusivas e melhoradas”<sup>16</sup>.

Nestes processos de racionalização que tenderam a densificar-se na ideologia vigente, foi feita uma separação entre forma e conteúdo, entre visível e invisível. Símbolos ficaram reduzidos à sua estética. O fetichismo racionalista

12 Em 1637, editou *Discurso do Método*. Obra onde o autor postulou o método científico cuja influência foi relevante para toda a investigação ocidental.

13 *Idem*, p. 7

14 Pérez-Gómez, «Introduction», p. 8

15 *Ibidem*

16 *Idem*, p. 15

leva o ser humano a deixar de dar importância a fenómenos que estão para além da sua compreensão, ou que não conseguem ser traduzidos por números e fórmulas. Uma dissociação de conceitos que conseguem ser verificados empiricamente, alienam-se do seu eventual motivo de *ser-assim*, da procura de saber o “como” e não o “porquê”. O perceptível e “objetivo” consciente, separou-se do impercetível e “místico” subconsciente. Deu-se a desvalorização do mito.

## B. METODOLOGIA

Na contemporaneidade defrontamo-nos com uma pobreza incomodativa em muito do urbanismo erguido. Cada área ou lote é cirurgicamente capitalizado, cada aspeto físico é infimamente estudado. Tal faz com que fique para segundo plano do projetista máximas relacionadas com o espaço ecológico, religioso, cultural e jurídico.

Assim, as propostas, *“because of their physical presence, impinge on the symbolic world of the citizens; and often the arbitrary forms thrown up by harassed planners and architects are evolved on an irrational residue.”*<sup>17</sup>. Incentivadas economicamente e presas a preconceitos estéticos, alimentam a instabilidade da comunidade.

Com o objetivo de conseguir examinar devidamente a matéria em causa e de modo a tentar encontrar respostas a estas perguntas, a análise não se poderá cingir a resquícios físicos. *“O homem caminha com os pés na terra e a cabeça no ar; e a história do que aconteceu na terra – a história das cidades dos exércitos e de todas as coisas que possuíram corpo e forma – é apenas metade da História da Humanidade.”*<sup>18</sup>.

Será essencial uma pesquisa que nos leve a esta segunda proposta por MUMFORD, e que nos permita colocar no mesmo plano de análise todas estas premissas de edificação e de planeamento do espaço, certamente diferentes.

17 Joseph Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World* (Londres: Faber and Faber Ltd., 2013), p. 32

18 Lewis Mumford, *A História das Utopias* (Lisboa: Antígona, 2007), p. 20

Aquilo que torna um ambiente urbano único não são meramente as composições e ajustes de volumes de modo a erguer casas, abrir ruas e avenidas, entre outros. Tem também uma implicação considerável o paradigma de significados atribuídos pelo indivíduo ao ambiente construído.

Os nossos teóricos, por tendência, atribuem uma maior predominância ao que RAPOPORT dá o nome de *"high, or mid-level meanings"*<sup>19</sup>. Esta expressão subentende conceitos de uma maior escala como o cosmos e a maneira como o indivíduo se encontra perante o mundo e a sua envolvente. Este padrão de valores é abordado em termos de uma arquitetura mais magnânimo como túmulos, monumentos, até à estruturação formal do plano urbano.

Menos evidentes e menos referidos são os *"low-level meanings"*. Esta expressão aborda tópicos a um plano *"inferior"*, mas que ainda assim têm uma implicação na ótica comportamental do indivíduo e na articulação e desenho do espaço<sup>20</sup>. Não se deve, no entanto, fazer uma estrita distinção destas duas categorias de significados. *"Bourdieu (1973) and others have demonstrated that high-level meanings were an important element in the construction of houses, where they play an important role in shaping daily practice."*<sup>21</sup>.

Este conjunto de significados postulados por RAPOPORT são encontrados em todos os complexos urbanos, ao longo da História da Cidade. São responsáveis pela caracterização do desenho de escalas desde a *"cityscape"*; até à escala do bairro e da vizinhança próxima; e até, inevitavelmente, à escala da habitação e do indivíduo<sup>22</sup>.

RAPOPORT (1990) propõe também a possibilidade de uma materialização de um pensamento ou ideologia através de *"Topographical associations triggered through physical proximity to other structure, or through the more-or-less explicit symbolic character of design elements, which depend on the cultural traditions and context of the societies to which they pertain."*<sup>23</sup>.

No presente documento, a análise dos casos de estudo procura responder

19 Andrew Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early urban societies, Making Ancient Cities: Space and Place in Early Urban Societies* (Nova Iorque: Cambridge University Press, 2012), p. 6

20 Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p.7

21 *Ibidem*

22 *Ibidem*

23 *Ibidem*



às perguntas que nos motivaram e que expusemos na abertura do documento. Terá de ser levado a cabo um estudo de artefactos de diferente escala (de pequenas pinturas rupestres a cidades), passando pela leitura e interpretação de antigos documentos alusivos ao planeamento de meios urbanos e respetiva simbologia, até à análise do foro mais antropológico que nos leve a um desfecho conclusivo.

Serão estes os agentes que se encontram complexa e hermeticamente interligados e que, quando devidamente expostos, nos poderão levar aos motivos que induziram as civilizações pré-históricas a desenhar o espaço da maneira que nos chegou atualmente.

Note-se que alguns dos casos de estudo aqui apresentados não resultam de um conhecimento através de testemunhos “escritos”, dificultando bastante a sua análise: estamos na pré-história; e nem sequer na proto-história. É possível admitir até que, em boa verdade, não sabemos nada sobre o pensamento destas comunidades pré-históricas. Contudo, estas não estão isentas de interpretação. Paralelamente aos estudos de CHILDE (1892 - 1957), como em todos os estudos arqueológicos, cada afirmação, cada verdade, assenta *“on the evidence available today the balance of probability favors the view”*<sup>24</sup>.

No presente documento serão, então, analisadas cidades, limites, recintos e territórios. Este complexo conceptual entendido no seu conjunto e inter-relações poderá ser plasmado em termos analíticos de vários modos diferentes, tantos quanto as disciplinas com eles relacionadas<sup>25</sup>, que incluem o ponto de vista dos juristas, - algo que irá mais de encontro a temas de soberania e de propriedade; o dos arquitetos, - que por sua vez engloba uma multiplicidade de especialidades como topografia, hidrografia, infraestruturas, distribuição administrativas, entre outros. Entre estas duas posições, encontra-se todo um espectro no qual se encaixam as outras áreas do saber: da zoologia, à botânica, passando pela meteorologia, etc... Exatamente por causa desta diversidade de possíveis abordagens ao território e ao espaço - e suas respetivas operações - não podemos partir de uma noção de território “objetiva”. Haverá, com isto, que avançar com uma análise que aborde a formação do conceito de lugar, mas

<sup>24</sup> Gordon Childe, *Man Makes Himself* (Nova Iorque: The New American Library, 1951), prefácio.

<sup>25</sup> Andre Corboz, «El Territorio como Palimpsesto» (Zurique: Escola Politécnica Federal, sem data), p. 2



também a produção e formação desse mesmo lugar.

JEAN BAUDRILLARD<sup>26</sup> (1929 - 2007), afirmou que *“El territorio ya no precede al mapa, ni lo determina: ahora es el mapa el que precede al territorio”*. Um mapa ou uma planta são uma representação bidimensional de um território (construído ou não). Mais do que uma representação, este torna-se - diga-se de passagem - numa idealização deste; na medida em que o espaço é transposto para uma folha de um modo homogeneizado, simplificado. Através de símbolos e códigos de representação nunca será possível legitimamente representar uma porção da superfície terrestre. Contudo, o que mais nos interessa aqui, é o modo como o território é, primeiramente idealizado, e apenas depois compreendido, construído. *“O espaço é vivido antes de ser percecionado”*<sup>27</sup>.

De modo a tentar evitar que as nossas análises caiam num discurso demasiado localizado, propõe-se então, para este documento, uma narrativa diagonal ou “oblíqua” como enunciámos acima, na medida em que não será um percurso que simplesmente assenta numa predisposição de modo a tentar alcançar uma conclusão mas antes numa indagação – alguns dirão, divagação – que nos conduz por fios e meada que nos encontram ou pelo contrário se desenrolam à nossa frente com uma facilidade surpreendente. Faremos aqui um ensaio de equilíbrio entre diferentes campos - arquitetura, urbanismo, simbologia e antropologia - em variadas culturas, abrangendo uma parte significativa do espectro histórico - desde o Paleolítico até à Idade Média não chamando para esta fase de trabalho eventuais paralelismos contemporâneos. Assim, será possível que a dissertação contenha uma dimensão *ahistórica*, que procure uma unidade a nível global nas ações e intenções humanas. Se é *ahistórica* – que não o é pois os marcos culturais e civilizacionais encontram-se devidamente sinalizados – não restam dúvidas que se trata, sobretudo, de uma análise ou de um estudo que pende decididamente para a antropologia: para o que nos faz desiguais sendo iguais e diferentes entre iguais...(se é que nos conseguimos fazer entender!); mas sempre humanos.

Interessa-nos, portanto, a antropologia do espaço urbano e da arquitetura. O que há, na nossa opinião, que enfatizar nesta análise a que nos propomos é a utilização de paradigmas que provêm das ciências humanas como a arqueologia

26 Andre Corboz, «El Territorio como Palimpsesto», p.14

27 Filomena Silvano, *Antropologia do Espaço* (Lisboa: Documenta, 2017), p. 49)

e a história, mas também entrecruzando-as com as vidências mais consolidadas da história das religiões, sem as quais parte do nosso estudo ficaria amputado.



Figura 4: Recinto C do Complexo de Gobekli Tepe

Temos consciência e daqui decorre precisamente a dimensão antropológica da dissertação, os sentidos – os cinco sentidos - e o espaço físico – complementam-se, sobrepõem-se e por vezes conflituam, uma vez que as sociedades humanas, nómadas ou sedentárias, caçadores-recolectores ou camponeses e pastores, acertam sempre o seu passo e espaço pelas condições materiais que os rodeiam que os limitam e que os motivam a alterá-las. Nada disto tem a ver com uma visão, digamos, puramente marxista da história, em que a infraestrutura precede a superestrutura. Se quisermos é, por ser, precisamente, *pós-marxista* que a tese se desenvolve sem precedências e consequências entendidas de forma mecanicista ou pura e simplesmente determinada por fatores de natureza sociopolítica. Desde há algumas décadas a esta parte, por exemplo, se tem salientado o papel estruturador da “religião” nas primeiras comunidades pré-históricas: e mesmo belíssimas teses foram assentes neste pressuposto: a de que é o impulso cultural e ritual que decorre de um estado de crença no sobrenatural, que promoveu, por exemplo, a revolução neolítica: assim o pensa, por exemplo JACQUES CAUVIN (1930 - 2001), e com grande soma de argumentos dificilmente rebatíveis<sup>28</sup>.



Figura 5: Estela adornada do recinto D.

De resto, indo ao encontro desta tese, à parte dos exemplos de JACQUES

28 Jacques Cauvin, *The Birth of the Gods and the Origins of Agriculture* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002), p. 23



Figura 6: Estela antropomórfica do recinto D.

CAUVIN, uma descoberta impressionante que fez (e faz) furor e que veio acrescentar uma razão extra para esta visão da realidade dos tempos pré-histórico: Gobekli Tepe.

Trata-se um conjunto de recintos que parecem constituir um conjunto de santuários, votivos, num lugar decerto objeto de peregrinações regulares, de grande complexidade, datado de 9600 a.C. a 8.200 a.C. Este período corresponde àquilo a que os arqueólogos chamam na Anatólia o Neolítico Pré-Cerâmico<sup>29</sup> (*Pre-Pottery-Neolithic* ou “PPN”).

Quer isto dizer que os construtores daqueles monumentos: os primeiros megálitos edificadas no mundo, eram ainda, na realidade, sociedades recolectoras e que iam tendendo para a sedentarização. Não obstante, não eram plenamente neolíticas, quer isso dizer: não eram sociedades camponesas. O impulso para a edificação monumental e provavelmente para a acumulação de mão de obra e a sua organização comunitárias, e posteriormente a arrecadação de bens – e a sua acumulação – para festins celebratórios e sacrifícios, decorreu num período ainda incipiente da domesticação animal e vegetal, se é que existia algumas, mas que espoletou aquilo que viria a ser - já que nos situamos no limite poente do Crescente Fértil mesopotâmico – a grande Revolução Neolítica.

Cada recinto é definido por muros de pedra seca com planta subcircular ou oval, atingindo grande precisão. No seu interior encontram-se duas estelas, frente de cerca de 5 m de altura e com um perfil em T. Outras estelas do mesmo tipo circundam esta parte central do recinto e foram integradas nas paredes. Não se sabe se estes recintos seriam cobertos ou não<sup>30</sup>.

Cada estela em T possui motivos gravados e, curiosamente, poucos deles (excetuando os auroques e os veados) relacionados com os animais com os quais aquela comunidade melhor conhecia, por caçá-los ou tentar domesticá-los: pelo contrário, encontramos leões, serpentes, cisnes, aranhas, escorpiões, lagartos e raposas, entre outros. No entanto, cada um destes monólitos de pedra são antropomórficos: a largura superior corresponde à cabeça, e o resto do monólito ao corpo, onde se encontram representados os braços e as mãos: porém, no sentido mais estreito, o da espessura!

<sup>29</sup> «Executive Summary: Gobekli Tepe» (Ankara, 2017), p. 6

<sup>30</sup> *Idem*, p. 7



Claro está que há muito para descobrir em Gobekli Tepe e adjacências a este parecem constituir o mais antigo conjunto de um tipo de arquiteturas que vai perdurar de forma menos monumental até cerca de 7.000 a.C. nesta região da Anatólia. Os signos ou símbolos não se conseguem interpretar, mas aponta-se para a possibilidade de constituírem sinalizações do céu, nomes de constelações, parte de uma mundividência e de uma mitologia que se começa a estruturar.

Este exemplo foi aqui adotado para demonstrar o nosso ponto de partida e, de algum modo, o nosso ponto de vista.

Outro ponto de vista, porém, há que ter em conta.



Figura 7: Vista sobre as escavações de Gobekli Tepe



Figura 8: Vista aérea sob o recinto de Gobekli Tepe



Figura 9: Taula megalítica na Ilha Minorca

Neste documento, interessa-nos menos a diacronia (e por isso dissemos que poderia parecer *“ahistórica”* a nossa indagação), e mais, muito mais, os sincronismos, mesmo que afastados no tempo. Ilustramos o facto com outro exemplo: regressamos a Gobekli Tepe: aqui temos pilares em T num recinto oval circundado por demais pilares com a data do décimo a nono milénio a.C.. Olhemos agora para outro monumento do tipo megalítico, comum numa só ilha mediterrânica, a Ilha Minorca: são as chamadas *“taulas”*.

As *“taulas”* são construções proto-históricas da chamada cultura Talayótica, a sua datação cai inteiramente na Idade do Bronze europeu, sendo aproximadamente de cerca de 900 a.C.<sup>31</sup>, ou seja, 7000 anos posteriores a Gobekli Tepe, Neval Çori e demais conjuntos anatólicos!

O que poderão fazer comunidades distantes geograficamente e cronologicamente a adotar formas singularíssimas, ambas com um destino claramente sagrado, criando *“lugares”* qualificados e modificando a paisagem? Não o sabemos: ou se calhar sim. Faz parte desse facto que acima referimos de sermos todos iguais na desigualdade, ao ponto de nos tornarmos iguais.

Outro caso, este apresentado em tom algo provocatório, remete para o mesmo âmbito.

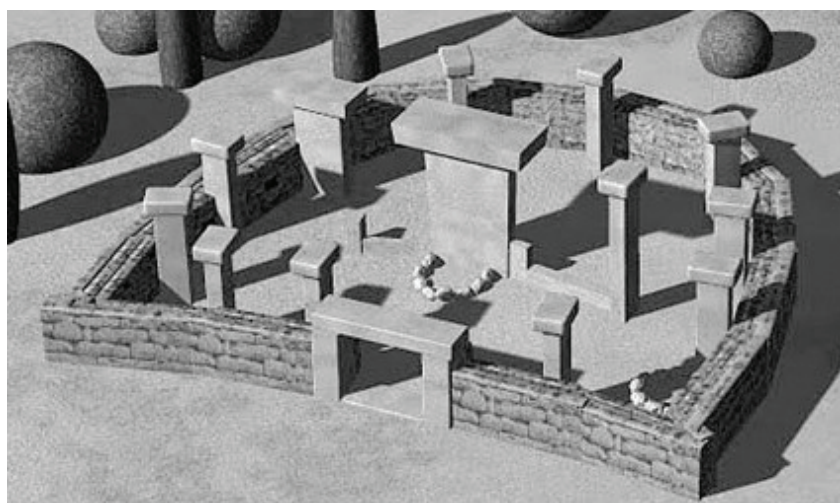


Figura 10: Reconstituição do recinto cerimonial em Minorca

Não se presuma qualquer cinismo nesta comparação pois não se trata de uma comparação: apenas uma constatação forte do que acima temos vindo a expôr.

31 Domingo Hernández, «La Cultura Talayótica de las Islas Baleares», *ArtyHum, Revista Digital de Artes y Humanidades* 4 (2014): 127–139.



De um lado a uma pirâmide Maya, - Tykal, ou templo IV, contruído em 721 - e do outro, o Santuário do Bom Jesus de Braga, construído na sua configuração atual entre 1722 e 1784.



Figura 11: Santuário do Bom Jesus, Braga



Figura 12: Templo Tikal, Guatemala

O exemplo acima é demonstrativo da pulsão do Homem. Neste caso não tanto para construir a cidade, mas antes enquanto criação de focos de polarização do sagrado nos entornos da cidade. Nada de mais diferente do que o Bom Jesus de Barga e uma pirâmide Maia. Não obstante, também nada de mais equivalente.

Uma nota final: para conseguir absorver a informação que pode ser lida dos espaços analisados, foi assim necessário compreender três importantes conceitos que deixamos registados como pilares do trabalho:

Arquétipo : Palavra oriunda da conjugação do grego ἀρχή – arkhe,

(primitivo) + τύπος tupos (modelo). Bastantes vezes, esta palavra é associada como parte de uma simbologia mitológica; não obstante, um arquétipo é, essencialmente, uma tendência instintiva. Não opera do mesmo modo que os “restantes” instintos. Pertencentes ao foro da fisiologia, na medida em que têm uma componente física mais acentuada, os instintos arquetípicos navegam no Ser, entre o consciente e o inconsciente. Manifestam-se por todos os continentes sem exceção. Revelam-se em formas e ideias. O psicanalista utiliza-o para observar padrões em sonhos e visões de pacientes e indivíduos com esquizofrenia. Já neste trabalho utilizamos o conceito para conseguir entender a nossa envolvente, o motivo desta ter sido edificada do modo como foi, e, como esses factos aqui compilados estarão em concordância com uma vontade inata da raça humana. Será impossível decifrar e numerar todos os arquétipos que constituem a totalidade do Ser de cada indivíduo. No entanto, ao longo deste documento serão expostos, e analisados muitos deles, transpostos agora para unidades significantes tais como centro, círculo, quadripartição, - estes de índole geométrica-, ou, por exemplo, entre muitos outros, o serpentiforme, a dualidade, os astros, o muro, a torre, o monte ou muralha - estes do domínio do corpos físicos ,mas que se projetam enquanto entidades psíquicas – os quais como veremos, detêm um papel significativo no desenho do espaço do homem antigo.

Mito: Podendo aludir a um evento ou indivíduo que pode ou não ser real, um mito traduz o pensamento coletivo de uma comunidade<sup>32</sup>, do herói clássico ao conto popular. Serão narrativas traduzidas em ritos e histórias que formalizam as ideias concetualizadas tanto pela mente primitiva, como pela mente do homem moderno e perpetuando essas mesmas narrativas. Têm por base arquétipos, em modelos que existiram no estado primevo e que pela primeira vez, foram capazes de “significar” um lugar. Este fenómeno repete-se na existência humana: em cada significação do lugar vem um assentamento, e, na base destes, existe um mito. Mesmo nas partes antigas das cidades atuais com fundações passadas (e às vezes não muito recuados), esses mitos fazem parte do coração das cidades e compõem as respetivas “histórias”. É com base nesta imitação ou repetição de um modelo arcaico que um lugar se torna real, se fundamenta no trancedente, se sacraliza e se presentifica no seu significado como atuante na *psique* humana e como regrador das relações primeiras das

comunidades.

Lugar: Fenómeno que surge com a consciência humana. O homem teria deixado para trás o paraíso perdido e encontrou-se rodeado do caos. Daqui vem a necessidade do indivíduo instaurar na sua envolvente - e, inevitavelmente, em si e para si mesmo - uma ordem. Esta ordem tem uma génese mental e, mais tarde, traduz-se materialmente no espaço. A significação que o Homem atribui à sua envolvente tem origem em acontecimentos míticos, que tomaram lugar in illo tempore, e compreendem narrativas que são, normalmente, de natureza cosmogónica. Nos lugares manipulados pelo Homem, desde a escolha das cavernas como suportes de uma manifestação representativa - as pinturas rupestres - ou desde a elevação dos primeiros menires, passando pelos ritos de fundação das cidades, traduz-se a ordem do cosmos que envolve e conforta o Ser Humano.

Os remanescentes arcaicos (arquétipos) são responsáveis pela criação de mitos e símbolos que estão na origem do modo como o espaço é entendido e desenhado desde a pré-história até à contemporaneidade. Os mitos traduzem o pensamento coletivo de uma comunidade e é possível estabelecer alguns paralelos algo óbvios entre estas comunidades (mesmo quando estas não desenvolveram ainda qualquer tipo de escrita, ou seja, através da leitura de formas e símbolos). O lugar surge, então, aquando a compreensão destes fenómenos, juntamente com uma vontade do homem de se colocar devidamente em conformidade com o meio e o cosmos que o rodeia.





## II. Notas Prévias

*"I will tell the story as I go along of small cities no less than of great. Most of those which were great once are small today; and those which in my lifetime have grown to greatness, were small enough in the old days."*

-Herodotus

## A. SAPIENS A SAPIENS

Neste capítulo far-se-á uma abordagem sintética sobre o que se especula que terá sido a evolução do “homem” até à chegada do calcolítico, também apelidada de idade do cobre.

Esta abordagem ajudará na contextualização das diferentes comunidades analisadas ao longo do presente documento. Como já referimos, existem casos de estudo de diferentes épocas e continentes. Esta interpretação, maioritariamente nas linhas de pensamento heterodoxo de STAN GOOCH (1932 - 2010), irá criar um fio condutor entre as diferentes ideologias expressadas pelas diferentes comunidades<sup>33</sup>.

O homem de Neandertal (*homo sapiens neandertalensis*), considerado uma criatura bestial e animalesca, é hoje por todo o mundo consideravelmente aceite como a espécie precursora da Humanidade. Apresentava uma estrutura robusta - pernas grossas e compridos e poderosos membros superiores<sup>34</sup>.

Existem registos de coexistência entre Neandertais e os “modernos” *homo sapiens*, tanto no Sul da Península Ibérica, como na zona da Dalmácia<sup>35</sup>. No entanto, é impossível (ainda) identificar com precisão a natureza da relação destas duas comunidades. A especulativa tese de GOOCH, propôs uma hibridização<sup>36</sup>. Com isto, seriam explicadas as coincidências simbólicas existentes entre ambas as espécies: sistemática adoração dos astros - nomeadamente a Lua - a utilização de cores entre os encarnados e os castanhos, o culto da



Figura 13: Crânio Homo Sapiens Sapiens (esquerda) em comparação com o de um Homo Sapiens Neanderthalensis, (artefactos do Museu de História natural de Cleveland)

33 Oana R. Chiocel e Robert M. Schoch, «Stan Gooch and the Neanderthal Legacy», New Dawn Magazine, 2011, acessado a 20 de Outubro de 2019, <https://www.aulis.com/stangooch.htm>.

34 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p.15

35 *Idem*, p.14

36 Em lugar da conquista de uma espécie por outra, ou pela simples extinção Neanderthal



Figura 14: Gruta de La Pasiega; pintura neandertal (cima). Registo feito pelo Henri Breuil (baixo)

mulher menstruada e da fertilidade, o número treze como símbolo de sorte ou azar,, entre outros tantos. Estes foram adotados “pelos homens modernos por continuidade cultural e consciência interior”<sup>37</sup>.

Sabe-se hoje mesmo, e sem quaisquer margens para dúvidas, e em especial após das análises genéticas levadas a cabo por SVANTE PAABO que esta hibridização aconteceu e que todos os homens modernos contêm no seu ADN, cerca de 2% de ADN Mitocondrial *Neanderthal*<sup>38</sup>.

Não existem mais dúvidas quanto ao cruzamento das espécies, com o óbvio desaparecimento da estirpe –se assim lhe poderemos chamar – *Neanderthal* por assimilação completa. Muito recentemente, e na hora em que escrevemos estas linhas, concluiu-se que os signos artísticos mais antigos encontrados em três grutas espanholas (La Pasiega (Puente Viesgo, Cantábria), Maltravieso (Cáceres, Extremadura) e Ardales (Málaga, Andaluzia), pertencem, por datação avançada (apontando para 65.000 anos a.C.), a um horizonte em que não existia ainda presença de homens modernos, pelo que se entende, finalmente, que os neanderthais eram portadores de uma cultura simbólica e que faziam arte – símbolos abstratos, são, por enquanto, e apenas, os testemunhos encontrados.

Nas análises que se seguem às primeiras cidades e apropriações do espaço pelo Homem, como veremos, existe uma importante motivação que vai para além do espaço físico e palpável. A *auguria*, ou melhor, a “adivinhação” xamânica dos *augurs* romanos<sup>39</sup>, corresponde à leitura do mundo traduzido na carapaça de uma tartaruga enviada pelos céus adotada pelas comunidades asiáticas perto do Rio Amarelo, ou seja, pertencem a um grupo de crenças que combinam dados objetivos de interpretação do cosmos com dados mágico-religiosos que mergulham as suas raízes num passado antigo, que diríamos corresponder, por sua vez, a uma organização neurológica patente nos homens de *Neanderthal* e de outra forma eventualmente mais sofisticada, entre os homens modernos, como é o caso.

37 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p. 21

38 Svante Pääbo, *Neanderthal Man: In search of Lost Genomes* (Nova Iorque: Basic Books, 2014), p. 205

39 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 55

CARL JUNG (1875 - 1961), na sua entrevista "*Face to Face*"<sup>40</sup>, descreve o curioso acompanhamento de um paciente esquizofrénico. Este, aparentemente, via o Sol a mover-se de modo a acompanhar a sua própria cabeça e, fisicamente associado ao sol, estaria um elemento fálico que, segundo o próprio, seria a origem do vento. Alguns anos mais tarde, o psicanalista que deu continuidade a algum do trabalho freudiano, deparou-se com um dos indivíduos responsáveis por traduzir "*A Liturgia de Mitras*". Nestes textos, estariam por palavras, e escrito há centenas de anos (sem ter sido traduzido anteriormente, e, assim, sendo impossível o paciente esquizofrénico ter qualquer tipo de contacto com o tópico), descritas as visões do indivíduo que JUNG teria acompanhado.

São este tipo de fenómenos que iremos analisar ao longo do presente documento. As diferentes maneiras como o mesmo motivo ou símbolo poderia ter sido interpretado ao longo de milhares de anos e quilómetros de distanciamento.

## B. REVOLUÇÃO URBANA

Tem-se como Revolução Urbana a criação de cidades por toda a Humanidade. E, não por acaso, foi através da antropologia e, claro está, da Arqueologia, que os principais eixos definidores de uma cidade acabaram por ser definidos. GORDON CHILDE será o autor mais referenciado a este respeito, embora a sua visão, como sabemos, seja no essencial, de matriz marxista, e, ligada, portanto, a questões de carácter material e das suas respetivas condições.

Mesmo assim, a proposta definidora de CHILDE irá contender com outros escritos de autores notáveis, já que as evoluções dos estudos sobre os aglomerados urbanos tenderam a aceitar os pontos avançados por CHILDE, mas deslocando-os no tempo. É fácil de perceber o porquê, apesar de, neste documento, seguirmos as pisadas de CHILDE com o distanciamento devido à nossa indagação sincrónica/formalista, que decorre de uma visão que se pretende, digamos, crítica, da génese e da essência da urbe.

<sup>40</sup> John Freedman, *Face to Face: Carl Jung* (Switzerland: BBC, 1959) acessado a 4 de Setembro de 2019, <https://www.bbc.co.uk/programmes/p04qhvyj>.

Dirá o autor nos seus 10 pontos, aliás, amplamente divulgados: 1) as primeiras cidades devem ter sido mais extensas e mais densamente povoadas que os aglomerados menores; 2) a população urbana distinguia-se das demais por possuir um corpus de artesãos, mercadores, funcionários e sacerdotes; 3) o óbulo ou o tributo pago a um príncipe, reizete, rei ou divindade, era essencial para a manutenção da cidade; 4) surgem edifício de carácter monumental para usufruto público ou para celebrações comunitárias de alto gabarito, em honra da divindade ou do rei; 5) sacerdotes e cortesão compunham uma “classe dominante” que assimilava os excedentes (ou seja, os óbulos e tributos); 6) o processo é acompanhado pela Revolução da Escrita e nesta se sustenta; 7) dá-se inícios a formas aritméticas e de mensuração, de carácter matemático e astronómico; 8) assiste-se à produção de bens supérfluos que se exportam - ou não existindo se importam; 9) o comércio organiza-se; 10) a casa torna-se posse particular.

A maior crítica é óbvia: CHILDE fala-nos de cidade e de civilizações, na realidade, as grandes cidades do Crescente Fértil e não das formas mais arcaicas de aglomeração. Sem prejuízo da definição de CHILDE, uma boa parte da nossa indagação passa pelo estudo das determinantes que estão para cá ou para lá desta definição de cidade, que em rigor abrange praticamente todo e qualquer aglomerado urbano, integrando até os da Idade Média. Procuramos antes os sinais antropológicos que fizeram das cidades expressões humanas, mais ou menos singelas em alguns casos, mais ou menos complexas noutros, mas com uma raiz que não tem a ver apenas com a sua resultante ou estágio final, mas antes com o seu encaminhamento para a realidade maior que CHILDE justamente descreve.

### C. CASOS DE ESTUDO

FREUD (2004) entende que uma civilização principia quando uma comunidade começa a fazer da terra e da sua envolvente um bem utilizável (não apenas numa ótica de sobrevivência, antes pelo contrário, muito para além). Esta utilização de que o psicanalista nos fala poderá, assim, e, no entanto, conter



uma conotação menos material, como se verá ao longo deste trabalho.

Seguir-se-á uma pequena análise justificativa dos casos de estudo mais extensivamente abordados no presente documento.

No III capítulo, será feita a análise do território maioritariamente “a Ocidente” (sensivelmente correspondente à atual Europa/Eurásia). Daqui surgem dois casos de estudo: o Megalitismo Português, e a cidade Etrusca/Romana, escolhidos ambos por razões pragmáticas: a primeira, relativa ao megalitismo, pela proximidade física e conhecimento *in loco* dos exemplos estudados e por se tratar de um segmento altamente representativo do fenómeno mesmo em termos mundiais ou globais, e dos mais precoces; o segundo por motivos idênticos, mas também pelo facto de se conhecerem fontes escritas, documentais e gráficas e estudos seleccionados de altíssimo rigor acerca dessa notável realidade, afinal tão marcante no contexto europeu e transeuropeu, e, com paralelismos, como se sabe, embora com pressupostos distintos, nas culturas e civilizações Orientais e Extremo-Orientais.

A justaposição das palavras *mega* (grande) e *lithos* (pedra), formam a palavra Megalitismo. Por este, entendem-se um conjunto de fenómenos de teor arquitetónico que se manifestaram um pouco por todo o mundo. Em Portugal, crê-se que terá sido durante 5500 e 2500 a.C.<sup>41</sup> que se edificaram os exemplos mais notáveis deste fenómeno plurifacetado. Ainda que em épocas diferentes, o fenómeno megalítico é considerado global. Este carácter universal das construções megalíticas (assim como os respetivos motivos), conferem-lhe uma conotação arquetípica<sup>42</sup>.

É, no entanto, imprescindível para o estudo do megalitismo, referir as manifestações destas comunidades milénios antes. Com isto, e para conseguir obter uma maior compreensão, serão também estudadas algumas pinturas rupestres, assim como os peculiares lugares que as acolhem.

O segundo caso de estudo a ser abordado são os mesmos que nos deram a língua: os romanos. Com um conjunto de ritos e práticas surpreendentemente bem registados, é possível discernir com alguma certeza quais foram os motivos



Figura 15: Vista aérea do Cromeleque dos Almendres (fotografia pelo Centro Interpretativo dos Almendres)

41 Paulo Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas* (Casais de Mem Martins: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2009), p.56

42 *Ibidem*





Figura 16: Verso de Moeda Romana de 269 a.C., na qual está representado episódio dos fundadores de Roma a serem amamentados por uma loba.

e ideologias que levaram o povo romano a erguer cidades do modo que o fizeram e os significados atribuídos por estes<sup>43</sup>. As primeiras ocupações do local onde hoje se ergue a metrópole romana datam de 900 a 800 a.C., embora estudos arqueológicos possam remontar mais atrás no tempo. No entanto, apenas após os acontecimentos narrados (e não por acaso) no célebre mito dos irmãos fundadores (*circa* VII a.C.)<sup>44</sup> a cidade foi efetivamente fundada: veio a ser, como sabemos, a capital de um dos mais extensos e prósperos impérios até à data.

Estes serão os nossos dois principais focos de abordagem no presente documento. Nos três capítulos que se seguem será feita a abordagem a três diferentes tipos de cidades: *orgânicas*, *diagramáticas* e *planeadas*. Havendo alguns pontos de contacto entre os temas e os assentamentos a serem estudados será feita uma descrição sintética e uma contextualização das comunidades em análise.

Assunto incontornável: será igualmente levada a cabo uma abordagem ao território que hospedou as fundações do relacionamento e assentamento humano, a *mui ilustre* Mesopotâmia<sup>45</sup>. Antes dos impérios que controlaram esta área (Persas, Assírios, Acadianos, Babilónicos, *etc.*) terem caído na sequência da imparável expansão de Alexandre Magno, todo este território erguia-se como uma das principais fundações de desenvolvimento de várias comunidades com vida urbana e organização social altamente hierarquizada e, o que é mais, portadora da Escrita<sup>46</sup>.

É do nosso maior interesse o fenómeno que a Alta Mesopotâmia experienciou por volta do terceiro milénio a.C., aquilo a que alguns académicos chamam a segunda revolução urbana. Segundo YUOKO NISHIMURA (2012), esta “revolução urbana” foi desprovida de influência direta das grandes cidades meridionais e foi responsável pela “*rapid and explosive growth of dozens of densely populated sites in northern Mesopotamia and its surrounding regions*”<sup>47</sup>.

43 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.35

44 Jesús Villanueva, «Atlas Histórico: Mundo Antigo», National Geographic (Lisboa, 2017), p.118

45 Zona Compreendida por toda a extensão de terra maioritariamente alimentada pelos rios Tigres e Eufrates, engloba hoje todo o país Iraquiano

46 Felip Masó et al., «Mesopotâmia: As Primeiras Civilizações», *National Geographic* (Lisboa, 2019), p. 34

47 Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p.8

Esta explosão, acompanhada de um crescimento e centralização do poder, foi por sua vez responsável por uma homogeneização da paisagem urbana<sup>48</sup>.

Um *Tell*<sup>49</sup>, centralizado na malha urbana, é a principal semelhança formal a um nível urbano mais amplo: cidades com formas circulares ou oblongas, todas elas amuralhadas. Dada a escassez de artefactos e preposições que nos permitam tirar conclusões sólidas analisando apenas uma destas urbanizações, será feita uma análise de diferentes assentamentos da Alta Mesopotâmia, particularmente Al-Chuera, Kazane e Titris.

Entretanto, no Leste da grande massa continental asiática, dois milénios a.C.<sup>50</sup>, principiava o domínio do metal por uma civilização que é ainda atualmente uma das maiores potências mundiais – a China. Quase paralelamente às civilizações mesopotâmicas, a civilização chinesa possuía avanços tecnológicos e uma compreensão do cosmos assinalável, senão mesmo inultrapassável à época.

No neolítico asiático<sup>51</sup>, o povo chinês (ou melhor, os povos que compunham esta área sub-continental) sedentarizou-se junto dos vários afluentes do grande Rio Amarelo (*Huang HE*). Aqui era cristalizado conhecimento que tinha vindo a ser desenvolvido durante centenas de anos e que veio a ser preponderante na definição da cultura destes povos, aliás, um conhecimento que se iria mais tarde revelar particularmente distinto das metodologias gregas, e longe de expressões geométricas ou teóricas, como se percebe ao atendermos ao facto destas comunidades calcularem precocemente fenómenos celestes com uma precisão ainda hoje tomada em conta<sup>52</sup>.



Figura 17: Gravura de Confúcio. (Wu Daozi, Retrato do Primeiro Professor, Confúcio, a dar uma Aula, circa séc. VIII)

48 Nas cidades de Ebla e Mari, foram descobertos vários textos que indicavam as outras urbanizações a que estas primeiras estariam associadas, assim como os tributos que receberiam in Creekmore, «Landscape and Settlement in the Harran Plain, Turkey: The Context of Third-Millennium Urbanization». p.122

49 Um Tell, em termos arqueológicos, costuma designar um morro artificial. Composto maioritariamente por terra ou argila, são a consequência da acumulação de várias gerações e construções na mesma área.

50 «Neolithic Period in China», The Metropolitan Museum of Art Department of Asian Art, acessado a 18 de Novembro de 2019, [https://www.metmuseum.org/toah/hd/cneo/hd\\_cneo.htm](https://www.metmuseum.org/toah/hd/cneo/hd_cneo.htm).

51 Sensivelmente 10 000 a.C. a 8 000 a.C., in Department of Asian Art, «Neolithic Period in China».)

52 Joseph Needham e Wang Ling, *Science and Civilisation in China: Mathematics and the Sciences of the Heavens and the Earth, International Affairs*, vol. 3 (Cambridge: Cambridge University Press, 2005), p.171

A cidade de Chang'an<sup>53</sup>, no afluente Wei, seria no neolítico já um assentamento definido. Este complexo urbano viu passar dezenas de dinastias e imperadores. No que viria a ser a China Imperial, a ética confucionista<sup>54</sup> será um dos agentes responsáveis por uma quase intransigente estratificação social e pelo culto/adoração do chefe de estado-imperador, dotado agora de caráter religioso/divino, algo que transparece no planeamento urbano chinês ao longo dos séculos. Este Absolutismo é particularmente relevante aquando do estudo da criação de espaço. A existência de uma entidade elitista<sup>55</sup> detentora de todo o terreno onde se ergue a cidade, materializa-se na forma urbana, como se constatará posteriormente.

Serão, assim, analisadas as premissas utilizadas no desenho desta cidade, bem como os rituais de celebração da mesma. Conjuntamente, e de modo a solidificar a abordagem, serão também analisados “ritos de fundação” de capitais imperiais como as da dinastia Chou<sup>56</sup>.

Com um significativo salto cronológico e espacial, prosseguiremos a nossa análise no continente americano. [Note-se que nos interessa menos - e para já - uma total coetaneidade histórica e mais a natureza dos fenómenos urbanos (ou proto-urbanos), apostando numa dimensão antropológica que não conhece datas. Não que seja despreciada a história e a “linha do tempo”, pelo contrário, mas num primeiro passo analítico, e seguindo os paralelismos e os arquétipos motores da produção do espaço pela interação humana com a paisagem, procuramos desta feita capitalizar os saberes que advêm de um conhecimento trans-temporal]. Nas margens do grande rio Mississipi floresceu a comunidade apelidada *Cahokia*, que atingiu o culminar da sua expansão durante XIII d.C.<sup>57</sup>.

Embora particularmente menos centralizada em edificações do que os restantes exemplos aqui propostos, e apenas recentemente elevada como caso

---

53 Actual cidade de Xiam, será no presente documento referenciada pelo nome de Chang'an.

54 O conjunto de quatro rolos apontados pelos seguidores de Confúcio (551 – 479 a.C.) ainda hoje fazem sentir a sua influência na cultura chinesa. Moral, obediência, dever e família são alguns dos temas tratados na obra. Todos eles conceitos entendidos de modo algo diferente do ocidental, in Confúcio, *Os Analectos - Livro 1* (LEVOIR, 2017).

55 Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*.

56 Fundada bastante perto da cidade de Chang'na in Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*.)

57 Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p. 131

de estudo urbanístico pelos académicos<sup>58</sup>, os vestígios arqueológicos que nos chegam aos dias de hoje – os mounds (colinas artificiais) e plazas articuladas entre si, assim como a descoberta de artefactos que indiquem significados dados a estes espaços pensados e desenhados pelo povo ameríndio norte-americano (e às que, mais tarde se irão configurar em praças quadriláteras cruciformes<sup>59</sup>), implicam que estas sociedades pré-colombianas seriam possuidoras de uma organização comunitária substancialmente mais complexa do que anteriormente se opunha, com a limitação involuntária (ou talvez não) dos estudos ao nomadismo ou semi-sedentarismo dos chamados “índios americanos” (e que serviram tão bem para a construção da mitologia do Far-West - o faroeste como por cá se diz - e dos “segundos” pioneiros e cow-boys - aliás, um assunto deveras fascinante que já foi objeto de vários ensaios mas que também merecia uma abordagem simbólica-antropológica que obviamente, com pena nossa, não cabe neste trabalho).

As praças da comunidade Cahokia, curiosamente, não eram definidas por pesadas paliçadas ou por uma imponente separação física que as distinguisse da restante envolvente, mas sim por um conjunto de *mounds* que delimitavam a sua geometria quadrilátera e que determinavam a alteração do nível do solo (das praças) e dos seus materiais construtivos<sup>60</sup>. Com isto, certamente os estabelecimentos Cahokia merecem um lugar nos nossos quadros comparativos.

Ainda no Novo Mundo, alguns quilómetros para Sul, por volta do primeiro século d.C. estaria a cidade de Teotihuacan a atingir o seu auge, com cerca de 100 000 habitantes<sup>61</sup>. Próspera até 650 d.C – quando se deu a misteriosamente apressada queda e despovoamento - esta comunidade fazia sombra à grande maioria dos assentamentos nos seus arredores<sup>62</sup>.

Hoje, a cerca de 45 quilómetros do centro da Cidade do México, as pirâmides e ruínas de Teotihuacan são visitadas por milhares de turistas diariamente. Muitas vezes creditadas como construções Aztecas, escondem a verdadeira natureza da comunidade que as ergueu, comunidade esta

58 *Ibidem*

59 Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p. 313

60 *Idem*, p.310

61 Sarah C. Clayton, «Teotihuacan: An early urban center in its regional context», *The Cambridge World History: Volume III: Early Cities in Comparative Perspective, 4000 BCE-1200 CE* ii (2015): 279–99, p. 279

62 *Ibidem*

na qual assentaram as mais tardias e famosas populações que afrontaram, desafortunadamente, os exércitos espanhóis de Cortés.

A Avenida dos Mortos, um dos poucos eixos de comunicação da antiga cidade que chegou aos dias de hoje, seria responsável pela divisão da cidade nos quadrantes Este e Oeste à medida que uma menos significativa – mas ainda assim suficiente – via para separar os respetivos quadrantes Norte e Sul<sup>63</sup>, chegou também aos dias de hoje, bem como algumas monumentais “pirâmides” particularmente curiosas. Com um objetivo certamente diferente do dado pelos mais conhecidos monumentos egípcios, apresentam também um relevante cuidado na orientação e disposição.

Figura 18: Mural em Teotihuacan (detalhe).



Graças a estes monumentos preponderantes que fazem agora parte da paisagem da Cidade do México, e também graças ao *Teotihuacan Mapping Project* (TMP)<sup>64</sup>, é possível fazer uma análise detalhada ao complexo urbano da antiga cidade. A análise do que foi esta comunidade – parte da fundação de uma das maiores civilizações americanas pré-coloniais; os Aztecas, vai de encontro à análise antropológica do espaço.

Surgirão também, não tanto como uma única cidade, mas mais com o

<sup>63</sup> Clayton, «Teotihuacan: An early urban center in its regional context».

<sup>64</sup> Projecto de Mapeamento levado a cabo por René Millon (1970), responsável por cartografar com grande detalhe zonas urbanas da cidade de Teotihuacan in Clayton, «Teotihuacan: An early urban center in its regional context», p. 285

intuito de uma análise diagramática e de representação do cosmos, as conhecidas *mandalas* asiáticas. São ainda hoje das mais prolíficas representações do cosmos. A apropriação ocidental das culturas orientais tornou possível este fenómeno. Não obstante, a simbologia implicada nestes símbolos geométricos, o modo como foram utilizados, e ainda são, inclusivamente na definição de templos e até de complexos urbanos, vai particularmente ao encontro dos temas que iremos abordar no presente documento.

Definido pelas margens do Nilo, surgiu a civilização egípcia. Esta civilização hospedou das mais prematuras revoluções neolíticas<sup>65</sup>, bem como a “domesticação” das inundações do rio, que permitiram a esta comunidade estabelecer-se com prosperidade e excedentes agrícolas com poucos paralelos no mundo. Este Império chegou a expandir-se para além das suas fronteiras naturais, chegando a anexar território que hoje corresponde à Síria e ao Sudão<sup>66</sup>, não sem ter resistido a algumas invasões militares por parte dos seus vizinhos.

Em relação à cosmologia hebraica, será brevemente analisada a cidade de Jerusalém. Não tanto a cidade na sua componente física, mas todo o culto que a sua história e relevância cultural implica dos próprios motivos que terão levado David e outros dos Grandes Reis de antigamente a edificar a cidade, como ficou descrito até à “romantização” levada a cabo pelos europeus na época das cruzadas (séc. XI a XIII). É também do nosso particular interesse a conceção da Nova Jerusalém, a Apocalíptica cidade existente na mente de quem idealizou um agregado urbano em perfeita sintonia com a entidade humana, suprahumana e divina e com o Cosmos.

Obviamente que, apesar destes serem os principais exemplos no quais vamos apoiar as nossas digressões, irão sempre surgir algumas esporádicas comparações com outros universos devidamente enquadrados nas comparações a que nos propomos.

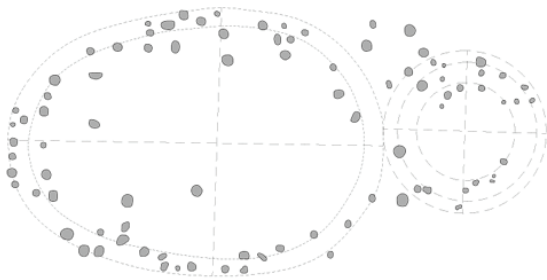
<sup>65</sup> Childe, *Man Makes Himself*, p. 63

<sup>66</sup> Villanueva, «Atlas Histórico: Mundo Antigo», p. 7





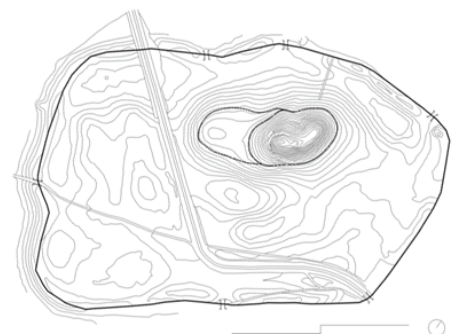
6000 a.C.  
Começam as construções do Cromelque dos Almendres. O recinto atingiria a sua forma final cerca de 3000 anos mais tarde.



2000 a.C.  
A mandado de Ur-Nammu, é erguida a Ziggurate de Ur. A cidade tem vindo a prosperar desde cerca de 3000 a.C.



4000 a.C.  
É erguida a Anta Grande do Zambujeiro, o maior monumento fúnebre megalítico da Península Ibérica.



2500 a.C.  
Principia a segunda revolução urbana na Alta Mesopotâmia, onde se cristalizaram materialmente muitos do que se crê terem sido previamente povoados megalíticos, como é o exemplo de Kazane.



## CRONOLOGIA ECUMÊNICO-URBANA

○ 1000 a.C.

A cidade de Miletus foi fundada pelos gregos jônicos na Anatólia. Disputada durante vários séculos por diferentes civilizações. Na era clássica, apresentava uma estrita malha ortogonal.



○ 113

É iniciada a construção do Panteão Romano. Este, edificado no mesmo lugar que um antigo templo, representa hoje um epitome da arquitectura clássica.



○ 200

É completada a construção da Pirâmide do Sol em Teotihuacan. Com 65 metros de altura, é das maiores pirâmides alguma vez construídas.

○ 1400 a.C.

Ergue-se o Templo de Apolo e o Oráculo de Delfos. *Umbigo do mundo na mitologia clássica.*



○ 650 a.C.

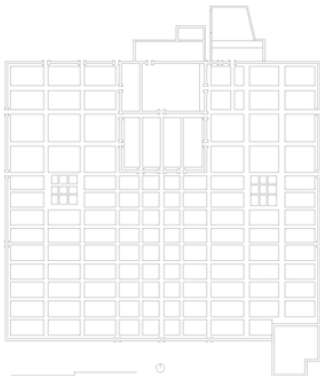
A cidade de Marzabotto mostra-nos o alinhamento *cardo-decomano*. Destruída pelos gauleses no início de IV a.C., e nunca mais ocupada seja por etruscos ou romanos.

○ 650

A comunidade desvanece.

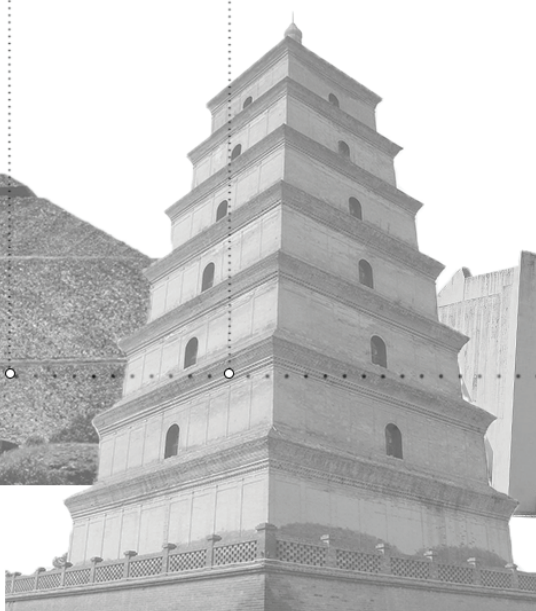
○ 618

Início da dinastia Tang. Sob o domínio desta família imperial, a cidade de Chang'an demonstra como o Filho do Céu impõe no espaço uma estrita ortogonalidade.



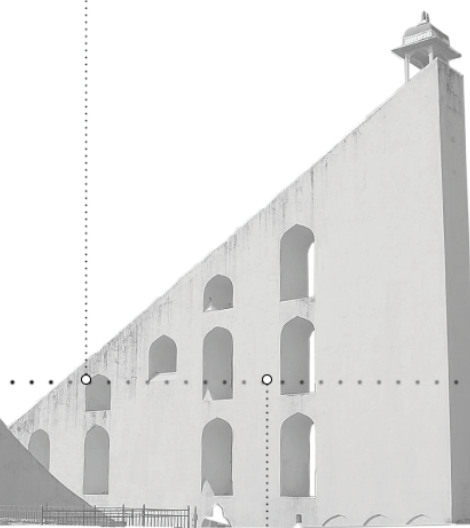
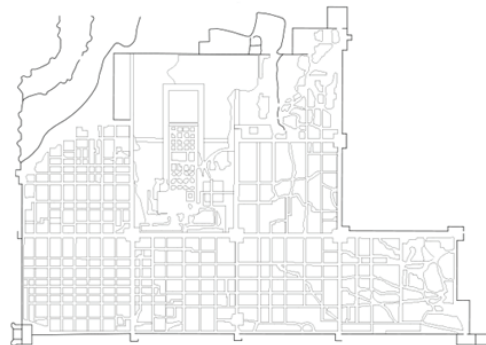
○ 704

É terminada a reconstrução da Pagoda do Grande Ganso Selvagem. Exemplo da verticalidade como imposição de poder.



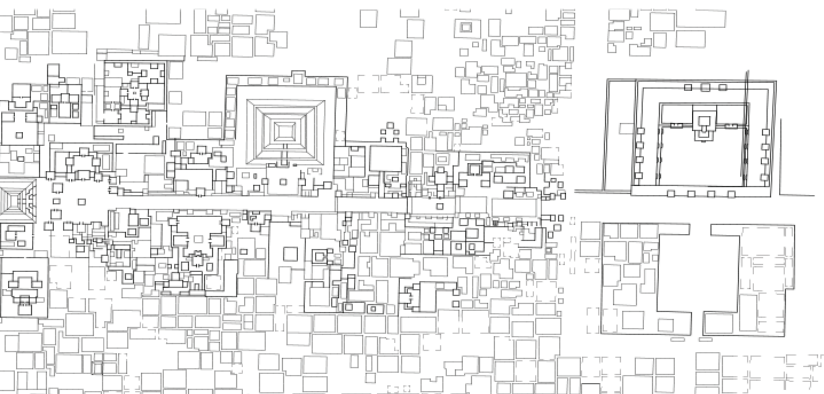
○ 1728

É inaugurada pelo Rei Sawai Jai Singh II a cidade de Jaipur. Esta foi implantada estritamente inscrita numa mandala.



○ 1736

A mandato de Jai Singh, é ordenada a construção de Jantar Matar, um complexo de observatórios. Contém o maior relógio solar do mundo.



### III. Marcações no Território no Antigo Ocidente Europeu

Nesta primeira fase da nossa análise será feita uma abordagem principalmente aos dois primeiros casos de estudo referidos no capítulo introdutório.

Serão estudadas várias formas, o seu significado, e como estas foram aplicadas das mais variadas maneiras nos nossos exemplos (do Megalitismo à cultura etrusco-romana) apoiadas por outras esporádicas referências.

Abordaremos conceitos menos concretos (cosmos, poder, crenças, etc.) e o modo como estes influenciariam a organização social e ideologia vigente destas comunidades, ou como foram estes os principais agentes decisivos na construção das primeiras arquiteturas (dos "simples" menires às rigorosas malhas urbanas romanas).

*"Urbe fecisti quod prius orbis erat"*

*"Do que outrora foi o mundo, tu fizeste uma cidade"*

- Rulilius Numatianus

## A. O PONTO

A unidade mais reduzida pelo qual pode ser criada arquitetura. Há, atualmente, o estigma de associar um feito arquitetónico a um “abrigo”, a algo que seja capaz de nos proteger dos perigos e desconfortos do meio ambiente. É um tema, no entanto, algo mais complexo do que isso.

Segundo o historiador SPIRO KOSTOFF (1995), o gesto arquitetónico principia quando o Ser Humano assume uma certa localização com uma intenção de teor ritualístico. Segundo este, esta delimitação do espaço para um fim específico revela-se de dois modos diferentes: *Circunscrição e assentamento*. O primeiro, materializa-se na forma de – por exemplo - um recinto amuralhado, ou de um loteamento de uma área. O segundo, implica uma “estrutura livre”, um elemento único – “arquitetura como monumento”<sup>67</sup>.

No presente tópico, ousamos dar um passo em frente (ou neste caso, um passo atrás...!), ao afirmar que, a arquitetura começa no “simples” significado. A partir do momento em que um indivíduo associa um determinado espaço com uma outra ordem maior que a do próprio, a partir do momento em que o lugar é interpretado, *forma-se um embrião arquitetónico*. Este é o processo que, segundo MIRCEA ELIADE, (2020) observa a transformação de um espaço profano (*caos*), para um espaço consagrado (*ordem*)<sup>68</sup>.

Certamente que estes primeiros “pensamentos” das primeiras comunidades (ou de indivíduos), são completamente inalcançáveis. Não obstante, a partir do Paleolítico Superior (2,5 milhões a.C. - 10 mil a.C.), já é possível confirmar “*an attempt to control the whole spatio-temporal phenomenon by symbolic means, of which language was the chief*”<sup>69</sup>. São exatamente estes símbolos e as suas respetivas interpretações que vão ser tomadas em atenção neste documento. Estes, são “colocados” no tempo e no espaço pelo Homem, seja de uma *forma material e perene* (construções) ou de uma *forma menos corpórea ou mesmo efémera ou imaterial* (ritos e celebrações).

67 Spiro Kostof, *A History of Architecture: Settings and Rituals*, 2nd ed. (Nova Iorque: Oxford University Press, 1995), p.21

68 Mircea Eliade, *O Mito do Eterno Retorno*, p. 14

69 Joseph Rykwert, *On Adam's House in Paradise: The idea of the Primitive Hut in Architectural History* (MIT Press, 1981), p.21.

Aquando o tema era a *civitas*/cidade ficou registado nas palavras do general e político Ateniense Níxia à sua chegada à ilha de Siracusa: *"You are yourselves the town, wherever you choose to settle ... it is men that make the city, not the walls and ships without them..."*<sup>70</sup>, sendo estes, de facto, os agentes que compunham – no seu sentido mais restrito – a cidade.

Daí a curiosa distinção que se pode e deve fazer, usando a língua francesa, por exemplo, entre *"ville"* e *"cité"*. Aparentemente designam o mesmo, mas enquanto a palavra *"ville"* designa o conjunto de construções, edificações variadas e artérias de uma cidade, a *"cité"* é o complexo habitado, socialmente qualificado pelos homens; o mesmo se pode dizer da diferença, em inglês, entre *"town"* e *"city"*. Em português é também usada a designação distintiva entre *"cidade"* e *"vila"*, e, desde tempos medievais, pelo menos, e com um alcance idêntico. O mesmo se reflete evidentemente no termo originário do latim, *"civitas"* e *"urbs"*: o espaço da *"urbs"* é a organização urbana de um assentamento humano, enquanto que a *"civitas"* corresponde ao alcance desse assentamento com os homens e as suas leis e regras, a comunidade, ou seja, segundo uma visão *"comunocêntrica"*, para adotar uma distinção cara ao historiador urbano RICHARD KAGAN. Recuando ao grego antigo: aí está o *"chorio"* (χωριό) – que materializa o conceito de corografia – descrição de um lugar ou sítio ou vila – e a expressão importantíssima *Poli(s)* (Πόλη), a cidade com os homens e a vida em *"cidade"*, que é *política*.

## B. INSTITUIÇÃO DO LUGAR

A vida do Ser Humano, nos anos em que a linha que difere as ações levadas a cabo por um impulso plenamente instintivo das tarefas dotadas de significado era bastante tênue, segundo MUMFORD (1961), alternava entre dois pólos: migração e assentamentos.

As migrações correspondem a um conjunto de comportamentos com bastantes paralelos no mundo animal - nomeadamente as espécies que

---

<sup>70</sup> Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 31



funcionam socialmente. Desde as grandes manadas dos mais diferentes tipos de mamíferos que percorrem incontáveis quilómetros em busca de uma área onde possam procriar e alimentar-se em segurança (de certa forma apropriando-se, do espaço), aos castores e aves nidificadoras que além de se movimentarem e se adaptarem ao meio que os rodeia, alteram a sua envolvente de acordo com as suas necessidades criando uma habitação à sua medida<sup>71</sup>.

#### i. Paleolítico Superior

A raça humana começou, no entanto, algures quando esta linha se diferenciava cada vez mais. O Homem Paleolítico começou a apresentar preocupações e relações nunca antes presenciadas no mundo animal - o fascínio com a morte e com o além. É precisamente esta preocupação que começou a grande separação do Ser Humano do resto da metazoa.

A comunidade paleolítica, ainda com a agricultura e a pastorícia por dominar, não poderia permanecer no mesmo local durante um extenso período. Depositando os corpos dos falecidos em cavernas ou, numa primeira fase provavelmente abandonando-os sem rituais nem cuidados maiores o Homem deixou, mesmo assim, registado um comportamento sem paralelos no resto da natureza<sup>72</sup>, como o comprovariam os notáveis achados e ainda em exploração intensa em Sima de los Huesos na Serra de Atapuerca, com vestígio continuados e deposições acidentais ou propositadas de cadáveres em poço e sedimentos desde exemplares quantitativamente expressivos que vão do Homo antecessor, Homo heidelbergensis e Homo sapiens.

Nos momentos anteriores, ou antes do Ser Humano ser capaz de erguer um objeto edificado, serviu-se das oportunidades estereotómicas que a natureza lhe foi concedendo, nomeadamente a caverna. Apropriando-se da cobertura natural, o Homem Paleolítico decorou a gruta e a pedra de acordo com as suas crenças e ritos.<sup>73</sup>



Figura 19: Gravura Xamanística na Caverna das Três Irmãs (Trois Frères) em Agnes, França (cima). Interpretação de Hen (baixo)

<sup>71</sup> Veja-se ainda as comunidades de Hymenoptera (entre os quais as formigas e as abelhas), nas suas enormes e bem estruturadas colmeias e ninhos que apresentam uma complexidade impressionante quase como uma génese do que viria a ser a metrópole urbana.

<sup>72</sup> Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*, p. 6

<sup>73</sup> Isto não implica, no entanto, que estas mesmas grutas seriam estadia permanente das comunidades paleolíticas.



Figura 20: Híbrido Cavalo/Homem na Gruta do Escoural (cima).  
Levantamento segundo Araújo e Lejeune (baixo).

No ano de 1963, foram descobertas acidentalmente numa planície ossadas que revelaram ocupação humana, abrindo caminho para a localização da Gruta do Escoural<sup>74</sup>, em Montemor-o-Novo. Este lugar, que demonstra sinais de diversas fases de ocupações humanas, apresenta uma série de pinturas paleolíticas e motivos de diferentes naturezas, maioritariamente dominada pela sua temática animalista (principalmente equídeos)<sup>75</sup>.

Dentro destas encontra-se uma figura que representa uma “mutação” entre um cavalo (o animal com maior representação na gruta) e um ser humano. Colocando numa perspetiva paralela às ilustrações encontradas na caverna de Trois Frères<sup>76</sup>, em França, é sensato acreditar que se trataria de um mestre-de-cerimónias de natureza xamânica. Além destas figuras de inspiração animal, são também visíveis bastantes ilustrações aparentemente abstratas. Não obstante, estas gravuras quando interpretadas em conjunto, permitem especular que num ou noutro caso representassem uma cabana. Através do exemplo desta gruta demonstrado pelo fascínio das gravuras, consegue-se compreender uma *“deificação dos seres vivos dos quais depende a vida - e que a providenciam”*<sup>77</sup>.

Outro valioso exemplo português relativo a uma consciente apropriação pré-histórica do espaço remontando ao paleolítico é todo o Vale do Côa. A descoberta do que se acredita ser a ilustração de um cavalo, juntamente com a descida das águas em 1944 (com o objetivo de nesse vale edificar uma barragem) revelaram uma extensão de 17 quilómetros, nos dois lados do vale, ao longo do rio, plena de gravuras rupestres. Mais uma vez, a numerosa representação animal<sup>78</sup> em conjunto com a dinâmica conferida pelo rio junto do qual se situam as figuras, levam a crer que os atos e elementos corresponderiam a uma utilização simbólica-espacial com uma relação quer com a vida quotidiana quer com a vida espiritual, envolvendo uma relação entre animal-homem, num conjunto de interações que parece levar à conceção de uma natureza mítica que conferiam e proporcionavam a vida.

<sup>74</sup> “o exemplo artístico paleolítico mais meridional – e mais ocidental – de toda a europa” – é a gruta do Escoural in Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p. 28

<sup>75</sup> *Ibidem*

<sup>76</sup> Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*, p. 8

<sup>77</sup> Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p. 26

<sup>78</sup> Apresentando inclusive, uma ilustração de um cobrimento de uma égua por um cavalo, mostrando desde cedos objetivos fascínios com o tema da conceção.



Traços datados de alturas particularmente diferentes, implicam que o humano “português” encontrou no Vale de Côa um primeiro ponto de fixação simbólica<sup>79</sup>.

## ii. Megálitos

No sul do país, na vasta planície alentejana, MANUEL CALADO aponta como um dos agentes responsáveis pela escolha de implantação das comunidades pré-históricas (e, por extensão, da sua arquitetura), a rede hidrográfica que se estende por esta zona<sup>80</sup>. Nomeadamente em Évora (locais de concentração de povoadamentos Neolíticos), dá-se a convergência de três dos maiores rios do Sul Ibérico: Tejo, Sado e Guadiana. Nesta “mesopotâmia alentejana”, criaram um enclave: “vão dar a Évora”<sup>81</sup>.

Apesar de se conseguir compreender a existência de um significado atribuído ao lugar, é impossível compreender exatamente quais seriam os *motivos e significados* atribuídos aos sítios (fora a eventual especulação de atribuição divina a fenómenos não diretamente compreendidos como o correr do rio, ou o eco da gruta). Não obstante, é possível retirar algum conteúdo sobre estas mesmas comunidades.

## iii. Antiguidade clássica

Alguns milhares de anos antes e alguns milhares de anos mais tarde (!), graças ao trabalho de PLUTARCO (46 d.C. - 120 d.C.), mais tarde interpretado por JOHN RYKWERT, podemos entender com mais objetividade os motivos que levaram, p.e. o povo grego e etrusco-romano/helénico a instalar as cidades no local onde foram posteriormente edificadas.

Na Antiguidade Clássica, eram concedidos aos temas atualmente considerados relevantes - higiene, economia, infraestruturas...- uma dimensão mitológica - o que é verificável, por exemplo, no mito de Archias e Myscellus.

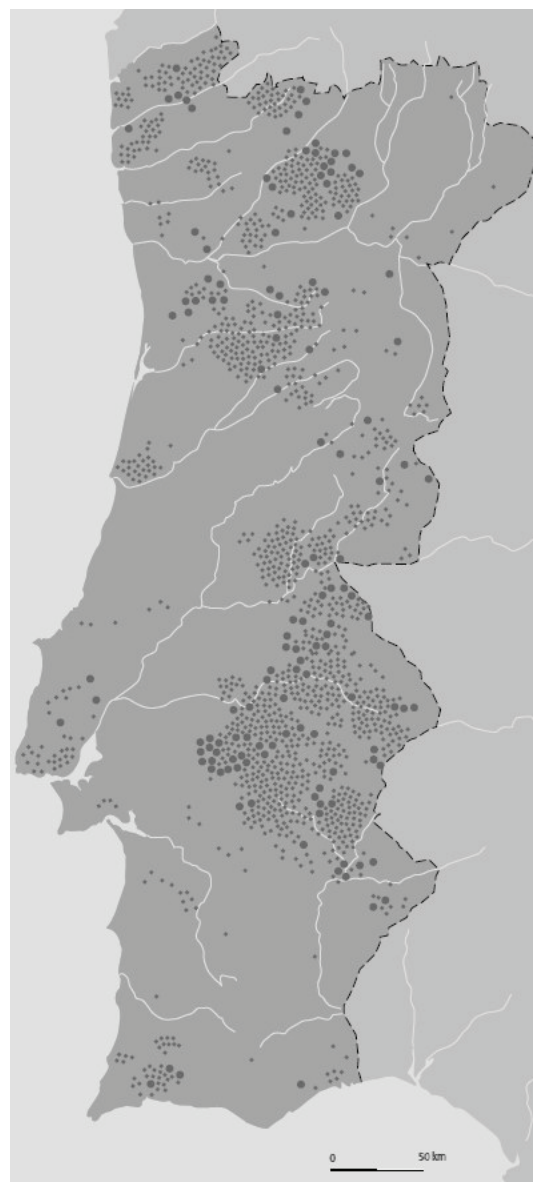


Figura 21: Monumentos megalíticos em Portugal (segundo Vera Leisner, Joussame e V. O. Jorge)

79 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p. 32

80 Manuel J. M. Calado, «Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional.» (Universidade de Lisboa, 2004), p 183

81 *Ibidem*

No mito suprarreferido, após a consulta do oráculo de Delfos<sup>82</sup>, foi pedido pela *Phytia* (sacerdotisa) que optassem entre saúde ou riquezas. Archias escolheu a segunda, enquanto Myscellus optou pela saúde. A cidade fundada por este acabou por hospedar uma famosa escola de medicina, assim como o próprio Pitágoras<sup>83</sup>.

“*“The Choice of the site” says Fustel de Foulanges, “a serious matter on which the whole fate of the people depended... was always left to the decision of the gods”*”<sup>84</sup>. Com isto, seria necessário uma série de passos diferentes para o indivíduo conseguir compreender qual seria a vontade dos Deuses em relação à instituição duma nova cidade. A título exemplificativo, após os *augurs* descodificarem qual seria o deífico desejo através duma leitura do movimento das aves, seria desenhado um diagrama no chão com o báculo/lituius, o templum, algo que abordaremos mais tarde.

No pensamento de MIRCEA ELIADE, (2020), a fundação de uma cidade é um ato pleno de significado. As cidades são uma “imitação” da montanha<sup>85</sup>, e esta, por sua vez, era o local de encontro entre os Céus e a Terra. Cada cidade seria então um Centro. O ato de criação faria a definitiva diferença entre o espaço – na terminologia de ELIADE – “profano” - o desabitado e sem significado, diretamente associado aos tempos primitivos do Homem, do espaço “sagrado”, com significado, valor e “*impregnado de ser*”<sup>86</sup>.

Não obstante, não só a fundação da cidade representaria assim o “*ato criador por excelência*”, na medida em que este simula o ato de criação da própria Terra no tempo mítico primordial, e, conseqüentemente do Ser Humano. Deste mesmo modo, todos os rituais relativos à passagem do tempo. Com esta conceção de “início” e de “fim”, estas celebrações são então uma reprodução da Criação, a “*repetição do ato cosmogónico*”<sup>87</sup>.

82 Zeus Alegadamente enviou um grupo de águas com o objetivo que estas encontrem o centro do mundo, este acabou por ser exatamente em Delfos (Summers, 2003). A relevância deste como um umbigo – omphalos,- do mundo, será posteriormente abordada no presente documento.

83 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 55

84 *Ibidem*

85 Além das interpretações do autor de textos hindu e sumérios, este paralelismo materializa-se de um modo mais “figurativo” nas Mastabas e Pirâmides egípcias nas Ziggurates Mesopotâmicas, nas Pirâmides Mesoamericanas, mas também nos assombrosos templos em degraus da Índia e da Ásia Extrema.

86 Eliade, *O Mito do Eterno Retorno*, p. 14

87 Mircea Eliade, *O Mito do Eterno Retorno*, p. 54

Não sobre o *lugar* propriamente dito mas sobre *quem* o institui – ou seja, o fundador da cidade, o poeta grego PÍNDARO (552 a.C.-443 a.C.), afirma que este seria, de acordo com os costumes, sepultado no centro da urbe. Apesar de tanto na cultura grega como na romana os enterros não serem aceites (com a exceção de raros e monumentais mausoléus reais ou imperiais) dentro das muralhas da cidade<sup>88</sup>, o próprio oráculo de Delfos ordenou a construção de um *bouleterion*<sup>89</sup> por cima de um cemitério onde estariam enterrados alguns heróis<sup>90</sup>.

A preocupação da elevação do estatuto do fundador da cidade a herói ficou devidamente registada em várias ocasiões. Na cidade de Anfiolis na Grécia, o fundador teria sido enterrado com a sua completa armadura e com a lápide apontada para a *agora* da cidade. Esta *deificação* ficou também associada aos irmãos fundadores de Roma: Remo e Rómulo<sup>91</sup>, ao Rei-Herói Gilgamesh, que, com as suas próprias mãos, ergueu as muralhas de Ur<sup>92</sup>, entre muitos outros casos da Antiguidade. Em casos mais recentes, consegue-se obter paralelismos com algumas entidades responsáveis por “voltar a erguer” uma cidade com a respetiva elevação ao estatuto heróico.

MUMFORD, conta-nos, também, pelas palavras de um antigo escriba egípcio, que o objetivo do fundador da cidade era o de colocar “*Gods in their shrines*”<sup>93</sup>. O autor afirma ainda que as preocupações atuais não são fundamentalmente diferentes. A função do atual *dirigente/diretor* é de colocar as maiores preocupações do Homem no centro de todas as suas atividades.

*“Em Uruk ele [Gilgamesh] construiu muralhas, uma grande fortaleza e o bendito templo Eanna, para Anu, o deus do firmamento, e para Ishtar, a deusa do amor. Olha para ele ainda hoje: a muralha exterior, onde a cornija corre, brilha com o esplendor do cobre; e a muralha interior não tem igual. Toca no limiar, que é antigo. Aproxima-se de Eanna, a morada de Ishtar, a nossa senhora do amor e da guerra: Nenhum rei recente, nenhum homem vivo pode construir outro assim. Sobe à muralha de Uruk; percorre-a, digo-te eu; olha o terraço das fundações e*



Figura 22: Tholos no Oráculo de Delfos, Grécia (fotografia pelo autor)

88 Refutando em parte, as palavras do poeta.

89 Edifício onde seriam tomadas algumas decisões democráticas por uma assembleia local. Casa do conselho.

90 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.43

91 *Idem*, p.56

92 Pedro Tamen, *Gilgamesh* (Lisboa: Nova Vega, 2016), p.5

93 Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*, p. 573)

*examina a alvenaria: vê como é de tijolo cozido e bom. Os sete sábios assentaram as fundações”<sup>94</sup>.*

### C. O CÍRCULO

Conforme referido, o Homem Paleolítico foi capaz de, conscientemente, atribuir a determinado lugar um significado. Certamente significados que almejavam (de maneiras que para nós hoje são praticamente incompreensíveis) apresentar e “fixar” o que seria a sua interpretação do mundo, do cosmos e da localização do Ser Humano entre estes dois pólos existenciais e trans-humanos.

O Círculo nunca foi uma forma-produto do ser humano, mas também não é das configurações geométricas oferecidas diretamente pela natureza<sup>95</sup>. Esta forma, no entanto, é primeiramente apresentada ao Ser Humano através da misteriosa bola de fogo que rasga o céu durante o dia e pela sua contraparte noturna (uma vez a cada 28 dias), mais tarde apelidadas de *Sol* e de *Lua*, respetivamente.

Tanto o Sol como a Lua representam duas figuras sem as quais o Ser Humano não poderia ter qualquer tipo de contacto visual com a sua envolvente. Ademais, o maior círculo possível de ser entendido pelo Homem é a linha do horizonte, que quando compreendida na sua totalidade e não sendo interrompida por um obstáculo, assume assim, presuntivamente, também esta forma como “disco”. Ainda, aquilo que separa o mundo sob o qual o Homem caminha da longínqua cúpula cósmica apresenta ao olho a forma de um círculo.

No entanto, a extrusão da forma circular aplicada no edifício sempre foi um método de eleição dos arquitetos ao longo da História. Na História das construções sabe-se do seu uso por um inúmero conjunto de culturas ao longo do tempo e em geografias diferenciadas e distantes, como uma das mais evidentes e constantes configurações em plantas de habitações humanas. Na História das construções religiosas, aliás, esta forma viria a marcar

<sup>94</sup> Tamen, *Gilgamesh*, p. 11

<sup>95</sup> Encontra-se na natureza, curiosamente, em escassos exemplos, como sejam o olho humano ou o ninho de alguns pássaros.



indelevelmente uma tendência para a sua fixação em determinado tipo de monumentos sacros. Percorrendo Roma Clássica com os templos das Vestas e o magnânimo Panteão<sup>96</sup>, até à época renascentista, onde estas egrégias cúpulas atingiram dimensões colossais.

Não é segredo que, nestes casos, o significado atribuído à forma circular ou esférica estava intimamente conectado com a projeção do cosmos e de um plano superior de existência, o que explicará nos casos de religiões ou movimentos religiosos não paniconográficos a presença de representações no interior destes templos e no seu redor de Deuses, heróis ou antepassados heroicizados ou destacados do reino dos comum mortais.

A utilização da forma circular na construção é algo que já seria utilizado num momento muito anterior à fundação da República Romana, desde a teoria da primeira cabana posteriormente postulada por Viollet-le-duc (1814-1879)<sup>97</sup>, às “cavinhas”<sup>98</sup> um pouco presentes por todo megalitismo português.

Ainda, antes de abordar os recintos megalíticos portugueses propriamente ditos aquando do tema circular, é de relevância uma pequena abordagem aos concheiros<sup>99</sup> portugueses. O de maior relevância no país é de Muge (cerca de 80km de Lisboa), não obstante, para a nossa análise, é nos mais relevante o que se verifica no concheiro da Moite do Sebastião. Nesta, foram encontrados ao longo de uma forma em meia-lua buracos de poste de uma estrutura. Esta forma ganha relevância aquando da análise dos recintos que serão mais profundamente abordados no presente documento: Vale Maria do Meio, Portela dos Mogos e Almendres<sup>100</sup>.

Apesar de muitos deles aparentarem estar imóveis e intactos no espaço

<sup>96</sup> Sobre este, e o processo até esta forma ser alcançada, RIEGL, apud MONTANER, em *Arquitectura Y Critica*, p.28; diz-nos que este é “paradigma de uma evolução cujo objectivo foi configurar um espaço interior perfeito”.

<sup>97</sup> Rykwert, *On Adam's House in Paradise: The idea of the Primitive Hut in Architectural History*, p.39

<sup>98</sup> “As cavinhas poderiam, como grafemas autónomos, pertencer, eventualmente, à mesma categoria simbólica que os próprios círculos e remeter igualmente para as conotações astronómicas, representando eventualmente estrelas, ou mesmo, mais especificamente, o próprio Sol.” in Belmonte, 2003; Bueno e Balbín, 2003 apud Calado, «Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional.»

<sup>99</sup> Por concheiro entende-se deposições conjuntas de corpos (no exemplo de Muge, deitados sobre as costas, mas em posição fetal) em conjunto com outros itens que se acredita ter algum significado mágico-religioso para estas comunidades – nomeadamente conchas. Este tipo de fenómeno verifica-se na época mesolítica (circa 13000 b.C. - 9000 b.C.), aquando da neolitização do território português

<sup>100</sup> Este último, constituído por 95 menires de granito variando entre os 2,3 e 1,1 metros



Figura 23: Giovanni Paolo Pannini, *The interior of the Pantheon (Roma)*, 1730, óleo sobre tela, 128 x 99 cm, National Gallery of Art, Washington D.C.



Figura 24: Reconstrução do templo de Aedes Vestae e Regia. (segundo H. Müller-Karpe)



Figura 26: Covinhas ou Fossetes, num menir do Cromeleque dos Almendres. Estas “escavações” semi esféricas encontram-se em dezenas de monumentos megalíticos, nomeadamente menires (fotografia pelo Centro Interpretativo dos Almendres)

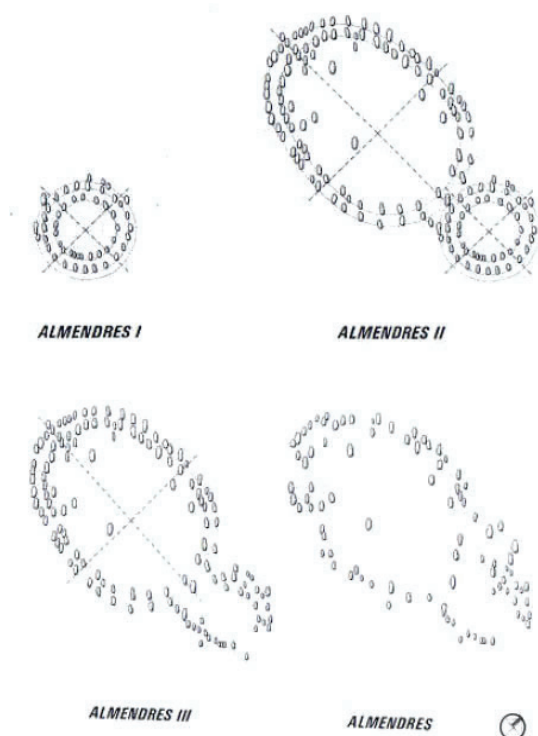


Figura 25: Diferentes fases de construção do Cromeleque dos Almendres (segundo Mário Varela)

e no tempo, muitos dos recintos megalíticos foram alterados e “redesenhados”. O Cromeleque dos Almendres sofreu algumas mutações no decorrer do tempo. MÁRIO VARELA (1997) dividiu as mutações que o Cromeleque sofreu em três.

Apenas nesta última se verificou a ilustração de diferentes motivos nos menires. Além dos alinhamentos solares e lunares que são previstos pelo modo como o cromeleque está articulado entre si, apresenta também um alinhamento com o menir dos Almendres (cerca de dois quilómetros de distância) criando assim o alinhamento que vai em concordância com o verificado na maioria das antas encontradas no país. Sendo este o maior conjunto de menires alinhados da Península Ibérica e dos maiores a nível europeu, é certamente incontornável na busca de significados no desenho do espaço pré-histórico.

Não só em Portugal mas bastantes recintos megalíticos – principalmente na Grã-Bretanha e na Península Ibérica, assumem esta tipologia de espaço circular<sup>101</sup>.

Em Portugal, estes edifícios concentram-se na zona do Alto Alentejo. Encontram-se dispostas pedras de dimensões consideráveis, estrategicamente colocadas ao longo de algumas dezenas de metros.

Ainda não é possível discernir com certeza quais seriam todos os propósitos destas edificações. Não obstante, existem alguns fatores consideráveis que nos indicam quais seriam as crenças e os significados dados ao espaço por estas comunidades.

O Cromeleque dos Almendres, constituído por pedras maioritariamente de granito, acredita-se que tenha sido um local de comunhão entre várias comunidades com as mesmas crenças rituais e simbólicas. Tendo em atenção a evidente orientação que este apresenta para o nascer do Sol equinocial, facilmente se induz que este recinto teria sido utilizado em rituais de natureza astronómica<sup>102</sup>.

Não apenas os Almendres, mas também no Cromeleque da Portela dos Mogos está acentuado o arquétipo do centro e do círculo. Situado também

101 Hugh Newman et al., *Megalith: Studies in Stone* (China: Wooden Books, Ltd., 2018), p.20-43

102 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p.93

a poucos quilómetros de Évora, este apresenta uma forma oval/elíptica, tem cerca de quinze metros de raio, e, um conjunto de 6 menires materializam o eixo Norte-Sul dentro do delimitado recinto. Este tem, ainda, uma fileira de menires no sentido nascente. Das maiores curiosidades presentes neste recinto megalítico são, no entanto, os motivos que estão desenhados em alguns dos menires: tema que será abordado posteriormente no presente documento.

Ao contrário do círculo, Jung<sup>103</sup> afirma que a forma quadrangular seria imperfeita, neste, os elementos ainda não estariam em plenitude uns com os outros, ou seja, haveria hostilidade. No entanto, a forma de existir uma concordância entre todos eles seria através do círculo.

No tema do círculo – quando a sua tribo se viu obrigada a alterar a configuração das suas habitações de forma circular para quadrangular, o Índio Sioux Alce Preto, afirma que: *"You have noticed that everything na Indian does is in a circle, and that is because of the Powert of the World always wrks in circles, and everything tries to be round. In the old days when we were strong and happy people, all our power come to us from the sacred hoop of the nation, and so long as the hoop was unbroken, the people flourished. The flowering tree was the living center of the hoop, and the circle of the four quarters nourished it. The east gave peace and light, the south gave warmth, the west gave rain, and the north with its cold and mighty wind gave strength and endurance. This knowledge came to us from the outer world with our religion. Everything the Power of the World does is done in a circle. The sky is round, and I have heard that the earth is round like a ball, and so are all the stars. The wind, in its greatest power, whirls. Birds make their nests in circles, for theirs is the same religion as ours. The sun comes forth and goes down in a circle. The moon does the same, and both are round. Even the seasons form a great circle in their changing, and always come back again where they were. The life of a man is a circle from childhood to childhood, and so it is in everything where power moves. Out tepees were round like the nests of birds, and these were always set in a circle, the nation's hoop, a nest of many nests, where the Great Spirit meant for us to hatch our children. But the Wasichus (white man) have put us in these square boxes. Our power is gone and we are dying, for the power is not in us anymore."*<sup>104</sup>.

103 Edward Edinger, *Ego and Archetype* (Boulder: Shambala, 1992), p. 211

104 Edinger, *Ego and Archetype*, p. 212

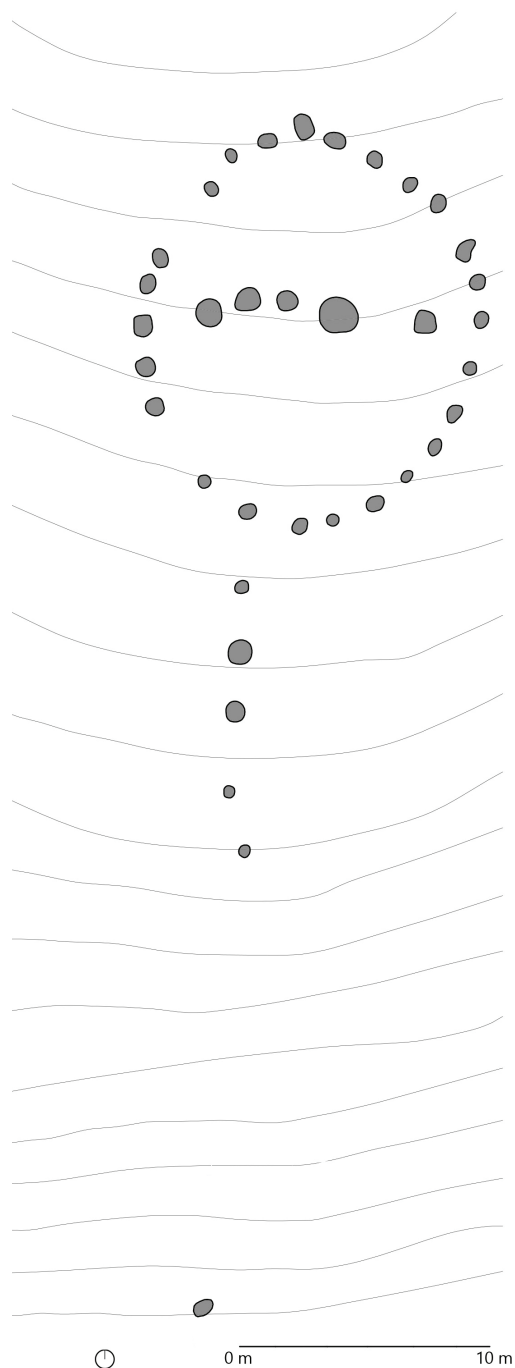


Figura 27: Cromeleque da Portela dos Mogos, Évora (segundo M. Varela Gomes)



O sentido atribuído a esta forma não sofreu nenhuma alteração significativa, sendo os seus arquitetos católicos ou pagãos. A disparidade encontra-se não no valor que era dado à forma circular, como representação do cosmos, mas ao modo como o Ser Humano se posicionava no universo que tentava representar na sua arquitetura.



Figura 28: Cabana de Rómulo por Giacomo Boni, *circa* 1900. Nesta esta presente uma gravura que representa o arquétipo do labirinto.

Outro motivo que não poderá ficar por abordar neste capítulo são os círculos concêntricos e respetivas “variantes”, os *labirintos*. São um dos motivos mais proliferados em toda a arte pós-glacial<sup>105</sup>. Estes, ou representariam diretamente o astro-pai Sol, ou, a um nível mais celestialmente abrangente, no sentido que representaria a cúpula cósmica, ou, em última instância, representaria a totalidade do indivíduo na sua completude com a sua envolvente<sup>106</sup>.

Estes motivos labirínticos poderiam ter também uma conotação defensiva dada a sua *impenetrabilidade*<sup>107</sup>. Com isto, seriam por vezes desenhados em habitações como o caso da própria cabana de Rómulo.

Diretamente relacionado com o tipo de ilustrações acima referidas, vem o tema do labirinto também tendencialmente representado pelas civilizações pré-históricas pela forma *circular*. No entanto, este não teria exatamente a função de desorientar o “utilizador”, tanto que seriam representados com apenas um sentido<sup>108</sup>. Isto implica, então, que esta forma poderia ser interpretada como um arquétipo do rito de passagem.

Este motivo ficou imortalizado pela civilização cretense<sup>109</sup> e no famoso *labirinto do minotauro*. Esta criatura mitológica seria descendente da mulher do próprio Rei Minos, e a ele lhe seriam devidos sete rapazes e sete raparigas. Com isto, o herói Perseu ultrapassa o labirinto, e, por fim, derrota o minotauro. Para conseguir, com sucesso, regressar do labirinto, o herói é auxiliado por um cordel

105 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p.99

106 Jung, Henderson, e Franz, *Man and his Symbols*, p.212

107 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.180

108 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p.93

109 Imortalizado não só na forma, mas também no nome. Seria no palácio de Minos que ficaria guardado um sagrado artefacto simbólico: o machado de dois gumes, ou *labrys*, in ereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p.187



encarnado que lhe foi ofertado por Ariadne<sup>110</sup>.

Ao minotauro é fortemente associado o tema da Lua (pelo paralelismo que se coloca com a forma dos seus chifres ao quarto lunar), e, certamente, do Touro. Criatura que acarreta um sacro-significado em várias culturas<sup>111</sup>. O derramamento de sangue da criatura e toda a passagem do herói pelo labirinto pressupõe “os mitos sanguíneos da menstruação divina e lunar”<sup>112</sup>.

Postulado o labirinto poderá corresponder a um arquétipo de *passagem ou de iniciação*. Devendo, com isto, ser lido nas mesmas linhas que se interpreta uma anta, ou mesmo as grutas pré-históricas de carácter sagrado<sup>113</sup>. O herói, ao derrotar a *besta*, mais uma vez, domina a Natureza. Perfaz a alteração de um tempo *profano*, para uma época de *ordem e de significado*. A instauração do cosmos<sup>114</sup>.

*“Whether the symbol of the circle appears in primitive sun worship or modern religion, in myths or dreams, in the mandalas drawn by Tibetan monks, in the ground plans of cities, or in the spherical concepts of early astronomers, it always points to the single most vital aspect of life its ultimate wholeness.”*<sup>115</sup>

A forma em análise no presente capítulo proliferou-se não só em toda arquitetura e desenho do espaço (do pré-histórico ao moderno), mas também em praticamente toda a atividade humana. Um vasto leques de pintores “optaram” por representá-la. Na pintura de Paul Klee *Os Limites do entendimento*, ou *Os Limites da Razão*, conseguimos observar uma forma circular sobre uma estrutura de escadas e linhas. Esta tentativa do pintor demonstrar que a forma circular implica toda a estrutura da *psique* humana, Platão já concebia que esta

110 Esta mesma Ariadne que, posteriormente, foi abandonada por Teseu na ilha de Naxos. A este episódio em concreto, facilmente se concebe um paralelo no épico de Gilgamesh. Este, atravessou um labirinto florestal com o objetivo de destruir o gigante Humbaba, tudo isto com o apoio da Deusa Ishtar, que foi mais tarde por ele rejeitada. Além de todos os outros relatos mitológicos no qual estes acontecimentos são relativamente parecidos, existe ainda na cidade de Jericó, o mito de Rahab, que ajudou dois espiões Isrealitas a escapar através de um fio também ele encarnado. Nesta mesma cidade, em outro episódio, os judeus marcharam solenemente sete vezes em torno de Jericó, para fazer com que as suas muralhas milagrosamente caíssem, como que se para “desfazer” alguma sacra proteção das muralhas. A relevância deste tipo de circum deambulação será analisada nos capítulos seguintes do presente documento. In Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.181 et Tamen, *Gilgamesh*, p. 16

111 Nos capítulos seguintes, será revisto a utilização do touro em, por exemplo, os ritos de fundação da cidade romana.

112 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p.188

113 Grutas estas onde o touro seria dos animais com maior representação.

114 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p.188

115 Jung, Henderson, e Franz, *Man and his Symbols*. p.240

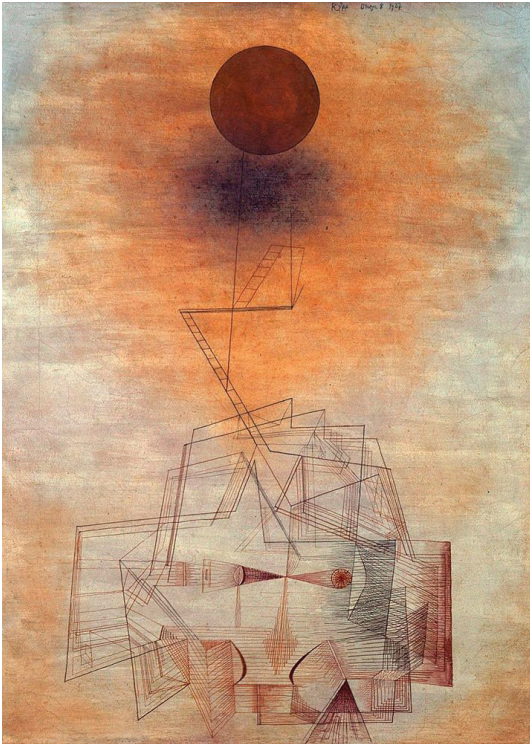


Figura 29: Paul Klee, *Os Limites da Razão*, 1927, óleo, aguarela e lápis sobre tela tempera, 56.44 x 41.50 cm, Pinakothek der Moderne, Munique.

teria uma forma esférica. O círculo está ofuscado, longe da total compreensão e alcance do Ser Humano. Este “símbolo verdadeiro” de acordo com o pensamento jungiano “*appears only when there is a need to express what thought cannot think or what is only divined or felt*”<sup>116</sup>.

O Panteão Romano, edifício clássico destinado à adoração da totalidade do quadro mitológico sobrepunha-se -, em valor, a outros templos “menores”. Fora esta aplicação, templos redondos de menor dimensão seriam os frequentados pelas *Vestaes* – sacerdotisas representantes de Vesta, Deusa do Lar e da Família<sup>117</sup>. Isto é: Os referidos templos das Vestas iam também “contra” a tipologia de desenho quadrilátera. Esta entidade divina, associada fortemente ao lar, e, neste seguimento, ao fogo do lar. Seria por via responsável por um culto mais mundano, mais ctónico<sup>118</sup>. Crê-se que este teria sido dos mais antigos templos a serem edificadas em Roma, mandado construir pelo próprio Numa Pompilius<sup>119</sup>.

No chão deste edifício frequentado pelas virgens sacerdotisas, estaria uma forma trapezoidal “*sinking which went own to virgin soil*”<sup>120</sup>. Nesta configuração das duas figuras conseguimos observar uma tentativa de domesticação da geometria pelo Homem: a circunscrição do quadrado no círculo que ficou imortalizada no conhecido “*Homem de Vitruvius*” de Leonardo da Vinci<sup>121</sup>.

Curioso é constatar, pois, que tanto o *mundus* como o *templum* – dois fenómenos particularmente importantes nos ritos de fundação da cidade romana como veremos ainda neste capítulo – seriam circulares. No entanto a cidade romana não o seria.

Ainda Remo e Rómulo eram amamentados pela sua canina progenitora, já o povo etrusco utilizava e dava um significado relevante a esta forma,

116 Jung, Henderson, e Franz, *Man and his Symbols* p. 249

117 Michael Jordan, *Dictionary of Gods and Goddesses* (Nova Iorque: Facts On File, 2004), p.356

118 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.131

119 Chefe de estado romano que sucedeu Romulo.

120 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.125

121 Neste desenho ficou materializada as proporções humanas idealizadas que deveriam ser utilizadas aquando o dimensionamento de edifícios – *hominis bene figurata ratio*. Curiosamente, as proporções do desenho de Da Vinci, não são exatamente as mesmas propostas pelo próprio Vitruvius. In Rykwert, *On Adam's House in Paradise: The idea of the Primitve Hut in Architectural History*, p.109

nomeadamente na criação da cidade. Graças a MARCUS VARRO, posteriormente interpretado por RYKWERT (2013) podemos retirar algumas conclusões sobre os vários processos celebrados na fundação de Roma. Ritos estes já anteriormente definidos maioritariamente pela população que habitava o Norte da Península Itálica, os Etruscos.

Não podemos deixar de citar VITRÚVIO neste ponto. Foi quem codificou, embora de forma puramente pragmática, o traçado das cidades no período de Augusto a par de outros tratadistas que não temos fortuna de conhecer pois destes não restaram testemunhos escritos.



Figura 30: Pedra Escrita, Serrazes (São Pedro do Sul)

Um caso interessante e que se relaciona com a “disciplina etrusca” é a menção que esta faz aos “nossos maiores” e às “disposições antigas” que estes respeitavam, salientando a importância dos *augures* na determinação do bom “lugar”. De forma assaz racionalista como é seu apanágio não irá deixar margem para dúvidas quanto à avaliação dos “adivinhos”, embora reduzindo-a tão só ao seu resultado prático.

*“I cannot too strongly insist upon the need of a return to the method of old times. Our ancestors, when about to build a town or an army post, sacrificed some*

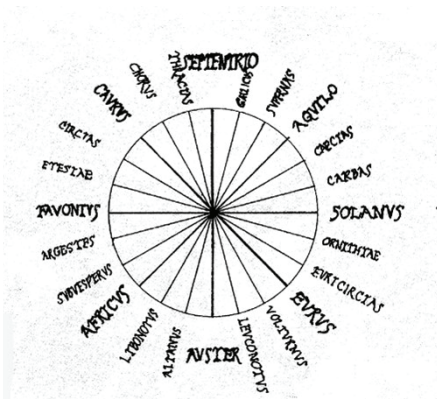


Figura 31: Ilustração por Thomas Noble Howe da divisão do espaço e dos ventos segundo Vitruvius

of the cattle that were wont to feed on the site proposed and examined their livers. If the livers of the first victims were dark-coloured or abnormal, they sacrificed others, to see whether the fault was due to disease or their food. They never began to build defensive works in a place until after they had made many such trials and satisfied themselves that good water and food had made the liver sound and firm. If they continued to find it abnormal, they argued from this that the food and water supply found in such a place would be just as unhealthy for man, and so they moved away and changed to another neighbourhood, healthfulness being their chief object.”<sup>122</sup>.

Por isso, daria especial atenção aos ventos e à disposição das ruas das cidades que deles se deveriam de proteger. O processo resulta num conjunto de operações fascinantes, complexas e que na realidade apontam sempre para um lado racional sem, porém, descurar o alinhamento cosmogónico embora pouco transpareça no seu escrito. Por aí se desenvolve a teoria *cardo-decumânica*.

“5. Thus Eurus is placed to the southeast between Solanus and Auster: Africus to the southwest between Auster and Favonius; Caurus, or, as many call it, Corus, between Favonius and Septentrio; and Aquilo between Septentrio and Solanus. Such, then, appears to have been his device, including the numbers [8] and names of the wind and indicating the directions from which particular winds blow. These facts being thus determined, to find the directions and quarters of the winds your method of procedure should be as follows.”<sup>123</sup>

Embora ainda exista alguma discussão sobre as origens etimológicas da palavra *templum*<sup>124</sup>, este termo seria o nome dado ao círculo desenhado por um báculo de um *augur* romano no local após devidos ritos de adivinhação terem tomado lugar: seria aqui instituído o “centro” da nova cidade.

“Templum could also refer to the skies, suggesting that the templum of the augur was an image, or microcosm, of the larger templum of the world”<sup>125</sup>.

Seria também neste diagrama que ficariam definidas as várias orientações

122 Vitruvius, *Ten Books on Architecture* (Harrisburgo: Pinnacle Press, 2015), Livro I, cap. IV, #9

123 *Idem*. Livro I, cap. VI, #5

124 Os mais recentes académicos afirmam ter origem na palavra grega τεμενος (temenos), um local de natureza sagrada enclausurado. Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.56

125 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 153



das principais vias da cidade. A divisão em “quartos” (1/4) do *templum* iria culminar na famosa divisão *cardo-decomana*.

A relevância do *templum* iria bastante para além da fundação e da responsabilidade da orientação do que viria a ser o desenho urbano da cidade romana. Já nos tempos do Império, o jurista Aulo Gélio proclamava que as declarações do Senado apenas seriam validadas se estas fossem passadas dentro dos limites do *templum*, assim como a sua legitimidade só seria plena se ocorresse entre o nascer e o pôr do Sol<sup>126</sup>. Esta associação implica, assim, que “the sunlit day is the equivalent in time to the space of the templum”<sup>127</sup>.



Figura 32: Templum do Céu. Do *Corpus Agrimensorum*, o mais antigo manuscrito de agrimensura, do séc. VI. Wolfenbüttel, Herzog-August Bibl., Guelferb 2403. Aug. f.36. 23, p. 41 recto.

#### D. O CENTRO

A origem, a génese.

No presente subcapítulo iremos analisar e confirmar como é o conceito

126 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 25

127 *Ibidem*

de Centro ultrapassa o seu sentido mais estritamente geométrico.

Para além da natureza cosmogónica do arquétipo do círculo, também bem documentada, está a relevância dada ao centro. MIRCEA ELIADE, formula bastante sucintamente os três modos como pode ser interpretada a simbologia do centro:

*"a) A Montanha Sagrada - onde se encontra o Céu e a Terra - está no centro do mundo;*

*b) qualquer templo ou palácio - e, por extensão, qualquer cidade sagrada ou residência real - é uma "montanha sagrada", tornando-se assim num Centro;*

*c) sendo um axis mundi, a cidade ou templo sagrado são considerados como ponto de encontro entre o Céu, a Terra e o Inferno"*<sup>128</sup>.

Não só nos casos de estudo relativos à China este arquétipo está bastante presente - como veremos em capítulos mais à frente - mas também, nos ritos de fundação e de celebração da Cidade Romana – com a relevância dada ao *templum* e ao *mundus* como partes de um ritual sem o qual a cidade não estaria completa. Trata-se de elementos que fomentam a importância deste subconsciente conceito.

Cada ser humano tem na sua vida um conjunto de experiências pessoais e intransmissíveis que o transformam no indivíduo que é. Idêntico ou quase, o mesmo acontecimento é assimilado de modos diferentes por diferentes pessoas. Esta multiplicidade de realidades fará com que exista, em cada um dos universos, um "centro diferente": o próprio indivíduo.

*"It is from this original and originating experience-feeling oneself "thrown" into the middle of an apparently limitless, unknown, and threatening extension- that the different methods of orientatio are developed"*<sup>129</sup>.

A geometrização deste enquadramento do Homem na sua envolvente, revela-se-nos na forma de um ponto equidistante (ou no cruzamento vetorial no caso de uma forma poligonal) à linha que limita o terreno – o centro.

<sup>128</sup> Eliade, *O Mito do Eterno Retorno*, p. 21

<sup>129</sup> Mircea Eliade, *A History of Religious Ideas: From the Stone Age to the Eleusinian Mysteries* (Chicago: The University of Chicago Press, 1978), p. 3

Este impulso da *psique* humana cristalizou-se em edificadros por vezes de formas concretas, outras não tão intuitivas, desde o cromeleque do Xarez com o seu menir central que se ergue a uns respeitosos 3,6 metros acima do solo<sup>130</sup>, ao cruzeiro das catedrais góticas onde “(...) *the structure of the sequence in time and that of the organization in space*.”<sup>131</sup>, às mil tentativas de reprodução das arquiteturas dos grandes reis hebraicos.

A título exemplificativo, uma sequência de experiências espaciais pode conduzir a “*climax at a distinguished place*”<sup>132</sup>, algo que se poderá alcançar tanto num recinto megalítico, como num dos mais imponentes edifícios religiosos. Com isto postulado, é inevitável a não consideração da periferia sem a qual o centro ficaria completamente desprovido de significado, pois sem esta referência o centro cessa a sua existência. A deificação das muralhas da cidade – ou de outra periferia definida – é comum e verificável em bastantes recintos pré-históricos, como será em momento posterior analisado.



Figura 33: O *Omphalos* - umbigo - de Delfos, na Grécia.

No presente documento iremos analisar de que modo o centro se materializa no espaço e no tempo e de que modo, desde o *mundus* e o *templum* romano à “simples” marcação da terra/território por um menir.

Existem, no entanto, uma série de outros exemplos que é necessário apresentar de modo a reforçar a importância do arquétipo do centro e, por

130 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p. 122

131 Rudolf Arnheim, *The Power of the Center: A Study of Composition in the Visual Arts* (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, Ltd., 1982) p. 210

132 Arnheim, *The Power of the Center: A Study of Composition in the Visual Arts*. p. 210

consequente, a universalidade do mesmo.

Adão, criado do barro, nasceu no *centro do cosmos*<sup>133</sup>, e, de acordo com a escatologia judaica, seria precisamente no local de Jerusalém que este adveio<sup>134</sup>. Este *paraíso* – necessariamente perdido, segundo PROUST, será o espectro que “assombrará” todas as consequentes construções<sup>135</sup>. O Homem tentará por todos os meios tentar simular ou voltar a este estado *primevo*, onde o tempo – na nossa conceção “não existiria”<sup>136</sup>.

Os centros aqui referidos, não teriam um valor apenas em *si* – na medida em que representavam o centro do cosmos, a montanha, mas seriam também agentes responsáveis por definir significativamente o modo como as restantes comunidades se organizariam em volta delas.

Propõe-se então uma pequena abordagem à organização regional grega. Delfos querera significar um órgão feminino generativo<sup>137</sup>. Aqui, mais precisamente no assento da Pítias (sacerdotizas de Apolo), estaria representado o *omphalos* – o umbigo do mundo.

O geógrafo grego ESTRABÃO, afirma que o mítico rei Cecrops teria dividido em doze as populações que habitariam a Península Grega, e, por consequente, em doze regiões. Platão afirma algo que vai ao encontro da lenda da decisão do monarca: “*the founder (...) must divide his city into twelve parts*”<sup>138</sup>.

JOHN MICHEL e CHRISTINE RHONE<sup>139</sup> propõem, especulativamente, a existência de um centro em Atenas (no seguimento do pensamento Aristotélico), e, o próprio RICHER, afirma ainda a centralidade em Delos e Sardis. Não obstante,

133 Eliade, O Mito do Eterno Retorno, p. 22

134 Existe um conjunto enorme do simbolismo do centro como princípio do tempo, ou de união entre os céus e as terras nas várias religiões/mitologias que preencheram as mentalidades das comunidades que percorreram o solo terrestre. Serão abordados aqui alguns, como o supra analisado mito judaico-cristão posteriormente a materialização da casa do calendário chinês, o *templum* e o *mundus* romano, *etc.* No entanto, é relevante abordar sucintamente que este arquétipo esteve presente também no Sri Lanka, o palácio/fortaleza de Sigiriya, é edificado de acordo com a celestial cidade de Alakamanda (Eliade, 2020). As próprias zigurates babilónicas, tornadas infames pelos textos pelo cognome de Torre de Babel, a mesma que sofreu a fúria de Deus por esta o tentar alcançar, foi aquela a que os povos Babilónicos tentaram edificar de modo a simbolizar a montanha cósmica. (Fenollós & Sánchez, 2020)

135 Rykwert, *On Adam's House in Paradise: The idea of the Primitive Hut in Architectural History*, p.13

136 Mircea Eliade, *Mitos, Sonhos e Mistérios* (Lisboa: Edições 70, 2019), p. 65

137 Jean Richer, *Sacred Geography of the Ancient Greeks: Astrological Symbolism in Art, Architecture, and Landscape* (Nova Iorque: State of University of New York Press, 1994), p. 12

138 Platão *apud* idem, p. 23

139 *apud* Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Espírito da Terra* (Casais de Mem Martins: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2009). p. 65



o que nos interessa reter aqui é exatamente a divisão *dodecapolar* (em doze) que todas este concêntrico sistema propõe.

A perfeição implícita nesta divisão (e a sua associação com os doze signos zodiacos) traduz-se num diagrama cosmogólico/gónico. No espaço materializava-se o decorrer do tempo (com os doze meses do ano já entendidos pelos gregos). Este arquétipo numerológico encontra-se por todo o globo de inúmeras formas diferentes; os *doze* cavaleiros da távola redonda britânica, as *doze* tribos celtas, os *doze* apóstolos de Jesus, as *doze* estrelas da bandeira europeia, etc... No Oriente próximo, e como será analisado em posterior capítulo, esta numerologia surge relevante aquando da idealização da Nova Jerusalém.

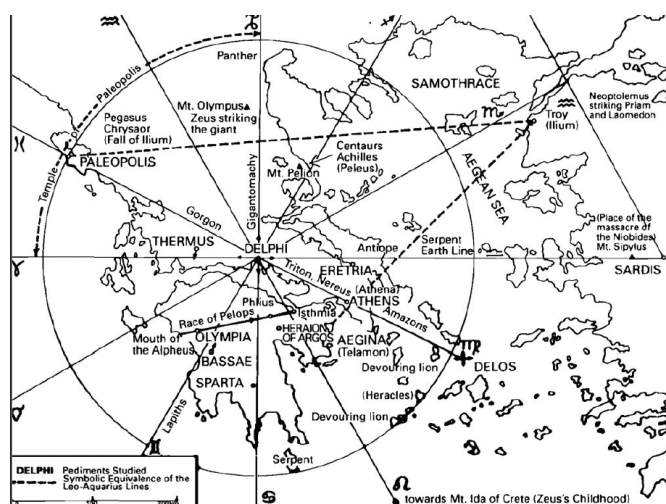


Figura 34: A roda zodiacal centrada em Delfos (segundo Richer)

#### i. Recintos e Limites

Dado o carácter sagrado atribuído à fertilidade e conceção do Homem (a sacra-conceção, feita à imagem dos Deuses), e dado que também os indivíduos são a cidade em si, o agregado urbano (e humano), representaria, então, um *simulacro* do paraíso<sup>140</sup>. Como se poderá constatar pelos parágrafos seguintes, estamos perante mais um dos arquétipos que constituem a *psique* humana.

Neste sentido, as muralhas ou os limites definidos da cidade ganham um significado sagrado<sup>141</sup>. Torna-se, porém, difícil discernir o que seriam concretamente os limites da "cidade" no Neolítico Europeu, dada a falta de

140 Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*, p. 31

141 Tão sagrado que, existem certas fontes que apontam o facto de Remo ter violado hereticamente as muralhas de Roma, ter sido o motivo que levou o seu irmão, Rómulo, a cometer o fratricídio. Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 153

informação concreta e escrita sobre estes povos – podemos falar de povoações ou povoados, de núcleos geracionais das comunidades, de assentamentos semi-permanentes e de “cidades” propriamente ditas se deslocarmos o eixo de exemplos para o Médio Oriente (Anatólia e Crescente Fértil).

Nos casos de estudo a nível nacional, além de haver nos conjuntos de menires/cromeleques uma clara preocupação com a delimitação de uma determinada área, existe outro fenómeno que materializa esta ansiedade pré-histórica.

Na Grã-Bretanha, por sua vez, tem vindo a ser descoberto ao longo de vários anos por arqueólogos, um fenómeno que originalmente se apelidou de “*causewayed camp*”. O paradigma de análise destes, no entanto, foi alterado recentemente. Com o abandono da tese que estes seriam locais destinados a habitação (*camps*) – por motivos que referiremos de imediato – estes começaram a ser chamados de “simplesmente” recintos<sup>142</sup>.

Figura 35: Recinto de fosso dos Perdígões



Regressando a Portugal, os recintos de fosso são igualmente um caso de importante estudo neste domínio. Trata-se de um fenómeno particularmente recente no conhecimento da paisagem pré-histórica portuguesa. A densa mancha

<sup>142</sup> Chris Welch, Joe Flatman, e Pete Herring, «Later Prehistoric shrines and Ritual Structures: introductions to Heritage Assets», English Heritage, n. May (2018), p. 9

arbórea que se desenvolveu um pouco por todo o interior do país dificultou a “descoberta” destes. Porém, no território português já se contabilizam cerca de 50 recintos com esta tipologia de “construção”, com uma maior concentração no Alentejo<sup>143</sup>.

Os fossos podem assumir diversas morfologias. Por vezes apresentam apenas uma linha penetrante na terra, outras vezes múltiplas. Apesar de esporadicamente assumirem formas mais lineares, predominantemente seriam desenhados com uma planta concêntrica<sup>144</sup>.

Estes recintos de fossos (*ditched enclosures*), são, sucintamente, escavações de pequena profundidade que demarcam os limites de uma determinada área. Em Portugal foram datados de 3500 a.C. a 2000 a.C.<sup>145</sup>. As especulações em torno destas atingem uma multitude de possibilidades para o motivo e objetivo destas manifestações pré-históricas. “Simples” áreas de comunhão? Teriam um uso estritamente cerimonial? Condutores hidráulicos<sup>146</sup>? Eis algumas entre tantas outras propostas das quais não é possível obter respostas.

Existem, no entanto, fatores que talvez nos permitam retirar algumas conclusões aquando a tentativa de uma interpretação do lugar. De acordo com a ideologia cósmico-religiosa presente nos cromeleques já analisados, estes recintos apresentam um número de alinhamentos com o maior e o menor dia do ano, respetivamente o Solstício de Verão e de Inverno<sup>147</sup>. A também sistemática abertura das formas orientadas a Este (em meia-bacia) reforça a intenção de alinhamento e refuta tentativas de militarizar o fenómeno escavado.

Aquando da análise da forma sinuosa de alguns destes recintos, CARLOS VALERA (2010) propõe que poderá existir de uma conexão entre estes e a simbologia adjacente aos motivos serpentiformes tão proliferados que existem não só na arte pré-histórica como até aos dias de hoje.

Podemos, não obstante, assumir que existiria todo um conjunto de

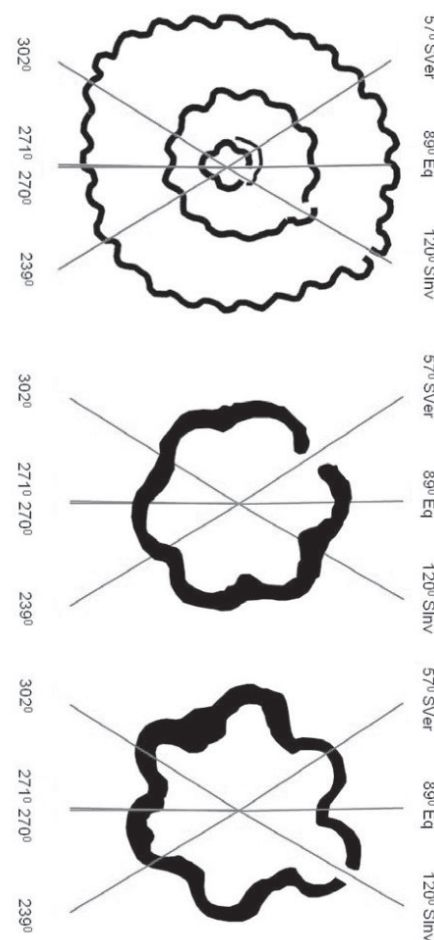


Figura 36: Recinto de Fossos e respectivas orientações segundo Valera. De cima para baixo: Xacra, Santa Vitória, Outeiro Alto 2 (segundo Valera)

143 Valera, «Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal : ensaio de análise crítica.», p. 26

144 *Idem*, p. 29

145 *Idem* p. 26

146 No fosso 3 dos Perdígões foi registada erosão hídrica (Valera, 2010).

147 Alinhados ao solstício de Inverno, encontram-se os três recintos concêntricos de Xancra e o recinto do Outeiro Alto 2, ao solstício de Verão, o recinto 7 dos Perdígões e o recinto interior de Santa Vitória, Valera, «Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal : ensaio de análise crítica.», p. 30

experiências e sensações que pudessem ser apenas disfrutados quando o indivíduo se encontrava no espaço delimitado pelos fossos ou no caso do cromeleques pelos megálitos, algo de verificável não só pelos ainda hoje observáveis alinhamentos astronómicos presentes nestes monumentos megalíticos, mas também pela própria fenomenologia espacial dos sítios que hoje experimentamos...

A importância dada ao objeto responsável pela divisão do que é sacro, e do que lhe é exterior, é também verificável pela construção das muralhas da grande cidade de Ur, atribuída ao Rei-Herói Gilgamesh, personagem principal da anciã epopeia<sup>148</sup>: uma das primeiras narrativas cosmogónicas conhecidas e escritas pelo Ser Humano. Seria nestas muralhas que estariam inscritos os desenhos da sua jornada que deram origem aos textos já citados no presente documento.

Figura 37: Franz Matsch, *Aquiles Triunfante*: Aquiles arrasta o corpo de Hector em frente dos portões de Troia, 1892, fresco, Palácio de Achilleion, Grécia. "For some brave hero fallen – so the two of them whirled three times around the city of Priam, sprinting at top speed while all the gods gazed down.", *Ilíada* (22. 197-199) Neste feito, Aquiles perpetua na literatura a relevância do limite da cidade.



O mesmo para os limites da cidade etrusca e romana.

*"Jupiter, knowing the avarice of men, ordered, when taking over the land of Etruria, that camps and fields should be set out with visible boundary stones and publicly acknowledged"*<sup>149</sup>. Assim foi profetizado num figado por um *haruspex*.

Esta associação e proteção dos limites pela maior entidade do Panteão Romano, as respetivas e contínuas oferendas e sacrifícios, assim como os severos castigos aplicados a quem desrespeitasse os limites revelam a importância dada à linha que dividia o "o céu, a terra e o homem"<sup>150</sup>. (Rykwert, 2013) A esta

148 Tamen, *Gilgamesh*, p.5

149 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 132

150 *Ibidem*

circunscrição da cidade era apelidado de *pomerium*.

A celebração do limite de fronteira de uma cidade não era exclusiva aquando a sua fundação. Os rituais anuais romanos da Lupercália Romana são quanto a isto eloquentes.



Figura 38: Modelo de barro de fígado utilizado para profetizar "showing markings in their 'houses'" (Rykwert, 2013, p. 68) (British Museum, fotografia pelo autor)

A Lupercália era uma festividade romana celebrada no atual dia 14 de fevereiro – o último mês do ano romano (Rykwert, 2013). *Lupercal* seria a gruta onde um sátiro – equivalente romano ao deus grego Pan – disfarçado de Loba, teria amamentado os irmãos fundadores da cidade.

Neste dia seriam sacrificados alguns animais como cabras ou cães, e, como todo evento romano que se preze, realizadas corridas<sup>151</sup> e banquetes<sup>152</sup>. Imediatamente após o sacrifício que principia o rito, dois jovens teriam de untar a sua testa com sangue. RYKWERT (2013) revê neste gesto o arquétipo da passagem e da iniciação. Estes ritos incluíam adereços e motivos alusivos ao lobo<sup>153</sup>. Este momentâneo regresso ao estado "pré-civil"<sup>154</sup> imediatamente antes do início do ano seguinte, faz ecoar as palavras de ELIADE e a repetição do ato cosmogónico.

*"Com a repetição do ato cosmogónico, o tempo concreto em que se passa*

151 Os vencedores destas corridas seriam ofertados com algumas dos órgãos dos animais sacrificados.

152 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 116

153 A natureza exacta de quem e como, é motivo de discordância entre alguns académicos, Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 116

154 O cônsul romano Cicero, apelidou o festival de "The association of Lupercal brothers is openly pastoral and uncivilised. Their woodland company was established before civilisation and laws". (Vuković, 2018)



a criação é projetado no tempo mítico, in illo tempore, em que decorreu a criação do mundo”.<sup>155</sup>.

Figura 40: Adam Elsheimer, *The Lupercalian Festival in Roma: Cupid and Personifications of Fertility encounter the Luperci dressed as dogs and goats*, 1578-1610, tinta castanha sobre papel 12,1 x 15 cm



Durante a Lupercália, estaria também presente o conflito e o fraticídio. Dois grupos de *Luperci*<sup>156</sup> percorreriam o velho limite da cidade. Contudo, o seu objetivo não seria a sagração do território - pelo menos de um modo mais óbvio - mas sim purificar “the people who stood round the foothills of the city hill like flocks”<sup>157</sup>.

Figura 39: Performance por Jennifer Taylor de uma reconstituição da Lupercália, Dezembro de 2017. (Fotografia por Natalie Arrowsmith)



155 Eliade, *O Mito do Eterno Retorno*, p. 28

156 Originalmente Rômulo e Rémo.

157 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 116

## ii. Alinhamentos e Orientação

É relevante notar que o conceito de alinhamento vai bastante para além do *lugar* em análise na medida em que, segundo SUMMERS (2003), está também ligado a caminhos e peregrinações. O momento de chegada ao monumento, de onde o indivíduo se aproximaria para onde ele estaria virado aquando dos pressupostos ritos que tomariam lugar no seio dos conjuntos megalíticos, são relevantes aquando o estudo antropológico do espaço pré-histórico. No entanto, estes são factos algo difíceis de discernir com rigor absoluto. Não nos impede, contudo, de retirar conclusões pertinentes.

Verifica-se também uma concordância nos monumentos fúnebres erguidos na planície alentejana. O esteio de cabeceira das antas<sup>158</sup> – que se acredita terem sido a primeira parte edificada – tem em conta o nascer do Sol no Solstício de Inverno<sup>159</sup>. Não constituindo coincidências, estas disposições sugerem as implicações e o peso que os astros teriam no decorrer da vida das comunidades neolíticas que ocupavam a nossa península.



Figura 41: Pôr do Sol no recinto megalítico dos Almendres no solstício de Inverno (foto pelo Centro Interpretativo dos Almendres)

O Cromeleque dos Almendres, um dos maiores recintos megalíticos e o mais importante da Ibéria, foi alvo de uma profunda análise por PEDRO ALVIM. Este identifica na zona a uma cota mais baixa do recinto um local que se acredita que seria destinado à observação dos astros, do qual, olhando para os menires da parte mais alta, seria possível assinalar os movimentos dos astros de maior relevância no céu terrestre: o Sol e a Lua<sup>160</sup>.

158 “Corredor” de acesso à camara principal do monumento fúnebre.

159 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p.99

160 *Idem*, p.121



Figura 42: Réplica de Báculo de Xisto por Ébora Mega-lítica



Figura 43: Augur romano empunhando o seu Báculo



Figura 44: Pastor alentejano com cajado curvo (Foto por José M. Rodrigues)

Na Península Itálica, os irmãos Remo e Rômulo, aquando da decisão da fundação da cidade de Roma, optaram por principiar os ritos de fundação da cidade no local que, para eles, teria mais relevância: a gruta onde foram amamentados por uma loba – o Santuário de Lupercal. Após a devida observação de aves por cada um dos irmãos, e agora também com os devidos *augurs* (adivinhadores/feiticeiros), procediam as devidas celebrações da fundação da cidade<sup>161</sup>, que seriam responsáveis pela definição de vários aspetos da cidade que viria a ser a capital de um dos maiores pilares da cultura ocidental.

*“The augur, with his head veiled, took a seat on his (Numa’s) left, holding in his hand a crooked and knotless staff called lituus.... He prayed to the gods (deosprecatus) and fixed the regions from east to west, saying that the southern parts were to the right, and the northern to the left.”*<sup>162</sup>.

Estes indivíduos que se acreditava terem um contacto privilegiado com o cosmos e um verdadeiro contacto com as entidades responsáveis por tecerem o destino do homem, geometrizaravam no chão com o seu *lituus* um círculo de nome *templum*<sup>163</sup>.

Embora a ordem pelo qual as linhas seriam desenhadas seja um tema ainda em discussão, os académicos concordam com a terminologia aplicada às linhas responsáveis pela divisão da circunferência cósmica – *cardo* e *decomanus*. Estas duas seriam orientadoras do que viriam a ser as principais vias da cidade etrusco-latina, convergência na qual, regra geral, se edificava o ilustre fórum romano.

*“The purpose of drawing the diagram was to set the general order of the sky in a particular place, with the augur at the heart of it. This was accomplished when the great temple of the sky was first condensed into the ideal form of the augur’s diagram, and then projected on the tract of land before him by the ritual formula.”*<sup>164</sup>.

161 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 26

162 *Idem*, p. 56

163 *Ibidem*

164 *Ibidem*



## E. ANTROPOLOGIA DO HABITAT

Nos dias que correm facilmente se faz a associação de como o habitat do indivíduo reflete a sua personalidade.

A decoração individual de cada divisão e a própria divisão da habitação são agentes que se encontram inevitavelmente definidos por uma hegemonia cultural no local onde a casa é construída.

Porém, nos tempos pré-históricos e proto-históricos, além das casas normalmente apresentarem apenas uma divisão, o habitat poderia servir outros propósitos.

Por exemplo, RAPOPORT define espaço como *"a system of activities that take place in systems of settings"*<sup>165</sup>. Com este postulado e confrontando-o com a análise de textos e de escavações arqueológicas, KEITH consegue definir e reconstruir o que seriam alguns dos bairros habitacionais em comunidades na Mesopotâmia Superior.

Verificou-se aí, com frequência, a presença de alguns objetos valiosos em algumas áreas e nestas mesmas áreas estariam, por vezes, depositados mais do que um corpo – indicativo que estaríamos na presença de uma sepultura<sup>166</sup>, conferindo quase de imediato um valor à habitação mais amplo que simplesmente a de uma estrutura material defensora das condições atmosféricas.

Não só nas cidades mesopotâmicas se encontra uma glorificação do lar. RYKWERT (2013), aquando da sua cuidada análise dos ritos responsáveis pela fundação das cidades etrusco-latinas, indica-nos que, na abertura do *mundus*, seria nele depositado fruta, alguns objetos valiosos, assim como um pedaço de terra da casa (antiga) de cada um dos novos habitantes<sup>167</sup>. Este seria o modo de cada um dos indivíduos responsáveis por erguer este novo complexo urbano, trazer consigo um item que simbolizasse a terra sagrada onde os seus antepassados foram enterrados, onde as suas raízes foram criadas.

<sup>165</sup> *apud* Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*. p. 77

<sup>166</sup> *Ibidem*

<sup>167</sup> Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.151

*"This too is the soil of my fathers, terra partum, patria; this is my fatherland, the manes of my fathers rest here"*<sup>168</sup>.

Ao estudar este fenómeno a nível local/regional e macro-regional, é necessária uma análise orientada para um período menos precoce em relação ao resto dos monumentos megalíticos até aqui previamente estudados – o calcolítico<sup>169</sup> e seus respetivos castros. O limite ocidental da Península Ibérica, nomeadamente a península de Lisboa, parece ter sido um dos locais de eleição destas comunidades pré-histórias, como é verificável pela figura 45: um dos melhores conservados exemplares desta "tipologia de cidade" ou "de aglomerado urbano", para sermos mais exatos, encontra-se perto da cidade de Torres Vedras: o castro calcolítico do Zambujal<sup>170</sup>. Estima-se que a sua construção tenha sido principiada cerca de 2700 a.C. e que tenha tido uma ocupação de sensivelmente 700 anos<sup>171</sup>.

Há que abrir um parêntesis para discriminar aquela que de há cerca de vinte anos para cá tem sido pensada como uma possível teoria explicativa para a configuração dos grandes dolmens pétreos e da sua coroa em terra ou em pedra (ou mista): a mamoa, "*tumulus*" ou *cairn*. Onde predomina a configuração em retângulo estendido, como na Bretanha ou em Inglaterra (os chamados *Long Barrows*, por exemplo), parece existir uma sucessão de construções prévias que se religam a rituais funerários anteriores, por vezes de centenas de anos, à construção do dólmen e da couraça. A forma retangular estendida parece ser uma réplica do que seria a planta da casa neolítica, da qual temos exemplo na Europa Central que se *neolitizou* mais cedo que o ocidente atlântico e mesmo na Europa Atlântica. O mesmo se pode dizer dos dolmens com mamoa circular ou subcircular: poderão ter-se formas comuns de habitação e, com efeito, algumas escavações em dolmens portugueses e galegos deram tais indicações

168 Plutarco *apud Ibidem*

169 Nome dado à época que principia a Era dos Metais – a Era do Bronze. Esta é principiada pela contínua utilização de elementos como o estanho. A extração de minérios seria, sem dúvida uma atividade que viria a impulsionar a economia e o comércio; no entanto, todos estes novos meios de produção seriam, mais uma vez, "ofertados" pela Deusa/Terra-Mãe. Com isto, é relativamente fácil especular que aos indivíduos responsáveis e capazes pelo manuseamento deste novo fenómeno – o controlo do fogo sagrado e a posterior fundição do metal – lhe fosse concedido uma espécie de condição xamânica ou sacerdotal. (Pereira, 2009b)

170 Presentes neste agrupamento urbano, estariam presentes motivos, objetos de mobiliário e "totems" que indicam que, em vez de uma "colonização", este novo tipo de assentamento seria fruto de um desenvolvimento da comunidade já existente, podendo então afirmar-se, que, apesar de algumas eventuais alterações, o enquadramento de crenças mágico-religiosas (fortemente associadas à Deusa-Mãe) se manteve (Pereira, 2009a).

171 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p.206

com níveis de ocupação eventualmente domésticos no lugar onde o dólmen irá

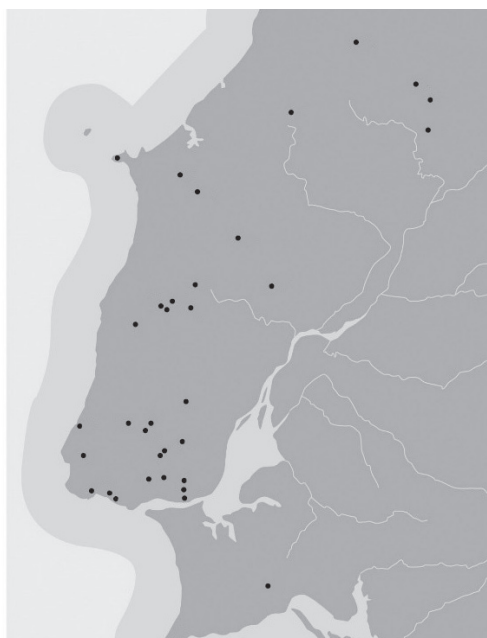


Figura 45: Povoados fortificados e Assentamentos humanos do Calcolítico na Estremadura.

ser erguido. Não nos restam dúvidas que os cerimoniais que se desenrolavam frente aos dolmens, ou em seu redor, eram rituais de fogo e mesmo em alguns casos quando o dolmens deixavam de ser usados, era condenado através de uma fogueira imensa que chegou a vitrificar as própria pedras da mamoa, como acontece na Picoto do Vasco na Beira, por exemplo.

Nas casas dos castros calcolíticos, e acompanhando uma tradição antiquíssima, tendo o fogo como ponto central do habitat devemos ter em conta o facto de existir uma lareira, a mais das vezes central. E sem prejuízo da planta geral da habitação e dos seus materiais, que sempre é exatamente no centro que se situa a lareira ou o fogo que servia para aquecimento, confeção de alimentos e dispensação de luz. Esta tradição, no caso galaico e português prolongou-se como bem o sabemos nas casas circulares ou ovais dos mais antigos castros da Idade do Ferro.

Não é de desprezar o facto, mais uma vez com uma ligação arquetípica ao fogo, da casa romana, a *domus*, possuir uma dependência quase sempre importante dentro da hierarquia das repartições internas da habitação, onde se veneravam os falecidos, os deuses protetores dos lares e outras divindades da predileção do senhor: era o *lararium* onde ardia sobre uma ara ou altar com oferendas, um fogo “terno”, quase sempre numa lucerna.

*Lararium* dará origem à palavra portuguesa “lareira”, não cabendo fazer outra consideração acerca do intenso significado anterior às eras da industrialização e nas sociedades rurais camponesas quanto ao papel da lareira na sociabilidade da família e da casa. Relembremos ainda que no meio urbano, no contexto católico, ainda a lamparina do santo predileto, em período de maior aflição ou de celebração deve estar acesa, se possível permanentemente, a maior parte das vezes no pequeno oratório que, muitos dos nossos bisavós possuíam, sobre uma mesinha ou pendurados na parede: um miniatural altar com imagens de santos. Hoje, a televisão substituiu o oratório e a própria lareira ganhou apenas um estatuto social de classe no meio urbano, mais do que uma real inter-relação com práticas de convívio pleno. A televisão, é, de facto, a nova lareira: e mesmo esta neo-lareira arrisca-se a ser substituída pelo computador, se é que não o foi já!

Voltando ao nosso assunto. O impulso que levou as anteriores comunidades neolíticas a assentarem nestes terrenos (pois a maioria dos castros mostra sinais de utilização *a priori* do castro propriamente dito), e a eventual elevação destas estruturas “encasteladas” revela já no entanto uma mudança de paradigma no modo como o indivíduo se situa na comunidade: a gradual individualização. Existe um desmembramento da comunidade ao ponto de cada núcleo familiar possuir a sua própria habitação<sup>172</sup>. A comunidade, lentamente, passou de uma situação de partilha comum intrafamiliar para um sistema de individualização da célula familiar (de um grande conjunto entendido no plural, passou ao grande exame de singularidades autonomizadas na vivência quotidiana), algo que, embora com evidentes distâncias, ainda se verifica nos dias de hoje.

Não se trata de uma quebra dos ritos de comunidade e das celebrações conjuntas. No entanto, muitas destas habitações teriam, em cada uma delas, o seu próprio santuário. Um local de culto privado. pleno de ídolos. Este espaço seria, por conseguinte, como que uma presença do sagrado no espaço habitacional, isto é, o espaço habitacional passa a integrar também os aspeto devocionais, que dizem respeito a uma família ou clã, sem prejudicar, porém, práticas de veneração ou de organização comunitária coletivizadas, como fossem por exemplo as celebrações rituais da estações da Primavera ou Verão, da fase

---

172 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p.208

da Lua , dos ciclos solares e dos movimentos astrais, o culto dos antepassados, a deposição dos - mortos (com esta ligado) – em dolmens , muitas vezes reaproveitados e em *tholoi*<sup>173</sup> ou a possibilidade de frequência de lugares de troca e comércio especializado e espacializado, devidamente determinado em recintos sagrados e zonas devidamente marcadas na paisagem para tais fins.

#### i. Lareira e Lar

A comunhão em torno do fogo propício pelo calor por este emitido, juntamente com as suas propriedades culinárias, ecoa os ritos familiares de refeição observáveis na maioria das agregações familiares contemporâneas. A domesticação desta, marca uma clara distinção na linha evolutiva da raça humana. Os mais antigos registos apontam para 600 000 a.C, mas crê-se que este fenómeno seja bastante mais antigo<sup>174</sup>.

Presente na grande maioria das unidades individuais de habitação estaria presente uma das maiores conquistas da raça humana. Roubado diretamente de Héstia<sup>175</sup>, Prometeu<sup>176</sup> foi capaz de ofertar ao homem algo que veio a alterar significativamente o rumo da evolução humana – o controlo do fogo. Capaz de aquecer, iluminar e cozinhar, este elemento tem sido o foco sob o qual a habitação neolítica seria organizada. Com a análise das habitações de Çatalhöyük<sup>177</sup> foi possível identificar os locais proeminentes onde estariam localizados estes fogos domésticos – perto da entrada, e do fogão<sup>178</sup>.

Vesta, era a deusa responsável pela segurança do Lar, e fortemente associada à família, como sabemos já. No seu templo circular, arderia permanentemente uma chama que seria a representação mais direta da entidade divina<sup>179</sup>.

173 Segundo Calado, uma de uma sepultura de falsa cúpula.

174 Eliade, *A History of Religious Ideas: From the tone Age to the Eleusinian Mysteries*, p.4

175 Deusa grega do lar, vida doméstica e família, Jordan, *Dictionary of Gods and Goddesses*, p. 124

176 Ação responsável pelo seu eterno castigo – preso a uma rocha no qual todos os dias um abutre viria debicar o seu fígado, que voltaria a surgir durante a noite, apenas para ser novamente devorado Jordan, *Dictionary of Gods and Goddesses*,

177 ICOMOS, «Neolithic Site of Çatalhöyük (TURKEY) - Management plan 2013 Preliminary Draft» (Turquia, 2012).

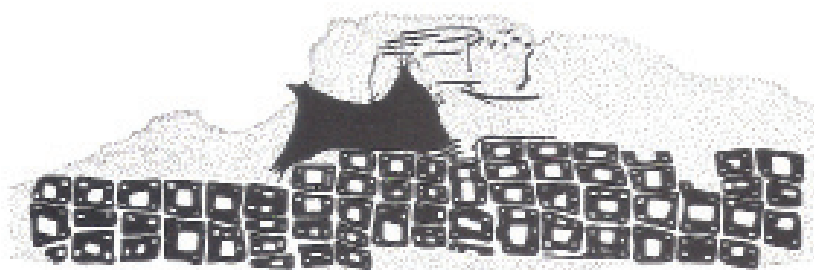
178 Que estaria maioritariamente construído “para fora” da habitação, apenas com a sua face aberta ia de encontro ao espaço habitável

179 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.125

*"ultimately, it is this fire which descends from the one which the city's founder kindled at the foundation"<sup>180</sup>*

Cada habitação teria a sua lareira em representação deste sempiterno fogo. Aquando do saque de Roma pelos Gauleses, as vestais, na sua fuga, levaram consigo o fogo<sup>181</sup>.

Figura 46: Reconstrução de uma pintura numa parede em Çatalhöyük. Poderá tratar-se da mais antiga representação de um plano urbano, cerca 6500 a.C.



Os templos do fogo persas era locais de culto central da religião proclamada por Zoroastro/Zaratrusta, onde estaria também a sempiterna chama. A relevância deste culto eleva-se quando se apreende que este foi considerado como a primeira religião monoteísta com uma génese dualista<sup>182</sup>. Existe também alguma especulação quanto à sua influencia na definição da religião judaica, marcada eventualmente pelo Zoroastrianismo, dada a datação do nascimento deste profeta dinivizado (cerca de 6000 a.C.)<sup>183</sup>.

Outro tema que consideramos relevante na definição da importância do fogo como um fenómeno vital e central de um ponto de vista antropológico, é a conceção cosmológica da escola pitagórica. Este sistema – pré-socrático – postulado por PHILOLAU (470 a.C.-385 a.C.), bem antes de qualquer heliocentrismo de COPÉRNICO (1473-1543), colocava uma “bola de fogo” no centro do universo. Neste sistema, no entanto, a Terra não circulava em torno do Sol. Estava, não obstante, um significado acima de qualquer outro dado ao fenómeno da combustão. De qualquer das maneiras, era por si um sistema que de certa forma antecipava as mais tardias descobertas científicas, e que estaria certamente mais perto da verdade do que foi legitimado pelo ocidente nos

180 *Idem*, p.123

181 *Idem*, p. 126

182 Maneckji Nusservanji Dhalla, «History of Zoroastrianism.», Numen 41, n. 2 (1938), p.27

183 *Idem*, p.11

séculos que se seguiram<sup>184</sup>.

## F. REFLEXO DO COSMOS

Já foi no presente documento analisado como seriam interpretados alguns fenómenos naturais, e da sua respetiva materialização no espaço. Vejamos então, acentuadas as premissas e convicções acima apresentadas, ou seja, o modo como, na sua construção, a espécie humana, (in)conscientemente, trataria a totalidade do cosmos e de toda a existência, para um espaço relativamente pequeno em tamanho, mas não em significado.

Seja materializando no espaço uma forma que invoca a ideologia da cúpula cósmica, seja com alinhamentos<sup>185</sup>, disposições geométricas de pedra, edifícios e respetivos vãos e entornos em “avenida” que indicam a relevância de alguns dos astros que percorrem esta mesma cúpula - desde os primórdios (ainda sem saber qual o *exato* significado dado ao quê) conseguimos observar no homem pré-histórico – e nos seus respetivos descendentes até aos dias de hoje – uma particular preocupação com a tentativa de obter um entendimento dos fenómenos distantes.

### i. Céu, Terra e Divisão

O equivalente a um sacerdote romano-etrusco seria o responsável pelo desenho do já referido *templum*, assim como pelo desenho da divisão quadrilátera do mesmo. Este último, originário do centro, seria onde estaria, na Terra, inscritas e devidamente “divididas” as quatro direções cósmicas. Ao assimilar a forma circular<sup>186</sup> (ou quadrangular) aquele troço de terreno deixaria de ser um *espaço*, para ser um *lugar*. Iria instaurar um *cosmos* numa envolvente de *caos*.

Este lugar teria os seus devidos limites. Foi explicado anteriormente como seriam deificados estes limites no acto de fundação da cidade. Estes, não

184 Carl Huffman, «Philolaus», The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer, 2003, acessado a 17 de Novembro de 2020, <https://plato.stanford.edu/entries/philolaus/#BirCos>.

185 Alinhamentos estes, ou dentro do próprio recinto, ou até mesmo alinhamentos de quilómetros, que “unem” espacialmente diferentes monumentos megalíticos.

186 Forma esta que, iria de acordo com a vigente ideia da forma de cúpula cósmica que envolveria o mundo pisado pelos homens.

obstante, não perderam a sua validade com o decorrer do tempo.

O profeta/adivinho (*haruspex*) Arruntus Veltymno, cita a ninfa Vegoia *"Jupiter, knowing the avarice of men, ordered, when taking over the land of Etruria"*<sup>187</sup>, *that camps and fields should be set out with visible boundary stones and publicly acknowledged"*<sup>188</sup>. Este é um comentário de natureza divina e irrefutável. Existiria também, dentro do templo de Júpiter Optimus Maximus, uma pedra-santuário: a *Terminus*, representando o Deus das fronteiras. A adoração desta divindade era feita através do mesmo elemento utilizado para demarcar uma separação no terreno<sup>189</sup> - um marco fronteiroço, que seria uma pedra. A transgressão desta ordem cósmica ficou bem decretada por Numa Pompilius *"that whoever ploughed up a boundary stone would be cursed, he and his oxen"*<sup>190</sup>.

Reconhecido estatutariamente, o limite perpetua um estatuto sacro-religioso representativo da divina comunhão entre o céu, o homem e a terra, e a sua rutura traria desequilíbrio a esta ordem<sup>191</sup>.

*"There will be one whom you shall raise to the bright temples of the sky. Templum is used in three ways: with reference to nature, to divination, and to resemblance, with reference to nature, in the sky; to divination, on the ground; and to resemblance underground."*<sup>192</sup>.

Figura 47: Detalhe de um balde encontrado em Certosa, Bolonha.  
Origem etrusca, século V a VI a.C. (museu Civico Bologna)



187 Sensivelmente a atual Toscana

188 *apud* Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 61

189 Inseridas após a primeira aragem, *in idem* 113

190 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 68

191 *Ibidem*

192 Poeta romano QUINTO ÊNIO (239 a.C.-169 a.C.) *apud* Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.56



Várias formas houve - já analisadas, - de o ser humano demarcar e dar um significado a um espaço, de lhe atribuir um valor que vai para além da materialidade do objeto ou do espaço. Nisso, uma das mais elementares manifestações arquitetónicas pela sua perenidade pétrea foi o *menir*<sup>193</sup>. Estes continuaram a ter relevância na demarcação do território após terem perdido o seu sentido celestial dado pelas comunidades Neolíticas. Aliás, surgem em alguns documentos medievais como marcos de delimitação de um terreno ou de uma propriedade<sup>194</sup>.

Ora, existe um número de características que nos levam a crer que estes elementos arquitetónicos estejam diretamente relacionados com uma representação do cosmos. A sua verticalidade, que aponta para o céu, assim como os motivos solares neles representados, são elementos que fortalecem esta proposta.

É impossível não fazer a relação direta – algo superficial – da forma fálica adquirida por um *menir*. A celebração da sexualidade e da fertilidade não é algo de novo no culto do homem pré-histórico. Numerosas são as *estátuas de Vénus* – que remontam ao Paleolítico Superior – conhecidas sobretudo na Europa e chegando mais latamente à Eurásia<sup>195</sup>.

A anta, por sua vez, apresenta um cariz que remonta mais ao “*mundo subterrâneo e húmido arquetipicamente associado a um sinal feminino*”<sup>196</sup>. As principais formas arquitetónicas megalíticas<sup>197</sup>, cristalizam uma dualidade presente nas convicções que dariam significado ao cosmos do homem pré-histórico. Dualidade esta que está presente em ideologias de comunidades distantes geograficamente e corograficamente, isto é, culturas distintas em partes distintas do globo. Acrescente-se que a aparentemente paradoxal união de opostos é um tema também investigado pelo psicanalista JUNG (1988), como iremos discriminar com mais alguma atenção no capítulo conclusivo do presente documento.



Figura 48: *Femme a La Corne*, encontrada em Dordogne, na França.

193 *Men* (pedra) + *hir* (grande)

194 Calado, «Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional.», p.141

195 Karen Diane Kennett, «Female Figurines of the Upper Paleolithic» (Texas State University-San Marcos, 2008).

196 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p. 146

197 Das que chegam intactas aos dias de hoje, a possibilidade da existência de estruturas e complexos estruturais compostos por madeiras, tecidos, peles, e outros materiais perecíveis é bastante forte

## ii. Alinhamentos e Orientação

Orientar, do latim *orient*, que significa Este - onde nasce o Sol, e onde surgem no horizonte os outros astros que preenchem o céu, a palavra vem exatamente do grego *oriri*, que por sua vez se traduz em “levantar”, ou “erguer”. Com esta e outras análises etimológicas de línguas ocidentais paralelas (*anatolia* em grego significa nascer do sol, e mesmo a zona do *Levante* vem do latim *levare* - “subir”, “ficar mais leve”). DAVID SUMMERS conclui que no ocidente, este “ponto cardeal”, a partir do qual surge o Sol, seria de particular relevância, associado com o Sagrado e com o Paraíso<sup>198</sup>.

Este autor afirma também que a mais moderna “preferência” pelo Norte, surge da influência chinesa, já adepta de bússolas magnéticas. Mas, mesmo no oriente chinês, a preferência seria dada ao *Sul* - como será posteriormente analisado no presente documento.

MARCIANO DA SILVA<sup>199</sup>, apelidou à primeira Lua cheia após o Equinócio, a Lua de Primavera<sup>200</sup>. A variabilidade - no que toca ao dia exato em que este ocorre - explica algumas pequenas flutuações de orientação que possam existir nos monumentos megalíticos. O que, de facto, aqui impressiona é, não só os alinhamentos que alguns cromeleques apresentam dentro deles mesmos, mas também os alinhamentos que eles revelam entre diferentes recintos. Estes alinhamentos a grande distância de monumentos díspares, - alcunhados de *leys* pela arqueologia não ortodoxa, mas cada vez mais inseridos nas atuais perspetivas científicas que estudam a arqueologia da paisagem - serão mais



Figura 49: Fotografia do Cromele do Xarez (esquerda). Levantamento do Menir Central (por Mário Varela). Neste megálito é possível observar motivos solares assim como algumas das “vo-cinhas” ou “fossetes”



198 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 180  
199 apud Calado, «Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional.» p.178

200 MANUEL CALADO (2017), no curto documentário “Gente que nunca mais existiu - O Megalitismo em Montemor-o-Novo”, diz-nos que na actualidade, esta mesma Lua é utilizada para nos datar a Páscoa.

profundamente abordados nos capítulos que se seguem. Neste ínterim, destacamos a disposição entre os recintos de Portela dos Mogos, Vale Maria do meio, e dos menires da Casbarra e Mauriz; como verificável pela figura 50.

Assumindo uma mancha arbórea menos densa do que a atual, pelo menos os três monumentos mais a Este, seriam certamente visíveis entre si.

Não obstante, existem outros motivos que podem, em conjunto, ter sido responsáveis por alguns dos alinhamentos<sup>201</sup>. A análise da distribuição de menires e das mais significantes linhas de festo que circulam na região alentejana, propõe uma rede de significados que conjuga as linhas do céu (astros) e as da terra (festos e horizonte). Estes dois “opostos” – céu e terra -, compõem a totalidade do cosmos das comunidades pré-históricas.

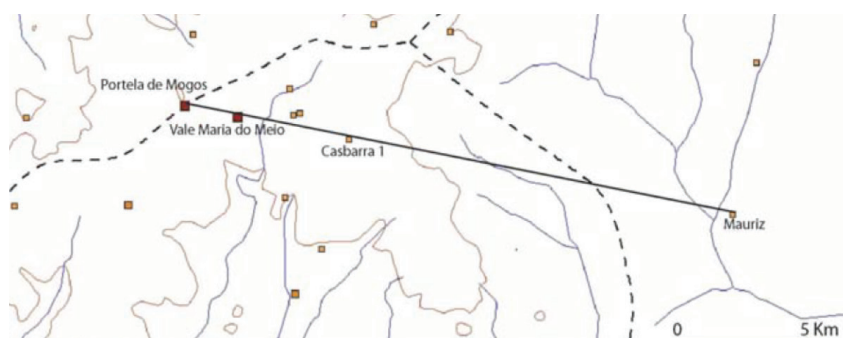


Figura 50: Ley que une o Cromeleque da Portela dos Mogos, Vale Maria do Meio, e o Menir da Casbarra 1, e o Menir de Mauriz (segundo Calado)

CALADO (2004) afirma ainda que, estas orientações astronómicas seriam uma “forma de “domesticação” dos astros – o Sol e a Lua – e do tempo”<sup>202</sup>. No seguimento, as representações de báculos e machados (mais predominantes no megalitismo bretão) representariam uma domesticação do homem sobre a natureza: “o papel das representações humanas procura exprimir esta nova relação com a natureza”<sup>203</sup>.

### iii. Recintos e Limites

O conjunto de ritos responsáveis pela atribuição de um carácter divino à periferia (assim como a outros elementos da cidade) encontra-se, sem surpresa,

201 Alvim *apud* Calado, «Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional.» p.181

202 *Idem*, p. 242

203 Balbin e Bueno *apud ibidem*

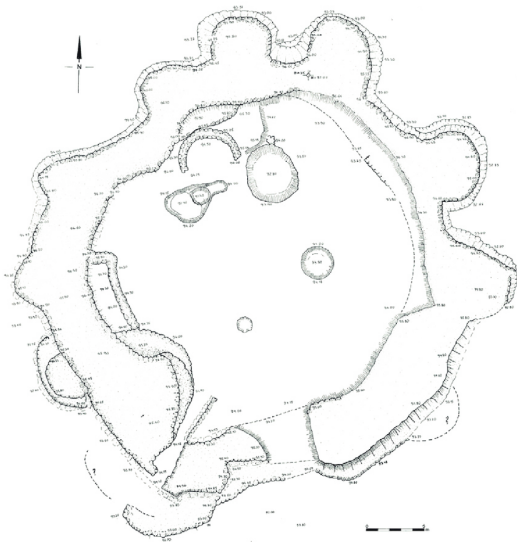


Figura 51: Coroa fortificada central do povoado de Vila Nova de S. Pedro, em Cartaxo



Figura 52: Povoado de Castanheira do Vento, em Vila Nova de Foz Côa (campanha de escavações de 2007)

bem documentada no caso dos etrusco-romanos, nomeadamente da fundação de Roma, como se viu já. O próprio Rómulo, teria, com um arado de bronze arrastado com o auxílio de um touro branco e de uma vaca, percorrido o primeiro limite de Roma. Uma celebração da periferia que determinaria também os portões de Roma. Vemos neste caso, então, uma celebração pública, assim com a maioria dos rituais que principiavam um novo assentamento humano<sup>204</sup>.

Apenas com esta ação, a cidade ficaria finalmente definida. O seu nome público anunciado<sup>205</sup>. A cidade *pronta* a ser habitada. A transformação do *espaço* em *lugar*, estaria finalmente completa.

Neste tópico, é importante mencionar também, os já referidos *recintos de fossos*. Em Portugal, julgou-se, de início estar perante povoados, sendo o mais generoso em dimensões e bem analisado, o recinto dos Perdigões<sup>206</sup>. Do mesmo modo que os britânicos "*camps*", à luz das mais recentes investigações "*mudaram*" de nome para "*enclosures*" ou "*ditched enclosures*", quando se averiguou que ninguém de facto povoava este lugares, ganharam por fim essa mais correta designação<sup>207</sup>, que em Portugal se virá adotar também, por tradução, como "*recintos de fossos*".

Alguns destes recintos, - um nos Perdigões, dois nos Moreiros 2, e ainda mais um no recinto do Alto do Outeiro – segundo VARELA (2010), sugerem que possa ali ter existido eventualmente, uma estrutura do tipo paliçada sem, no entanto, qualquer outro vestígio que o comprove. Fica em aberto a questão de uma arquitetura "*por negativo*" versus uma arquitetura "*construída*".

Além das já observadas e descritas orientações cosmológicas que vão ao encontro de outros alinhamentos presentes nos vários recintos megalíticos portugueses, existe ainda outra questão colocada por VALERA e PEREIRA, a questão *lunar*. As formas circulares, por vezes não totalmente "*fechadas*". VALERA (2010) comenta ainda que: "*se o desenho arquitectónico incorpora sentidos e perspectivas do mundo e da sua organização (...) a presença do sinuoso em*

204 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 78

205 RYKWERT afirma que, durante todo o processo de fundação de uma cidade, segundo os rituais etruscos, esta receberia um total de 3 nomes. Um secreto, um sagrado, e um público.

206 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas* p.144

207 Welch, Flatman, e Herring, «Later Prehistoric shrines and Ritual Structures: introductions to Heritage Assets», p.1



*elementos tão significantes, na organização das paisagens e dos sentidos do mundo, como são os rios (...) têm sido trabalhados como elementos igualmente significantes na vivência das paisagens monumentalizadas neolíticas*<sup>208</sup>.

Estas estruturas são particularmente interessantes pois aumentam bastante o paradigma de análise do homem pré-histórico Ibérico. O processo de apropriação e monumentalização da paisagem pré-histórica vai para além de monólitos. Agora, além destas – e de eventuais estruturas mais efémeras de madeira, ou de outros materiais menos resistentes à passagem do tempo – outra tipologia de desenho do espaço entra nos quadros de análise de historiadores, arquitetos e antropólogos.

Foi então adicionada mais uma incógnita à equação que tenta desvendar a mentalidade do homem pré-histórico. Ou, para se ser mais preciso, mais uma variação de algumas das incógnitas já postuladas. Conseguimos observar mais uma vez nestas construções temas que são alusivos ao resto do fenómeno do megalitismo. É possível verificar uma consistência nos motivos que o homem neolítico deixou como legado. Mostra-nos uma união ideológica que construía o cosmos pré-histórico.

Esta incógnita que referimos no parágrafo anterior poderá nunca vir a ser concretamente descoberta, pois o nosso conhecimento da ideologia e cosmologia pré-histórica é, em última análise, nenhuma. No entanto, é possível verificar uma unidade de *intenção* e *propósito* nestas comunidades através da análise e interpretação de monumentos e ritos com os quais se podem estabelecer alguns paralelismos e comparações com outras arquiteturas e cerimónias.

A fortificação física de uma determinada vila ou cidade – apesar de a sua demarcação ter uma relevância inquestionável – cristalizou-se formalmente de diferentes modos em diferentes comunidades.

Embora sejam muitos os testemunhos de fortificações - e de autênticas cidades se tratavam- quando falamos de Jericho ou dos povoados da Anatólia<sup>209</sup>, antiquíssimo e remontando a 6000 a. C., o fenómeno perdura e é possível no



Figura 53: Planta esquemática do recinto amuralhado do Castelo Velho de Freixo de Numão, em Vila Nova de Foz Côa, (segundo S.O. Jorge, 2006)

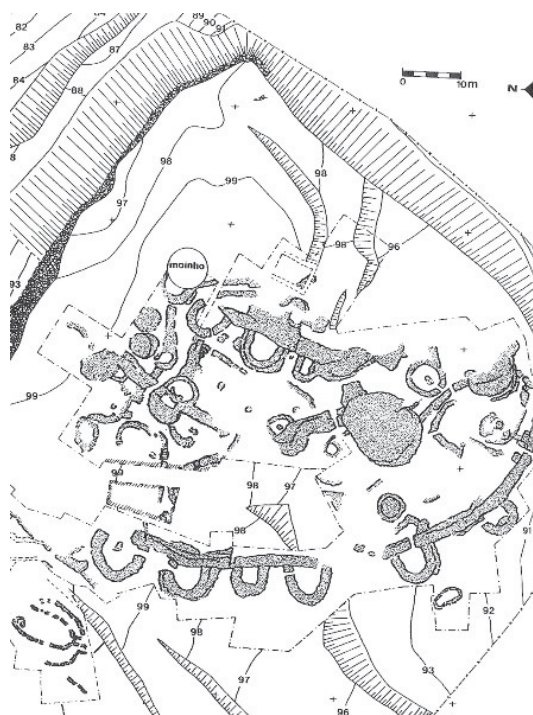


Figura 54: Planta do povoado de Leceia, em Oeiras (segundo J. Cardoso)

208 Valera, «Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal : ensaio de análise crítica .», p. 36

209 Childe, *Man Makes Himself*, p. 136

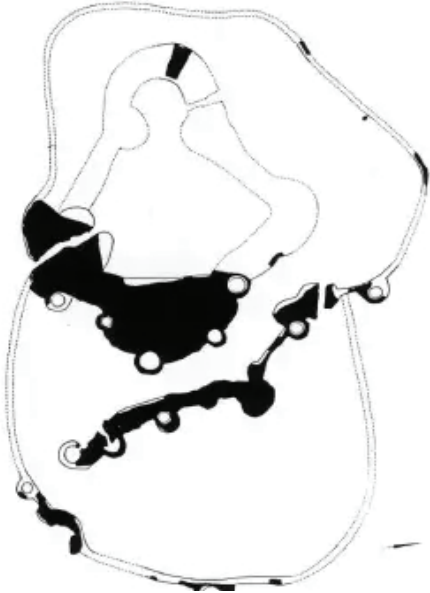


Figura 55: Planta do povoado fortificado do Zambujal



Figura 56: Maquete do povoado (Museu Municipal de Torres Vedras)

território português encontrar, inclusivamente, o que terá sido um dos mais importantes núcleos de povoados fortificados europeus no calcolítico. A sua expressão é significativa no Sul de Portugal precisamente em zonas cupríferas mas alguns dos exemplares mais significativos encontram-se na Estremadura, num autêntico “cluster” que revela uma organização social que agora parece ser bastante estratificada. Um número significativo de castros calcolíticos como o do Zambujal, encontram-se consideravelmente afastados da costa (cerca de 15 quilómetros). Teriam um acesso “indirecto” através de braços de rio . Estariam abrigados dos horizontes marítimos e da vista aberta. Em lugar, estes castros encontram-se nas colinas e nos montes da Estremadura ou do Algarve.

Situando-se no alto de monte ou de pequenos cômoros, possuíam muralhas com vários perímetros, sendo o interior, mais importante e decerto onde se reservava a produção fosse de cereais, têxteis ou, sobretudo cobre, incluindo o seu fabrico em fornos, apresentam espessuras consideráveis e constituem uma forma evidente de monumentalização da paisagem. Acompanhado ainda a síntese de PAULO PEREIRA:

A “fortificação” parece assim impor-se não como uma novidade importada ou uma necessidade “de guerra”, mas antes como *fator simbólico*, cuja primeira fase remonta ao neolítico recente. As alterações da economia levaram igualmente à criação de maiores e mais densos centros populacionais, à necessidade de um entesouramento que antes não existia de forma tão acentuada e consequentemente, tendo em conta estas modificações demográficas e de geografia humana, à necessidade de armazenar em maior quantidade bens de consumo (como os cereais), o que explica a abertura de grandes silos ou o fabrico de vasos de grande bojo e capacidade . Assim, a construção de “castros” ou “fortificações” obedeceu a um *impulso protetor*, mas também a uma nova forma de monumentalização da paisagem. Era ali que *deveria residir o poder político* e o *poder espiritual*, tal qual uma acrópole primitiva.”<sup>210</sup>

ALBRIGHT<sup>211</sup> nota que na zona do Levante<sup>212</sup>, circa 1750 b.C., apenas chefes tribais ocupavam um edifício fortificado, à medida que, os restantes habitantes apenas se dirigiam a este em casos de força maior, como fossem guerras ou

210 Paulo Pereira, *Arquitectura Portuguesa. História Essencial*, Lisboa (no prelo), capítulo 1

211 *apud* Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*, p.65

212 Zona costeira da atual Palestina

demais condições adversas. GERTRUDE LEVY<sup>213</sup> aponta também a cidade de Arpachiyeh, um centro urbano que segundo os artefactos encontrados, tudo indica que teria sido um centro de produção oleira. Neste aglomerado não existe qualquer tipo de defesas, ou de armas. Eis o que estaria relacionado com a já existente centralização de poder e a associação desta pequena povoação a uma grande metrópole como Nineveh, o que permitiria que alguma despreocupação daquela outra comunidade no que respeita à defesa<sup>214</sup>.

## G. LUGARES SAGRADOS

Anos antes de o homem assumir a gestão dos excedentes da sua produção decorrente da domesticação de animais e plantas e consequente assentamento humano<sup>215</sup>, já as comunidades pré-históricas respondiam perante outras ansiedades e incertezas. De modo que é legítimo perguntar: *Qual a proveniência de todas as esferas e pontos cintilantes que se movem diariamente na cúpula que nos envolve? O que nos acontece quando a vida deixa o nosso corpo? Qual a relação direta entre o coito e o nascimento de um novo indivíduo?*

Com efeito, muitas destas perguntas foram respondidos pela ciência moderna e algumas delas até aos dias de hoje nos fascinam. Há 10 mil anos atrás, no entanto, não restava ao ser humano senão justificar estes fenómenos naturais dando-lhe ele o seu próprio significado – sempre de natureza transcendente. As celebrações destes episódios astronómicos – eclipses, equinócios e solstícios, e outros a uma escala inferior – nascimentos, mortes, foram efetuados segundo modalidades que até aos dias de hoje não nos é permitido compreender concretamente, mesmo assim, são observáveis hoje alguns achados arqueológicos que permitem ecoar nas nossas mentes o que estas mesmas celebrações seriam. Muitos desses santuários são testemunhados um pouco por todo o mundo, manifestando-se das mais diferentes formas: mas em todos eles, um espaço era utilizado, definido e apropriado pelo ser humano a título de exceção. As primeiras utilizações *significativas* do espaço pelo humano, foram dadas nas cavernas, como se pode constatar pela organização

213 *apud* Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*,

p.65

214 *Ibidem*

215 Causada pelo assentamento humano. A alteração do paradigma de método de subsistência recolectora/caçadora para criação de gato e cultivo agrícola, foi dos principais agentes responsáveis pela materialização do conceito “excesso”.

Figura 57: Cromeleque dos Almendres (fotografia pelo Centro Interpretativo dos Almendres)







e disposição das pinturas rupestres encontradas em caves como a Gruta do Escoural ou em topografias plenas de elementos deificáveis como no Vale Côa. “Apenas” no mesolítico tardio<sup>216</sup>, alguns milhares de anos antes dos primeiros assentamentos, é que o homem começou a utilizar os meios que a natureza lhe oferecia para moldar *fisicamente* o ambiente que o envolvia de uma forma mais perene, isto é, duradoura e transgeracional.

Estes santuários manifestaram-se fisicamente nas primeiras arquiteturas erguidas pelo homem. Ao erguer um menir – de forma frequentemente fálica – em algum local estratégico, o ser humano estaria fisicamente a demarcar parte do terreno sob o qual caminhava.

#### i. Santuários

Estes fenómenos ainda sem resposta, e a adoração dos mesmos, ficaram materializados na arquitetura deixadas pelas comunidades pré-históricas. O Alto Alentejo é das zonas mais ricas quanto à proliferação deste tipo de santuários a nível Ibérico. Centenas de pedras cuidadosamente colocadas, formam as antas que hoje enriquecem a paisagem neolítica desta região. Estes antigos centros da comunhão e de celebração mágico-religiosa – e as peregrinações até eles feitas<sup>217</sup> – faz com que nos lembremos, por estrito paralelismo (que não pela escala, obviamente) dos maiores centros urbanos contemporâneos onde reside uma carga religiosa intensíssima, como por exemplo Jerusalém, Roma, Meca ou Kyoto, entre outros<sup>218</sup>. Todos eles merecedores de contemporâneas e numerosas peregrinações.

Não obstante, não existe por sistema a necessidade de edificação uma muralha propriamente dita para existir um *lugar*, e por conseguinte... arquitetura.

No neolítico português, estes tipos de santuários encontram-se transversalmente em praticamente toda a arquitetura por estes construída. Desde os mais óbvios dólmenes, que datam cerca de 4600 a.C. aos recintos megalíticos de menires como o dos Almendres e Vale Maria do Meio<sup>219</sup>, até às

216 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas* p.34

217 Muito provavelmente nos eventos celestiais supra-referidos

218 Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*, p.8

219 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas* p.113

mais “imateriais” manifestações de deificação do espaço, como é verificável na gruta do Escoural, e até no apelidado “santuário a céu aberto” Vale Coa<sup>220</sup>.

A *gigante* Anta do Zambujeiro, é um dos monumentos que melhor deixa transparecer esta “característica” sagrada que lhe é atribuída. Esta seria servida de um complexo corredor com compartimentação funcional, e de um “átrio”. Ainda hoje é observável a grande laje que poderia ter sido um eventual estela-menir tombada. Esta teria sido decorada com “cavinhas” e segundo indícios esparsos, algumas ilustrações de pigmentação avermelhada. A câmara principal do documento, estaria ela também particularmente decorada com motivos ziguezagueados (serpentiformes). Na realidade mais dois menires de grande porte existiam no lugar, e pelo menos, ao que se crê, dois deles foram reutilizados na estruturação da câmara do monumento, utilizados como esteios.

Tratava-se de um santuário central e irradiante, na medida em que, na sua envolvente mais imediata se encontra um número considerável (na ordem das dezenas) de outros monumentos megalíticos que poderemos designar como *satélites*. A Anta do Zambujeiro ergue-se na confluência de dois caminhos de água que formam a Ribeira de Valverde. Ao analisar o conjunto de fenómenos naturais, juntamente com a intenção e materialização da vontade humana, encontramos-nos perante uma verdadeira monumentalização da paisagem. Parece também que aqui, como em Er Grah na Bretanha e no dolmens da Table des Marchands, se fez o reuso de um lugar anteriormente sacralizado: em bom rigor, tudo leva a crer que ali como aqui, os menires tenham precedido o dólmen ou anta: os seus construtores por razões rituais ou por distinções caracter sócio-religioso sacrificaram as pedras fincadas em pé -os menires- e utilizaram-nos no novo monumento que vieram a erguer.

## ii. Centros e Verticalidade

No presente documento, já foi algo abordado o tema da verticalidade do menir, a sua componente simbólica “celestial” e ctónica e o modo como o monumento poderia estar diretamente ligado ao cosmos e à conceção da terra e do seu entorno físico. As dimensões generosas da maioria destes e a sua *verticalidade* leva a que o observador, ao percorrer com os olhos o menir, una

220 Paula Moura Pinheiro, «Visita Guiada: Foz Côa» (Portugal: RTP 2, 2014).

visualmente os Céus (para onde “aponta), e a Terra (de onde ele “nasce).

Com isto, os menires que se encontram distribuídos um pouco por todo o Alentejo, podem ser interpretados e subsumidos num dos pontos propostos por MIRCEA ELIADE: o *axis mundi*. O ponto de união entre os céus e a terra, enquanto “umbigo” do mundo.

Os motivos sagrados associados a estes fenómenos megalíticos, teriam, igualmente, um valor material intrínseco enquanto marcos delimitadores, fronteiras geográficas e cognitivas, limites e sinalização de pontos de interesse na paisagem. Mas através da análise dos motivos nestes gravados, é possível especular e retirar mais algumas conclusões sobre o tema da verticalidade.

O motivo particular a que nos referimos, é o da serpente ou “cobra”. Derivado do latim *colubra*<sup>221</sup>, este é dos motivos mais frequentes – como iremos ver – espalhados por várias comunidades pré-históricas/pré-coloniais<sup>222</sup>.

O significado atribuído a estas ficou cristalizado pelo Cristianismo com uma associação ctónica. Esta chegou aos dias de hoje também, na forma do bastão de Asclépio, deus da Medicina, e enquanto símbolo universal de todas as ciências médicas, tanto que ainda hoje este está representado no símbolo da Organização Mundial de Saúde.

O motivo serpentiforme, surge no megalitismo português sempre com carácter vertical<sup>223</sup>. As serpentes aparentam ser representadas em *ascensão*, como que se partissem da Terra e subissem desde a base do megálito. Aqui podemos verificar uma natureza com a qual se pode comparar os mais tardios significados ctónicos dados aos motivos serpentiformes.

BUENO E BALBIN<sup>224</sup> afirmam ainda a possibilidade de estes “*remeterem para os conceitos de morte/nascimento que o megalitismo português pressupõe*”.

É do nosso interesse referir aqui como estes mesmos motivos poderão ter influenciado a arquitetura milhares de anos mais tarde.



Figura 58: Menir depositado no Museu de Silves

221 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas* p.209

222 Calado, «Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional.» p.134

223 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas* p.195

224 *apud* Calado, «Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional.», p. 134)

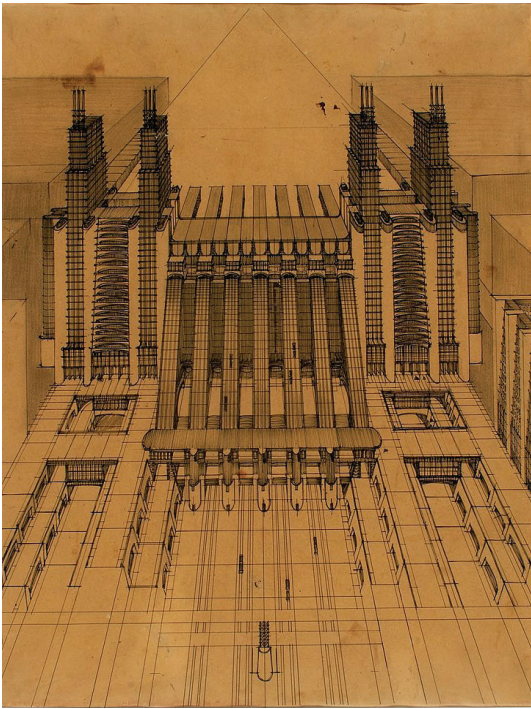


Figura 59: Desenho para estação ferroviária e aeroporto da La Città Nuova de Antonio Sant'Elia

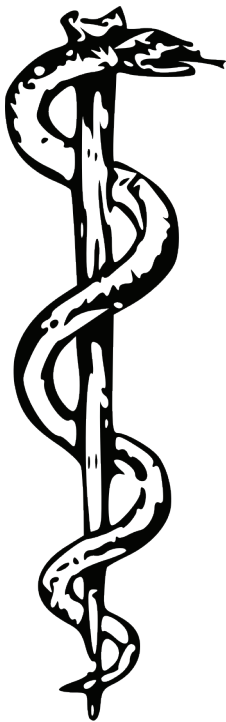


Figura 60: Bastão de Asclépio

Para tal compulsamos o dado curioso adiantado por JOSEPH RICKWERT quando exemplifica com um caso do modernismo: SANT'ELIA afirma, aquando – no seu futurismo positivista – da sua defesa de “trazer para fora” a máquina dinâmica do elevador, o mesmo cita *“Elevators should not hide away squashed like tapeworms in the stairwel; the stairs, which are now useless, should be abolished and the elevatores climb up the face of the building like snakes of steel glass...”*<sup>225</sup>.

Não queremos com isto, implicar que o arquiteto teria a intenção direta de projetar este arquétipo serpentiforme nos seus projetos. É, no entanto, do interesse do presente documento evocar aqui um paralelismo na forma e na utilização da mesma. Seja através de “pequenos rabiscos verticais” ou no desenho de monumentais e futuristas elevadores, relevantes ainda, nos próprios motivos naturais que ele argumenta na defesa do seu edificado.

### iii. Recintos e Limites

Santuário, um lugar indiscutivelmente pleno em significado claramente distinto da sua envolvente. Em subcapítulos anteriores foi analisada a importância dada pelo povo romano ao *limite*, e a relação que este tinha com o *centro*. A cidade seria em si, um lugar sagrado. Não é, no entanto, a totalidade urbana “agregada” que nos preocupa no presente capítulo. É verdade que, houve cidades que foram elevadas ao pleno estatuto de santuário. Como sejam as já citadas Jerusalém, Meca, e a própria cidade de Roma. Não obstante, neste capítulo, iremos de encontro ao que hoje se poderá talvez mais identificar como um *templo*.

Já foi referido e analisado aqui com algum detalhe toda a área de Valverde, a escassos quilómetros de Évora, é relativamente fácil de imaginar as peregrinações que as comunidades antigas e muito antigas (!) tenham realizado até esta região, que se encontra preenchida por inúmeros megálitos e grande cromeleques, eventualmente culminando na soberba Anta Grande do Zambujeiro. Este fenómeno repete-se noutros recintos megalíticos portugueses. Um dos exemplos da magnitude que um santuário poderá atingir na paisagem,

<sup>225</sup> Sant'Elia *apud* Rykwert, *On Adam's House in Paradise: The idea of the Primitve Hut in Architectural History*, p.



é o recinto funerário da Serra da Aboboreira<sup>226</sup>. Este, que se crê ser dos mais antigos conjuntos de monumentos megalíticos portugueses, quando lido com o resto da paisagem, atinge uma leitura que vai muito para além das alterações feitas pelo homem no espaço. A interpretação do sentido que possa ter sido dado ao lugar<sup>227</sup> em conjunto com os fenómenos naturais que o circundam<sup>228</sup> poderão ir de encontro ao conceito de sublime, que tanto preencheu a cabeça de arquitetos como ÉTIENE BOULLÉE (e suas respetivas bibliotecas e epitáfios) milhares de anos mais tarde.

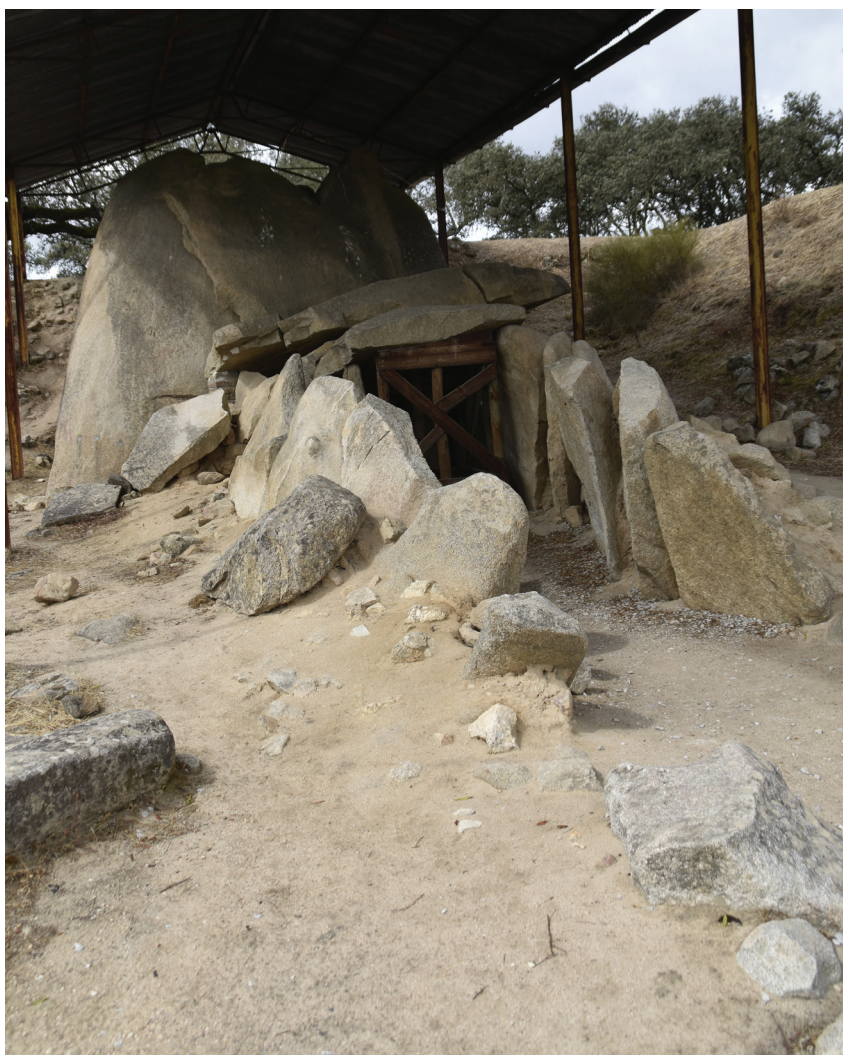


Figura 61: Anta Grande do Zambujeiro (fotografia pelo autor)

Não é possível, no entanto, neste *lugar*, encontrar um claro e definido limite<sup>229</sup>. É possível, no entanto, afirmar com alguma certeza quais seriam as

226 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*, p.30

227 Com certamente algum sentido ctónico, dado que se trata de um recinto de natureza funerária.

228 A altitude do recinto ao situar-se numa serra, a materialidade de algum do solo.

229 Certamente que, o *lugar* onde iria culminar a experiência do espaço pelo homem seria no interior dos dólmenes. Não obstante, facilmente se imagina como todo o *recinto*, dada a sua particular implantação, tivesse um significado sacro-religioso.



Figura 62: Estátua/baixo-relevo de Lamassu, British Museum.

extremidades de uma série de recintos: desde os cromeleques dos Almendres e da Portela dos Mogos, onde está definido por um conjunto de menires com uma clara distinção entre o exterior e o seu interior. O homem pré-histórico, ao penetrar nestes lugares (de forma circular), estaria a entrar num lugar com um significado mágico-religioso. Um *lugar* onde estaria instaurada a ordem cósmica. Consumado pelo significado do espaço, o ser humano estaria a deixar para trás o mundo *profano* e a encarar o *sagrado* e a *ordem nele implícita*.

A delimitação de uma certa área, por esta ser um *lugar* e não tanto um espaço, ficou bem definida por praticamente todas as culturas. Certas vezes, estes mesmos elementos poderão assumir-se como possuindo um propósito defensivo ou mesmo bélico. Mas nem por isso estariam menos marcados e eventualmente repletos de outras figurações e motivos de entidades protetoras do limite.

Aliás, neste documento referimos a “variação” romana do pai dos deuses, Júpiter, como *Júpiter Terminus*, aquele que habita dentro das próprias pedras das muralhas. Estas representações de divindades protetoras de recintos sagrados estão melhor “materializadas” nas várias Lamassu’s que estariam às portas de várias cidades assírias e babilónicas, assim como o famoso par de leões que saúda e adverte (!) todos os que entram – e saem - na cidade de Micenas, na Grécia, ou nas portas de Babel.

É exatamente na “fusão” entre o *santuário* e a *delimitação* do espaço que este serve que nasce o urbanismo. Principia como analisámos, na pura deificação de um espaço como o Vale Côa e passa pela materialização desta vontade em antas e menires. Ou no caso de estudo etrusco-romano principia com o *templum* e a instauração do *mundus*, passando para os templos das *vestaes* “culminando” no, panteão romano. Ou ainda, na intenção que germina dos recintos de fossos e nos limites estabelecidos por um conjunto de menires em torno de um recinto megalítico, passando pela eventual demarcação dos limites da cidade (*pomerium*) para se materializar depois em muralhas. **A cidade nasce exatamente da união destes dois fenómenos**<sup>230</sup>. A muralha teria o seu (eventual) valor bélico, e concretizaria materialmente a separação – mais uma vez – do *sagrado* e do *profano*.

230

Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*, p.48



Ao fazer isto, o homem estaria a tentar repetir o ato fundador que é um ato de passagem de um estado “primitivo” para um estado “civilizado”. Uma ação que se passa *in illo tempore*<sup>231</sup>. A repetição do procedimento cosmogónico é a projeção destas novas criações (cidades) para um tempo *mítico*<sup>232</sup>.

Este argumento ganha mais algum peso aquando do estudo das celebrações da passagem do tempo, como se verá adiante.

#### H. RECTA COMO IDEIA REITORA: PODER, DIREITO E LEI

A recta é uma forma estritamente humana. A natureza tem algumas aproximações como o tronco de uma árvore, mas não se aproxima sequer do que o homem designou e desenho como uma recta. Esta *invenção* humana foi das principais formas que foram usadas pelo homem pré-histórico<sup>233</sup> para dominar a paisagem e não só a paisagem num sentido mais imediato, mas, em certos casos, tendente a uma *domesticação* na ordem da extensão e da marcação objetiva e artificializada dessa mesma extensão.

Como a maioria dos estudos megalíticos, esta vertente “alternativa” da arqueologia principiou na Grã-Bretanha, neste caso com ALFRED WATKINS (1855-1935). O autor propõe, além dos já verificados alinhamentos celestiais presentes nos círculos de menires (como já foram aqui alguns analisados), alinhamentos entre diferentes recintos ao longo do arquipélago<sup>234</sup>. A estas linhas que uniam diversos monumentos de diversas épocas, o autor apelidou de *leys*<sup>235</sup>. Com efeito, unindo mais do que apenas menires, cromeleques e monumentos funerários, o autor aponta ainda alguns alinhamentos com igrejas e outros edifícios de *culto* (igrejas p.e.). Conferindo ao conceito um carácter algo intemporal. ALFRED WATKINS, originalmente postulou esta ideia conferindo-lhe carácter profano, pragmático, no sentido em que afirma que estas seriam indicadores principalmente de rotas comerciais entre as comunidades pré-

231 Naquele tempo; em tempo remoto.

232 Eliade, *O Mito do Eterno Retorno*, p.62

233 E continua a ser usada deste modo até à contemporaneidade

234 Alfred Watkins, *Early British Trackways: Moats, Mounds, Camps, and Sites* (Londres: Simpkin, Marshall, Hamilton, Kent & Co., Ltd., 1922), p.33

235 Este “sistema” de *leys*, chegou a perder alguma credibilidade dada à acrítica “caça” de alinhamentos por certos indivíduos no seguimento da postulação do conceito.



Figura 63: Vista aérea do Stonehenge Cursus.

históricas. Não obstante, estes marcos cartográficos não poderiam ser lidos nem interpretados utilizando os conceitos modernos ocidentais de geografia. Estes, numa leitura atualizada e mais recente devida a PAUL DEVEREUX ou a DAVID LEWIS-WILLIAMS, poderiam ter sido utilizadas para indicar “*direcções do espaço para voos “psíquicos” e iniciáticos de teor xamânico ou de transe*”<sup>236</sup>. Estes estados, em que está implícita a vontade de “viajar” e de “voar” será analisada posteriormente na conclusão do presente capítulo .

Antes de passar para os casos em que este fenómeno se verifica em Portugal, apenas uma pequena abordagem às “avenidas” que correspondem ao já referido fenómeno das *ditched enclosures*. Que se encontram na paisagem envolvente do provavelmente mais conhecida estrutura megalítica europeia: o Stonehenge. Datado ainda antes da construção do monumento composto por vários gigantes de pedra calcária, existiria (e ainda se verifica hoje) um percurso particularmente largo, hoje apelidado de *Stonehenge Cursus*. Com cerca de dois quilómetro e meio de extensão, que está orientado sensivelmente na direção do famoso círculo.

Em Portugal são também verificáveis algumas *leys* no sentido previamente exposto, e a mais óbvia e já aqui referenciada, é o alinhamento do Cromeleque dos Almendres, e do seu menir isolado homónimo. Este menir - recolocado a alguns metros da sua original posição – indica a posição do Sol nascente na data do solstício de Verão.

Outra ley, e particularmente curiosa, é a que une os cromeleques dos Almendres, de Vale de Maria do Meio e de e o cromeleque de Portela de Mogos que seguem uma linha de cumeeira que, não sendo embora recta se próxima de um domínio da paisagem integrando a Serra de Monfurado e a visibilidade da Serra de Ossa e do cômodo onde hoje assenta a cidade de Évora. Noutro caso, verifica-se o alinhamento de menires na raia nordeste alentejana conforme a detetou Jorge Oliveira, neste caso delimitando, para um lado do monumento, a divisória geológica entre os solos granítico e, excluindo os xistosos.

Facilmente se conclui que as grandes “avenidas” ou “causeyed enclosures” e “cursus” -que até agora não foram identificadas no território português mas são abundantes especialmente na Inglaterra- assim como as *leys*, seriam percursos

236

Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas* p.67

de peregrinação ou de uma deambulação de carácter espiritual, explorando a marcha física, real e objetiva de grupos humanos numa determinada direção, mas encenando na paisagem, provavelmente também, o *voo xamânico*<sup>237</sup>, estado de espírito no qual o indivíduo atingiria o estado daquilo a que JUNG chamou o processo de individuação. Uma condição onde, muito sucintamente, o ser humano atinge um estado de completa plenitude, consigo mesmo, e com toda a sua envolvente (no seu sentido metafísico)<sup>238</sup>.

Existe, de resto, um número de pinturas rupestres antropomórficas ou aviomórficas com os membros superiores alongados que se crê serem alusivos exatamente este estado de voo e completude do indivíduo.

Já nesta dissertação foi feita uma abordagem ao que seriam os principais ritos não só de fundação da cidade, mas como também dos que a celebrariam. Não obstante, entre o desenho do *templum* (onde ficariam definidas as orientações) e a materialização propriamente dita das vias *cardo-decomanas*, existe o processo de centurição<sup>239</sup>. Esta seria a atividade levada a cabo pelos agrimensores. Estes, com a ajuda de uma de um objeto chamado *gnomon* (ou groma, fariam um trabalho que na contemporaneidade se pode comparar ao de um topógrafo. Após a comunidade “misturar” os pedaços de terra da sua localidade natal e terminar os devidos rituais, os agrimensores principiariam a parte do trabalho da domesticação da paisagem que lhes competia<sup>240</sup>. Ao colocar o seu instrumento, ficaria definido o ponto exato do umbilicus, o ponto de cruzamento entre as duas principais vias da cidade romana: o *cardo maximus* e o *decomanus maximus*. Não só estas duas grandes vias ficariam desenhadas, mas também se determinava, um loteamento ortogonal delimitando a extensão de terreno que seria atribuído à cidade e aos seus arredores para exploração

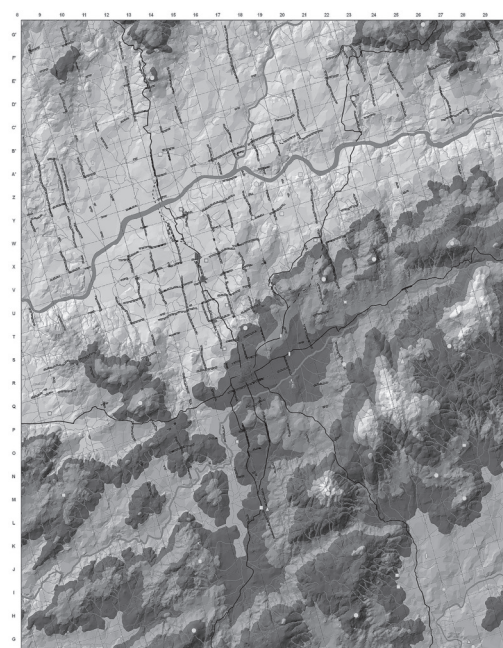


Figura 64: Centurição Romana no território de Bracara Augusta (segundo M. Martings e H. Carvalho)

237 Friso aqui que, na maioria das comunidades da antiguidade (e em algumas contemporâneas) a linha que separava o chefe espiritual/religioso, do chefe de estado/da comunidade, era bastante ténue. Nas avançadas civilizações assírias e babilónicas, o chefe de estado era também a mais alta figura religiosa. Quem empunharia o báculo nas comunidades etruscas seria os *augurs*. No megalitismo português não podemos com certeza afirmar que seriam os “xamãs” que o fariam, mas faz sentido. Ainda hoje, o objetivo simboliza o poder de quem conduz um grupo ou uma comunidade. Tanto os pastores de rebanhos como os bispos católicos, hoje em dia empunham um báculo. Conferindo inevitavelmente poder ao indivíduo portador do báculo.

238 Jung, Henderson, e Franz, *Man and his Symbols*, p. 160

239 Convém aqui dar uma curta nota etimológica. A palavra centurião ficou mais conhecida devido a ser o nome dado a uma das ordens militares. Este seria o responsável pelo comando de 80 legionários. O paralelismo do nome dado ao indivíduo responsável por guiar as tropas nas campanhas romanas, e do nome dado ao ato de medir e “domesticar” a paisagem, ganha relevância quando o tema é exatamente o poder implícito na forma da linha recta.

240 RYKWERT, na sua análise a este processo, afirma que não existem registos que implicariam rezas ou sacrifícios. Diz também que este é um cenário pouco provável.

agrária ou venatória, neste caso já com um sentido de definição de sesmos ou parcelamento de terrenos.

VITRÚVIO descreve a utilização do *gnomon*, e os primeiros processos de implantação da cidade:

*"1. The town being fortified, the next step is the apportionment of house lots within the wall and the laying out of streets and alleys with regard to climatic conditions. They will be properly laid out if foresight is employed to exclude the winds from the alleys. Cold winds are disagreeable, hot winds enervating, moist winds unhealthy. We must, therefore, avoid mistakes in this matter and beware of the common experience of many communities. For example, Mytilene in the island of Lesbos is a town built with magnificence and good taste, but its position shows a lack of foresight. In that community when the wind is south, the people fall ill; when it is northwest, it sets them coughing; with a north wind they do indeed recover but cannot stand about in the alleys and streets, owing to the severe cold.*

*6. In the middle of the cit place a marble amussium, laying it true by the level, or else let the spot be made so true by means of rule and level that no amussium is necessary. In the very centre of that spot set up a bronze gnomon or "shadow tracker" (in greek σκιαθήρας). At about the fifth hour in the morning, take the end of the shadow cast by this gnomon, and mark it with a point. Then, opening your compasses to this point which marks the length of the gnomon's shadow, describe a circle from the centre. In the afternoon watch the shadow of your gnomon as it lengthens, and when it once more touches the circumference of this circle and the shadow in the afternoon is equal in length to that of the morning, mark it with a point.*

*7. From these two points describe with your compasses intersecting arcs, and through their intersection and the centre let a line be drawn to the circumference of the circle to give us the quarters of south and north. Then, using a sixteenth part of the entire circumference of the circle as a diameter describe a circle with its centre on the line to the south, at the point where it crosses the circumference, and put points to the right and left on the circumference on the south side, repeating the process on the north side. From the four points thus obtained draw lines intersecting the centre from one side of the circumference*



to the other. Thus we shall have an eighth part of the circumference set out for Auster [Sul] and Septentrio [Norte]. The rest of the entire circumference is then to be divided into three equal parts on each side, and thus we have designed a figure equall apportioned among the eight weinds. Then let the directions of your streets and alleys be laid down on the lines of division between the quarters of two winds."<sup>241</sup>

O autor prossegue:

"13. Then find with the compasses a sixteenth part of the entire circumference; then centre the compasses on the point E where the line to the south touches the circumference, and set off the points G and H to the right and left of E. Likewise on the north side, centre the compasses on the circumference at the point F on the line to the north, and set off the points I and K to the right and left; then draw lines through the centre from G to K and from H to I. Thus the space from G to H will belong to Auster and the south, and the space from I to K will be that of Septentrio. The rest of the circumference is to be divided equally into three parts on the right and three on the left, those to the east at the points L and M, those to the west at the points N and O. Finally, intersecting lines are to be drawn from M to O and from L to N. Thus we shall have the circumference divided into eight equal spaces for the winds. The figure being finished, we shall have at the eight different divisions, beginning at the south, the letter G between Eurus and Auster, H between Auster and Africus, N between Africus and Favonius, O between Favonius and Caurus, K between Caurus and Septentrio, I between Septentrio and Aquilo, L between Aquilo and Solanus, and M between Solanus and Eurus. This done, apply a gnomon to these eight divisions and thus fix the directions of the different alleys."<sup>242</sup>

E eis aqui de forma clara, como a "rosa dos ventos" constitui um dispositivo de orientação, que percebe a direção dos ventos e roda a cidade consoante a afeção destes. É a rosa dos ventos que determina a platea (isto é, a superfície de assentamento da cidade, o plano mestre), que começa por uma abstração para se converter depois numa subdivisão de lotes e ruas, seguindo uma predominante ultra-ortogonal.



Figura 65: Assentamento da groma (segundo Dilke)

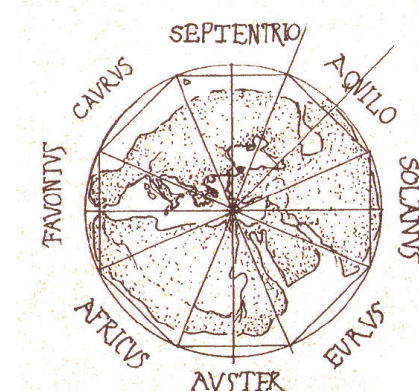


Figura 66: Rosa-dos-Ventos de acordo com Vitruvius.

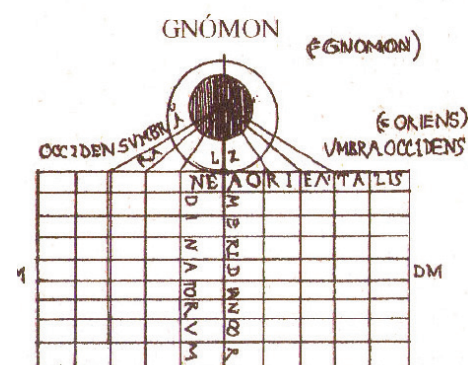


Figura 67: Hyginus Gromaticus. Diagrama resultante da quadrícula orientada pela sombra do gnomon

241 Vitruvius, *Ten Books on Architecture*. Livro I, cap. VI, #7  
242 Vitruvius, *Ten Books on Architecture*. Livro I, cap. VI, #13

Todo este fenómeno de controlo e apropriação da paisagem e do território são particularmente antigos. Mas não foram de modo algum “esquecidos” ou deixados para trás no tempo. Na cidade de Lisboa em 1755 conseguiu-se observar com alguma clareza o fenómeno. Numa cidade devastada com uma população desolada, Manuel da Maia e a sua equipa, coordenados por José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal), tinham a necessidade de mais uma vez devolver a cidade aos seus habitantes: instaurar uma nova ordem. A chamada Baixa da Cidade e colinas limítrofes ficaram claramente geometrizadas no espaço, num lugar que ainda hoje carrega o nome do reitor responsável pela sua construção.

JOSEPH RYKWERT, relaciona o conceito de medição e controlo do terreno levada a cabo pelos agrimensores (e mais tarde “topógrafos”), se com os atos fundacionais da cidade, e com os ritos celebrados pelos *augurs*.

*“The three procedures were three modalities of the same ordering of the experience of space. Writers who wish to give the last of these three ‘modes’ a logical, and therefore a temporal, priority, often do so without stating their emotional preference for a ‘functionalist’ solution, and ignore the unity of experience in such a society as that of the primitive Romans, nor do they recognize the inevitably arbitrary nature of their own discipline.”<sup>243</sup>*

Uma incursão pela linguagem será aqui, especialmente útil, e provavelmente, pouco conhecida.

É que a metalinguística desenvolvida por CHOMSKY (2006) mostrou-nos como a natureza de uma língua *“shapes the flow and character of thought (...)”<sup>244</sup>*. Com isto, uma observação da palavra “reta”, e outras do campo semântico de rei ou governar, suportarão a tese defendida neste subcapítulo.

A língua sânscrita, considerada uma língua morta, continua a ter relevância pela sua utilização nas interpretações litúrgicas do hinduísmo e do budismo<sup>245</sup>. Este dialeto, originário no Nepal e na Índia, diz-se ter nascido

<sup>243</sup> Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 111

<sup>244</sup> Noam Chomsky, *Language and Mind* (Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006), p.1

<sup>245</sup> Uta Reinöhl, *Grammaticalization and the rise of configurationality in Indo-Aryan* (Oxford: Oxford University Press, 2017), p.96

sensivelmente das mesmas raízes de outras anciãs línguas, como o grego e o latim. Esta fonte comum Indo-Europeia<sup>246</sup>, foi responsável pelo crescimento de praticamente todas as línguas hoje faladas (com a exceção do caso das línguas urálicas)<sup>247</sup>.

Com isto, propomo-nos fazer uma pequena “viagem”, começando na palavra *rai*, ou *rājā*, ( राजा ) que, traduzida, tem o significado de *Rei, Governador/ Chefe*. No latim, esta mesma palavra é pronunciada como *Rex*. Desta, vieram invariavelmente, todos os seus descendentes linguísticos latinos, *Roi* (Francês), *Rey* (Espanhol), *Re* (Italiano), *Rege* (Romeno), e em português, *Rei*. Na língua alemã temos *Reich*, oriundo do antigo celta *Rig* (rei). Na língua inglesa, surge a palavra *regency* (regência), assim como *royal* (real).

É possível ainda solidificar esta posição com palavras como o inglês *right* (recta, correcto), de onde se constrói *righteousness*, (justo). O francês *droit* (correcto, justo), e *droits* costumes, direitos) (leia-se *d(roi)t*). No contexto da língua portuguesa verifica-se idêntica relação com tudo o que respeita às leis, ou seja, tudo o que respeita ao *direito*.

Consegue-se também, a título de curiosidade, verificar como a palavra que denomina a forma, é também utilizado de uma maneira a conferir *poder* ou *autoridade* a uma entidade. Um indivíduo “às *direitas*”, é uma pessoa de cariz honesto e justo.

A palavra *recta*, proveniente do latim *rectus* (direito, apropriado, recto, honesto), tem por sua vez, origem indo europeia, *reg*, a mesma de onde surgiram todos os exemplos previamente dados de palavras associadas a poder, medição, direito (não no seu sentido geométrico), ordem, e justiça.

#### i. A realeza, orientação e império

Um chefe de estado que assume um estatuto divino, apesar da laicização que se tem globalizado, um fenómeno mais recente do que aparenta;

<sup>246</sup> George Cardona, «Sanskrit Language», 2019, acessado a 14 de Abril de 2020, <https://www.britannica.com/topic/Sanskrit-language>.

<sup>247</sup> Holly Young, «A language family tree - in pictures», The Guardian, 2015, acessado a 16 de Abril de 2020, <https://www.theguardian.com/education/gallery/2015/jan/23/a-language-family-tree-in-pictures>.



é também, simultaneamente, dos mais antigos que se tem registo. Do Deus Rei Sol do Antigo Egito, os Faraós, à dinastia romana augustana, à França do séc. XVIII com os também Rei Sol (Luís XIV e XVI)<sup>248</sup>. Esta associação, pressupõe uma entidade que se *apropria* do centro, legitimando a *regência*. Pelo chefe (*caput=capitão=chef=cabeça*) o mundo seria definido, por este os valores coletivos seriam gerados, como se se tratasse de uma entidade superior, pelo que lhe cabia trazer ordem ao mundo do comum dos mortais: *“the combination of notional “cosmic” order and vital centrality provides the basis for the construction of social order at its most inclusive definition as political order”*.<sup>249</sup>

Em Português, existe a palavra régua, proveniente do latim *regula*, que deu também origem a regular. *Regula* poderá indicar também um padrão ou medida em linha reta. Esta última, vem de *regere*, que em latim implica “aquilo que não pode ser de outro modo, correto” (leia-se co(recto)). Direção, por sua vez, nasce da justaposição do prefixo *dis-* (separar ou empurrar), com *regere* (governar). Com isto, etimologicamente, as direções – num sentido mais lato – são agentes responsáveis para nos encaminhar justamente no mundo por elas dividido (as orientações)

## I. ORTOGONALIDADES

Todas as práticas aqui referenciadas e suas origens, são certamente de uma época bastante anterior a qualquer autor aqui citado ou referenciado. Muito antes de as crenças se terem materializado, estes ritos teriam tido um papel relevante nos povos pré-históricos, e proto-histórico. Não é possível reduzir estas práticas a um único método de celebração, pois a multiplicidade da crença terá sido tão grande quanto o número de comunidades. *“It is surely a syncretic phenomenon, made up of bits which originated in different parts of the world, which are varied, sometimes unrecognizably transmuted.”*<sup>250</sup>

Num ensino euro-centralizado, é feita quase uma direta associação

248 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 242

249 *Idem*, p. 201

250 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 90

entre uma malha urbana reticulada, à cultura latina. Este é, no entanto, um fenómeno recorrente por todo o mundo, sem exceção. América do Sul, China, Índia, Mesopotâmia e Egito<sup>251</sup>. Na península itálica, esta técnica de distribuição equitativa e geometrizada do espaço, apresenta uma um cuidado cristalino no séc. VI a.C. o que implica que já tivesse vindo a ser usada há bastantes décadas.

Na província de Bolonha, encontram-se vestígios de planeamento urbano etrusco. Perto da cidade de Marzabotto, este complexo urbano caiu em desuso aquando de um saque provocado por tribos gaulesas. Nos vestígios arqueológicos observáveis, é possível observar um *cardo* principal, orientado Norte-Sul, sendo este cortado por três *decumani*. Esta cidade, erguida nos primeiros anos do século V a.C. tem, perto dos seus portões a Este, e devidamente orientados, um pequeno grupo de edifícios de carácter sacro-religioso, uma *acropolis*.<sup>252</sup>

A Este de Marzabotto, está a recentemente localizada<sup>253</sup>, cidade de Spina. Esta cidade portuária teria dois canais, que se acredita que teriam sido a doca. A cidade ocuparia um total de 740 hectares. Edificada um século antes da vila de Marzabotto, esta apresenta também uma estrada e reticular malha.

Um curioso e específico fenómeno onde também se pode verificar a importância de uma entidade capaz de comunicar com as entidades divinas, são as instalações responsáveis por hospedar as legiões romanas nas suas campanhas bélicas: os *castrum*.<sup>254</sup>

Este assentamento temporário – e respetivas cerimónias - assim como as decisões do senado, teriam de ser feitas antes do por do Sol. Os ritos consistiam na implantação do *vexillum*<sup>255</sup> e posterior orientação do *cardo maximus*, que seria a via que findava na Porta *Praetoria*<sup>256</sup>. Segundo o autor, não existe consenso quanto à orientação do cardo: ou seria direcionada de acordo com os



Figura 68: Planta do Estado das escavações das Ruínas de Marzabotto (redesenhada pelo autor).

251 *Idem*, p.201-227

252 *Idem*, p.100

253 Segundo o autor (2013), em 1922 foi descoberto um canal que conduziria a uma metrópolis, e apenas em 1956, com fotografias aéreas, foi revelada a existência de ruínas.

254 Esta palavra ficou responsável pela nomeação de bastantes cidades, muito particularmente em Portugal e em Espanha, mas também em França e na Grã-Bretanha. RYKWERT (2013), em *The Idea of Town*, mostra como a anglicização da palavra *castrum*, para “chester”, esta sobrevive no nome de cidades como Winchester, Manchester, e tantas outras mais.

255 Estandarte romano transportado pelas legiões romanas nas suas campanhas

256 O principal dos quatro portões do acampamento de acordo com RYKWERT (2013).

4 pontos cardeais, ou face aos inimigos do império<sup>257</sup>, prestes a ser conquistados.

Existe consenso, no entanto, no que toca à colocação da tenda do general da legião – *praetorium*; e que, junto a este, estaria o *auguraculum*. Esta última hospedaria os sacrifícios do comandante, e era o lugar onde seriam lidos os presságios para os combates que se avizinhariam.<sup>258</sup> Estes ritos de *auguria* seriam de tal forma importantes na tomada de decisões nas campanhas romanas, que todo o complexo de tendas de chefes militares e religiosos, seria mais tarde, todo ele, apelidado apenas de *auguraculum*.<sup>259</sup>

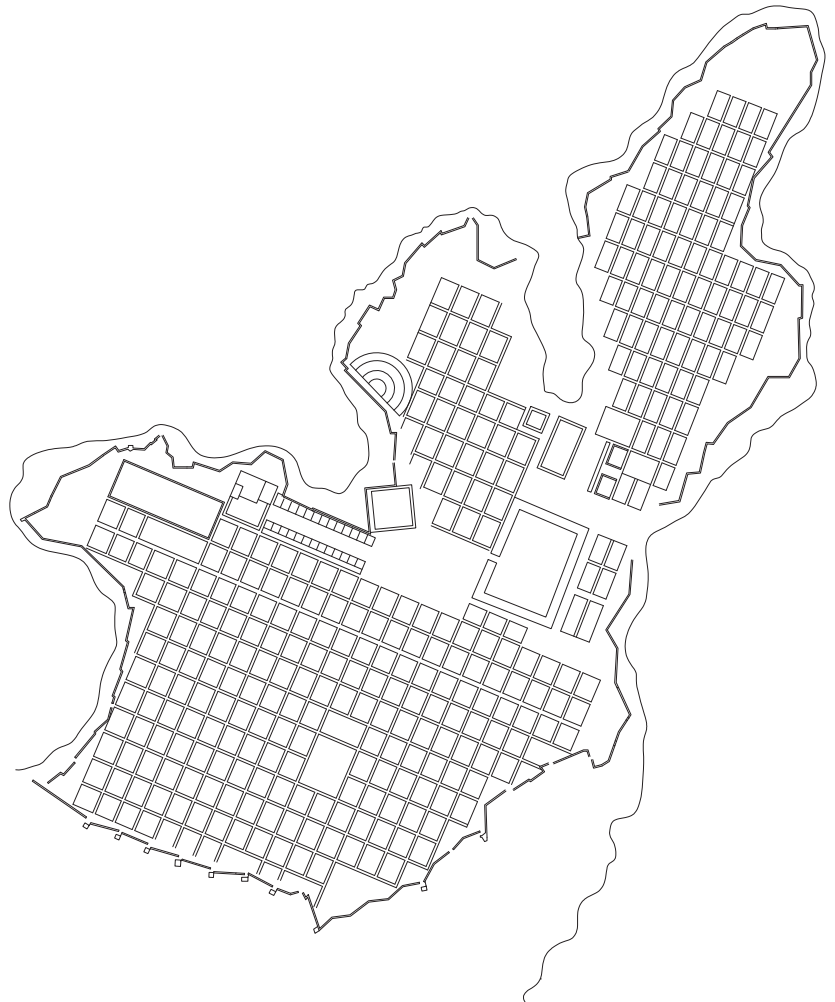


Figura 69: Planta de Miletus na época clássica. Cidade grega na Anatólia. (redesenhada pelo autor).

Na conclusão do presente documento, iremos analisar de que modo este tipo de divisão quadrilátera (malha esta que não se pode isolar de contexto

257 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 91

258 *Idem*, p.57

259 *Ibidem*

religioso gerado ao longo de décadas), poderá, ou não, ser um fenómeno inato que compõe parte da mente humana.

Reconhecido como *pai da quadricula*, é HIPÓDAMO DE MILETO (498-408 A.C.), urbanista grego, teria sido não só teórico urbanista, mas também um entusiasta de fenomenologia celestial. Não só racionalista na utilização sistemática do angulo reto, mas como também discerniu. VERNANT (1914-2017): *"As a philosopher whose aim is to explain nature, Hipodamus nevertheless does not neglect civic life. He is evidently integrated within the universe of the city. His though does not separate out physical space, political space, urban space, but unifies them in one speculative exertion"*<sup>260</sup>.

*"Their method of operation, even if it were performed without any ritual, prayers, sacrifices, etc. (which is very unlikely), must have had something of the character of a mystery. Even nowadays surveyors at their business look as if they were performing a ceremony. And of course, like modern surveyors, the ancient ones also had to start from some form of datum. This, apparently, was the decussis of the cardo maximus and of the decumanus maximus: the umbilicus of the place. There the surveyors' principal instrument, the groma, was auspiciously set. The surveyors' terminology alone would have been enough to connect their operations with the Etruscan rite."*<sup>261</sup>

Está também presente no megalitismo o tema da ortogonalidade. No caso específico do Neolítico alentejano, o motivo quadrilátero está presente nos três grandes recintos da planície: Portela dos Mogos, Almendres e Vale Maria do Meio. Nestes baixos-relevos megalíticos, em todas as suas representações, este motivo surge sempre acompanhado do figuras que aludem à Lua (em fase crescente ou decrescente)<sup>262</sup>.

A leitura destas figuras em conjunto, poderá levar a uma interpretação antropomórfica do menir (aceite por muitos historiadores). Não obstante, MANUEL CALADO, afirma que o antropomorfismo não invalida a leitura individual de cada um dos motivos, nem que cada um tenha um significado específico,

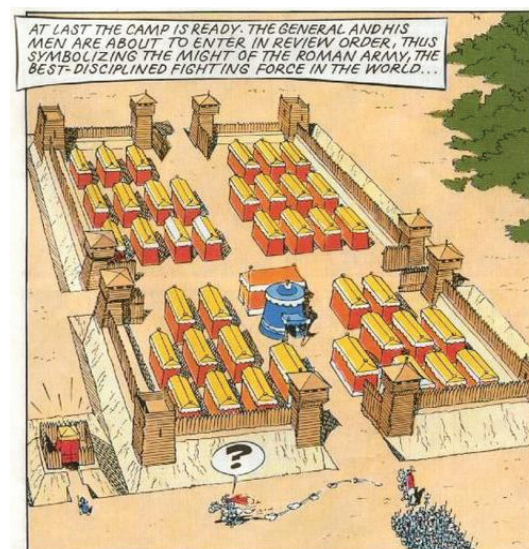


Figura 70: *Castrum* romano, como interpretado por Albert Uderzo. Apesar natureza de paródia da sua ilustre série de banda desenhada, os autores não evitaram em representar o acampamento com rigor

<sup>260</sup> *apud* Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 107

<sup>261</sup> *Idem*, p. 72

<sup>262</sup> Calado, «Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional.», p. 132

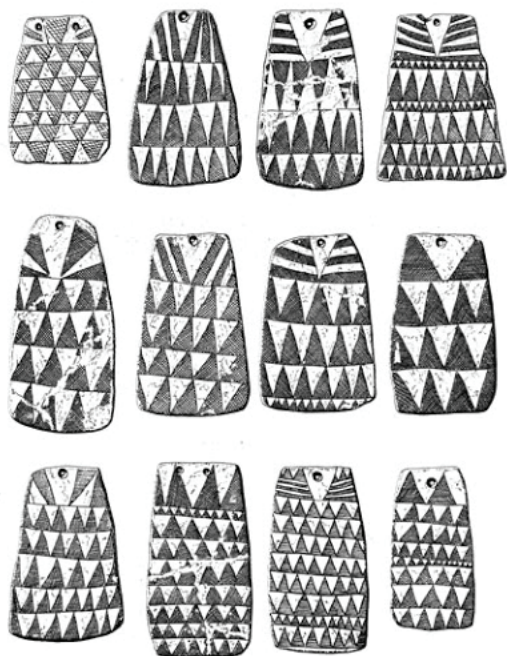


Figura 72: Variantes de placas idoliiforme de xisto.

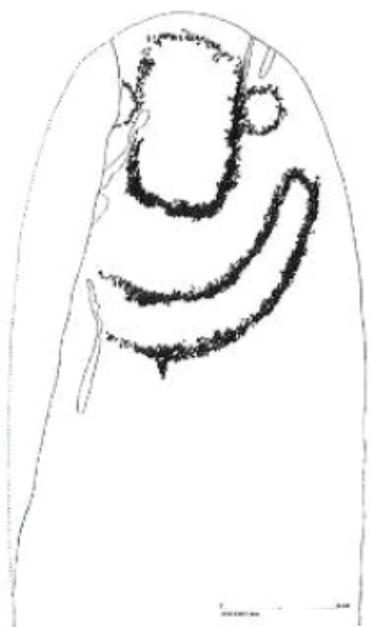


Figura 71: Menir 56 do Cromeleque dos Almendres (segundo Gomes)

afirma o autor “(...) nos menires de Évora, tenham sido usados símbolos com vida própria, articulados em jogos gráficos que lhes atribuem novas dimensões simbólicas”<sup>263</sup>.

Estes motivos certamente não apresentam rigor geométrico, mas eram, bastantes vezes, representados como um trapézio, com a base maior para cima. O autor, especula uma ligação com o machado<sup>264</sup>.

No contexto específico do Alentejo central, esta forma surge presente também nos monumentos funerários. Placas de Xisto – presumivelmente de uma natureza totémica – foram encontradas nas escavações da maioria das antas alentejanas. Dada a sua decoração, o autor afirma também que estas possam ter alguma natureza antropomórfica.

No tema ainda do megalitismo português e ortogonalidade, é impossível não referir o Cromeleque do Xarez. Não possui paralelos. Foi encontrado e reconstituído por J.P. GONÇALVES e mais tarde o seu trabalho validado por Mário Varela Gomes. A sua formalidade particular distingue-o de todos os outros conjuntos de menires encontrados em território português. Este, quase como por oposição aos círculos e ferraduras cósmicas, poderá ter em si uma conotação terrestre. Existe uma clara diferenciação entre a natureza que o envolve, e a sua forma ortogonal. Uma “artificialização da natureza”. O homem pré-histórico materializa a vontade de domar as duas formas que representa a totalidade de *cosmos*. Esta mesma vontade de dominar completamente a geometria com a quadratura do círculo – como suprarreferido em capítulos anteriores – foi cristalizada na obra de Leonardo da Vinci.

## J. EM SUMA

Com a ideia de ortogonalidade concluímos o primeiro capítulo desta dissertação. Um conceito que, que o mundo ocidental inicialmente se associa ao Império Romano, ainda hoje prolifera fortemente aquando o desenho de novos

263 Calado, «Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional.», p. 131

264 *Idem*, p.133

bairros, cidades, loteamentos, etc.

Iniciámos uma viagem pelas formas pré-históricas, principiando no ponto. No próprio ser humano, e de como neste – e para isto sendo apenas preciso uma *consciência* – germinou a o gesto arquitetónico na associação de um significado a um *espaço*, transformando-o num *lugar*. Separando-o da – ainda por domar – natureza, separando-o do *caos*.

Com uma leitura espacial e antropológica da forma circular, fomos capazes de entender o seu significado para o ser humano, e com isto a razão desta ser das mais presentes formas tanto em arquitetura como em qualquer representação gráfica (da pré-história à modernidade). Estas formas teriam uma intenção de representar o *cosmos*, instaurando-lhe uma ordem. A natureza exata deste cosmos é, no entanto, de difícil compreensão. Os seus criadores poderiam ter uma intenção de deixar marcado no espaço a sua visão da cúpula cósmica, ou de uma visualização de colocação do lugar do próprio homem no espaço, como a totalidade do Eu. Não só no círculo, mas sabendo que tais representações podem eventualmente sofrer algumas variações, na sua forma *global* -como a da *elipse*- sem vez alguma perder o seu original significado<sup>265</sup>.

Independentemente das interpretações “diferentes” deste motivo circular conseguimos aqui encontrar uma unidade na vontade humana. Aquando o estudo destas iniciativas do homem pré-histórico, estamos cientes - mais em relação às comunidades pré-históricas, mas também visível nos xamãs, *augurs* romanos, e as variantes de chefes espirituais- da presença de um nível em que o subconsciente da mente humana estaria eventualmente num estado *mais dominante* do total do Ser<sup>266</sup>.

O homem escavou recintos em fossos circulares de modo a – eventualmente – consagrar cerimónias aos astros, desenhou *templi* e escavou *mundi*, que ditaram as orientações e os locais de maior importância de grande capital latina. Dezenas de milhares de horas foram gastas por diversas comunidades e diversas gerações de modo a erguer menires, construir antas, erguer cromeleques, todos eles com bastantes concordâncias nos motivos neles gravados e nas orientações que priorizavam. As orientações dos principais

265 Jung, Henderson, e Franz, *Man and his Symbols*, p.240

266 *Ibidem*



astros celestes quando estes nasciam em datas precisas, nos Solstícios e Equinócios e nos asterismos que marcavam a coroa celeste. Datas que iam de encontro ao princípio (e ao fim) das diferentes épocas de germinação, colheitas e sementeiras<sup>267</sup>. Era dada uma importância quase absoluta a estas datas que findam e que iniciam novos ciclos de vida. Este fascínio com a renovação do tempo terá um papel relevante numa das conclusões que pretendemos atingir no presente documento.

Nas suas mais “tardias” habitações, o modo como seria a transposto, p.e. o “centro” destes mesmo *cosmos* - o *axis mundi* - para o interior da sua habitação familiar, revela uma proliferação desta intenção de ter ao seu “dispor” uma mesma *recriação* do ato de domesticação da envolvente. De se impor a si mesmo numa *ordem*.

Esta “domesticação” do lugar atingiu, no entanto, proporções de uma ordem particularmente grande. Com as chamadas *leys*, o homem pré-histórico demonstrou uma capacidade de alinhar monumentos. No entanto, como veremos mais tarde, o homem anseia por “voltar” a este *caos*, ao *paraíso perdido*<sup>268</sup>, a um tempo que nunca o foi, que ficou perdido na mítica época (*in illo tempore*) com o primeiro germe arquetónico.

Nas “avenidas” britânicas, que teriam nelas uma possível intenção de proporcionar ao chefe espiritual um “voo”, “peregrinação” e “direcção”, conseguimos retirar algumas conclusões de como, mesmo o completo domínio da paisagem, teria em si uma intenção de trazer o indivíduo ao estado de completude.

Nas suas construções ficou inscrita a ordem cósmica. A mesma ordem responsável por dar ao homem tudo o que necessário para a sua subsistência, assim como a consciência que lhe deu a capacidade de congeminar como ele próprio (o homem) se situaria no mundo.

“*Archaic remnants*”<sup>269</sup>, como lhe chama FREUD, são o equivalente na psicanálise jungiana aos arquétipos. Estes proliferaram em *toda* a construção

267 Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Espírito da Terra*, p.16

268 Rykwert, *On Adam's House in Paradise: The idea of the Primitive Hut in Architectural History*, p.13

269 Estes são dos responsáveis pela proliferação de motivos paralelos em toda a arte pré-histórica e por muitas das ansiedades do homem contemporâneo.

do espaço do homem nos tempos antigos, e que tem vindo a mostrar alguma relevância ainda da contemporaneidade. Estas “imagens primordiais”, não poderão ser reduzidas apenas a imagens mitológicas. Arquétipos representam uma *tendência* na vontade humana, compostos pelo total da sua consciência, em conjunto com a subconsciência, a *psique*<sup>270</sup>.

Estas tendências foram materializadas, como verificámos neste capítulo, e como vamos cristalizar nos próximos, nas arquiteturas produzidas pelo homem. Desde os conceitos de centro a formas como o círculo e o quadrado, e a conjugação destes.

---

270 Jung, Henderson, e Franz, *Man and his Symbols*, p. 64

| Em suma



*La Ville spontanée*, como descreve KOSTOF (1991)– “*It is presumed to develop without benefit of designers, subject to no master plan*” – estas geralmente estão plenas de decisões ao nível do indivíduo – “*subject to no master plan but the passage of time, the lay of the land, and the daily life of the citizens.*”

Neste capítulo será estudada a ausência de “autoridade” no desenho urbano, resulta num conjunto de estradas curvas e espaços públicos não premeditados.

*“De curvas é feito todo o universo”*

-Oscar Niemeyer

## A. ORGANICISMO URBANO

A definição de cidade através de si própria enquanto existência em constante mutação é, nos dias que corre uma tese já amplamente aceite. Não será o plano original o que terá maior valor, nem a situação atual do edificado, mas sim o conjunto de decisões que levou a que os objetos que constituem o padrão urbano estejam dispostos no modo que estão e a efemeridade dos mesmos. Algumas cidades, como Roma - assim como a maioria das cidades que proliferam na cultura latina pela Europa - apresentam uma estrita malha reticular que confere ao estabelecimento uma meticulosa organização espacial. Na Anatólia e Mesopotâmia, floresceram, por sua vez, um maior número de cidades de forma oblonga ou circular, com uma aparente mas desorganizada capacidade de estruturação e composição do espaço e do plano urbano. Aparentam tratar-se de uma construção que poderá ter sido mais faseada e espontânea quando comparada com as edificações etrusco-romanos.

Não é aleatória a alcunha de "organismo" para uma cidade. Com os estudos das ciências da vida que principiaram no séc. XVII, este conceito começou a ser postulado. Do mesmo modo que um corpo vivo estaria organizado entre diferentes órgãos, assim também estaria a cidade. Esta ideia ecoa, e a mero título de lembrança, na consciência de muitos "urbanitas" em muitas cidades do mundo, como por exemplo entre os lisboetas quando se referem a Monsanto como o "pulmão de Lisboa". KOSTOF continua estas comparações nas palavras de Francesco di Giorgio: o centro da cidade é como o coração que se divide nas várias vias (artérias) que fazem circular os meios e as pessoas pela urbanização.<sup>271</sup>

Assim, também como um organismo, a cidade tem "*limites definidos e sistemas de auto regulação e crescimento*"<sup>272</sup>. Ou seja, consoante vários autores, as cidades acabam, aliás como alguma da arquitetura, tanto em termos teóricos como práticos, mas concretiza também o urbanismo ou aquilo a que chamaremos o paleo-urbanismo, como um "corpo", dá-se uma antropomorfização do espaço e daquilo que á partida parece ser uma abstração para que daí resulte uma fácil apreensão do agregado comunitário. E, em consequência, levando mais longe

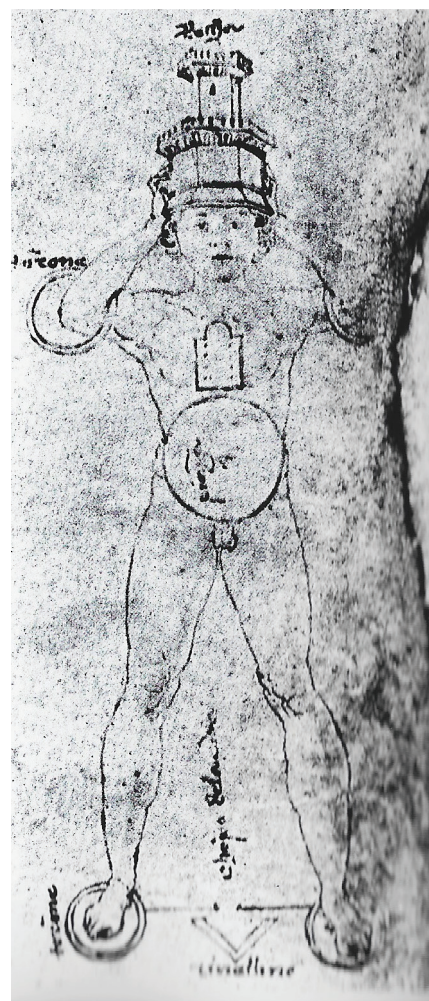


Figura 73: O Homem como protótipo da forma urbana di Giorgio Martini, Trattato dell'architettura, finais do séc. 15.

271 Spiro Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History* (Londres: Thames & Hudson, 1991), p. 52

272 *Idem*, p. 53



a metáfora, que é ainda praticada hoje em dia mesmo enquanto escrevemos, assim mesmo do modo que organismos vivos sofrem de doenças, também as cidades e a arquitetura sofrem de patologias. Claro que não é esta a posição de outros autores, e justificadamente, de entre eles KEVIN LYNCH que refuta essa ideia organicista: todavia, vale aqui pela metáfora, não pela concretização da coisa em si mesmo a que chamados cidade.

LYNCH, como sabemos, aproxima-se do estudo da cidade instituída, e de certo modo da cidade contemporânea. Como sabemos, um dos grandes contributos de LYNCH para a ideia crítica de cidade é a maneira como a imagem da cidade se vai estruturando na mente dos seus habitantes, e nisto estabelece alguns dos elementos básicos para esta estruturação, como sejam os cinco grandes tipos físico urbano: caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos.

A concessão de uma lógica intrínseca à cidade por parte de quem a vive, ou vivencia (podendo não ser dela habitante) corresponde então a um ato de intelecção, através de uma percepção variável, e daí resulta uma “imagem”.

Avança por isso com várias categorias, como as de legibilidade, estrutura, significado. Identidade e *imageabilidade* (*imageability*). A *legibilidade*, é entendida como “*facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente*”<sup>273</sup>. Já a identidade decorre da percepção de um “padrão”, e do contraste deste padrão de uma cidade com outros padrões citadinos surge a estrutura (simplificamos, é claro). Todas estas categorias integram por fim a ideia de *imageabilidade*, que segundo ele é a “*Qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. É essa forma, cor, disposição que facilita a produção de imagens mentais vivamente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis no meio ambiente. (...) Uma cidade altamente imaginável (aparente, legível ou visível), neste sentido particular, pareceria muito bem formada, distante, notável; como que convidaria os olhos e os ouvidos a uma maior atenção e participação.*”<sup>274</sup>

Ora aqui parece encontrar-se a possibilidade de fusão, ainda que heterodoxa, de uma percepção organicista da cidade, em especial das paleo-cidades ou cidades antigas, e da cidade contemporânea. Não diferem da

273 Lynch, *A Imagem da Cidade*, p. 13

274 *Idem*, p.20

antropomorfização da cidade ou da sua “*imagibilidade*”. Na realidade podem muito bem confundir-se e/ou sobrepor-se.

Tal aconteceu desde sempre, ou seja, desde que existem aglomerados urbanos. Aos *quia* acrescentaríamos outra gradação, e que não corresponde ao *antropos*, nem à imagem abstrata e conceptual pura e simples: a da inscrição no cosmos, e de imitação desse mesmo cosmos como forma organizacional – e cremos que já demonstrámos como tal pode acontecer em vários contextos. Veremos de seguida o que nos dizem os especialistas em paleo-urbanismo.

## B. CONSCIÊNCIA URBANA

Mesmo que os paradigmas de alguns achados arqueológicos tenham mudado (alguns dos que antes se acreditavam ser assentamentos habitacionais, vieram-se a revelar templos, ou zonas de comunhão). Na Mesopotâmia e na zona do Levante, desde cerca de 7500 a.C., surgiram pela primeira vez alguns primeiros apontamentos de uma consciência urbana<sup>275</sup>.

Esta zona, entre 3500 e 3000 a.C. estaria a passar pelo que hoje chamamos o período *proto-literário*<sup>276</sup>. Nos séculos que se seguira, o poder administrativo foi gradualmente sendo centralizado, e começaram algumas das dinastias que perduraram outras tantas centenas de anos. *Circa* 1600 a.C. estaríamos a chegar a um período que ficou apelidado como o Sumério Tardio. Nesta época, em Ur, alcançou-se o pináculo da tipologia de construção *zigguratica*<sup>277</sup>.

Cada aglomerado urbano sumério, estaria associado a um Deus<sup>278</sup> (summers 203), das quais, Eridu, teria como patrono Ea, “*divine founder of Sumerian civilization, and therefore of civilization itself*”<sup>279</sup>. Nesta cidade, o templo teria começado como um pequeno santuário que, após continuas reconstruções, atingiu proporções cada vez maiores.

275 Kostof, A *History of Architecture: Settings and Rituals*, p. 50

276 *Idem*, p. 51

277 *Ibidem*

278 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 203

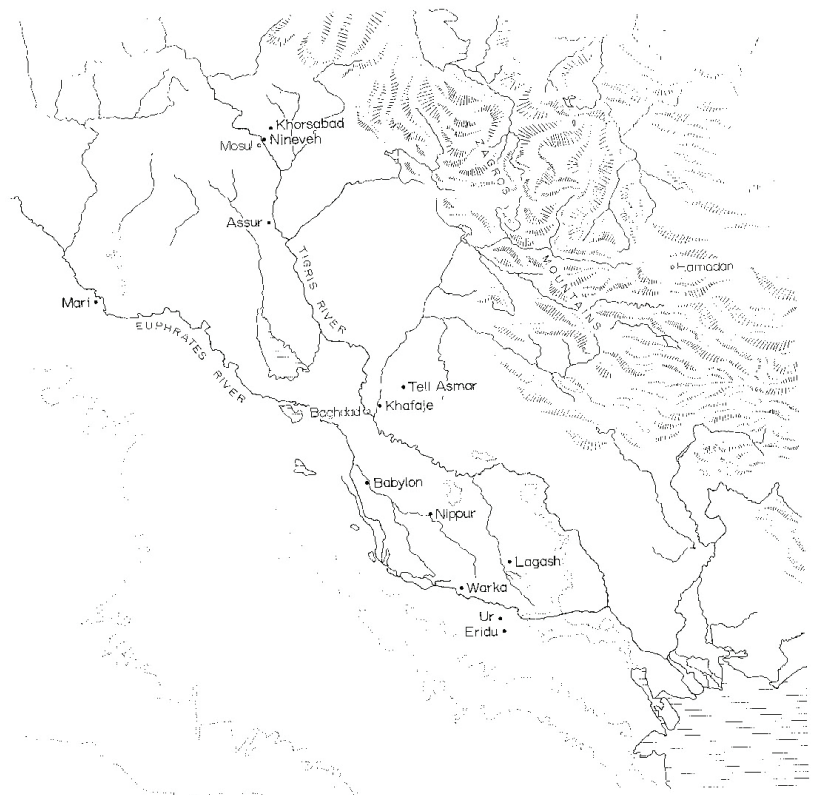
279 *Idem*, p. 203

Enquanto estes edifícios de culto estariam alinhados com os quatro cantos do mundo, o resto da cidade suméria não aparenta seguir esta orientação. Nestes edifícios estaria materializado o centro do mundo. O *axis mundi* que ligava os céus, ao plano de existência dos comuns dos mortais, ao mundo ctônico, de onde o rei-sacerdote operaria e teria contacto privilegiado com estas divinas entidades.

Ainda no período Sumério, foram erguidos alguns dos aglomerados urbanos que foram utilizados e reconstruídos posteriormente por acadianos, babilônicos, assírios e persas.

De todas estas prósperas cidades da baixa Mesopotâmia, das mais ilustres é Ur.

Figura 74: Mapa da Mesopotâmia



As suas ruas relativamente estreitas (três metros no máximo), fariam uma labiríntica distribuição entre as habitações. Estas seriam maioritariamente unifamiliares. Apesar de a maioria das divisões das casas terem compartimentos quase ortogonais, é difícil conceber algum planeamento prévio ao analisar as plantas da cidade de Ur. As habitações, quando obsoletas, nunca seriam demolidas, mas sim reaproveitadas como fundações do novo edifício. Como

resultado, o “plano” prévio da cidade, manter-se-ia sensivelmente fiel ao desenho original da cidade.

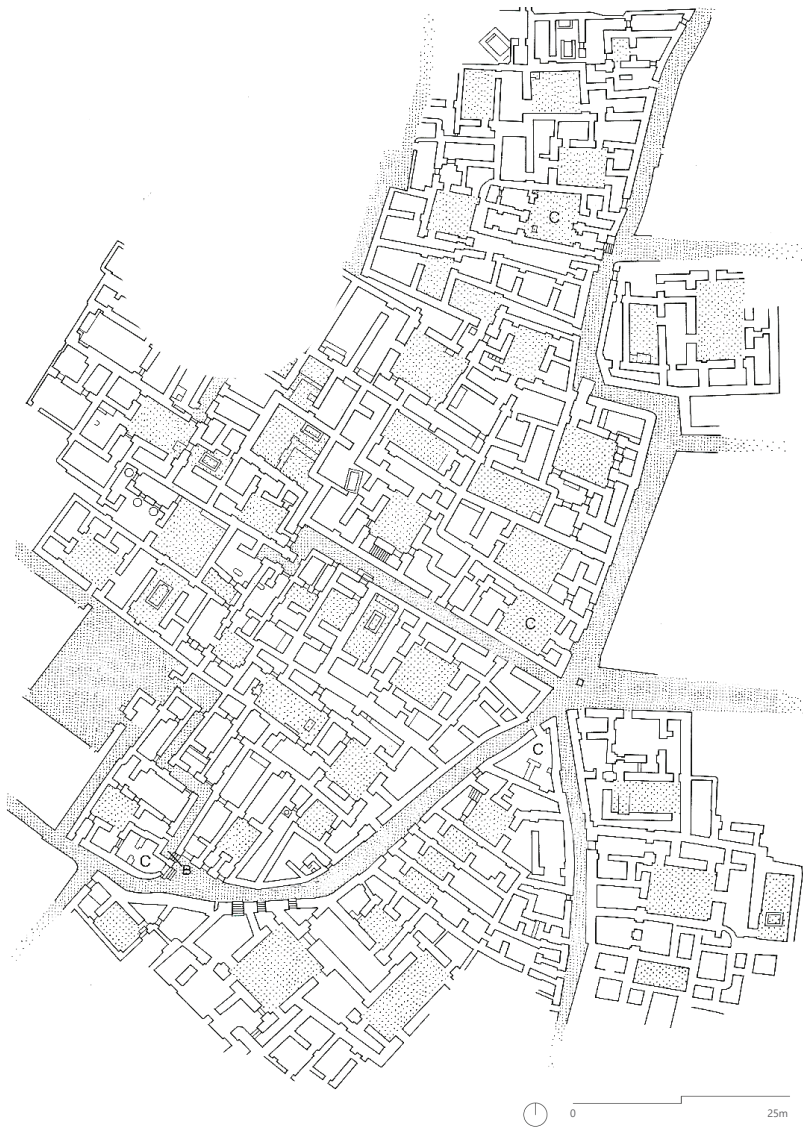


Figura 75: Zona residencial de Ur, a sudeste do mausoléu real.  
2000 a.C.. (segundo Kostof)

#### i. Templos e Ziggurates

Imponente sob o resto da cidade, *“the temple constituted the heart of the Mesopotamian city”*<sup>280</sup>, existiria, no entanto, dispersos pela cidade, alguns pequenos locais de culto menores. Estes fariam parte do quotidiano do cidadão mesopotâmico. KOSTOF as diferenças entre este primeiro, e os segundos. O templo onde operaria o rei-sacerdote, estaria assente numa enorme plataforma – a ziggurate. Com isto, estando livre das pressões do resto das construções, teria a primazia de ter um desenho estritamente ortogonal<sup>281</sup>.

280 Kostof, A *History of Architecture: Settings and Rituals*, p. 54

281 *Idem*, p. 55

O autor descreve-nos com detalhe o que terá sido a evolução do tempo na cidade de Uruk: *"dating from the protoliterate period, the corner bastions were dropped, and the exterior outline was neatly pleated in a uniform arrangement of buttresses that created Wall niches and reveals. Clearly, the initial structural logic of this distinctive feature of Mesopotamian temple architecture had already been transmuted into a system of aesthetics. What started as a support for the mud-bricks walls became, in addition, the means of their plastic articulation. The White Temple sat on an artificial mountain, or ziggurat, of irregular outline, rising 12 meters above the featureless plain. The ziggurat had swelled to grandiose proportions in stages by absorbing the frames of earlier temples, which in accordance with local practice would be filled solid after serving their time, to be used as terraces for the replacement structure. The walls of the ziggurat were sloped and striped with diagonal fluting. Access to the top was by means of a stair and ramp build against the northeast face. The temple stood towards the southwest, unencumbered by parapets. Its four corners pointed toward the main directions of the compass, the standard orientation for religious architecture. Whitewashed and lofty, it would be visible for miles around above the ring of the city walls – a landmark that placed Warka in the vast stretches of fields and marshes and announced its divine patronage."*<sup>282</sup>

Os pequenos templos dispersados pela cidade, não teriam certamente a mesma imponência sobre a paisagem urbana. Não eram, no entanto, livres de mutações na sua forma. O Templo de Sin V sofreu alterações significativas nos seus lances de escadas de acesso e, inevitavelmente, o seu diálogo com o quotidiano. Estas alterações poderão ter origem num maior fluxo de transeuntes nas vias da cidade.

Figura 76: Ruínas da Ziggurate de Ur, Iraque.



É no entanto, nesta tipologia de centro - a ziggurate, que mais facilmente se absorve alguma informação sobre as crenças dos povos mesopotâmicos. E onde também se verificam arquétipos como os já referidos no documento, e que continuaram a ser escrupuleado. Estas grandes “montanhas artificiais” vieram a substituir locais de peregrinação pré-históricos. Nestes a Terra e o Céu se reuniriam, quase como um limbo entre os planos de existência. *“The very form of the mountain suggested a setting of reconciliation between the two prime motives of prehistoric religion”*<sup>283</sup>. A montanha, enraizada nas profundezas do planeta, seria onde principiava a vida e a morte. O casamento entre a cúpula celeste decorada de estrelas, com a escura e ctónica cave.

HERODOTUS descreve a ziggurate babilônica: *“On the topmost tower there is a spacious temple and inside the temple stans a couch of unusual size, richly adorned, with a golden table by its side. There is no statue of any kind set up in the place, nor is the chamber occupied by anyone but a single native woman... who is chosen for himself by the deity out of all the women of the land.. They also declare that the god comes down in person into this chamber, and sleeps upon the couch.”*<sup>284</sup>

Das mais famosas zigurates, é certamente a que se ergueu na cidade de Ur, circa 2000 a.C.. Esta teria três plataformas principais, e um acesso por escadas por nordeste. Neste acesso, haveria uma congruência de três lances de escadas, ortogonais entre si. Todo este complexo, facilmente se imagina pleno de elementos verdes – muito à imagem do que se imagina terem sido os jardins suspensos da Babilônia.

Fariam estas construções, jus à vontade dos Deuses? Esta foi uma questão que intrigou Judeus e Assírios do mesmo modo. Veriam os Deuses estas construções como um meio de ultrapassar os deuses em lugar de os alcançar?<sup>285</sup> Estes foram talvez os motivos que levou o povo hebraico a desdenhar a ziggurate babilônica, e para sempre alcunha-la como Torre de Babel.

283 Kostof, *A History of Architecture: Settings and Rituals*, p. 57

284 *Apud Idem*, p. 58

285 *Idem*, p. 61



Figura 77: Pieter Bruegel, *Torre de Babel*, 1563, óleo sobre painel, 114 x 155 cm, Museu de História da Arte, Viena



### C. CIDADES NÃO PLANEADAS

Geralmente se assume que na antiguidade as cidades que apresentem malhas urbanas quadriculares impliquem um planeamento prévio, à medida que as que apresentem um conjunto de ruínas mais dispersas – ainda que pertencentes ao mesmo plano de construção – tenham evoluído de uma forma mais espontânea e “orgânica”. ANDREW CREEKMORE refuta esta ideia e afirma que *“cities are rarely, if ever, purely planned or organic. Instead, cities contain both planned and unplanned space.”*<sup>286</sup>

Com a permanente mutação da cidade, houve, e haverá atuações e alterações do nível do indivíduo, ao nível “estatal” ou “imperial”. Todavia, a dicotomia urbana do planeado e do orgânico, nem sempre são contíguas. metamorfoseiam. Exemplo disso são as cidades mais a estas fundadas pelo Império Romano que, após a sua islamização, a liberação do movimento da ordem geométrica, reorganização dos blocos<sup>287</sup>, permitem uma narrativa de diálogo entre as duas formas.

Durante a segunda revolução urbana mesopotâmica, que se deu entre 2700 e 2200 a.C, foram edificadas um número considerável de cidades<sup>288</sup>.

<sup>286</sup> Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p. 34  
<sup>287</sup> Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p. 47-21  
<sup>288</sup> *Idem*, p. 32

Mesmo apresentando uma aparente estrutura mais desorganizada, estas presumem seguir uma série de princípios de desenho e distribuição do espaço. Palácios e zonas administrativas seriam majoritariamente colocadas na cidadela, preferencialmente num morro ou zona a uma cota superior face ao resto da envolvente urbana. Esta premissa chegou ao ocidente através do património observável, assim como tem sido dado a entender pelas escavações<sup>289</sup>. Os locais de culto estariam espalhados um pouco pela cidade. O culto local às divindades seria então uma prática comum dos povos mesopotâmicos. As zonas destinadas a hospedar os cidadãos seria composta por paredes partilhadas num denso aglomerado urbano. Os mortos seriam, por norma, enterrados no solo da própria casa (Kazane); por vezes existiriam necrópoles fora das muralhas (como em Chuera ou Al-Rawda)<sup>290</sup>.

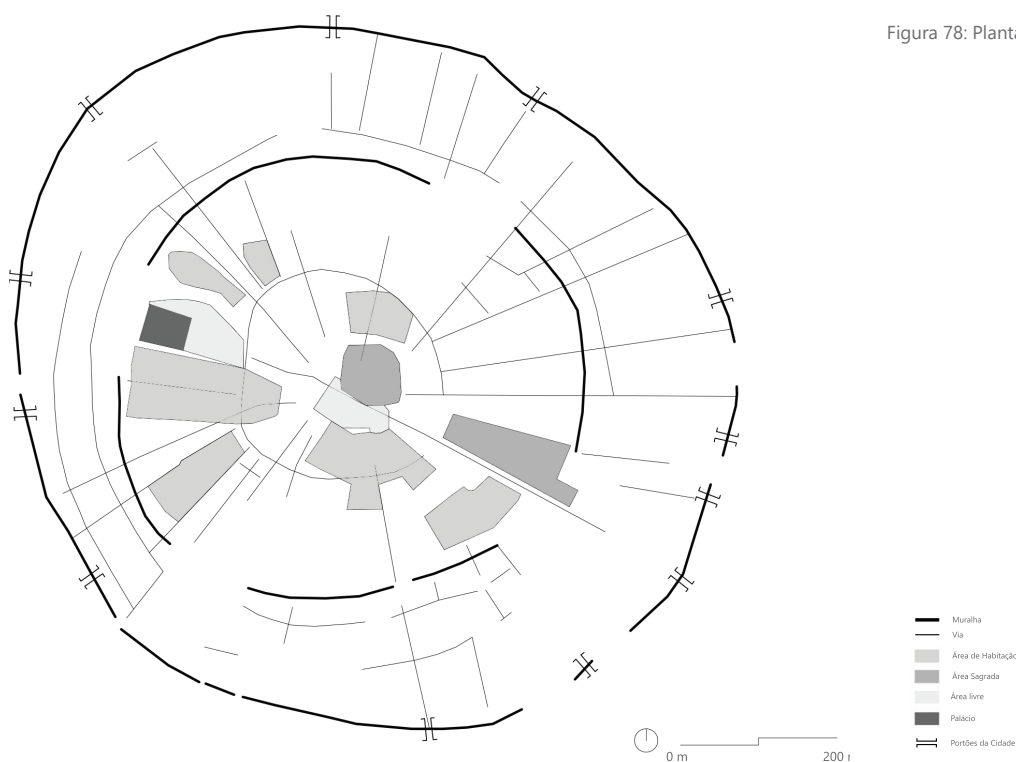


Figura 78: Planta Esquemática de Tell Chuera (segundo Meyer, redenhado pelo autor)

A malha urbana destas cidades – de forma circular ou ligeiramente oval – seria majoritariamente definida por um conjunto de vias que convergiam do centro até às muralhas do estabelecimento, criando assim uma malha radiante que parte ou regressa em direção ao centro. A assumida marcação das mesmas, cria quarteirões regulares “fatiados”. Com uma estrutura relativamente simétrica,

289 Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p. 38

290 *Ibidem*

capaz de proporcionar uma distribuição igualitária do espaço, sugerem uma *"tendency towards the diffusion of spatial control"*<sup>291</sup>.

Especula-se que o motivo que levaram estes povos a levantar as muralhas, seriam as eventuais ocasiões de conflito ou para evitar roubos. No entanto, como suprarreferido a separação física da cidade para com o seu exterior carrega em si um pesado valor simbólico, o que sugere que estas talvez constituíssem das primeiras obras a ser edificadas na cidade. Estas muralhas, e em paralelo ao significado que se lhes conferia, seriam locais de experiência religiosa, tal qual como uma linha que representa a comunhão entre os céus e a terra, ou o que separa o conforto da cúpula urbana da sua envolvente. Na dinastia Kassita na Babilónia (circa 1500 b.C), ficavam aliás bem definidas quais as maldições que esperavam quem infringisse ou desrespeitasse a ordem cósmica e a linha que unia o Homem, o Céu e a Terra.

*"Whenever in future times ... one shall rise up ... and ... shall bring an action, or make a claim or cause a claim to be made, or shall send/another/and cause him to take or lay claim to, or seize it or shall say "This field was not granted" or the boundary-stone of that field, through any wickedness shall cause a fool or a deaf man or one who does not understand, to destroy or shall change it, or break it up, or shall cause/someone/to burn it ... or throw it into water or in the dust or shall cause someone to hide it, may Anu, Enlil and Ea, the great gods in the anger of their hearts look upon him... May all the gods, whose names are mentioned on this boundary stone destroy his name, and may they bring him to naught...."*<sup>292</sup>

Nas cidades analisadas por YOKO NISHUMURA - Chuera, Hamoular, Kazane, e principalmente Titris – assim como a maioria destas cidades que eram alimentadas por afluentes dos rios-mães, "optaram" todas por uma morfologia circular/oblonga<sup>293</sup>, independentemente de qual destas a periferia da cidade adotou: todas elas teriam o seu centro<sup>294</sup> particularmente destacado e *verticalmente* situado em função do resto do edificado da cidade.

Um *tell*, seria responsável por esta preponderância na paisagem urbana.

291 Hillier and Hanson *apud Idem*, p. 41

292 Babylonian Boundary Stones and Memorial Tablets in the British Museum *apud* Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*.

293 Creekmore et al., Making ancient cities: Space and place in early Urban societies, p. 40

294 Por vezes geométrico, por outras, figurativo, como o caso de Kazane, *Ibidem*

À cota mais alta, estariam situados os edifícios administrativos, residências reais ou governativas, assim como - e principalmente - , os templos e os principais locais de culto e celebração religiosa. Na cota inferior da cidade, estariam não só, mas em maioria esmagadora, bairros residenciais.

São ainda verificáveis bastantes paredes meeiras<sup>295</sup>, o que é possível de aferir dados magnetométricos, sendo aqui mais comum um denso e populoso ambiente. Estes bairros, construídos perpendicularmente às muralhas da cidade, materializariam as vias de circulação da cidade, sendo que as de maior envergadura estariam direcionadas ao *Tell* central.

Nestes *tells*, está presente o mesmo arquétipo que MIRCEA ELIADE associa mais diretamente à montanha, as/os zigurates mesopotâmicos, pirâmides<sup>296</sup>. A própria cidade sobre a colina ou por ela se espalhando faria parte deste mesmo complexo arquétípico.



Figura 79: Planta esquemática de Kazane durante a Idade do Bronze Superior (segundo Creekmore, redenhada pelo autor)

KOSTOF (1991), na introdução de "City Shaped", propõe três dos antigos métodos de criação de uma cidade. Um deles seria através da criação de um aglomerado urbano em torno de um templo, palácio ou fortaleza, Pode afirmar-se que, mesmo não havendo já um distinto templo no topo do *tell*, a consagração daquela construção e daquele lugar, terá sido o motivo da reunião

<sup>295</sup> Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p. 40

<sup>296</sup> Mircea Eliade, *O Mito do Eterno Retorno*, p. 22

de uma comunidade. (Estamos na proto-história antiga (paleo-urbana) mas esse fenómeno já se enuncia paralelamente, a partir de cerca de 3000 a.C. em aglomerados do calcolítico no contexto da Europa extremo ocidental: o que seriam os “chamados “castros” calcolíticos de Los Millares na Andaluzia, ou os povoados ditos fortificados da Estremadura portuguesa (Leceia, Zambujal, Vila Nova de São Pedro) senão proto-cidades seguindo esta mesma lógica?). )

#### D. A TOPOGRAFIA E A SUA INFLUÊNCIA

Inevitável à formação da cidade, vem a alteração da forma do terreno, já que além da utilização da caverna natural ou aqui e ali moldada, as primeiras edificações humanas seriam feitas de um material moldável oferecido pela natureza: a própria terra<sup>297</sup>. Além de serem a origem das matérias capazes “de edificar”, as margens dos rios Tigre e Eufrates, e rios e afluentes um pouco por todo o Fértil Crescente, apresentam solos particularmente férteis, o que serviu de alavanca para as comunidades humanas passarem do estatuto nómada a sedentário ou melhor: a reforçar estes mesmo facto. Além da proximidade que estes povos teriam com estas entidades “físicas” muito provavelmente deificadas – os rios - estes serviram como indispensáveis meios de comunicação e transporte, principalmente aquando da proliferação do comércio e da centralização de poder que se deu na região da Alta Mesopotâmia<sup>298</sup>.

Estes solos férteis permitiram não só a agricultura (principalmente de oliveiras e parreiras), mas também foram impulsionadores da pastorícia<sup>299</sup>, que muito mais que alimento, seriam capazes de fornecer os derivados necessários para a produção têxtil ao ponto desta começar a ser uma indústria significativa.

<sup>300</sup> .

É impossível traduzir por palavras a importância que estes canais fluviais tiveram no desenvolvimento e assentamento do homem. Tentativas houve de imortalizar formalmente este significado. No selo de Ada, de 2300 a.C. verifica-

<sup>297</sup> Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*, p. 16

<sup>298</sup> Creekmore, «Landscape and Settlement in the Harran Plain, Turkey: The Context of Third-Millennium Urbanization», p. 180

<sup>299</sup> Bradley J. Parker et al., «The Upper Tigris Archaeological Research Project (UTARP)», *Anatolica* 32 (2006): 72–151, p. 76

<sup>300</sup> T. J. Wilkinson et al., *Contextualizing Early Urbanization: Settlement Cores, Early States and Agro-pastoral Strategies in the Fertile Crescent During the Fourth and Third Millennia BC*, *Journal of World Prehistory*, vol. 27 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 2014), p. 15

se a entidade cósmica Suméria/Acadiana *Enki*<sup>301</sup>, e de cada um dos seus ombros fluem duas grandes correntes de água, que se acredita estarem associadas aos grandes rios de Tigre e de Eufrates. Estes últimos, na época das cheias, trariam o temor de casas e armazenamentos destruídos – como ainda hoje acontece. Isto levou a que os agricultores fossem obrigados a reparar novamente as edificações e que, por necessidade, aprendessem a “guiar” a água de modo a conseguir secar o solo do seu assentamento. Foi exatamente este princípio que foi aplicado nos avançados sistemas de irrigação que permitiram exponenciar a produção agrícola levada a cabo por estas comunidade<sup>302</sup>.

*“The valleys of the Tigris, Euphrates, Orontes, and Afrin Rivers and stone with occasional igneous rocks are in-filled with deep aluvial sediments flanked by Pleistocene terraces”*<sup>303</sup>. Este fenómeno é, também, o responsável pela criação de uma paisagem de pequenos tells, utilizados em contexto urbano. Teriam particular relevância.

Além deste facto comprovado, a topografia já influenciara os primeiros assentamentos humanos no Neolítico mesopotâmico, como se pode observar pelo mapa inferior, onde se verifica a existência um número de aglomerados urbanos fortificados através do aproveitamento dos declives do terreno, como como por exemplo em Al-Rawda e nas cidades a norte da grande e fértil planície de Harran<sup>304</sup>.

Não as cumprindo exatamente, mas, mas certamente evocando a memória da a localização topográfica destas cidades, da reencontram-se na cidade ideal que Platão apresenta na sua “República”. *“Para essa da sua cidade ideal, Platão concebeu, quer disso tivesse consciência ou não, uma secção “ideal” de solo – algo que um geógrafo denominaria “secção de vale”*<sup>305</sup>.

Por comparação, afastada por milhares de quilómetros e dividida por um imenso oceano, o facto é que as comunidades pré-colombianas Cahokia



Figura 80: O Selo de Adda, 2300 a.C. 2.55cm de diâmetro x 1.5cm de altura, British Museum, Londres.

301 Enki, mais tarde apelidado apenas de Ea, seria a entidade divina associada à água doce, assim como à capacidade de nutrir a terra. fortemente associado à criação, Jordan, *Dictionary of Gods and Goddesses*, p. 89

302 Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*, p. 56

303 Wilkinson et al., *Contextualizing Early Urbanization: Settlement Cores, Early States and Agro-pastoral Strategies in the Fertile Crescent During the Fourth and Third Millennia BC*, p. 10

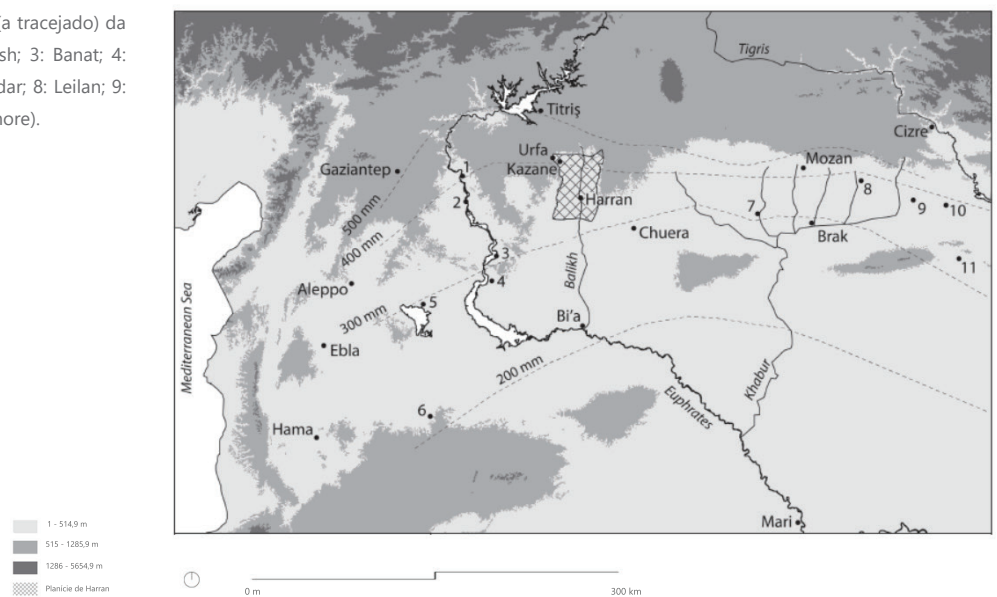
304 Creekmore, «Landscape and Settlement in the Harran Plain, Turkey: The Context of Third-Millennium Urbanization», p.178

305 Mumford, *A História das Utopias*. p. 37



estabeleceram-se em locais com menos variedade topográfica (em zonas particularmente planas) mas com outro tipo de riquezas “*within the widest expanse of the Mississippi floodplain 180km north of the Mississippi river embayment where the floodplain expands dramatically outward*”<sup>306</sup>. Assente entre os labirínticos afluentes deste rio, o terreno oferecia uma diversa circundante, o que permitia serem retirados do solo variados recursos utilizados na construção, assim como produtos de subsistência da comunidade. O que também não impediu que essas mesmas comunidades, na conceção dos seus aglomerados urbanos seguissem um imperativo antropológico, que os levou igualmente a construir, colina artificiais algumas de grande monumentalidade, com uma relação entre si e o tecido paleo-urbano semelhante senão mesmo afim, do ponto de vista organizacional, das grandes cidades médio-orientais...

Figura 81: Mapa topográfico com linhas isoetas (a tracejado) da Mesopotâmica Superior. 1: Birekic; 2: Carchemish; 3: Banat; 4: Sweyhat; 5: Umm- el Marra; 6: Al-Rawda; 7: Beydar; 8: Leilan; 9: Hamoukar; 10: Hawa (segundo Creekmore).



## E. DIVISÕES E PARTIÇÕES DA TERRA E DO ENTORNO PROTO-URBANO

Desde o Paleolítico que o ser humano apropria o espaço e lhe confere significado. Apenas mais tarde foi introduzido no léxico da mente humana o conceito de posse individual<sup>307</sup>. Nas cidades da Mesopotâmia superior, propriedade imóvel herdada não se encontra presente nos antigos textos.

<sup>306</sup> Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p. 297

<sup>307</sup> Este conceito de posse poderá ter começado, ou pelo menos principiado aquando da sedentarização e a masterização da agricultura/pecuária.

Em alguns casos, sugere-se que o regente local teria direito a toda a terra e a distribuiria de acordo com o estatuto e necessidade das famílias<sup>308</sup>. Fora das muralhas, a situação supõe-se diferente: trocas de terreno registadas sugerem que poderá ter existido um sistema comum de partilha de uma área a ser explorada com o objetivo de alimentar a cidade. Isto permite-nos especular que estas comunidades não teriam uma vinculação particular ou familiar para com o seu lar.

Assim, nestas cidades, o que definiria a cidade e o espaço público seria o avanço das construções de habitações, templos, assim como muralhas. Não seriam construídos com o intuito de um plano urbano regular e organizado, mas sim por pragmatismo.

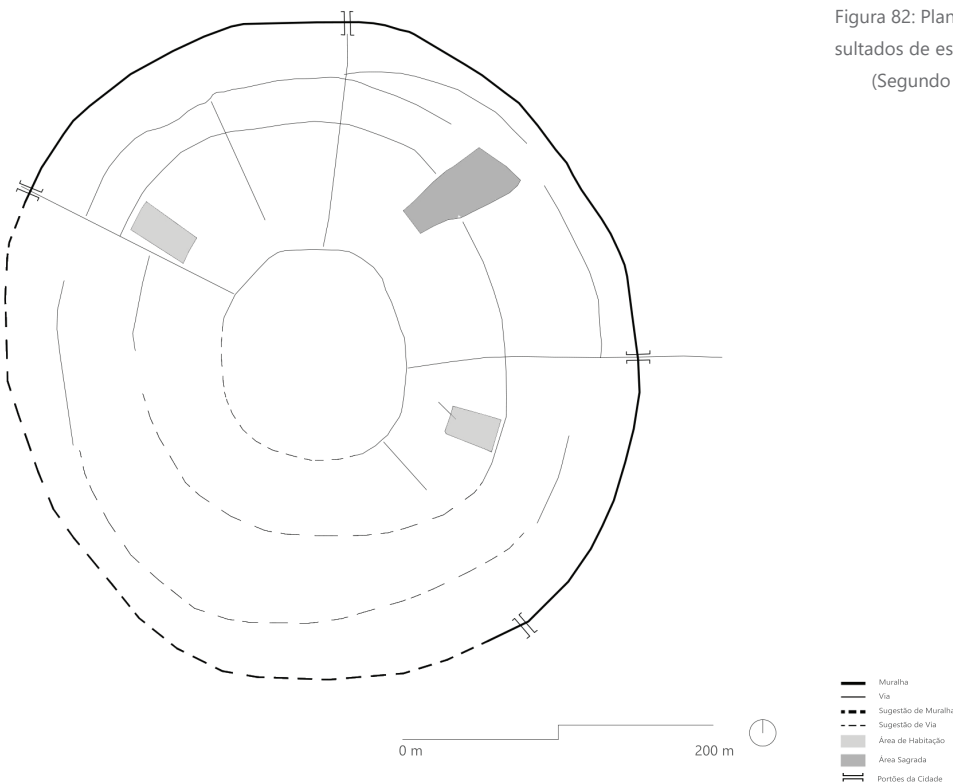


Figura 82: Planta esquemática de Al-Rawda, observável os resultados de escavações, e especulações sobre a restante cidade. (Segundo Castel e Peltenburg, redesenhado pelo autor)

Na cota alta da cidade, os *Tells*, “pseudo”-acrópoles, seriam edificados edifícios de dimensões mais generosas. Estes palácios serviriam os assuntos administrativos da cidade. Teriam certamente vertente religiosa pois a linha que separa chefes de estado e chefes religiosos é particularmente ténue (e por vezes nem sequer existe). Com isto, vem que os edifícios dedicados ao culto das mais diferentes entidades veneradas por estes povos estivessem centrados nestes

308 Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p. 45

centros da cidade. Não obstante, as atividades religiosas não se limitavam a este local. Existem também pequenas estruturas individualizadas que estariam espalhadas pelos diferentes bairros das cidades<sup>309</sup> e, em, alguns casos, encontravam-se mesmo dentro da habitação: seriam hóspedes de celebrações aos deuses da casa e do lar.

O espaço público destas cidades não era levado em conta, sendo particularmente reduzidos nestas cidades. Existiram alguns locais de reunião da comunidade central, alguns espaços mais abertos por vezes juntos às muralhas e, claro, as ruas propriamente ditas, mas dada a germinação e densidade da habitação, estes lugares, sítios ou encaminhamentos acabam por não serem especialmente generosos em área.

## F. EM SUMA

Então, no segundo capítulo, abordamos a cidade orgânica. Plena de “low level meanings” estas cidades refletem alguma da semiótica espacial no contexto urbano referido no primeiro capítulo. Mesmo quando a definição da forma não é um papel atribuído a um número pequeno de indivíduos (sacerdotes, xamãs, imperadores, *etc.*) a comunidade, em conjunto, estabelecia a ordem urbana que habitaria.

Observámos como a cunhagem de “organismo” a uma cidade, tem um motivo de ser que vai ao encontro do Ser, e como, mesmo nas palavras do urbanista KEVIN LYNCH, que se opõe a esta vertente mais “intrinsecamente viva” da cidade, são possíveis verificar algumas remanescentes de organicismo.

Analisámos a dicotomia entre a cidade planeada e a cidade não planeada (ou orgânica), e como é impossível, qualquer aglomerado urbano se situar num dos extremos deste espectro. Mas antes, um diálogo no tempo e no espaço *ad infinitum*.

Principiamos por comentar os fenómenos responsáveis pelo surgimento

de aglomerados urbanos, e como estes se cristalizaram às margens do Tigre e do Eufrates. Como o Deus responsável por cada cidade se imporia no Templo central de cada cidade mesopotâmica - a *Montanha* de ELIADE.

Muitos dos motivos descritos no primeiro capítulo, são também verificáveis nas cidades que se estabeleceram na Mesopotâmia em cerca de 2000 a.C.. A circularidade do limite que protegia a sacralidade da cidade e do *tell* central. Neste, estariam centralizados os poderes administrativos e religiosos.

De seguida, abordou-se a “escolha” do terreno. Como a topografia de um lugar seria relevante para a sua significação, e posteriormente para a construção da cidade. Não é possível afirmar com certeza os mitos e motivos para a cidade da mesopotâmia superior tomar a forma que tomou (apenas alguns paralelismos com as cidades a Sul e a imensa informação de lá possível de se retirar), todavia, estas vão ao encontro da idealização da cidade por Platão. Para mais, a proliferação desta forma, e a comparação com os casos de estudo apresentados no primeiro capítulo, torna impossível a não consideração destes.

Por fim, foi considerada a distribuição do espaço pela população. A quem, de facto, pertenceria o terreno, e como este era distribuído pela população. Os espaços destinados ao culto, e a “falta” de espaços públicos presentes nestas cidades.

Neste capítulo, é possível verificar como alguns dos temas arquetípicos abordados na arquitetura ocidental pré-histórica e antiga, se refletem no paleo-urbanismo mesopotâmico. De como o lugar poderia ser compreendido de modos semelhantes, contribuindo para a unidade que buscamos no presente documento.

| Em suma





A palavra “diagrama”, está definida pelo dicionário Priberam como:  
*1) uma representação de um objeto por meio das suas linhas de contorno; 2) delineamento; 3) esboço; 4) demonstração geométrica por meio de linhas.* Neste presente capítulo, será feita uma abordagem formal à cidade. Como esta se apresenta quando plena em *“high level meanings”*.

## A. O DIAGRAMA NO ESPAÇO

Uma análise diagramática da cidade, leva-nos a um estudo formal do espaço. SPIRO KOSTOF, quando da análise do complexo habitacional de Arcosanti<sup>310</sup> (Arizona, EUA), argumenta que a forma da envolvente vem em primeiro lugar e, gradual e lentamente, acabará por alterar a comunidade a um nível comportamental<sup>311</sup>. PAOLO, em concordância, afirma que *“a social pattern is influenced, if not directed, by the physical pattern that shelters it. In a one-container system are the best premises for a non-segregate culture. The care for oneself will tend to be care for the whole”*<sup>312</sup>. O que iria definir o modo como as comunidades interagiriam entre si começa pelo espaço. E não será uma ideologia vigente a definir todo o desenho do espaço. Numa comparação diacrónica -e referindo um caso a muitos séculos de distância!-, mas que não podemos deixar de mencionar que, EBENEZER tentou, a título exemplificativo, banir completamente o conceito de renda com as cidades jardins. O lucro, dos principais agentes responsáveis pela definição do espaço na cidade contemporânea, na cidade-jardim, desvanece-se e cai no esquecimento<sup>313</sup>.

Por isso, neste quinto capítulo será abordada a cidade “inelástica”. Enquanto que no capítulo anterior foram estudadas as cidades orgânicas, plenas de decisões de múltiplos indivíduos – *“low-level meanings”* e comportando flexibilidade na malha urbana e de acordo com a topografia, passamos agora a analisar os espaços desenhados por um conjunto reduzido de indivíduos, deixando transparecer diretamente no espaço algum tipo de ideologia, ou, até mesmo, uma parte do subconsciente humano.

*“By their nature, these cities are most often transposed into design in perfect geometric shapes, circles, and focused squares and polygons of various kinds, and they obey a rigid modes of centrality – radial convergence or axial alignment.”*<sup>314</sup>

310 Complexo “futurista” desenhado pelo arquitecto PAOLO SOLERI, onde este aplicava o seu conceito *Arcology*, o *mot-valise* das palavras Architecture and Ecology

311 Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p. 160

312 Soleri *apud Ibidem*

313 Ebenezer Howard, *To-morrow: A Peaceful path to Real Reform* (Londres: Swan Sonnenschein & Co., Ltd., 1898), p. 20-30

314 Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p. 162

## B. O PONTO

No terceiro capítulo do presente documento fez-se uma pequena abordagem de como as “avenidas” pré-históricas ainda hoje se podem testemunhar na paisagem europeia. Estas poderão ter sido construídas com o intuito de proporcionar ao xamã, um lugar apropriado onde pudessem ser levadas a cabo as devidas cerimónias e de lhe proporcionar as condições para o voo xamânico. Com isto, o indivíduo que mais facilmente se associa com uma natureza mais espiritual, assume também, em parte, responsabilidade pelo desenho do espaço e definição da paisagem.

Este é um fenómeno que se testemunha um pouco por todo mundo (em Nazca, Egito pré-dinástico e Dinástico, por exemplo). Apenas com a laicização do Estado começou a perder fundamento e justificação. Note-se que esta “não separação” da mais alta entidade religiosa com a mais alta entidade estatal tornou-se verificável no desenho do espaço e do lugar. No Antigo Egito, podemos verificar que, o Faraó, teria também o título de Deus-Rei. O divino chefe de estado seria responsável não só pelos enormes túmulos e templos que nos chegam aos dias de hoje, mas também pela implantação do resto dos aglomerados urbanos, mas era também Deus, com isso dador da Vida segundo uma simbiose funcional de carácter político-religioso, que aqui se vai aperfeiçoando ao ponto de culminar, precisamente com o Faraó, o Rei-Sacerdote Supremo, ou, se quisermos, usando a terminologia latina, de Sumo-Pontífice.: como Pontífice, o sacerdote é Rei e constrói; faz as “estradas” e as “pontes”.

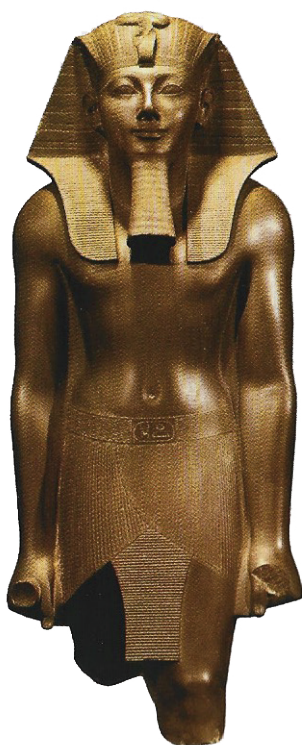


Figura 83: Tumtês III, soberano da XVIII dinastia. Museu de Luxor, Egito

MUMFORD, compara este tipo de planeamento urbano com os levado a cabo pelas cidades colonizadoras Gregas e Romanas (neste último exemplo, com as centuriacões), e séculos mais tarde, com as urbanizações implantadas pelos Europeus no Novo Mundo. “Speed and mechanization”, são os motivos que o autor aponta para intervenções urbanas desta natureza: “*City building under the Pharaohs was a swift one-stage operation: a simple geometric plan was a condition for rapid building*”.<sup>315</sup>

315 Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*, p. 87

Não obstante da falta de achados arqueológicos físicos que nos comprovem estas afirmações, leia-se o panegírico da cidade de Ramses, abrangendo não só a fundação da cidade, mas também toda a sua gestão. Fundador: "Ra", Deus-Sol/Rei-Sol:

*"I have reached Per-Ramses and have found it in very good condition, a beautiful district, although its like after the pattern of Thebes. It was [Ra] himself [who founded it]"*<sup>316</sup>

Verifica-se, assim, que existe como que um pré-ordem superiormente estabelecida que legitimava determinado traçado urbano e a consequente fundação da cidade. O Oráculo de Delfos seria dos mais consultados por toda a Grécia. Davam as pitonisas de Apolo, o conselho bélico, urbano, e de mil outras naturezas a quem cruzasse o Monte Parnáso à sua procura. Na antiga China, casos paralelos se verificam, nenhuma cidade seria implantada no terreno, sem cumprir escrupulosamente os detalhes presentes num dos rolos clássicos do confucionismo: os *ritos de Zhou*<sup>317</sup>.

*Shi Huangdi* (260 – 210 a.C.), unificou "tudo sob o Céu" (a China), e é também responsável pelas primeiras fases da construção da Muralha da China. O mesmo instalou a sua capital no antigo local de Chang'an. Fica com isto implícito que o Imperador se identificava com os anciãos chefes de estado chineses, e possivelmente assumir uma *"semi-divine genealogy"*<sup>318</sup>, para o seu mandato sobre "tudo sob o céu". Os seus monumentais palácios sobrevivem apenas numa perdida memória. O seu mausoléu, no entanto, não. Na montanha de Lishan, escavado em forma de pirâmide (com uma base de cerca de trezentos por trezentos metros!), o Huangdi levou consigo para o túmulo um colossal exercito. Este ficou conhecido como o exército de Terracota<sup>319</sup>. Estes protegeriam o corpo do imperador (no centro) com exceção da sua frente Norte.

*"They obey the cardinal order that established his tomb-palace as an image both of the empire and of the world, and the emperor himself lay at the*



Figura 84: Templo de Apolo em Delfos (fotografia pelo autor)

316 Mumford, *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*, p. 88

317 Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p. 174

318 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 233

319 Cerca de sete mil estátuas de lanceiros, arqueiros, cavaleiros. Todos à escala real, e com feições individuais.

centre.”<sup>320</sup>

Estes chefes de estado estariam responsáveis pela ordem cósmica transposta no urbanismo e no desenho do espaço, encarando assim a mais alta figura no espectro mágico-religioso. Estes mesmos indivíduos seriam também os responsáveis pelas celebrações de passagem do Tempo através das famosas circumdeambulações levadas a cabo pelos Imperados em cada calendário (*Ming T'ang*)<sup>321</sup>.

Existe um monumento em Roma que materializa o que tentamos aqui expor. Este monumento é a *Ara Pacis*, o “original” panteão romano (Summers, 2003), mandado construir aquando do regresso de Augusto<sup>322</sup> das campanhas na Ibéria e na Gália. É, por conseguinte, um monumento erguido em nome da Paz, e da sua respetiva deusa, *Pax*, por se ter atingido a pax romana ou *Pax Augusta* e a submissão dos territórios então conquistados.

Figura 85: Ara Pacis, em Roma.



SUMMERS afirma que este monumento é, uma glorificação a céu aberto do Imperador e do Império, e assume a função de *templum*. Elevado por um pódio, teria entrada por Oeste, e o altar a Este. Toda a construção é elevada em mármore branco, o interior é relativamente minimalista, mas o exterior é, no

320 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 234

321 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 219

322 Primeiro imperador romano, o seu aniversário seria a 23 de setembro (equinócio de outono): neste dia, o *Horologium Augusti*, um relógio solar com cerca de três metros e meio de altura, oriundo do Egito, apontaria directamente a este para a *Ara Pacis Augustae*. Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 225



entanto, particularmente rico em baixos relevos narrativos. Estes, demonstram uma procissão (no sentido Este até Oeste) que principia num cenário de abundância, em direção à fundação de Roma. Na fachada Sul, surge exatamente o próprio Augusto. Este, apresenta-se como líder da procissão, como *Pontifex Maximus*<sup>323</sup>, a cabeça do culto do estado, traduzido para supremo construtor. Sacerdote mor. Por seu lado, muito antes, já no conjunto de cerimónias mesopotâmicas que levariam doze dias, eram recriados os momentos em que o Deus Marduk defronta Tiamat. O replicado combate, que se passa in illo tempore, é o responsável pela passagem da humanidade do Caos para a Ordem. Era recriado o acto cosmogónico. O mítico evento, nunca deixou de o ser, nem ficou “para trás” no tempo. Este era reatualizado anualmente<sup>324</sup>.



Figura 86: Fachada sul da Ara Pacis, Friso representativo de uma procissão com Augustus como *Pontifex Maximus*

Ora, na *Ming T'ang*, algo semelhante aconteceria. A circumdeambulação seria uma réplica dos actos levados a cabo pelo lendário Imperador Yu. Responsável pela invenção da metalurgia, e pela medição do mundo<sup>325</sup>, era aqui também feita uma passagem em revista do progresso da(s) comunidade(s)

323 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 225

324 Juan Luis Montero Fenollós e Manuel García Sánchez, «Babilónia e Persépolis», *National Geographic*, 2020, p. 24

325 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p. 219



Chinesa(s), que se almejou (e ainda almeja?) recriar na continuidade do tempo.

### C. O CÍRCULO

A total representação do Eu.

A forma circular é utilizada para desenhar e definir o espaço desde tempos imemoriais (ou quase e materialmente os exemplos foram sendo colhidos exemplos que em parte era metáfora do “habitar” arcaico, tais estruturas de madeira como a “cabana” de Viollet le Duc<sup>326</sup>. O círculo foi, de facto, uma forma perpetuada no tempo e na cidade quase como nenhuma outra. Desde o já referido mundus e templus (de uma natureza ritual, e correspondendo não à própria forma da cidade), passando por Circleville, no Ohio, até aos grandes eixos que envolvem e distribuem do trânsito em coincidentemente as chamadas “circulares” nas grades metrópoles actuais, entre as quais Lisboa (“Segunda circular”, “CRIL” e “CREL”).

Esta geometria circular é das prediletas dos escritores/filósofos quando idealizam as suas cidades perfeitas, as suas Utopias. Não obstante estas literalmente traduziram-se em “projeções” pelo que não constituem o foco principal do presente documento, é de referir o facto de *A Cidade do Sol* de CAMPANELLA, a *Cristianópolis* de ANDRAE<sup>327</sup>, a Cidade da Verdade de BARTOLOMMEO DELBENE<sup>328</sup>, entre muitas outras agregações urbanas idealizadas, apresentarem a estrita forma circular, são porém tomadas em consideração numa vasta interrogação antropológica, como é óbvio e necessário.. Não é, igualmente, possível deixar de referenciar casos como as *Cidades Jardins* de EBENEZER HOWARD, que este autor postulou este conceito numa publicação em 1898. Nesta hipóteses e projecção oitocentista, concebida depois da revolução industrial, foi tomado em consideração a infraestrutura que não era enquadrada no pensamento dos autores das primeiras cidades idealizadas aqui referenciadas. Apesar de nenhuma cidade jardim ter sido construído na íntegra, algumas das suas premissas de desenho rodoviário e distribuição de lotes e parcelamento encontram-se presentes em algumas cidades contemporâneas e em muitos

326 Rykwert, *On Adam's House in Paradise: The idea of the Primitive Hut in Architectural History*, p. 39

327 Mumford, *A História das Utopias*, p.

328 Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p.163

subúrbios.

No entanto, sem dúvida, a cidade *ideal* mais influente, e que é, ainda hoje, alvo de especulações, é aquela cuja “queda” se deu (narrativamente...) há mais de nove mil anos: a mítica cidade de Atlântida. Continente perdido, nunca encontrado, do qual apenas resta “um obstáculo de lama intransitável para aqueles que querem navegar dali para alto-mar”<sup>329</sup> com ela perdeu-se a sua cidade. E para Platão, a cidade era o que importava realçar e só.

De acordo com os diálogos de PLATÃO, Sólon, em terras egípcias, teria recebido os manuscritos que descreviam a lendária nação. “*Aquém das Colunas de Héracles*”<sup>330</sup>, algures no Atlântico, estaria situado o continente que albergaria a cidade. Esta seria composta por várias muralhas: uma, exterior, dentro da qual se situaria a maioria da população; e outra interior, os “*anéis de terra alternados com outros de mar, uns maiores, uns mais pequenos – dois de terra e três de mar, no total, torneados a partir do centro da ilha e equidistantes em todos os pontos*”<sup>331</sup>, erguidas pelo próprio Poseidon, o fundador. No centro de todas estas circunferências, estaria um templo ao *oecista* Deus e senhor dos mares: Poseidon.

Mais uma vez encontramos aqui a importância dada ao centro como local de contacto direto com as entidades divinas, neste caso o fundador. Neste templo central, eram reunidos os *dez reis* de Atlântida<sup>332</sup>, e ali se levariam a cabo os ritos de sacrifício (de touros ou taurobolium), para se certificarem que as suas decisões administrativas iam ao encontro com a vontade dos Deuses. Segundo FIALHO (2013) este conjunto de ritos poderia ter sido inspirado nas palavras de Heródoto ao descrever uma monarquia egípcia, cujos moldes seriam semelhantes. Seriam, no entanto, *doze* reis, em lugar de dez. Este tipo de organização esteve também presente no santuário em Delfos, onde, no templo de Apolo, estariam definidas doze regiões, radialmente distribuídas<sup>333</sup>, e em

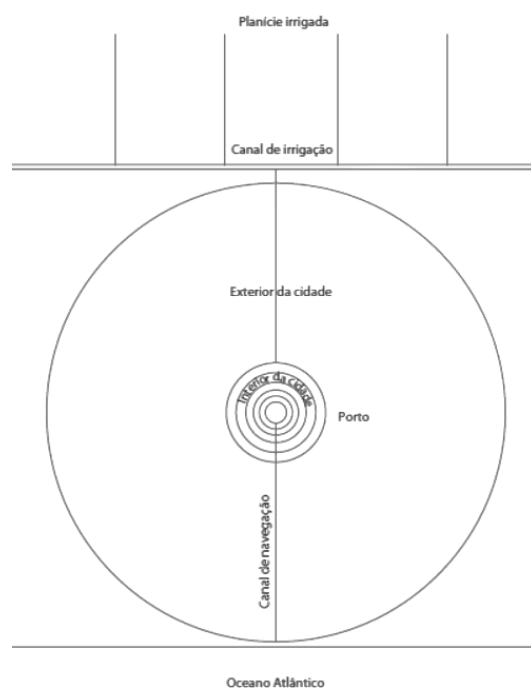


Figura 87: Atlântida de acordo com Críticas (segundo Pereira)

329 Platão, *Timeu-Críticas*, ed. Maria do Céu Fialho (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013), p. 220

330 Estreito de Gibraltar, *Idem*, p. 54

331 *Idem*, p. 230

332 “de cinco em cinco e de seis em seis anos, alternadamente, distribuindo assim equitativamente ciclos de anos pares e ímpares.”, Platão, *Timeu-Críticas*, p.242

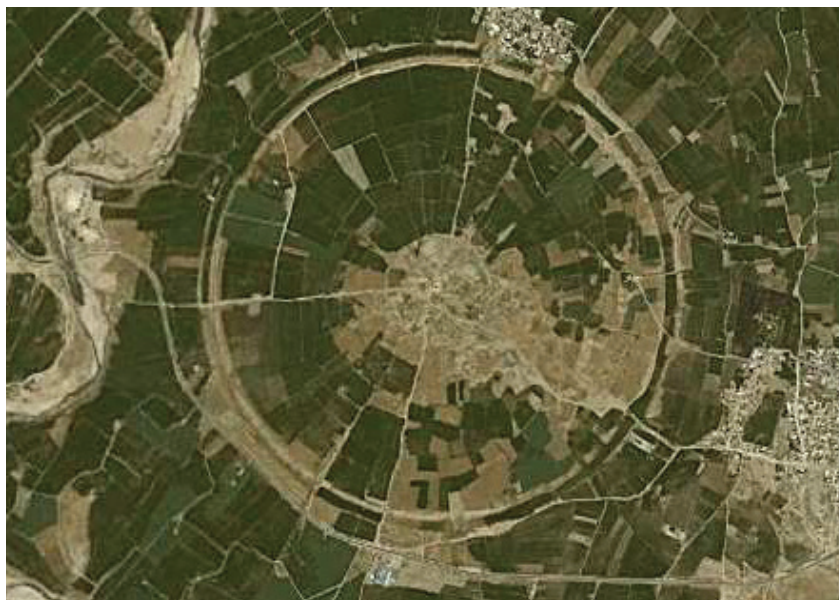
333 Richer, *Sacred Geography of the Ancient Greeks: Astrological Symbolism in Art, Architecture, and Landscape*, p. 12

muitos outros exemplos que verificaremos posteriormente.

O próprio fim catastrófico da mítica cidade, poderia estar relacionada exatamente com esta “errada” distribuição, por não se reger pela canônica divisão dodecagonal, presente em praticamente todas as visões cosmológicas zodiacais, e até mesmo nos primeiros sistemas de contagem cuneiformes<sup>334</sup>. De acordo com John Michell<sup>335</sup>, poderia ter sido este o exato motivo para o fatal destino de Atlântida. Apesar de incompleta a obra, eis o que poderá ter sido um dos ensinamentos presentes na obra platônica.

No mundo antigo, existiria assim uma aliança cósmica entre o poder político e o poder religioso. O autor, expõe os casos dos impérios Assírios e Persas, onde terão nascido as práticas de um poder mais central e porventura institucional. Este absolutismo, ficou gravado nas palavras de Heródoto. Este último descreve a cidade de Ecbitana, fundada em 715 a.C., situada numa planície a nordeste do atual Irão, como um complexo urbano perfeitamente circular. Esta forma-base seria ainda fortemente acentuada com um sistema de 7 muralhas concêntricas – cada uma alusiva a cada um dos planeta<sup>336</sup>.

Figura 88: Gur (Firuzabad, no actual Irão), esta cidade foi capital do Império Sassânida no III séc. a.C.



Estas metodologias urbanísticas de traçados circulares e concêntricos foram continuadas pelo Império Sassânida e Parto<sup>337</sup>.

334 Não diretamente dodecagonal, mas sexagimal, Masó et al., «Mesopotâmia: As Primeiras Civilizações», p. 36

335 Apud, Pereira, *Lugares Mágicos de Portugal: Espírito da Terra*, p. 65

336 Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p. 183

337 *Ibidem*

O aclamado pai da teoria arquitetônica, VITRÚVIO, toma também uma posição relativamente ao uso desta forma para a cidade. *"Towns should be laid out not as an exact square nor with salient angles, but in circular form, to give a view of the enemy from many points"*<sup>338</sup>. O romano argumenta também que as ruas desta tipologia de cidades deveriam estar estrategicamente colocadas tendo em conta os 8 ventos dominantes (de acordo com a sua rosa dos ventos), de modo a não criar exagerados e desconfortáveis corredores de vento.

#### D. O CENTRO

Já foi no presente documento abordado o tema do centro, o seu significado antropológico e como este era entendido aquando aplicado no desenho do espaço por comunidades pré-históricas. Nas comunidades chinesas a cidade, e tudo o que esta acarreta, simbolizavam não necessariamente uma união entre os Céus e a Terra, nem propriamente uma representação do cosmos. A cidade era, em si, o centro do universo.<sup>339</sup>

*"Every time the capital moved, so did the center of the universe."*<sup>340</sup>

Segundo SPIRO KOSTOF,(1991) existiriam na China, já no primeiro milénio a.C., dois modelos elementares de capital. Na China, no período que coincide cronologicamente com a primeira unificação devida à dinastia Han - já existiria uma série de documentos e práticas regulares no que respeita à construção de uma cidade. Todas estas seriam reticuladas e quadrangulares, com base na mítica interpretação do cosmos pela comunidade chinesa, como iremos mais tarde abordar.

Num dos modelos, por exemplo, verificável na cidade de Chang'an, testemunha-se o complexo imperial situado na extremidade norte, centrada pelo eixo perpendicular (Este-Oeste). Esta tipologia foi particularmente influente no arquipélago Japonês. Foi "copiada" e aplicada em cidades nipónicas tais como Naniwa, Shigaraki, Kuni e Nara, entre outras, embora nem sempre aí

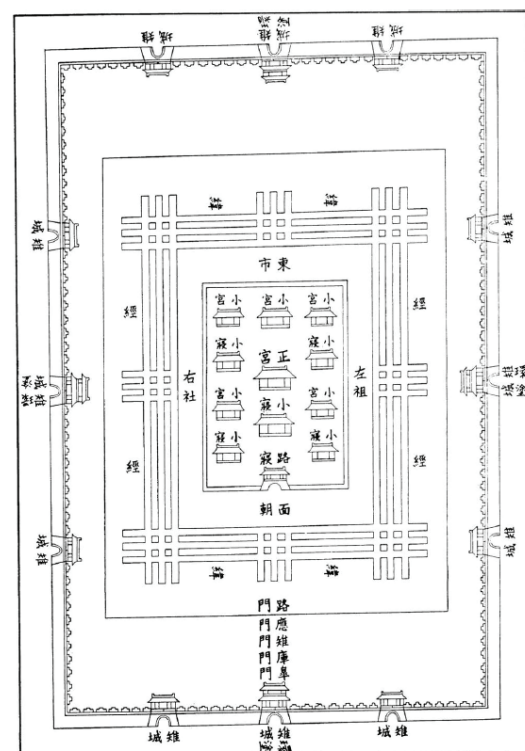


Figura 89: A cidade ideal segundo os Zhou, esta seria rigorosamente simétrica e concêntrica, no seu centro estaria o complexo imperial

338 Vitruvius, *Ten Books on Architecture*. Livro I, cap. V, #2

339 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World.*, p.223

340 Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p174

fossem erguidas muralhas a fechar a agregação urbana<sup>341</sup>.

Este segundo modelo de capital, tem a sua centralidade algo mais acentuada. Utilizado na grande cidade de Pequim, este plano está presente no livro de Zhou Li (Rituais de [rei] Zhou): *"it is the sovereign alone who establishes the states of the empire, gives to the four quarters their proper positions, gives to the capital its form and to the fields their proper divisions. He creates the offices and apportions their functions, in order to form a center to which the people may look"*<sup>342</sup>

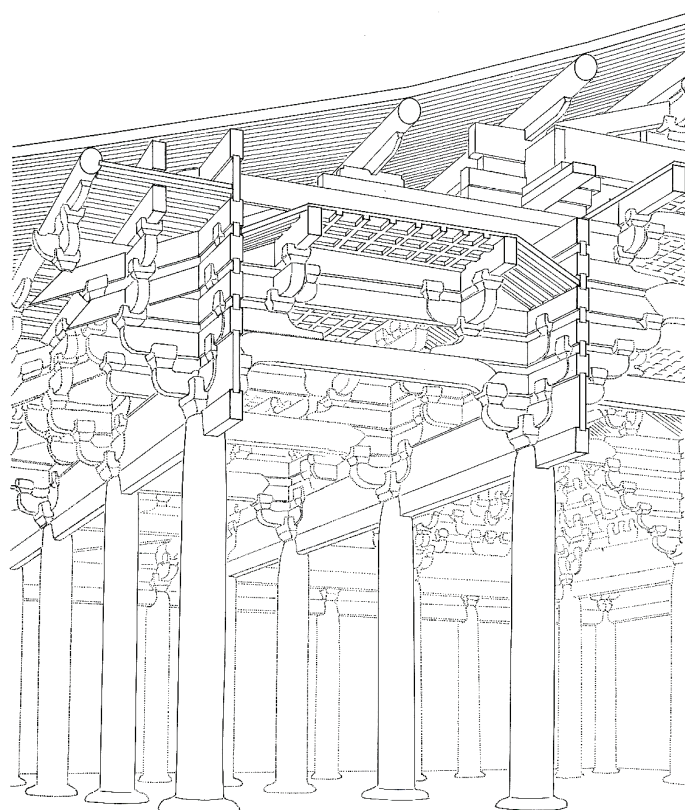


Figura 90: Sistema de modilhões (segundo Kostof)

O conceito de centro e a sua relevância dada pela dificuldade ao seu acesso, ficou também no desenho do espaço em arquiteturas por todo o mundo. Posteriormente iremos analisar alguns templos hindo-budistas. No cosmos chines, a verticalidade do centro cristalizou-se – entre outros – nas *pagodas*. Na dinastia Tang (oitavo século), foi erguida a Pagoda do Grande Ganso Selvagem. Um dos pontos de interesse aqui são aquilo a que na realidade chamamos modilhões ou "cachorros", neste caso com um grande "balanço". Seriam estes suportes estendidos, como se salienta – e assaz salientes, diga-se de passagem!

341 *Idem*, p. 179

342 Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p174

- e o modo como descarregavam e distribuíam o peso sobre as vigas, permitiram uma *“endless opportunity for technical invention, variation, experimentation and refinement, and for hierarchical ornamentation”*<sup>343</sup>.



Figura 91: Pagoda do Grande Ganso Selvagem

A civilização egípcia - hoje sobretudo conhecida pelas colossais estruturas que resistiram ao teste do tempo como quase nenhuma outra comunidade - carece de escavações mais profundas das respectivas uma vez não terem sido, até hoje, encontrados muitos vestígios urbanos ou citadinos, algo que a tecnologia LIDAR agora mesmo utilizada tem posto em relevo, à espera de estudos mais abrangente. No cômputo geral, apesar de tudo, é muito o que se sabe através dos seus monumentais túmulos, templos e respetivos artefactos, o que permite retirar bastantes conclusões sobre o modo que esta povo encarava a realidade, a sua envolvente, e o espaço

Com efeito, as comunidades do vale do Nilo, desde particularmente cedo, se destacaram – juntamente com as do Vale do Indo, e com as mesopotâmicas – pelo aproveitamento das anuais enchentes que permitiriam uma porção de terreno constantemente fértil. No entanto, uma das mais importantes épocas destes povos, foi exatamente quando Namer (circa 3100 a.C.) unificou o Alto e o Baixo Egito. Durante quase três milhares de anos – até à ocupação Persa – praticamente todo o eixo “vertical” composto pelo Nilo era uma área bem

343 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 172





Figura 92: Palette de Narmer

consolidada e abençoada pela dádiva divina do Faraó<sup>344</sup>.

Uma das mais importantes cidades – e das mais a Sul – seria Hierakonpolis (traduzido do grego: Cidade do Falcão). Seria um território utilizado já desde o quarto milénio a.C. Já nesta altura, a cidade teria um templo no seu centro, o qual, mesmo depois de reconstruído, manteve os seus alinhamentos. Os construtores – ou os chefes da Cidade do Falcão (Hórus<sup>345</sup>), na unificação dos terrenos do Nilo, teriam estabelecido, assim, um novo *centro* do mundo.<sup>346</sup>

Nesta mesma cidade – dentro do templo de Hórus – a foi encontrada a famosa Palette de Narmer (3100 - 3200 a.C). Este artefacto (63.5cm de altura) ilustra e recorda a união do Alto e do Baixo Egito e do seu responsável<sup>347</sup>.

No “escudo” ou “peitoral” -a função é ainda hoje algo equívoca – encontra-se representado no recorte superior e de cada lado duas cabeças de vaca acomodando o nome do governante, referencia ao símbolo da deusa Hator. Abaixo vê-se o faraó envergando o a coifa vermelha – a coroa neshert do Baixo Egito – e vai descalço designado a sacralidade do ato que ali se encena, acompanhado de um portador, de um sacerdote e de porta-estandartes com a heráldica (se assim lhe podermos chamar- e provavelmente sim...) das regiões do Reino. O lado contrário exhibe os derrotados, decapitados, o que nos inclina a ver aqui mais uma representação simbólica do real de qualquer hecatombe humana.<sup>348</sup>

Seguem-se logo abaixo dois grandes animais híbridos (um “serporardo”, isto é, dois leopardos afrontados com pescoço serpenteante formando um entrelaçado com uma área livre a meio, que alguns vêem como a representação simbólica da união do Alto e Baixo Egito, embora não pareça tão esclarecedora quanto a combinação das coroas que definirá a figura dos faraós. Logo abaixo, volta a figura da vaca ou boi, como sinónimo de forças e poder, e certamente, de sacralidade induzida na figura do rei.

Do lado reverso, a parte superior é idêntica ao anverso, e abaixo surge

344 *Idem*, p. 8-30

345 Figura central do panteão da mitologia egípcia. Filho de Osiris e de Horus, este é comumente representado completa ou parcialmente como um falcão. Após Seth ter assassinado Osiris, Horus defronta-o numa duradoura batalha.

346 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 206

347 *Ibidem*

348 *Ibidem*

a figura do rei com a coroa do Alto Egito – *hedjet* – acompanhado pelo séquito, e por uma figura de Hórus. Em baixo, corpos contorcidos remetem para os inimigos derrotados.

Portanto, a vaca ou boi sagrado é representado várias vezes e sempre em relação com a ação do rei, pelo que este se associa à Deusa Hathor. O seu nome, segundo SUMMERS, corresponde a “casa de Hórus” Hathor seria uma entidade associada também com a pastorícia, e com o céu – e por sua vez – com Nut. São Nut e Hathor, o céu, e mães do Sol; e com isto, todo e cada Faraó se identificará com o Astro-rei, sem perder no entanto a sua ligação sagrada à Lua- símbolo feminino por excelência, e à noite (Nut), e determinante para os ciclos mensais.

A unificação do Egito foi uma ação projetada para o tempo mítico. O Faraó era a reencarnação dessa triunfante divindade. *“The battle for the unification of Egypt was thus fought in the heavens themselves, and the victorious king was ever victorious. Osiris was ever reborn, Horus was ever triumphant; and the great and splendid tomb of the king, the image of the primeval hill, was like the one animating pivot of the heavens.”*<sup>349</sup>

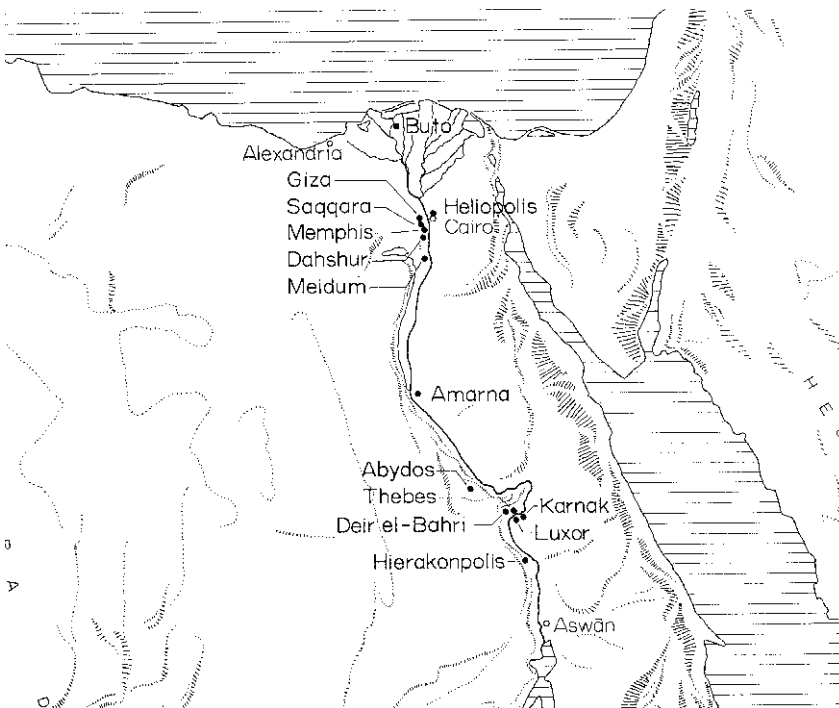


Figura 93: Principais cidades e recintos do Antigo Egito

O arquétipo do centro, implícito no conceito de capital da uma nação, de uma religião, ou até mesmo, *em cada cidade*, é verificável, por isso, em todo o

349 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 214

globo. É um *ideal intemporal*. Neste, o ser humano almeja projetar algumas das suas mais profundas convicções.

## E. RELIGIÃO E POLÍTICA NA CIDADE-DIAGRAMA

No conjunto das civilizações que floresceram onde hoje se situa a China, é onde mais facilmente se observa o impacto não só religioso, mas também político que existiu no planeamento urbano de cidades (maioritariamente capitais de dinastia).

Na dinastia Tang, a mais perfeita e rígida malha ortogonal foi utilizada na cidade de Chang'an. Este tipo de governo absolutista iria definir a utilização de cada uma das áreas da sacra cidade. "*The city symbolized power*"<sup>350</sup>. A ideologia de uma imutável hierarquia social, era cristalizada no rigor da ortogonalidade da cidade capital. Estariam estritamente divididos os edifícios governativo-administrativos, de culto, assim como os bairros habitacionais estariam seccionados por classe social.

É verificável nas imperiais cidades chinesas a ênfase e um particular fascínio com o eixo norte-sul. Este seria desenhado de acordo com uma estrutura ideológica de organização do cosmos, assim como da sua envolvente. Na cosmologia chinesa, a Terra teria uma forma cúbica. Mas os corpos celestes que a rodeiam estariam inseridos, por sua vez, numa esfera celestial em paralelo com o significado sagrado dado à tartaruga, com um dorso plano e uma carapaça abobadada. Assim, "*space was conceived of as a series of imbricated squares, at the center of which lay the capital of the empire strictly oriented to the points of the compass. And in the fulcrum of the capital, the imperial palace commanded the main north-south axis, facing southward (...)*"<sup>351</sup>.

No complexo imperial, haveria uma "casa do calendário", a *Ming T'ang*. Incapazes dos grandes feitos de circumdeambulação conseguidos pelo

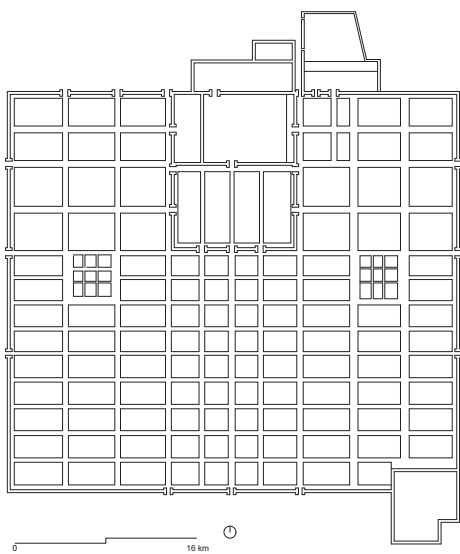


Figura 94: Cidade de Chang'an durante a dinastia Tang (redesenhado pelo autor)

350  
351

Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p. 99  
*Idem*, p. 174

lendário imperador Yu, o Grande<sup>352</sup>, os posteriores imperadores limitaram-se a celebrar e simular estes acontecimentos replicando-os através da *Ming T'ang*, celebração de circulação em redor, procissão ritual circular, que o acto *in illo tempore*, segundo o qual o mítico imperador foi responsável pela “civilização” da humanidade. A utilização deste espaço e o comportamento do imperador acompanharia os ciclos naturais “*moving from hall to hall as the seasons changed and completing one revolution in the course of a year*”<sup>353</sup>. O simbolismo cósmico que afetaria esta utilização do espaço, teria o nome de *Hung Fan*. Este seria o responsável não só por ditar a conduta imperial ao utilizar aquele sagrado santuário, mas também *de tudo* o que respeitasse desenho da cidade, incluindo o detalhe determinante do posicionamento e assentamento de cada bairro, a sua *etc.*<sup>354</sup>. A análise hermética de JOSEPH RYKWERF, confere – ou reconhece – proporções geométricas nos edifícios de planta retangular ali inseridos, “*related to the microcosmic opposition of male and female, of Ying and Yang, by which the universe was constituted*”<sup>355</sup>.



Figura 95: Gravura de Yu o grande, durante a dinastia Han (202 a.C. - 220 d.C.)

## F. O HABITAT COMO REFLEXO DO COSMOS

Não apenas no planeamento e construção urbano chinês ficou cristalizado um entendimento do cosmos, e como cada ser humano ser posicionaria neste.

DAVID SUMMERS defende como, bem antes da ideologia imperial chinesa, já as construções das comunidades no Este Asiático surgiram da relação entre ordem, espaço social, e do próprio modelo de um “mundo maior”.<sup>356</sup>

Do mesmo modo que os percursos solares e lunar teriam a maior significância aquando do planeamento do espaço no ocidente europeu, também o assim o foi no desenho destas primeiras habitações. A porta estaria virada a Sul, de modo a que a cumeeira estivesse orientada Este-Oeste. Os beirais

352 Mítico imperador chinês, creditado pela invenção da metalurgia, o seu reino estaria na mesma moldura cronológica que “*Babylonian reign in Ur, to the eleventh or twelfth dynasty in Egypt, to the beginning of Middle Minoan in Crete, and the passage from Harappa II to Harappa III in India*” in Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World.*, p.. 224

353 *Ibidem*

354 *Ibidem*

355 *Idem*, p.219

356 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 124

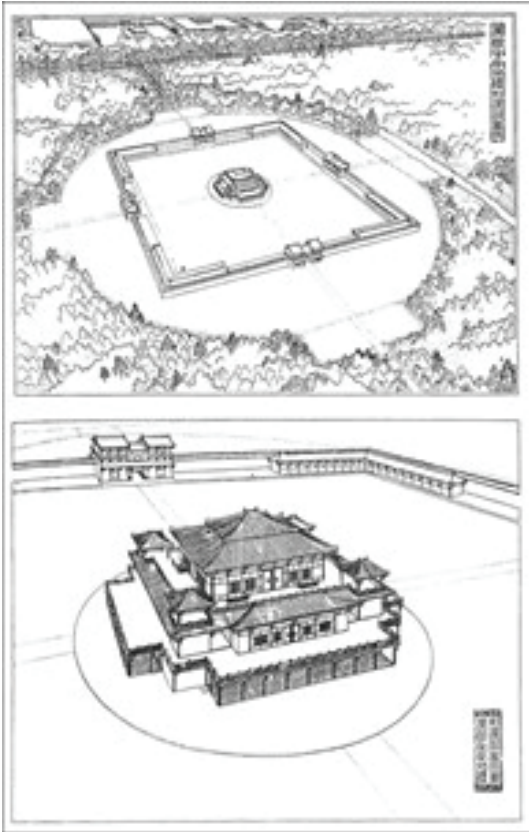


Figura 96: Ming T'ang como descrita nos textos da Dinastia Hang.

das casas seriam já conceptualizados assimilando a passagem mais alta do Sol no Verão, e mais baixa no Inverno, permeabilizando solarmente a habitação, quando assim fosse necessário e de acordo com os solstícios.

O autor afirma que esta técnica básica de projecção do espaço apresenta uma das *"deepest and most basic credibility for equally basic assumptions about the world, since it involves the irreducible rhythms of time and life itself."*<sup>357</sup>

Desta dualidade sombra-luz - a partir do qual estaria designado o espaço social da habitação chinesa - conclui-se que o yin ganhou conotações relacionadas com o Norte - a sombra, orientação ligada à morte e destinada a receber sepulcros, enquanto a Sul imperava a Luz e a Vida. Desta associação fenomenológica de significados a orientações, surge o - agora popular no ocidente - *feng shui*. com o objectivo de adaptar a habitação segundo estes modelos "antigos" e "sapiestes", mesmo quando as condições físicas não o permitem. Esta prática subentende também a grelha criada pelo lendário imperador Yu, como se verá mais adiante.

Desta dualidade sombra-luz - a partir do qual estaria designado o espaço social da habitação chinesa - conclui-se que o yin ganhou conotações relacionadas com o Norte - a sombra, orientação ligada à morte e destinada a receber sepulcros, enquanto a Sul imperava a Luz e a Vida. Desta associação fenomenológica de significados a orientações, surge o - agora popular no ocidente - *feng shui*. com o objectivo de adaptar a habitação segundo estes modelos "antigos" e "sapiestes", mesmo quando as condições físicas não o permitem. Esta prática subentende também a grelha criada pelo lendário imperador Yu, como se verá mais adiante.

## G. A CIRCULARIDADE COMO REFLEXO DO COSMOS

Existe um diagrama de particular relevância que ainda não foi



devidamente abordado neste documento: a *mandala*, palavra de origem sânscrita que significaria “simplesmente” círculo. Continha em si o conceito de centro e de circunferência<sup>358</sup>.

As cosmologias do sudeste asiático unem o *círculo* e o *centro* – pois o indivíduo é centro do seu universo, o seu próprio espaço e tempo – com o *quadrado* – representação de uma entidade absoluta e extramundana, na qual impera a ordem<sup>359</sup>. Estas duas figuras geométricas proliferam em incontáveis *mandalas* com diferentes representações, mas sempre com a mesma *forma mentis*.

Aquando da implantação de um templo hindu, um dos ritos essenciais de fundação seria exatamente a *vástupurushamandala*<sup>360</sup>. Seria desenhada no chão uma mandala (mais ou menos elaborada conforme a época), coberta de flores, decorada com luzes e incenso em todo um conjunto de ritos que chegam a ecoar algum paralelismo com os já analisados métodos de fundação etruscos.

*“The wise architect should meditate on the two oxen as the sun and the moon, on the plough as the board-god (Vísnu) and on the builder as Brahma...”*<sup>361</sup>

Kostof, expõe o modo como o diagrama cosmológico seria usado, não só para templos, Na implantação de cidades, uma de quatro mandalas seria escolhida pela entidade religiosa responsável: *swastica*, a mandala urbana; *dandaka*, a mandala cruciforme; a *padmaka*, ou a flor de lótus; e a já referenciada *vástupurushna*<sup>362</sup>.

Estas práticas de desenho foram posteriormente postas novamente em vigor já no séc. XVIII pelo rei Sawai Jai Singh (1700-1745), e no seu mandato para construir a cidade de Jaipur<sup>363</sup>. O diagrama foi adaptado para ir ao encontro da irregularidade do terreno. No seu centro estaria o complexo palaciano, assim como um observatório. Com isto, no centro da mandala, estaria construída a

Figura 97: Vasudhara Mandala, *circa* 1504, Nepal. Coleção de Stella Kramrisch.

358 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.201

359 Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p. 179

360 *Vástu* – a total extensão de um ser ordenado. *Purusa*, o homem cósmico, aquele que está na origem do ser, e simultaneamente uma manifestação do que vai para além do ser. Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.201

361 Manasara (texto sanscrito sobre os aspectos arquitectónicos e da iconografia), *apud idem*, p. 204

362 *Idem*, p. 179

363 Iswen Vellu et al., «Jantar Matar: The Science of Indian Conjecture», sem data, p. 11







*"physical ability to make contact with the heavens, of which affinity the mandala was the symbol"*<sup>364</sup>.

Circa 750, foi construído o templo de Borobudur, na atual Indonésia. Como Angkor Thom, também esta se encontra inscrita numa *mandala*<sup>365</sup>. O complexo foi erguido numa fértil planície. Crê-se que Borobudur terá sido edificado no mesmo local de uma mais antiga e já sagrada estrutura. No entanto, o que aqui nos interessa reter é o próprio percurso do espaço até à chegada do centro. Toda uma circundambulação em direção ao centro - com este, sempre a situar-se ao lado direito do transeunte - com um total de cerca de cinco quilómetros, fariam parte do ritual de ascensão do indivíduo que levava a cabo a procissão. Em todo o monumento, existem centenas de Buddha. No piso superior (e exterior), existem um total de 72. Também estes divididos em três pisos diferentes, todos com as costas para o centro, de modo a que *"the plain over which they gaze becomes the world over which their universal doctrine also radiates."*<sup>366</sup>.

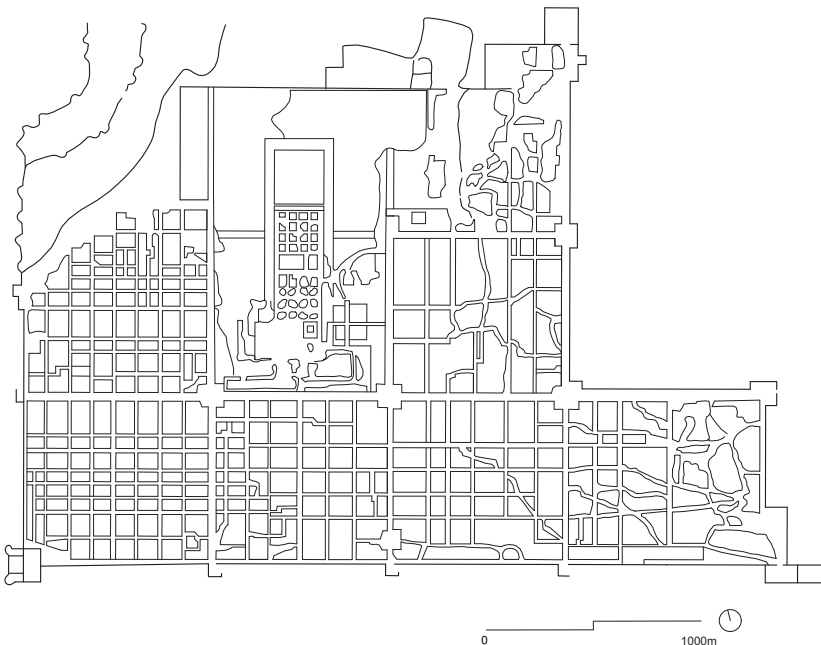


Figura 98: A planta da cidade de Jaipur apresenta a divisão em nove baseado numa *mandala*.

Este é um arquétipo que é repetido - como tem sido analisado no presente documento - por todo o globo, em todas as épocas. Todas as culturas tentariam entender - de acordo com a análise jungiana - a totalidade da *psique* humana,

364 Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p. 182

365 *Idem*, p. 172

366 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 178

através da simbólica representação daquilo a que se poderia metaforicamente o “átomo nuclear” da mente<sup>367</sup>, cuja essência é desconhecida.

Não só em mandalas – e nas construções que advêm destas – as utopias referenciadas, vão confirmar, em muitos casos a presença do arquétipo concêntrico e circular. Noutros, casos, como vimos, é a quadrilateralidade que prevalece, mas que não exclui, porém o “centro” e a projeção no sistema quadralético de um círculo virtual ou de uma esfera.



Figura 99: Vista aérea sobre o templo de Boroburu

## H. CIDADES SAGRADAS

Durante e após o séc. XVIII, muitos aglomerados urbanos foram construídos com o único intuito de servir e olear as rodas dentadas do que veio a transformar as interações sociais de um modo nunca visto: a Revolução Industrial. Antes deste fenómeno, religião e crença seria a base da sociedade. Com isto – e por isso –, Kostof, argumenta que, antes da revolução, todas as cidades teriam uma dimensão sagrada<sup>368</sup>.

Existe, porém, uma cidade que ofusca no mundo presente todas as outras cidades<sup>369</sup>, quando se trata do tema da respetiva sacralidade. Jerusalém. Desde a sua captura pelo Rei David<sup>370</sup> (circa. 1000 a.c.) até aos dias de hoje tem sido lugar

<sup>367</sup> Jung, Henderson, e Franz, *Man and his Symbols*. p.258

<sup>368</sup> Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p. 171

<sup>369</sup> Pelo menos no contexto ocidental e no oriente mais próximo.

<sup>370</sup> Villanueva, «Atlas Histórico: Mundo Antigo», p.68

de disputa pelas 3 religiões de Abraão. Surge pela primeira vez “oficialmente” nos textos bíblicos. Uma cidade sem passado que David toma como capital do seu volátil reino israelita. No entanto, ainda antes desta conquista e pelo menos desde o 4º milénio a.C., seria já um local conotado com o divino “*um reino de sacerdotes de Deus, serão uma nação santa*.” (Êxodo 19:6.) Aqui, o mítico rei bíblico constrói o Templo, que considera uma recriação do tabernáculo<sup>371</sup> conforme revelado a Moisés e de acordo com as divinas diretrizes. Este foi posteriormente destruído pela invasão Babilónica de Nabucodonosor II<sup>372</sup>, e, com a permissão do Ciro II, rei dos Persas, reconstruído (*circa* 500 a.C.).

São inexistentes as representações do que poderia ser a *forma urbis* da mais antiga cidade. Muito menos vestígios na atual cidade de Jerusalém. Não obstante, quando o Papa Urbano II apela a todo os reinos cristãos para a mobilização do que viriam a ser as jornadas bélicas conhecidas como Cruzadas, o fascínio pela Terra Santa aumentou exponencialmente. Consequentemente, proliferaram representações da mesma, quase sempre de carácter esquemático e diagramático. São-nos conhecidos catorze mapas da cidade de Jerusalém da Baixa Idade Média. Destes, doze apresentam uma forma circular perfeita, sendo que, ou apresentam duas vias que se cruzam no meio - à imagem da *cardo* e da *decumanus maximus*, havendo casos em que uma das vias é interrompida, formando um T ou “tau”. Refira-se que este facto que une centralidade e a cruz, em tau, se prolonga depois para a representação da Terra e dos continentes, durante uma boa parte da Alta e Baixa Idade Média, sem intuítos cartográficos mas apenas simbólicos, gerando aquilo a que se chama a “*representação do Mundo em T*”<sup>373</sup>. Rosovsky, refere, nestes casos, que a circularidade é utilizada não apenas como figuração de uma cidade perfeita, mas também porque assenta, precisamente, nos diagramas do universo e em antigas representações escatológicas de Jerusalém.

Nos textos sagrados, surgem referencias a uma cidade que é mais do que a Jerusalém "apenas" física. Esta é a *Jerusalém Celeste*, ou *Nova Jerusalém*.

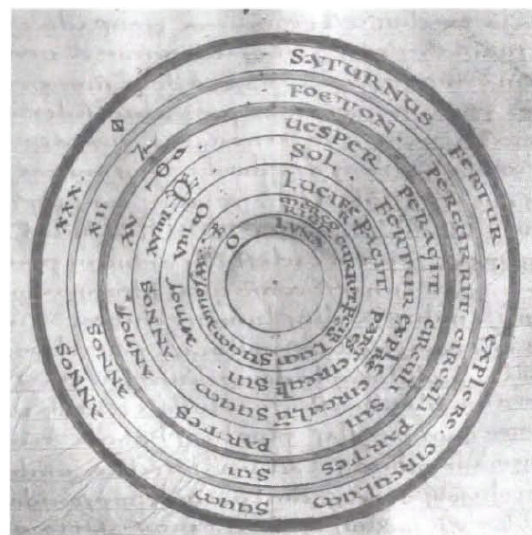


Figura 100: Sistema Planetário no manuscrito de Collectar (*circa* 800, Colônia, Alemanha).



Figura 101: Jerusalém Celeste representada no manuscrito apocalíptico de Valenciennes, França.

371 Desde o Êxodo Israelita do Egito, foi a construção sagrada judaica onde habitaria Deus.

Masó et al., «Mesopotâmia: As Primeiras Civilizações», p. 133

373 Nitza Rosovsky et al., *City of the Great King: Jerusalem from David to the Present* (Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1996), p. 317



(...)

10 E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a santa cidade de

Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, (...)

12 e tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que só os nomes das doze tribos dos filhos de Israel.

13 Ao oriente havia três portas, ao norte três portas, ao sul três portas, e ao ocidente três portas.

14 O muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

15 E aquele que falava comigo tinha por medida uma cana de ouro, para medir a cidade, as suas portas e o seu muro.

16 A cidade era quadrangular; e o seu comprimento era igual à sua largura. E mediu a cidade com a cana e tinha ela doze mil estádios; e o seu comprimento, largura e altura eram iguais.

17 Também mediu o seu muro, e era de cento e quarenta e quatro côvados, segundo a medida de homem, isto é, de anjo. (...)

(Apocalipse de São João, 21)

No Apocalipse de Lorrão iluminado no cartório do Mosteiro de São Mamede de Lorrão, fundado em 878, encontram-se duas imagens eloquentes da concepção da Jerusalém Celeste no dealbar da Baixa Idade Média.

Segundo PEREIRA, "A estilização é muito evidente na figuração da Nova Jerusalém, de forma retangular e com as suas proporções reportadas a um pavimento enxaquetado (que é também uma parede). A ambiguidade expressiva é fruto dessa comunhão entre o "plano de solo" e o "plano de parede", contraindo-se, sobrepondo-se e confundindo-se em apenas duas dimensões. A cidade é delimitada pelas doze portas, cada qual com a forma de três círculos



Figura 102: Mapa T e O segundo Etymologiae de Isidoro de Sevilha (circa 600).

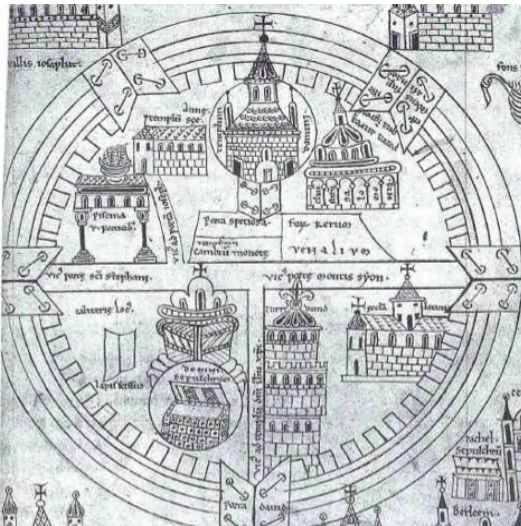


Figura 103: Uma das plantas de Jerusalém da Baixa Idade Média, meados do séc. XII, Biblioteca Real de Bruxelas.

concêntricos, 122 ladeadas pelos apóstolos. O tema é repetido na imagem da “Medição do Templo”, em que o arco ultrapassado é dominante.”<sup>374</sup>.

O autor prossegue: “Se a Jerusalém Celeste parece e é improvisada, atendo-se aos limites do pergaminho, já o seu núcleo central, onde estacionam o anjo medidor, o seu acolito e o Cordeiro de Deus, e formado por um duplo quadrado. Alias, a ilustração de “A Medição do Templo Novo”, não por acaso, cabe perfeita e justamente no quadro interior da Nova Jerusalém (f. 209v). Quanto a interpretação arquitetônica, deduz-se que o templo que o anjo se encontra em vias de medir no interior da Cidade Revelada será um duplo cubo. Esta coerência repercute as descrições do Templo de Salomão – do Templo autenticamente material, situado na autenticamente material cidade de Jerusalém (...)”<sup>375</sup>.

Foi à imagem desta que o Rei David ergueu o Templo, e é esta que surge no último livro das Revelações (=Apocalipse) do Novo Testamento. Aqui estaria sediado o Trono do Todo Poderoso, de onde jorraria a Água da Vida, e onde prosperaria também a Árvore da Vida (Apocalipse, 22).

Não obstante a cidade (quer a Jerusalém terrestre, quer a Nova Jerusalém) ser literariamente descrita com uma forma quadrangular, uma das primeiras representações cristãs da cidade de que se tem conhecimento, não vai exatamente ao encontro desta configuração<sup>376</sup>.

Na biblioteca da cidade de Valenciennes, em França, encontra-se um códex com uma ilustração do séc. VI deste escatológico urbanismo (figura 101). Vai algo fora das mais ortodoxas representações de cidades medievais<sup>377</sup>. Doze círculos concêntricos, cada um com a sua cor, implica que o desenho tem como preocupação principal oferecer uma ilustração de uma organização cosmológica<sup>378</sup>, mais do que propriamente seguir à letra as indicações de S. João Evangelista.

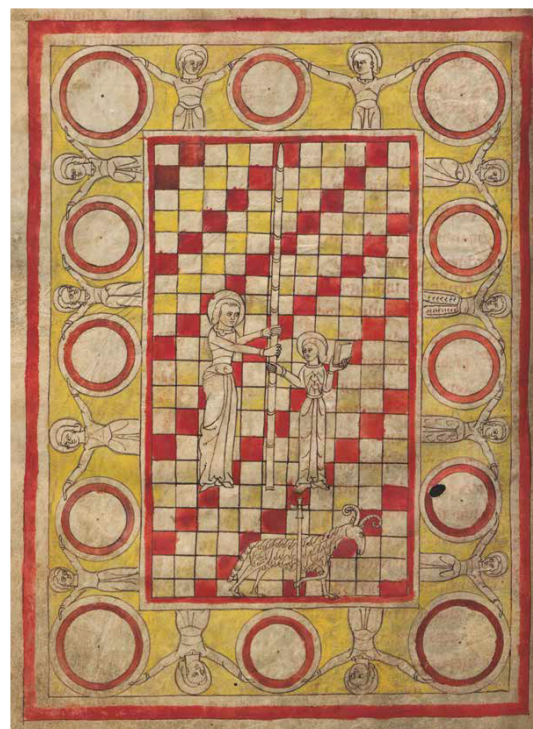


Figura 104: «Nova Jerusalém». Iluminura do Apocalipse de Lorvão, scriptoria do Mosteiro de Lorvão (1190), da autoria de Egípcios. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.

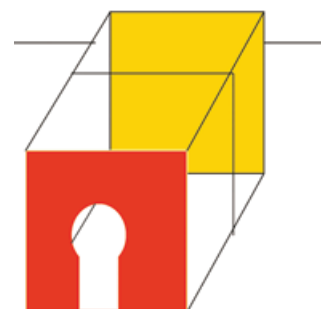


Figura 105: Projeção tridimensional da representação do Templo no Apocalipse de Lorvão a partir do fólio da Medição do Templo Novo (figura 83) (segundo Pereira).

374 Paulo Pereira, Arte e Ciência: Equações da Arte (Maia: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2019, p. 122

375 Idem, p. 129

376 Rosovsky et al., *City of the Great King: Jerusalem from David to the Present*, p. 317

377 Na medida em que não se cinge a uma representação de um agregado urbano com algumas eventuais pontualidades

378 Vários são os diagramas interpretativos das teorias cosmológicas medievais. A maioria dos que chegaram até nós apresentam uma forma circular. Por vezes doze círculos concêntricos, por vezes o próprio círculo dividido em doze, de acordo com a concepção da esfera celestial com os seus doze signos, os sete planetas e os planos etéreos do empíreo. Rosovsky et al., *City of the Great King: Jerusalem from David to the Present*, p. 299





Figura 106: “A Medição do Templo”. Iluminura do *Apocalipse de Lorvão*, da autoria de Egeias. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa

Esta representação medieval apresenta, no entanto, uma característica que vai ao encontro ao texto bíblico, e que foi replicada nas outras representações da paradisíaca cidade: os *doze portões*<sup>379</sup>.

Já foi no presente documento abordado o arquétipo dodecagonal. A perfeita Nova Jerusalém vem então solidificar os pilares deste argumento.

Os artistas não visavam representar fidedignamente aquele aglomerado urbano do Levante, mas sim antes representar o eterno Reino dos Céus, que se devia aliás refletir, mesmo que de forma intermediada, tanto na construção dos Templos, como nas diferentes interpretações da cidade dos homens. A *forma mentis* daquele lugar, materializada apenas no papel revela por si mesma, a conceção de um urbanismo sagrado.

O Templo de Salomão, construído por volta de 950 a.C., sobreviveu através de reestruturações até ao saque romano em 70 a.C., “constitui o protótipo do Templo por excelência – e portanto, protótipo e símbolo de toda a arquitetura sagrada desde a Idade Média; e mesmo para alguns exemplos maiores da Idade Clássica (séculos xvi-xviii) em diante.”<sup>380</sup>.

Assim, na Idade Média o Templo de Salomão manteve a matriz circular ou cilíndrica do ponto de vista volumétrico. Isso deve-se, à conquista muçulmana de Jerusalém. Sobre a plataforma onde estariam remanescentes da massa do Templo, foi erguido um oratório que ficou conhecido como Mesquita de Omar, ou Cúpula do Rochado. Esta teria uma planta convergente. Nesta mesma plataforma, encontra-se a “*ampla Mesquita de Al Aqsa, lugar sacratíssimo para os muçulmanos. A rocha onde assenta o oratório e como que o umbigo de toda a edificação antiga, hoje muito obliterada. E por este motivo que o apóstolo Pedro dira deste lugar assente em rocha: “Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”*” (Mateus, 16,18). Será este templo de planta centrada, marcado pela sua grande cúpula recortando-se contra o céu, que vai servir durante toda a Idade Média, quer em iluminuras, quer mais tarde, em gravuras, para identificar e descrever o Templo de Salomão. As descrições de Jerusalém mostram invariavelmente em primeiro plano o Templo de Salomão e, em segundo plano, o Santo Sepulcro, este sim, o lugar sagrado por excelência para os cristãos, uma vez que correspondia ao

379 Por vezes, doze torres.

380 Pereira, *Arte e Ciência: Equações da Arte*, p. 160

*sítio de deposição de Jesus Cristo e ao lugar da Ressurreição. Percebe-se hoje que existiu uma confusão entre a Cúpula do Rochedo/Mesquita de Omar e o Santo Sepulcro. Esta confusão, derivada da planta centralizada de ambos os edifícios, resultara mais tarde numa espécie de dupla valência simbólica para as igrejas paleocristãs e medievais erguidas com base numa planta centrada: tanto poderiam ser replicas do Santo Sepulcro como uma referência arquitetónica a Jerusalém. Assim, se alguns edifícios são conscientemente réplicas do Santo Sepulcro (por exemplo, as igrejas dos templários de Paris, de Londres ou de Tomar, ou as de outras congregações ou igrejas de culto, como Vera Cruz de Segóvia, Eunete, Santo Estevão de Bolonha ou Lanleff, entre muitas outras), não se distanciam quanto a significado e discurso arquitetónico de outra “memória” arquitetónica, também de um templo centralizado, neste caso a versão islâmica da Cúpula do Rochedo/Templo de Salomão, tornando-se, por isso, simultaneamente replicas do Templo de Salomão e sintetizando a figuração de Jerusalém.”<sup>381</sup>*

Muitas mais foram as diferentes interpretações de Jerusalém Contudo, abordaremos apenas por agora a cidade “física”. Não um diagrama desenhado, mas antes mostrando como através dele todo o universo e o cosmos foi diretamente traduzido para um complexo urbano. Isto porque quando o estudo da Bíblia passou a ser revisto com maior cuidado, e compulsadas toda as descrições (quadro abaixo) no que respeita à Jerusalém Celeste e a todas arquitetura sagradas mencionadas no Livro dos Livros, com especial destaque para Jerusalém, e para o Templo de Salomão -mas incluindo por fim a Jerusalém Celeste – os intérpretes da bíblia ou exegetas passaram a compreender o Templo como possuindo uma forma quadrilátera ou mesmo quadralética.

É assim que aparece representado na por Nicolas de Lira, in *Postilla Literallis*, Paris, 1500 e depois, baseando-se, neste modelo (que haveria de se impor doravante, em especial do século Xv em diante, mas especialmente durante o século XVI), - no *Liber chronicarum de Hartamn Schedel*<sup>382</sup>.

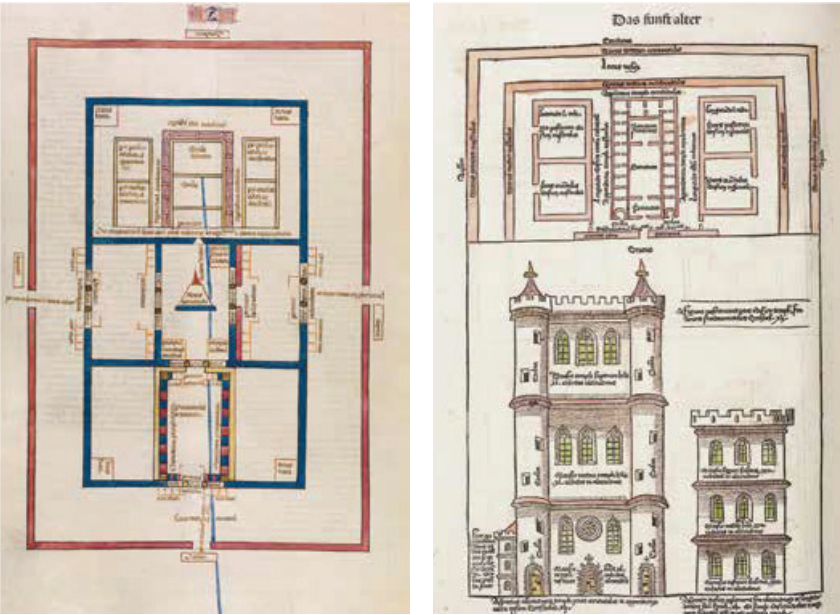
381 Pereira, *Arte e Ciência: Equações da Arte*, p. 160-161

382 *Idem*, p. 164

Figura 108: Lista de referências Bíblicas ao Templo de Salomão no Antigo Testamento (segundo pereira)

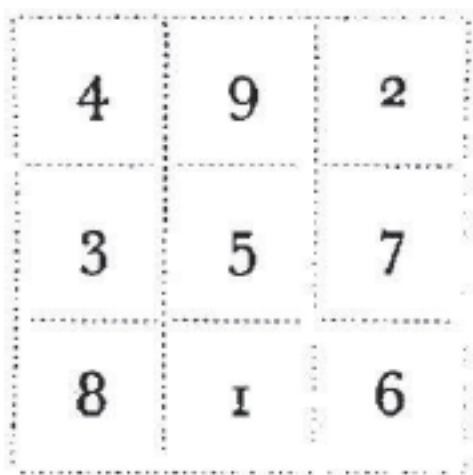
FONTES BÍBLICAS DO TEMPLO DE SALOMÃO NO ANTIGO TESTAMENTO			
Edifício/Modelo	Livro	Capítulo/Versículo	Nome
Templo de Moisés	Êxodo	25,1-8	Beit HaMiqdash
Tabernáculo	Êxodo	25,23-40	Beit HaMiqdash
Arca da Aliança	Êxodo	25,9 26,34	Beit HaMiqdash
Altar	Êxodo	25,10-22 26,35-37	Beit HaMiqdash
Templo de David	Samuel 2	25-26	Beit HaMiqdash
Templo de Salomão	Samuel 2	7,1-16; 24,24	Beit HaMiqdash
Templo de Salomão	Sabedoria	9	Beit HaMiqdash
Templo de Salomão	Crônicas 1	5,1; 17,1-14; 21,24-25; 22,6-10; 22,14; 29,3-7	Beit HaMiqdash
Templo de Salomão	Reis 1	5,3-5; 5,15; 6,15.18.21.22.29; 9,20.21; 7,51; 8,17	Beit HaMiqdash
Templo de Salomão	Crônicas 2	2,2	Beit HaMiqdash
Templo de Salomão	Ezequiel	40-44; 48	Visão de Ezequiel
Templo Escatológico	Apocalipse	11	A reconstrução do Templo
Jerusalém Celeste	Apocalipse	11	Revelação

Figura 107: O Templo de Salomão, por Niocal de Lira, in Postilla Literallis, Paris, 1500 (esquerda). O Templo de Salomão na obra Liber Chronicarum (1493 Nuremberga, Alemanha), de Hartmann Schedel, Michael Wolgernut e Wilhelm Pleydenwurff. Biblioteca da Universidade de Heidelberg, Alemanha) (direita)



## I. A GRELHA E A MEDIÇÃO DA TERRA

*Yu, o Grande*, das poucas entidades históricas chinesas a receber este epíteto. Alegadamente nascido *circa* 2000 b.C, este lendário imperador é o responsável pela “invenção” da metalurgia, colocando-o no tempo, no Calcolítico Superior<sup>383</sup>. O mítico herói recebeu dos céus o Grande Plano (*Hung fan*). Neste estariam especificados os cinco elementos e os cinco números que revelam a ordem cósmica. *Yu* mediu o mundo, após “cartografar” as nove montanhas, os nove rios e as nove montanhas, mediu o mundo e dividiu-o numa grelha de 3x3<sup>384</sup>. O arcaico Imperador teria na sua posse os nove caldeirões que legitimam o governo do mandato de *tudo sobre o céu*<sup>385</sup>, e para mais, a *Yu* seria enviada pelas entidades celestes uma tartaruga que, na sua carapaça, teria os números<sup>386</sup>.



4	9	2
3	5	7
8	1	6

Figura 109: Exemplo de um *Lo Shou*

A *tartaruga*, consoante a numerologia aqui presente, vai constituir na realidade uma metáfora poderosa: É ela mesma um quadrado mágico, ou melhor: será simbolicamente um quadrado mágico. e em termos numérico a relação é óbvia e resulta numa soma igual, para cada operação de “soma”, neste caso enquadrando um número que é visivelmente “sagrado” e que decorre, certamente, de um postulado que deverá ter reflexo cosmogónico, numerológico, astral e puramente numérico: a soma é em todos sentidos e

383 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World.*, p. 224

384 *Idem*, p. 219

385 O Mandato dos céus, é um conceito dentro da ideologia política perpetuada durante milénios na cultura chinesa, que valida a existência de um imperador soberano. Tudo sobre o céu era a terra a qual o imperador tinha direito, Confúcio, *Os Analectos* - Livro 1, p. 19

386 *Ibidem*

na diagonal o número 15 (quinze), composto pelos algarismos um a nove, e sempre com um cinco no centro. Este quadrado, o “*Lo Shu*” apresenta pontos de contacto com *feng shui*, na medida em que nele estão considerados os cinco elementos. (água, terra, ar, fogo, madeira: 5). Daí que se possa dizer, também, que, “*orthogonal planning was the product of grafting a law of land tenure on to some form of quasi-astronomical surveying, which gave landed property divine, and in particular celestial, sanction.*”<sup>387</sup>.

No livro Clássico da Poesia *Shijing* também traduzido como o *Livro das Músicas* ou *Livro das Odes*, datado de entre o séc. 11 a.C. e 7 a.C., está descrita um ritual de fundação:

“... *Our people*  
*living in stone caves, in stone hives*  
*before they had a house with eaves*  
*Old Prince Tan Fu galloped his horses*  
*... To the slopes of Mount K'i*  
*The plain of Chou was fertile*  
*... Here T'an began to plan,*  
*to notch the divining tortoise-shell.*  
*'Time: now; place: here; all's well,'*  
*said the shell 'Build your houses'*  
*So he rested, so he settled,*  
*He went to the left, went to the right,*  
*made boundaries, divided plots,*  
*measured with a rod, from east to west*  
*He called the master of works,*  
*He called the master of lands,*  
*To build the houses.*  
*Their plumb-lines fell straight,*  
*The boards were lashed into frames*  
*And raised the temple of the Ancestors*  
*On the cosmic order.*  
*They queued to scoop the earth*

387 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World.*, p. 109

*They measured it out  
They rammed it down  
They scraped and beat  
As the hundred cubit wall rose together  
Moving faster than the drum beat  
He built the outer gate:  
The outer gate was strong.  
He built the inner gate  
The inner gate was splendid.  
He raised the earth-altar mound  
From which the armies would march.  
Then King Wen brought to civility  
the lords of Yü and of Ju-i;  
taught 'em to bow and stand aside  
say: after you, and: if you please,  
and: this is no place for barbarities.”<sup>388</sup>*

De igual modo como eram dadas as graças à virtude imperial chinesa através de cerimónias sazonais e ao culto dos antepassados – cerimónias estas que por vezes implicavam sacrifícios<sup>389</sup> - teriam também indubitavelmente uma considerável relevância os ritos responsáveis por todos os processos de construção de uma nova cidade, desde a escolha do local a ser implantada.

Wen, fundador da dinastia de Zhou<sup>390</sup>, com o auxílio de joias, de jades, e presumivelmente de acordo com os ritos descritos em Zhou-li: “*observes the sunlit and shadowed places in order to balance the ying and yang and observes the water courses. And initially he consults the tortoise Shell to know the divine will.*”<sup>391</sup>. Este conjunto de cerimónias de cariz sacro-religioso poderá ecoar com um paralelismo a alguns ritos de assentamento urbano aqui já descritos.

O Altar da Terra, que estaria eventualmente confinado dentro do complexo palaciano do imperador, dada a sua relevância no quadro ético-

388 Traduzido por RYKWERT in *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World.*, p. 225

389 *Idem*, p. 223

390 *Idem*, p. 226

391 Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World.*, p.226



ideológico chinês, é especulado por, poderá ter sido implantado, virtualmente (segundo RYKWERT) em simultâneo com a escolha do terreno. Apesar das indicações na da ordem dos ritos e das manobras de fundação deste templo não estejam se encontrarem particularmente bem explícitas, é compreensível a vontade de nesse local ser depositado um fragmento de terra que tenha sido submetida à vassalagem do Imperador recebido, que legitimando o governo daquela nova cidade<sup>392</sup>. Com uma relativa facilidade se faz a analogia – dado o cariz Terrestre, a sua “centralidade” – com o *Mundus* romano.

## J. EM SUMA

Foi já efetuada, mais atrás, uma abordagem formal da cidade, não só analisando remanescentes físicos de cidades, mas também algumas cidades “ideais”, isto é, utopias que, muitas das vezes, não chegaram a sair do pensamento dos seus criadores ou que, pelo contrário, vieram a influenciar direta ou indiretamente o encaminhamento do urbanismo.

Na materialização do espaço urbano haveria um “chefe” que seria responsável por evocar e implantar uma ordem no desenho da cidade, do mesmo modo, ou partindo do conceito de que um “génio” conceberia uma perfeita e harmoniosa cidade. O “chefe” seria a entidade com um privilegiado contacto divino, fosse este de uma natureza pagã e sem cuidar de uma hierarquia que não fosse tão só tribal – como com os xamãs das comunidades pré-históricas - passando pelos grandes Reis Babilónicos, Iranianos ou Hebreus do antigamente, culminando na figura imponente e imperativa do Faraó – Deus vivo - até desaguar na figura real das monarquias absolutistas.

Vimos como principalmente nos “não lugares”, desde a mítica Atlântida até às mais recentes cidades “jardins”, o círculo seria a forma que designaria uma estrutura de ordem e plenitude do Ser com o Mundo que o rodeia e com a totalidade do cosmos. Esta visão ficou bem salvaguardada nas mandalas

<sup>392</sup> Rykwert, *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*, p.226

tão comuns ainda nos dias de hoje. A sua simbologia pode ser extensível ao já analisado *templum*, às cidades do atual Irão e Iraque, a Bagdad com a sua circunferência de cinza<sup>393</sup>, aos recintos megalíticos, etc... Interessante é verificar que, o arquétipo circular, se bem que muitas vezes utilizado de uma forma subconsciente ainda hoje é abertamente utilizado na planificação urbana, de que é exemplo o projeto da universidade de Vedanta, na Índia.

Segue-se a análise de um caso de estudo que, aparentemente, sempre esteve um passo à frente do ocidente. Uma cultura imperial que perdurou durante vários milénios. Por cada capital erguida também se movia o centro do universo os Imperadores mudavam de cidade tornando-a “cabeça” do Império e logo “capital” com o intuito de impor a sua grandeza<sup>394</sup> local de contacto privilegiado entre o mundo do comum dos mortais com o plano divino onde operam entidades superiores. A vertente de domínio absoluto do Imperador sobre os seus súbditos cristalizou-se numa rígida e imutável malha ortogonal. Assim ficou representado no espaço e no tempo (como por exemplo na Cidade Proibida em Pequim) o diagrama urbano que deixava transparecer a religião e a política da comunidade chinesa – uma forma de religião de Estado, por sua vez personificado no Imperador. No centro destas cidades, dentro do complexo artesanal/industrial, seriam levadas a cabo as devidas cerimónias anuais que visavam repetir o ato do lendário imperador e primeiro metalurgista Yu. Ecoa uma vontade de regresso ao tempo mítico, ao “tempo sem tempo” de uma Idade Áurea.

Na sequência do valor atribuído à mandala hindo-budista e quanto à maneira como ela representa a totalidade do Ser, não poderíamos senão concluir o capítulo com a cidade-templo que cristalizou uma visão cosmológica como nenhuma outra. As diferentes montanhas onde morariam os deuses, os fossos de água que separariam estas mesmas “divinas habitações” do mundo do comum dos mortais, eis como se organiza este plano centralizado: e é neste centro preciso que reside a divindade. Aqui se reservava o lugar da hierofania, o local próprio de contacto com os deuses, ali mesmo, onde se situa o maior templo, o *Bayon*. Por não ter sido uma área reivindicada por diferentes comunidades, temos o privilégio de conseguir observar esta Sagrada Urbanização quási do

393 Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p. 184

394 O fenómeno de itinerância da Corte como sabemos, não era exclusivo do Império do Meio mas comum na Idade Média, por exemplo em Portugal.

mesmo modo que foi vista quando se finalizou a sua construção.

Neste capítulo arriscamo-nos a afirmar que o sincretismo simbólico que foi primeiramente apresentado no presente documento, começa a ganhar um ainda maior ímpeto.



Por oposição às cidades que crescem “organicamente”, sem um plano reitor que o defina, existem também, um número de cidades que são sujeitas a um maior ordenamento – normalmente oriundo de um chefe de estado. Não implica que estas primeiras não fossem necessariamente planeadas, mas na maioria das decisões tomadas nas cidades orgânicas, não existia uma preocupação com o desenho geral e homogeneização do desenho urbano.

*La ville créée*, é o termo original de PIERRE LEVEDAN, utilizado por SPIRO KOSTOF: “*It is set down at one moment, its pattern determined once and for all by some overseeing authority*”.

## A. PLANEAMENTO E ORTOGONALIDADE

Muitas vezes, costuma associar-se a “cidade planeada”, diretamente, a uma malha estritamente ortogonal. O que não é verdade. As cidades-jardins como as pensou EBENEZER são um perfeito exemplo disso. Não obstante, aquando de uma leitura de primitivos complexos urbanos, é um facto que a esmagadora maioria apresenta uma grelha ortogonal. Estas apresentam, segundo RAPOPORT, uma superioridade de *high-level meanings*, em parte porque implicam aquilo a que hoje em dia chamamos *top-down decisions*<sup>395</sup>. A difusão e expansão desta metodologia de planeamento do espaço pelas antigas civilizações não é, portanto, fruto do acaso. Nas cidades onde haveria uma maior soberania do Estado e um forte exercício de poder sobre os súbditos, existe um considerável número de vantagens na utilização desta grelha, desde uma equitativa divisão do terreno e parcelamento do mesmo, a vantagens do teor bélico, como já havia sido reconhecido por ARISTÓTELES<sup>396</sup>.

*“Man walks in a straight line, so this argument runs, and peels off from it at right angles when he needs to. The frequency of these cross streets is his own decision”*<sup>397</sup>

Não necessariamente sinónimo, mas fortemente associado ao planeamento urbano – a grelha ortogonal, o *gridiron* – consiste num conjunto de vias paralelas e perpendiculares entre si, formando lotes quadrangulares, é este o cerne do desenho do espaço. Esta aparente imutabilidade e rigidez pode possuir curvas e algumas irregularidades, sem por em causa a homogenia urbana.<sup>398</sup>

Esta divisão pode apresentar escalas particularmente diferentes, conferindo às cidades naturezas particularmente distintas. Desde a rigorosa malha da cidade de Chang'an, às *plazzas* cruciformes das comunidades ameríndias pré-colombianas, naquela como via de circulação, organização e até de policiamento, nestas segundo enquanto recintos operativos, capazes de acolher os mais diversos ritos e adorações. Existem, porém, variações, que desafiam-

395 Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p. 6

396 Kostof, *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, p. 95

397 *Ibidem*

398 *Idem*, p. 96



sem contudo o corromperam - o desenho disciplinado, antes constituindo um conjunto de opções de acordo, algumas das vezes, inclusivamente, com funções políticas e religiosas, que é como quem diz, detentoras ou mesmo resultantes de uma raiz cosmogónica que rege o espaço dos homens em relação com o espaço das divindades, seguindo uma Lei, um Direito (e já aqui falámos do valor da recta e da rectitude, e do que “*vai a direito*”) como matrizes vivenciais de uma coletividade onde tem que existir solidariedade e interdependência, mesmo que já marcada por uma diferenciação social e económica acentuada, ou seja: desigualdade.

## B. CAHOKIA

No continente Americano, principiando em XI d.C., iniciou-se o processo de urbanização perto dos vales do Mississípi e a centralização e agregação destas comunidades durante um período de cerca de 500 anos, culmina na cristalização da cidade de Cahokia. Assente nos labirínticos percursos fluviais do rio Mississípi esta cidade é um produto “*of human activity that has appropriated and transformed both space and nature*”<sup>399</sup>. A paisagem que circunda estes mounds (na escala das dúzias de quilómetros) inclui cavernas e abrigos rochosos que se especula que tenham tido alguma relevância na definição de espiritualidade (por exemplo, à semelhança dos recintos megalíticos alentejanos já aqui descritos), não só de uma população, mas das várias comunidades que visitassem com frequência aqueles lugares sagrados<sup>400</sup>. A continuação de utilização do espaço que se veio mais tarde a tornar no assentamento Cahokia a que se juntam a sua centralidade em relação às ocorrências de outros lugares eleitos como os já descritos, indica que este local teria tido um significado sagrado-religioso.

Não obstante a diferente natureza da utilização de ângulos retos, a análise de culturas ameríndias do pré-colonialismo europeu apresenta um número de características relevantes que, exatamente pela sua distância face aos restantes casos de estudo, as torna num exemplo incontornável aquando a procura de uma simbologia unitária no desenho do espaço. Uma das particularidades no espaço criado por estas comunidades – e que veio a sofrer algumas alterações formais no decorrer do tempo – são exatamente os seus centros e praças

399 Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p. 297  
400 *Idem*, p. 299

quadriláteras, capazes de acolher rituais com um número considerável de indivíduos<sup>401</sup>. Em meados do séc. XI d.C., esta comunidade Cahokia assistiu a um enorme crescimento demográfico. Grandes migrações ocorreram tanto dos indivíduos alojados nas proximidades, como de locais bem mais distantes, como propõe PAUKETAT<sup>402</sup>. Com este big-bang populacional, a área utilizada pelos habitantes Cahoki foi praticamente quadruplicado. *“Four monumentally sized plazas were laid out as arms of a giant cruciform”*<sup>403</sup>. Esta centralidade e hierarquia espacial – reforçada pelas outras 4 plazas que se subordinam (de acordo com os quatro pontos cardeais) – não é algo de novo nos nossos estudos. Esta vertente cosmológica do significado do centro, e o significado que este pode espacialmente adquirir, confirma como a representação deste ponto medio consiste numa projeção do centro do mundo. Um conceito não só verificável nas outras comunidades aqui analisadas, mas também *“a concept recapitulated by the Omaha camp circle with its attendant connections to less complex cultural organization”*<sup>404</sup>.

As plazas quadriláteras não seriam definidas por uma muralha, mas sim por um conjunto de morros ou mounds “edificados” pelos habitantes das ricas e fartas margens dos afluentes do rio Mississípi. Os mounds ao delimitarem uma área de natureza ortogonal, seriam os agentes responsáveis por esta cristalização das plazas públicas concebidas pela comunidade Cahoki. Estas apresentavam algumas diferenças entre si. *“Corners are created that have unequal value, hence special significance.”*<sup>405</sup>. Assim, seria possível hierarquizar o espaço, e os significados que lhes eram atribuídos.

Na parte poente da cidade encontra-se a *plazza* onde melhor se testemunham as tipologias arquitetónicas que terão preenchido estas “planícies”. Definida por 3 enormes *mounds* que, por fim, a delimitam, aqui encontram-se recintos de uma estatura maior do que as restantes, onde se especula que tenham hospedado diferentes catividades de carácter religioso. *“There is an architectural, stylistic, and presumed symbolic shift from an initial series of large (30m in diameter) circular structures to large rectilinear enclosures with circular*



Figura 110: Monde central de Cahokia.

401 Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p. 303

402 *Apud Ibidem*

403 *Idem*, p. 304

404 *Ibidem*

405 *Idem*, p. 305

*bastions*<sup>406</sup>. Além destas estruturas circulares e retilineares que se crê que teriam sido paliçadas, encontram-se também alguns poços que marcariam o centro da *plazza*. A *plazza* a norte não teve a mesma sorte e atenção no que toca a achados arqueológicos. Estabelecido por quatro *mounds*, este “tabuleiro” encontra-se a uma cota mais baixa do que os restantes; a Sul deste *mound* foi por sua vez, descoberta uma vala de sepulcros. Curiosamente definida pelo seu “negativo”, temos a *plazza* a Este, aliás difícil de definir ou descrever pois neste caso os mounds não a delimitam exatamente e foi antes através da ausência de testemunhos arqueológicos relativos a uma eventual de ocupação residencial – inexistente – que se veio a identificar<sup>407</sup>. O mais curioso desta é, no entanto, a existência de um *mound* (*mound* 36) no seu centro ou muito próximo deste, já



Figura 111: Epicentro da comunidade Cahoki (segundo Creekmore, redesenhado pelo autor)

406 *Idem*, p. 309

407 Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p. 310

que está ligeiramente deslocado para oeste.

Paralelamente à maioria dos casos de estudo aqui apresentados, não é possível uma clara tradução destas práticas de desenho do espaço para um quadro ideológico. Não obstante, através do estudo da cosmologia de comunidades Nativo-Americanas relacionadas com estes, será possível retirar algumas conclusões. (no caso, as comunidades Osage e Omaha). O princípio quadrilateral obviamente presente na cidade Cahoki e vai de encontro com o número quatro presente em *"ethnographic texts"*<sup>408</sup>. Neste método de divisão espacial, estariam representadas as direções do universo. Esta afirmação apoiada pela dualidade do nascer-por do Sol, poderá fazer transparecer outros paralelismos: *avanço/recuo; vida/morte*. Esta última, a morte, estaria ligada à direção Sul, de acordo com os restos mortais encontrados no *mound 72* e no *"Rattlesnake" mound*. Esta poderia não ser a sua única função a ter em conta; no entanto, BROWN nota também vestígios de *"a perform acts that reenacts the origins of the cosmos in the initial mound. Indigenous groups saw death as part of an intergenerational cycle. It is this geometric form – the circle – that encapsulates the continuum of life and death"*<sup>409</sup>.

### C. TEOTIHUACAN

*"The history of Teotihuacan studies begins with the Aztecs in the 1400s. For them, Teotihuacan was already a mythical place created by the gods – the place where two gods immolated themselves in sacred fire and arose as the Sun and the Moon, in the most recent of several cycles of creation."*<sup>410</sup>. Vestígios existem, de humanos "residentes" desde pelo menos 11.000 a.C., caçadores e recolectores ocupavam este continente. No entanto, a maioria da investigação arqueológica cinge-se à época "pré-clássica" – denominação dada à Era da invenção da cerâmica pelos povos mesoamericanos. Aquando do fim desta Era, no virar do milénio, a cidade de Teotihuacan atingia um total de cerca de 20 000 habitantes, começando a fazer sombra à até então mais próspera cidade da

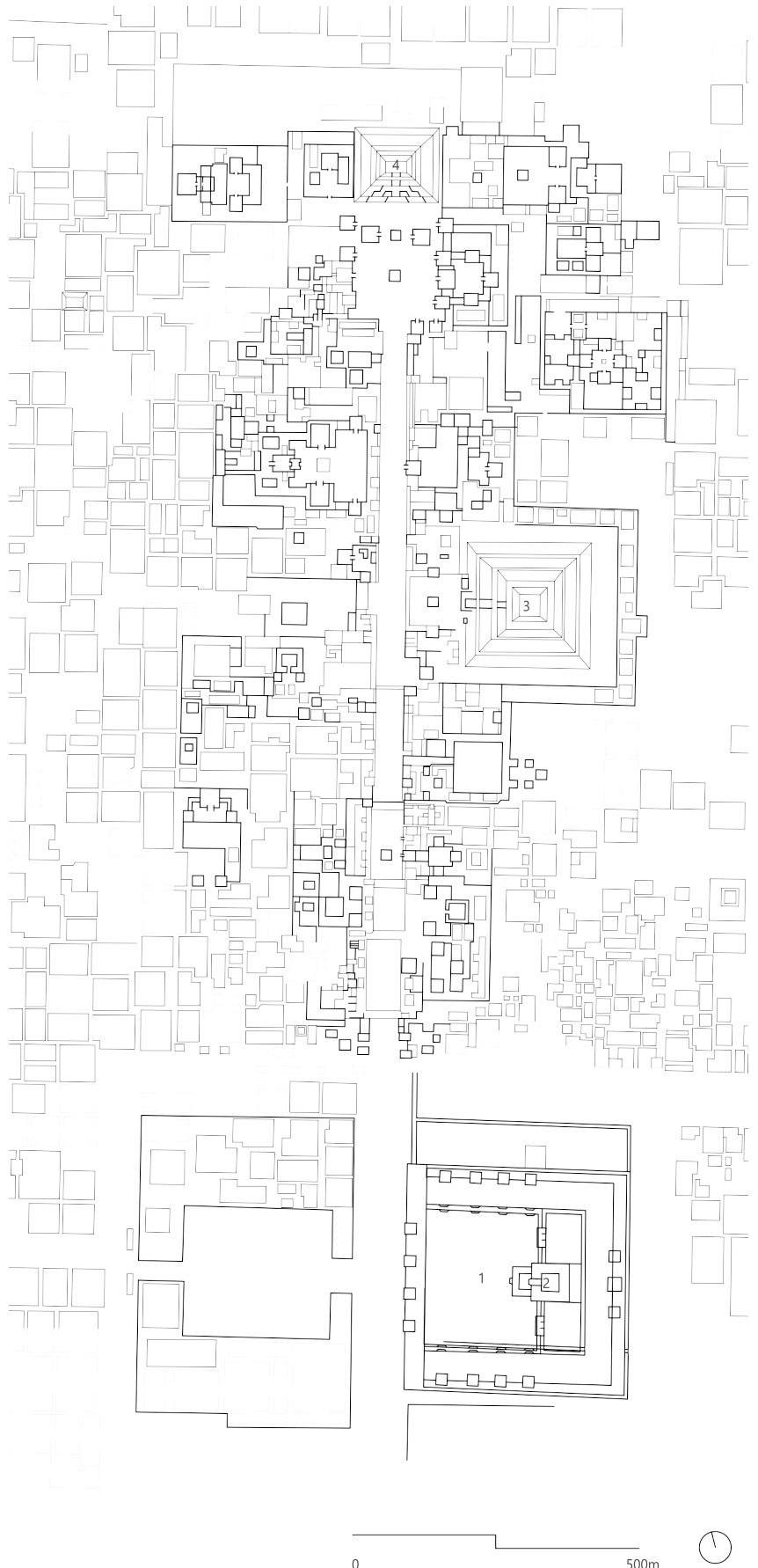
408 Creekmore et al., *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies*, p. 317

409 *Idem*, p. 318

410 George L. Cowgill, *Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico* (Nova Iorque: Cambridge University Press, 2015), p. 41

- 1 - Ciudadela
- 2 - Pirâmide de Quetzalcóatl
- 3 - Pirâmide do Sol
- 4 - Pirâmide da Lua

Figura 112: Avenida de los Muertos e envolvente (segundo René Millon, redesenhado pelo autor)



região, Cuicuilco<sup>411</sup>.

Através do incontornável trabalho de RENÉ MILLON, é nos possível observar, e consequentemente retirar conclusões, sobre a população em estudo. O apelidado “*urban renewal project*”<sup>412</sup>, teve lugar algures entre (200-275 d.C.), momento de apogeu em que cidade atingiu uma impressionante influência regional. A partir das plantas é possível verificar os milhares de construções habitacionais onde seria passado o dia a dia da comunidade *teotihuacana*. Estes aglomerados urbanos enquadram-se nas circunvizinhanças dos centros cerimoniais e que se distribuem ao longo da chamada *La Avenida de los Muertos*. Tendo por base a consistência de orientação dos centros habitacionais em relação com os monumentos e principais vias da cidade e com às cronologias da construção – MILLON afirma que estas obras seriam projetadas e construídas por um governo de Estado<sup>413</sup>. Cada aglomerado hospedaria 60 a 100 indivíduos e não estavam neste caso imunes a uma intervenção individual, ou às escolhas próprias dos habitantes numa estratégia urbanística *bottom-up*, - e sem prejuízo do centralismo político. São também verificáveis construções posteriores anexas às habitações, construções estas sem o rigor em termos de orientação verificável no resto da malha urbana, provavelmente sinalizando a ausência de uma hierarquização social severa, ou, eventualmente, enunciando a sua inexistência.

*“Within a compound, each family occupied its own suite of rooms for cooking, dining, storage, and sleeping, as well as areas for conducting funerary rites and burying their dead. Patios were centers of household religious cults focused on patron or domestic deities”*<sup>414</sup>

Cerca de um século antes, estariam a ser edificadas as famosas pirâmides<sup>415</sup>. Estas pirâmides de degraus e servida por escadaria monumental na maior parte dos casos, possuíam uma finalidade algo diferente daquela que os egípcios. Relacionavam-se com a “passagem” da vida para o outro mundo, mas em lugar de se destinarem a sinalizar o sepulcro subterrâneo ou interior de grandes líderes ou chefes de Estado, seriam construções reservadas a sacrifícios – de guerreiros, indivíduos comuns e animais.

411 *Idem*, p. 105

412 *apud* Clayton, «Teotihuacan: An early urban center in its regional context», p. 286

413 *Idem*, p. 287

414 Deborah L. Nichols, «Teotihuacan», *Journal of Archeological Research* 24, n. 1 (2016), p.

17

415 Cowgill, *Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico*, p. 237



361-404 corpos, é a estimativa do total de vítimas que se suspeita terem sido sacrificadas em rituais na Pirâmide de Quetzalcoatl<sup>416</sup>, todas as encontradas vestidas, e com bijuteria bastante particular: colares com representações da mandíbula humana inferior, uns simulados com conchas, outros com mais alguma veracidade no material; piercings de nariz com a forma terminal de uma serpente, entre outros. Estes seriam também parte do sacrifício e da oferta aos Deuses<sup>417</sup>.

Eram essencialmente um local de culto de uma entidade superior de carácter divino e não propriamente – ou exclusivamente, - túmulos monumentais. Estes complexos místico-religiosos foram construídos faseadamente, ao longo dos séculos de prosperidade que a civilização mesoamericana Maia também viria a experienciar.<sup>418</sup>

Na chamada fase *Tzacualli* (circa 100 a.C. - 0), foi erguida a Pirâmide do Sol. “Everything else at Teotihuacan, as well as at Cuicuilco and everywhere else in Central Mexico, was dwarfed by the Sun Pyramid.”<sup>419</sup> Por baixo desta superestrutura foram cavados alguns túneis: existe, no entanto, para além destas galerias, uma longa cave de planta irregular que culmina em 4 pequenas galerias.

Apesar de alguns estudos geológicos indicarem que não existiriam caves de origem natural como aquelas por baixo da pirâmide em Teotihuacan, COWGILL afirma que, comparando com o quadro mágico-religioso testemunhado noutras comunidades mesoamericanas, esta caverna poderá simbolizar “where ancestors emerged and perhaps the very place where time itself began”<sup>420</sup>. O tema do Tempo – ancestral e calendarial - haverá de ter, como veremos, na comunidade teotihuacana, uma particular relevância.

Sendo esta a mais antiga das pirâmides, foi dos agentes responsáveis por definir o resto da cidade que veio a ser desenhada com a mesma orientação, quase como que por oposição ao carácter vertical e preponderante que a pirâmide assume sobre a paisagem urbana da cidade (a cave). Mais uma vez

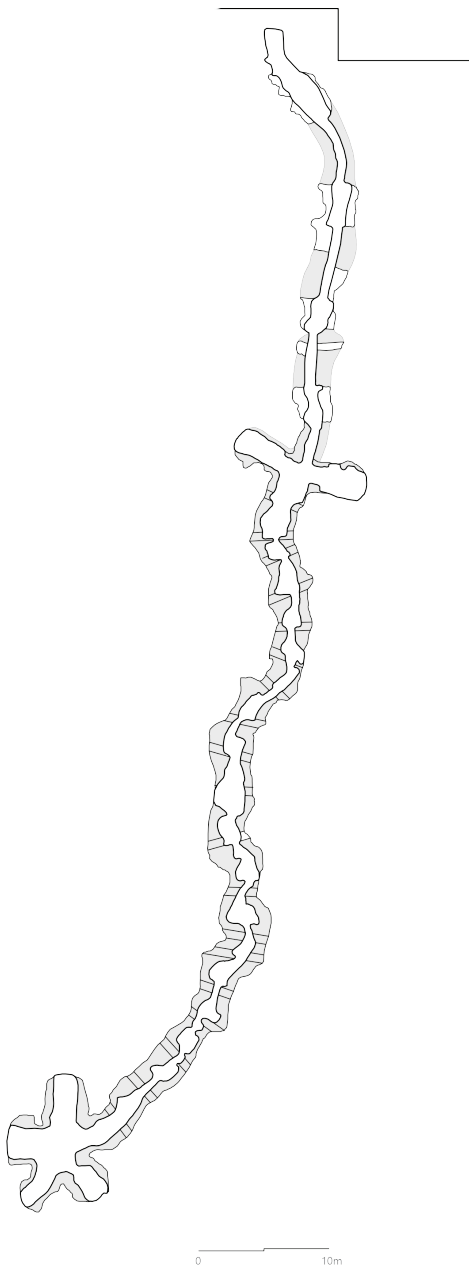


Figura 113: Planta da cave por baixo da Pirâmide do Sol. O sombreado representa a a largura máxima da cave (segundo Millon, redesenhado pelo autor)

416 Sugiyama *apud Idem*, p. 177-178

417 *Idem*, p. 183

418 Clayton, «Teotihuacan: An early urban center in its regional context», p. 284

419 Cowgill, *Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico*, p. 122

420 Clayton, «Teotihuacan: An early urban center in its regional context», p. 128

encontramos um arquetípico “dualismo” traduzido na conceção do espaço e que observámos noutras contextos arcaicos ao longo do presente documento.

Tanto a Pirâmide do Sol como a Pirâmide da Lua, erguem-se sobre uma grande praça<sup>421</sup>, o que indicia que os eventos que teriam lugar no cimo destes monumentos seriam encenados e destinados a ser visualizados pela população, ou pelo menos parte dela.

Na Pirâmide que remata a Avenida dos Mortos (a da Lua), foram encontrados alguns artefactos. Nove pares de esculturas em obsidiana, em que *“one number of each pair is a feathered serpent, the other is bipointed and undulating”*<sup>422</sup>. A esta primeira atribui-se uma associação à mesma entidade que preside à edificação da Pirâmide mais a sul do recinto, enquanto que esta segunda – a Pirâmide do Sol –, se associava ao Deus dos Trovões/Trovoada/Tempestade, pois foram descobertos mais tarde pinturas em peças cerâmicas que ilustram esta entidade a empunhar bastões com esta forma ondulada.

Perto do monumento, foi encontrado no fim do séc. XVIII, tombado, a segunda maior estátua encontrada em Teotihuacan, com uns surpreendentes 3.19m de altura, foi apelidada a *Diosa de Água*<sup>423</sup>. Houve quem no entanto, associasse esta peça a uma entidade mais geral de “Great Goddess” ou Deusa-Mãe. No entanto, todas estas suposições situam-se no campo da especulação, e até a própria nomeação da Pirâmide “da Lua” reverte de uma hipótese. Até à data do presente documento, não foram encontrados motivos lunares no recinto, o que não quer dizer que não estivesse, como uma grande parte da arquitetura Maia o confirmaria, relacionada com a observação dos astros e a estipulação precisa de calendários astrais, já que era essa uma das preocupações centrais desta civilização já que a mediação do Tempo consistia numa tarefa sagrada, com contornos vivenciais decisivos, e que regia toda a atividade mundana e humana, em articulação plena com os Deuses. Por isso Cowgill, ainda que cautelosamente, afirma *“(…) it is tempting to wonder if the Moon Pyramid, the Sun Pyramid, and the Feathered Serpent Pyramid represented the astronomical triad of Moon, Sun, and Venus.”*<sup>424</sup>



Figura 114: Diosa de Água



Figura 115: Estátua de Qutzalcoatl, detalhe da Pirâmide da Serpente Penada

421 135 metros (no sentido E-O) x 175 (N-S) no caso da Pirâmide do Sol, Cowgill, *Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico*, p. 168

422 *Idem*, p. 168

423 *Idem*, p. 170

424 Cowgill, *Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico*, p. 144

Para além destas ocorrências que nos permitem projetar neste conjunto de plataformas e de urbanismo regulado a implantação de um lugar “principal”, eleito para panteão, foram encontrados cerca de 37 corpos dispostos por vários sepulcros – nunca mais que doze em cada tumba, assim como bastantes corpos sacrificados de animais predadores, espécies estas associadas às “ordens militares” e respetivos totens presentes um pouco por todas as civilizações mesoamericanas pré-colombianas. – jaguares, pumas, águias<sup>425</sup>. A pirâmide do Sol, é a única em que se encontra esculpidas caveiras o que confere quase diretamente uma conotação ctónica, mas também uma relação com o reino dos mortos, não como uma intransponível realidade, mas antes como algo que estaria ao alcance de cada um, numa vida além túmulo, numa roda do Tempo, mesmo que transfigurado materialmente.



Figura 116: Recinto da *Ciudadela*

Por último, e mais a sul, encontra-se a Pirâmide de Quetzalcoatl (Serpente Penada). Esta, e a sua respetiva “praça”, a chamada *Ciudadela*, apresentam algumas particularidades. Além de ser a única separada fisicamente por muretes da sua envolvente, este complexo do qual a pirâmide faz parte, tem em conta toda a área circundante do vertical monumento. Perto da entrada Oeste da Pirâmide, encontra-se uma espécie de uma antecâmara/meia pirâmide que se supõe ser parte de uma construção anterior ao resto da *Ciudadela*<sup>426</sup>. Esta envolvente<sup>427</sup>, protegida fisicamente, mas não com um propósito bélico,

425 Cowgill, *Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico*, p. 168

426 *Idem*, p. 173

427 Da qual fazem parte edifícios que tudo aponta serem de habitação, mas ainda sem certeza de quem.

apresenta alguns motivos do qual se pode aspirar retirar algum significado ou ideologia, como por exemplo, o que COWGILL especula serem cosmogramas e, portanto, concepções ideotécnicas relacionadas com a cosmogonia desta comunidade.

A Pirâmide de Quetzalcoatl, que protagoniza o recinto da *Ciudadela*, convoca, curiosamente, o mesmo mistério que “atormenta” alguns egiptólogos: alvenaria composta por pedras com centenas de quilogramas cada uma, com um encaixe quase perfeito<sup>428</sup>. Este complexo é pleno de simbologia mitológica nos seus baixos-relevos e esculturas. Além de alguns serem conjuntamente creditados como figuras alusivas a um Deus das Tempestades, existem também motivos serpentiformes. Não existe, no entanto, consenso entre os académicos sobre que entidade específica esta é suposto representar – muito com base na absorção da cultura Teotihuacana pela comunidade Azteca, ALFREDO LÓPEZ<sup>429</sup>. Alguns defendem que a cabeça da escultura da figura 115 pertence a *Cipactli*<sup>430</sup>, com o corpo da serpente penada. Com isto, a pirâmide estaria associada à origem do Tempo e do calendário. Esta comunidade mostrava então, uma particular preocupação com o passar do tempo, como assinalámos acima, e ainda mais do que isso: fica comprovado que existe a concepção de *Princípio* e, de *Fim dos Tempos*. Celebrações de passagem de tempo e “renovação periódica” encontra-se nos alinhamentos solares megalíticos, na celebração do *M'ing Tang*, e outros exemplos.

A comunidade teotihuacana poderia não ter tido um entendimento tão profundo como a cultura Maia do tema da divisão do Tempo<sup>431</sup>. COWGILL

Figura 117: Pirâmide do Sol



428 Cowgill, *Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico*, p. 176

429 *Apud Idem*, p. 177

430 Esta divindade, é, na cosmogonia azteca/mesoamericana – de forma reptiliana/crocodilo, é das figuras principais na criação do mundo e começo da contagem do tempo, Jordan, *Dictionary of Gods and Goddesses*, p. 66

431 Divisão do tempo esta de tal modo detalhada, que foi responsável por uma vaga de medo e terror (por algumas pessoas) em 2012, argumentando que o mundo e o tempo “acabariam”



descreve com algum detalhe em que dias seriam dados como pontos de passagem entre as diferentes estações. Para a nossa análise, é nos apenas relevante o – equivalente mesoamericano – ao dia 12 de Agosto<sup>432</sup>. Este, seria, segundo a cultura Maia – que, recordamos, via em Teotihuacan um lugar sagrado – o dia em que foi criado o mundo. Neste mesmo dia, o Sol põe-se a 15.5 graus a norte de oeste. O autor especula – sem uma cega procura de coincidências – que este poderá ter sido um dos motivos pela canónica orientação das vias e edifícios da cidade de Teotihuacan.

A *Ciudadela* que circundava a Pirâmida de Quetzalcoatl apresenta outras pequenas pirâmides, *quase* todas elas com um lance de escadas orientado para a pirâmide “principal”. A exceção encontra-se no lado Oeste desta muralha visual, onde as degraus estariam orientados não para dentro do recinto, mas para fora deste, em direção à *Avenida*. Escavações indicam uma plataforma a um nível inferior, que indica que toda esta “praça” teria uma particular abertura para a monumental via de circulação responsável pela distribuição entre as três grandes pirâmides.<sup>433</sup>

Quem ao certo iria ocupar todo o recinto da *Ciudadela*, e os seus pequenos palácios, como observáveis na figura 116, é, assim como a maioria dos temas relacionados com Teotihuacan, motivo de discórdia entre académicos. A maioria parece concordar que este seria o local de habitação dos chefes de estado da comunidade. Não obstante, Sugiyama, baseado no imenso número de vítimas presentes no recinto, afirma que este seria totalmente dedicado aos deuses e não a mortais. COWGILL (2015) propõe um meio termo: que este

Figura 118: Pirâmide da Lua



432 Cowgill, *Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico*, p. 377

433 Cowgill, *Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico*, p. 261

monumento foi edificado aquando uma mudança do paradigma político, ocupado por um conjunto de indivíduos cujas actividades variavam entre “o sagrado e o secular”<sup>434</sup>.

#### D. NAS MARGENS DO NILO

No nordeste do continente africano, encontra-se um dos maiores eixos fluviais correndo Sul-Norte, o do rio Nilo a partir do qual o homem coordenava o seu dia a dia, e eventualmente as suas construções. Os primeiros grandes assentamentos desta comunidade não se deram perto do delta do rio, mas sim a umas poucas centenas de quilómetros a sul.

Em redor da pequena “curva” no percurso do Nilo foi erguida a primeira capital do Império no qual reinava o Faraó, a famosa Hieracômpolis, e mais tarde outros grandes aglomerados urbanos como Mênfis e Tebas. Com isto, nos primeiros séculos “civilizacionais” o homem egípcio não estaria ainda totalmente familiarizado com o horizonte: o Nilo era o Grande Eixo<sup>435</sup>, mas a progressão da cultura egípcia iria ser feita de vários contributos, uns a Norte e outro a Sul, que ganharam uma homogeneidade surpreendente. Os movimentos seriam feitos maioritariamente neste eixo norte-sul, ou perpendiculares a este, na direção este-oeste, o que não deixa, neste caso, de ter uma aparente relação com o movimento do Sol. Dai que o planeamento ortogonal de vias em relação ao Nilo, foi algo assimilado pelos egípcios desde particularmente cedo, como é possível ver pelo exemplo de El Kahun. Mas a figura do rei-sacerdote – que designamos por *Faraó*- atinge aqui proporções verdadeiramente inéditas.

O arqueólogo GORDON CHILDE propôs um possível motivo que tenha servido de “alavanca” para a deificação da entidade governante e rei supremo. Quando, na pré-história, as comunidades do Nilo estariam ainda em processo de aprendizagem da domesticação das enchentes, um indivíduo autoproclamando-se mágico ou xamã, “inventou” o calendário<sup>436</sup>, e neste caso um calendário local, específico ao Nilo e ao nilóticos. Eis o que permitiria com alguma certeza prever

434 *Idem*, p. 203

435 Kostof, *A History of Architecture: Settings and Rituals*, p. 69

436 Childe, *Man Makes Himself*, p. 127



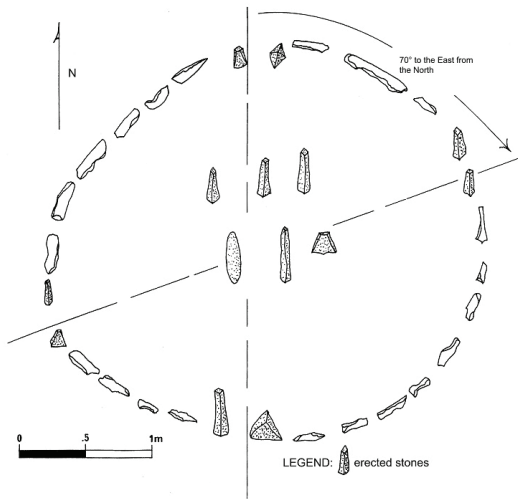


Figura 120: Desenho de Nabta Playa.



Figura 121: Reconstrução de Nabta Playa perto do Museu Núbio em Aswan.



Figura 119: Niwt, hieróglifo para cidade ou urbanização.

os eventos anuais de enchente do Nilo. CHILDE fala-nos também de como, e de modo a legitimar a componente mágico-religiosa do indivíduo, poderiam ter já principiado por então os festivais *Sed* nos quais, através de uma simulação da morte e da ressurreição, se celebrava uma *eterna juventude*<sup>437</sup>, um *eterno retorno* ou melhor uma *eterna renovação*. Estas cerimónias poderão ter também servido de modelo para os festivais agrícolas.

Não podemos por fim esquecer que o hieróglifo correspondente a “cidade” pode conter em si- especulamos, obviamente – a memória dos povos que cerca de 7.000 a.C. povoaram as franjas do Sahara e que estão na origem neolítica antiga da civilização e cultura egípcias: é aqui que se encontra (excetuando o caso de Gobekli Tepe, que é de distinta natureza e contexto), o mais antigo recinto megalítico do tipo “cromeleque” (como se diria a partir do século XIX), nada mais nada menos do que um pequeno círculo de pedras milagrosamente preservado nas areias do deserto no sul do Egito na fronteira com a Núbia, no sítio de Nabta Playa. A rotundidade do recinto e a orientação e organização das pedras oferecem uma interpretação paleo-astronómica e, sobretudo, constituem um protótipo para a circularidade que se verifica no hieróglifo “cidade”.

O hieróglifo egípcio para “cidade” é, assim, um círculo com quatro direções assinaladas na forma de amendoados cardinalmente posicionados. Todas cidades fazem parecer o seu nome por este símbolo. Reforça-se aqui a ideia da organização cosmológica que preside à criação de um conceito que se transforma em cosmograma, em diagrama e, mais do que tudo em ideograma.

Persiste, todavia, o fato do hieróglifo se apresentar como um círculo: ora, as cidades egípcias, algumas pré-dinástica e depois as do Egito Dinástico, obedecem a um esquema que é primordialmente, senão sempre, ortogonal. Predominam os ângulos rectos e a organização em lotes uniforme quadrangulares. E o mesmo acontecerá nos templos, mas recentes ou mesmo nas pirâmides, se encararmos a sua base quadrada.

Na escrita egípcia ficou então acentuado como cada cidade seria – e teria – em si, um centro. Podemos consolidar esta ideia com o conhecimento da mitologia egípcia. A deusa Nut preenche os céus com a sua barriga arqueada,

e assenta, em cada um dos quatro cantos do mundo, um dos seus membros. Poderá ser que as “estradas” que se cruzam no centro do hieróglifo, tenham origem num destes membros divinos. Porém, a ser assim, a antropomorfização do cosmos, e cremos que não restam dúvidas a este respeito, far-se-ia como consequência dessa atribuição a Nut de uma representatividade do globo mundo, ou seja do universo, quer o terrestre, onde assenta os seus membros, quer o celeste, onde a sua arqueação de assume como uma representação globular e estelar. Não estaremos longe, em suma, de uma arquétipo absoluto que irá ressurgir vezes sem conta: os membros do homem/mulher, indicam as quatro direções do espaço, e nisto promovem a inscrição do corpo no universo e do universo numa ordem divina que se estende e materializa (ou espiritualiza) na deusa.

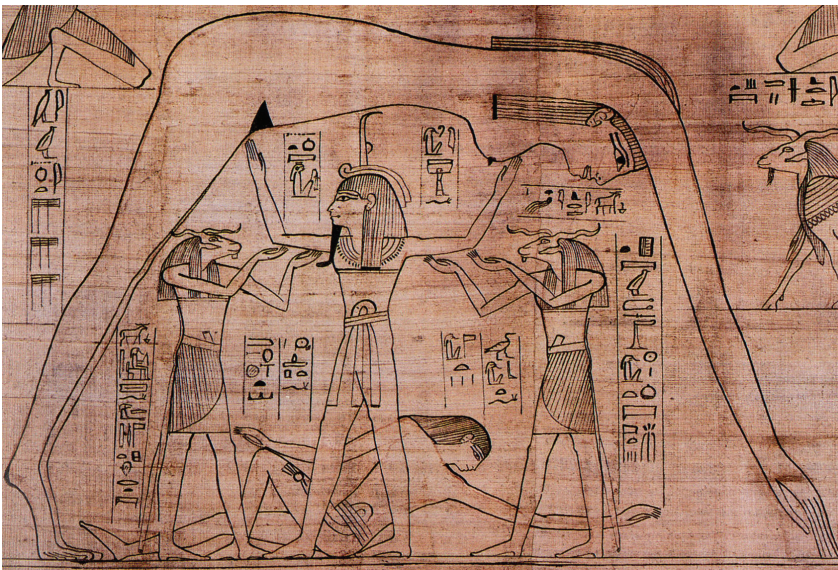


Figura 122: Deusa Nut, representada no papiro do Livro dos Mortos de Nesitanebtashru.

A cidade ortogonal resultaria, também, deste fenómeno, a de um cruzamento de “vias”, que mais do que “estradas” propriamente ditas, seriam “estradas” estelares, como que a indicação do percurso da Via Láctea (nome mais do que curioso que desse tempos arcaicos se associa a amamentação). Um dos eixos, que exigira o seu correspondente perpendicular, se assim podemos dizer forma então a Cruz. Símbolo primordial de todas as civilizações, culturas e de algumas das religiões.

Não devemos ainda esquecer a etimologia da palavra Faraó, uma vez que quanto a nós detém uma relação intensa com a própria conceção da cidade e, em especial do seu centro. Com efeito, sabemos que a palavra para designar

os reis do Egito foi usada pelos gregos (Φαραώ) e passou ao latim como *Pharão* -*onis*. Ora, mais importante é notar que esta designação, que teria uma origem obviamente egípcia, viria ser fixada em letra alfabética hebraica como *Par' ôh*. E o que quer dizer *Par' ôh*? Precisamente “casa elevada”. Ou seja, a casa elevada, que se aproxima dos céus, ou que se eleva pela hierofania que enuncia em si própria, lugar de residência do Rei/Faraó: centro absoluto.

É importante aqui também referenciar um particular e bem conhecido – mesmo para os leigos – hieróglifo egípcio: é o “*ankh*” (pronuncia-se anrr).

Este é “desenhado” por uma extremidade circular, que assenta sob uma cruz.

Figura 123: Detalhe de um baixo relevo no qual Horus oferece a Ramsés II a vida (*Ankh*)



É geralmente representado na mão esquerda do Faraó, e terá aparecido na Quinta Dinastia. Mas o seu significado não deixa dúvidas já que anda associado, precisamente à Vida, Renovação e Ressurreição. Não deixará, porém, de ser um cosmograma relacionado com a união sagrada de Isis e Osíris, como não pode ser dissociado da sua condição de diagrama: um diagrama com óbvias conotações antropomórficas” e ao mesmo, tempo representando o cosmos organizado, as quatro direções do espaço e, aquele arco final, a cúpula celeste. Símbolo de poder.

#### i. Djoser

Ptah, é o deus patrono de Mênfis, dos artesãos e dos arquitetos. É o Deus criador por excelência. A sua capacidade generativa ficou para sempre

associada ao primeiro arquiteto alguma vez conhecido: Imotepe. Este principiou a tipologia construtiva que culminou em Gizé.

Imotepe, porém, muito tempo antes, inspirado com divina inventividade, projetou o complexo da pirâmide de Djoser (2680 a.C.). Tal como as *mastabas*<sup>438</sup> estariam alinhadas a norte, *"perhaps acknowledging the wandering but relentlessly northward flow of the never-distant, uniting and life sustaining Nile."*<sup>439</sup>, este grande complexo, seria o local onde o faraó passaria o resto da eternidade, onde o seu espírito viveria em permanência e ressuscitado. As celebrações *sed* seriam bastante relevantes na vida pós-morte do deus-faraó, ritos que poderiam ter origem nos reizes ou reis pré-históricos do alto Egito!<sup>440</sup> Todavia, não existe certeza quanto à natureza exata destas cerimónias. Existem indícios que teriam base numa corrida<sup>441</sup>. Summers, argumenta que, assim como *sed* significa "abater", estes rituais poderiam ter um fim sangrento<sup>442</sup>. KOSTOF, no entanto, dá conta da sua possível relação com a com a fertilidade<sup>443</sup>. Contudo, os dois autores concordam na possibilidade de um rito de passagem, *"a rebirth like the birth into eternity through death"*<sup>444</sup>, ou algo que *"proved the king's renewed vigor"*<sup>445</sup>.

O cenotáfio do Djoser, propriamente dito, principiou como uma das – até à altura comum faraós – mastabas. Apenas pouco tempo depois da construção desta, foi alargada para uma pirâmide em 6 "pisos", quase que uma sobreposição de mastabas, consequentemente mais reduzidas. A base teria 125 x 110 metros<sup>446</sup>.

Este tipo "antigo" de construção de pirâmide egípcio. Em degraus, ecoa as formas das zigurates mesopotâmicas e as já referidas arquetípicas montanhas. Estas "montanhas" seriam, no entanto, templos-plataformas, ao passo que as primeiras seriam túmulos. *"Given the importance of the center it marked, the place of the continued life and presence of the divine king, the point of contact of the land of Egypt with the powers of generation of earth and sky, it was itself*



Figura 124: Pirâmide de Djoser, no Egito.

438 Monumento fúnebre que precederam as pirâmides. Estes seriam géneros paralelepípedos de pedra (cerca de 6 metros de altura) com a sua largura orientada a Norte-Sul

439 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 211

440 *Idem*, p. 212

441 Kostof, *A History of Architecture: Settings and Rituals*, p. 73

442 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 212

443 Kostof, *A History of Architecture: Settings and Rituals*, p. 73

444 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 212

445 Kostof, *A History of Architecture: Settings and Rituals*, p. 73

446 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 212



*a great source of regeneration, and it is again reasonable to suppose that it was an image of the first source of generation, the primeval hill*<sup>447</sup>. Apesar do objeto arquitetônico ser utilizado de maneiras diferentes, a sua colocação na cidade e na envolvente são paralelos. Assim como em Ur se celebraria e regeneraria o ano em frente da população nas zigurates<sup>448</sup>, na pirâmide egípcia se renovava o tempo.

*"Imhotep, chief priest of the city of the sun as well as architect, invented the social spatial ideology, and the means to construct the ideology, of divine kingship."*<sup>449</sup>

## ii. Gizé

Várias foram as tentativas do povo egípcio de unir os Céus e a Terra, através da arquitetura e através da assimilação do *axis mundi* na construção de pirâmides. Circa 2500 a.C. construíram uma das maravilhas do mundo antigo, e a única que sobrevive até aos dias de hoje: as pirâmides de Gizé.

Com uma altura de 150 metros assentes numa quadrangular quase (com margem de erro de menos de uma polegada) perfeita de 233 x 233 metros, construída com cerca de 2.5 milhões de blocos de pedra, ergue-se a imponente pirâmide de Cheops, a *Magnum opus* faraónica. As três pirâmides (Cheóps/*Khufu*, Khafre/*Kephren* e Miquerinos/*Menkaure*), que compõem o complexo funerário de Gizé, apresentam cada uma das faces alinhadas eximamente com cada um dos pontos cardeais. Na pirâmide de Cheops, a entrada seria feita a Norte, e o corredor até à câmara funerária inicia um percurso em direção a Sul<sup>450</sup>. Mas ficaria trancada como segredo inatingível, e qualquer uma delas era selada, e de forma sofisticada.

*"The dead body would be brought by boat to this building at the edge of the sown, washed and purified; then it would be embalmed (or perhaps its prior embalmment re-enacted) and subjected to a magic rite called "The Opening of the Mouth"*<sup>451</sup>. Esta cerimónia, já era celebrada desde os tempos de Djoser, e



Figura 125: Vista aérea sobre o recinto de Gizé, fotografia orientada a Sul.

447 Idem, p. 213

448 Eliade, *O Mito do Eterno Retorno*, p. 22

449 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 212

450 Kostof, *A History of Architecture: Settings and Rituals*, p. 75

451 *Ibidem*

provavelmente antes até. Seria chamado pelo mesmo nome da constelação a que hoje chamamos de Ursa Maior<sup>452</sup>. *"The Egyptians called it the Haunch of Seth<sup>453</sup>, murderer of Osiris and enemy of Horus, and, in the most general mythical terms, representative of the principle of disorder and chaos"*<sup>454</sup>. A comunidade egípcia acreditava que esta constelação estaria dependente/subserviente da



Figura 126: Complexo de Gizé, da esquerda para a direita: Miquerinos, Khafre, Cheóps

Estrela Polar – à volta da qual a Ursa Maior circula. Na cerimónia, a boca do falecido faraó era aberta, e tocariam nesta com uma imagem de Seth derrotado, assim, *"once and for all identifying the pharaoh as the master over disorder, that is, as the controlling and unchanging Pole Star"*<sup>455</sup>.

Como todos os monumentos fúnebres egípcios, estes faziam parte de um recinto maior, recinto este, geralmente amuralhado. Estas separações físicas estariam alinhadas com as pirâmides, e por consequência, com o cosmos. Não só os limites do recinto, como também todas as mais "modestas" *mastabas* faziam parte também monumento na qual estariam indivíduos próximos do faraó, para que estes o acompanhassem no resto da vida que o esperava na eternidade: *"In life and death, the pharaoh and his court, sustained in new life by the pharaoh, will maintain their relations within this place of notional, planar order, absolutely justified by celestial alignments traced on the ground by the pharaoh himself"*<sup>456</sup>

452 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 210

453 Deus associado à violência e à destruição. Filho de Nut, irmão de Isis e Osiris, seu sempre eterno rival, Jordan, *Dictionary of Gods and Goddesses*, p. 281

454 Summers, *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*, p. 210

455 *Ibidem*

456 *Idem*, p. 217



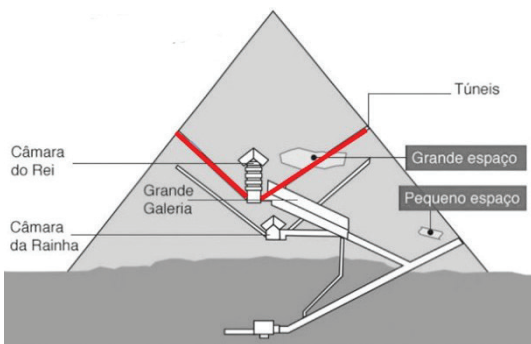


Figura 127: Corte da Pirâmide de Cheops. Indicado a vermelho os "respiradouros/ventiladores": miras astronômicas.

Eviedente, que uma pirâmide e em especial as que foram aperfeiçoadas no tempo de Kufhu, (em construção desde 2568 a.C., nem mais), precedem de um modelo que respeita uma orientação cósmica, um jogo de referenciação às estrelas dominantes, em função da viagem além-túmulo do faraó. Assim, sabe-se que é total, - absoluta - a precisão da orientação das pirâmides do planalto de Gizé. E que as orientações dos chamados "respiradouros" oblíquos, se orientam-se precisamente pela estrela Thuban, de um lado, e pela estrela central do "cinto de Orion" do outro. Thuban fora, ainda antes da construção da pirâmide de Khufu/Chéops a Estrela Polar (integrada na constelação Draconis). Já a altura da construção se havia deslocado, e a atual Estrela Polar irá gradualmente assumir a função axial. Mas a memória de Thuban fica bem pente neste alinhamento, que foi confirmado por vários arqueastrónomos com base científica, entre os quais CLIVE RUGGLES<sup>457</sup>.

Por outro lado, convém não esquecer eu uma pirâmide perfeita, pode conceptualmente exigir o seu contraparte no mundo "inferior", ou seja, a sua projeção integral para baixo, constituindo um octaedro virtual em redor do qual se pode desenhar uma esfera, a esfera celeste.

### iii. Deir Al-Bahri

Nunca conseguiram os egípcios, igualar a monumentalidade atingida em Gizé. Nem por isso continuaram a construir interessantes e relevantes monumentos.

Por volta de 2000 a.C., o faraó Mentuhotep operava as terras do Nilo desde Tebas. Em lugar de optar pela forma favorita dos seus antecessores, este faraó optou por uma outra tipologia de arquitetura fúnebre. Esta permite curiosos paralelismos formais com algumas construções modernas.

O complexo consistia em três elementos. Um grande átrio de entrada, onde estariam plantadas tamargueiras e sicómoros. Uma plataforma esculpida da pedra, na qual estariam assentes o templo e a câmara funerária, e uma unidade mais estreita, um hipostilo que se apresenta sobre a falésia rochosa<sup>458</sup>.

<sup>457</sup> Clive Ruggles, *Ancient Astronomy: An Encyclopedia of Cosmologies and Myth* (Santa Barbara: ABC-Clio, 2005), p. 353 - 355

<sup>458</sup> Kostof, *A History of Architecture: Settings and Rituals*, p. 79

No eixo central das colunatas (em si, uma “invenção” mesopotâmica, derivada da arquitetura de madeira), estaria o acesso às plataformas, generosas rampas que permitiriam a entrada no templo. O cenotáfio do faraó estaria neste espaço central; o seu corpo, no entanto - assim como nas *mastabas* - estaria a uma profundidade maior, num local de acesso remoto. Esta tipologia de arquitetura funerária numa falésia escavada, era comum em Tebas. O complexo de Deir Al Bahri, estaria orientado para o templo de Karnak<sup>459</sup>. Nestes anos, Karnak começava a ser construído, e quando terminado, veio a ser um dos mais monumentais templos construídos pela civilização egípcia. Com isto, Mentuhotep estaria a ligar a sua vida na eternidade, com o por vir esplendor das gerações futuras.



Figura 128: Templo de Hatshepsut, centro de Deir Al-Bahri

## E. EM SUMA

Neste capítulo final, em contrapartida ao capítulo anterior, analisámos cidades na qual se verifica uma maior quantidade de “top-down decision”, maioritariamente a nível da implantação de templos/templos, e como estes definiram as orientações e do aglomerado urbano.

Principiámos com a análise da comunidade Cahokia. Estes ergueram os mondes – que ainda hoje pesam na paisagem – num local que já teria um significado mágico/religioso. O mais pertinente nestas arquiteturas, é o modo como os limites dos recintos – as *plazas* – seriam definidos pelos mondes.

<sup>459</sup> *Ibidem*

Edificando vários, de modo a conseguir espaços que se distinguem do resto da sua envolvente.

Com quatro piazzas cruciformes orientadas pelos pontos cardeais, os Cahokia moldaram a paisagem à sua configuração da realidade. Os achados arqueológicos em cada uma das *plazzas*, demonstram que existiria uma preocupação com as diferentes direções cardeais, que teriam um papel significativo no modo como a comunidade entendia a sua envolvente, e a realidade.

O caso de estudo seguinte, é – para a comunidade Azteca – o local do nascimento dos Deuses. A comunidade Teotihuacana mostra-nos intenções urbanas na Mesoamérica desde o nascimento do Nazareno.

Uma grande avenida, alinhada com um pequeno desvio ao verdadeiro Norte, seria a responsável para fazer a distribuição do espaço – e para hospedar procissões - pelas três Pirâmides que seriam centros cerimoniais.

Por baixo da Pirâmide do Sol, estaria uma gruta artificialmente cavada. Esta – mais antiga que as pirâmides – termina em quatro câmaras. A comunidade Teotihuacan mostra assim, desde particularmente cedo, preocupações com uma espacialidade quadrilátera.

Ao examinar o recinto da Ciudadela e sua respetiva pirâmide de Quetzalcoatl, encontramos alguns indícios de que a antiga comunidade demonstrava alguma atenção com o passar e o contar do tempo. A Ciudadela, com a sua praça capaz de receber centenas de indivíduos, poderia ser o palco destas mesmas celebrações de renovação do Tempo

Finalizamos o capítulo, com uma abordagem mais extensa ao fenómeno egípcio que se deu nas margens do rio Nilo. Ao analisar alguns hieróglifos como o *Niwt* e *Ankh*, conseguimos entender como, através da escrita, ficaram materializadas as práticas de desenho urbano levados a cabo pelos povos do Faraó.

De seguida, foram examinados cronologicamente algumas das mais impressionantes construções egípcias. Principiando na primeira pirâmide, a

pirâmide de Djoser, onde se registam ritos de passagem que foram perpetuados no tempo durante séculos. Em Gizé é possível observar o extremo rigor arqueoastronómico levado a cabo pelas comunidades do Nilo. Finalmente, em Deir Al-Bahri, consegue-se verificar um estado mais tardio das construções fúnebres egípcias, assim como estas dialogavam com futuros templos.



## VII. Reflexões Finais





A reflexão a que nos propusemos, tem por base a condição de incompletude do homem contemporâneo. A sua envolvente e o modo como o indivíduo interage com ela será, porventura, uma das causas das ansiedades urbanas que a todos afetam. Segregação “racional” do espaço afasta o observador impedindo-o de ler um significado que o satisfaça plenamente enquanto ser-presente, e vivente em comunidade numa urbe. Esta crise – que é uma crise de linguagem, e uma crise significados, ou seja, uma crise semiótica e estrutural, tem evoluído ao longo de centenas de anos. Verifica-se, mesmo em muitos casos, o uma dissociação com o espaço, e tal condição - caracteristicamente pós-moderna (no sentido filosófico do termo) - sofreu um exponencial crescimento nos últimos dois séculos.

A alteração de paradigma epistemológico surge sensivelmente com o Iluminismo. O humanismo clássico veio induzir uma gradual laicização da sociedade – com tudo o que isso teve de libertador – mas foi privando o homem das suas relações com qualquer tipo de “substância” menos física ou mesmo metafísica. E foi retirada da equação, pelo menos num plano que partilhamos em grande parte das culturas e civilizações marcadas, pelo paradigma Ocidental uma possível dimensão do transcendental, entendido este não como culto alienante, mas como uma observação sensível das coisas da Natureza: isto é, deu prevalência a uma visão que evacuou a essência “maior” que o próprio ser humano alimentava na sua relação com o cosmos. O espaço e a terra que pisamos perderam qualquer conotação que vá além dos materiais palpáveis. A mesma Terra(-mãe) que antes seria a responsável pelo crescimento das colheitas, pela fertilidade e pelos ciclos celestes, passou a ser um meio para atingir um fim. Um meio pleno de recursos, colocados inteiramente à nossa disposição; e exaustivamente explorados.

Esta “substância”, diz-nos Lefebvre, apesar de difícil compreensão, apresenta-se perante nós e interpela-nos - olha-nos diretamente percecionada pelos nossos sentidos e pensamentos.

Alguns anos após o aparecimento do método de produção fordista, comodidades começaram a ser produzidas a uma velocidade nunca imaginada. O mundo ocidental experienciou um crescimento exponencial. Não obstante, este crescimento não é, pelo que sabemos agora mesmo, e saberemos amanhã,

sinónimo de desenvolvimento. É apenas um valor traduzido em números, que se tem auto multiplicado até aos dias de hoje, e sem fim à vista, na perseguição de um modelo de cariz neoliberal que transpira de um capitalismo desencarnado e reduzido à condição maquinal da Inteligência Artificial. E como se constata neste princípio do século XXI, este crescimento está longe de acompanhar, ou sequer auxiliar, o desenvolvimento social. *"O fetichismo e a ideologia da transformação (por outras palavras: a ideologia da modernidade) ocultam a estagnação das relações sociais essenciais."*<sup>460</sup>. Este fenómeno é verificável em todas as capitais e grandes cidades ocidentais e alastrou-se como um vírus (uma desgraçada comparação nestes tempos de pandemia). O foco luminoso (passe o pleonismo) que a laicização e democratização da sociedade que o Iluminismo expandiu, parece mais uma vez ter sido reduzido, ou vitimizado por uma visão-mundo que se resume a um processo de consumo rápido e a efemeridades, das quais só muito dificilmente nos conseguimos afastar.

Não quisemos aqui promover um estudo direto deste "foco" ou "essência". Propusemos sim, estabelecer uma convecção entre este e a forma da a cidade e o desenho do espaço nas sociedades pretéritas: da pré-história à antiguidade. Apenas assim teremos alguma hipótese de perceber uma teoria universal do espaço e da significação. Das suas origens, bem como da sua constante mutação.

Convém também aqui admitir uma inevitável incompletude do presente documento. O próximo passo, seria afirmar de que modo se daria "um salto de milhares de anos" com a aplicação de práticas que, tudo indica, estariam mais em conformidade com o Ser e que têm sido remetidas para gaveta das Utopias. Não o sendo, porém. Eis um feito que, no entanto, não tem cabimento na natureza do presente documento.

O nosso objetivo não seria fazer a apologia do "bom selvagem" (que nunca existiu!) mas que tanto impressionou o pensamento moderno desde ROUSSEAU. Contudo, apenas recorrendo - em parte - a este, é possível retirar algumas das conclusões a que chegámos neste documento.

O nosso objeto de trabalho foi antes o de proceder a uma recolha de dados que instigasse um entendimento da cidade (e das realizações dos

---

<sup>460</sup> Henri Lefebvre, *O Direito à Cidade* (São Paulo: Centauro Editora, 2011), p. 137

homens) enquanto perdurou uma visão-mundo em que praticamente todas as ações humanas se desenvolviam segundo um esquema que poderia ser descentralizado e nomádico, como aconteceu em muitas sociedades pré-históricas, ou sedentarizado e centralista, como sucedeu em comunidades, também elas pré-histórias anteriores à “invenção” da escrita e que realizaram a transição para a sua organização enquanto Estado.

Uma das conclusões mais “sólidas”, se assim lhe podermos chamar, tem precisamente a ver com esta dicotomia. Com efeito, concluídas as nossas indagações, reunida a documentação, observámos um fenómeno que é deveras significativo, e que porventura já foi abordado várias vezes, mas que a nós nos impressionou fortemente. E não sabemos a resposta para este facto. Com efeito, quando observamos na pré-história e na proto-história a formação dos primeiros monumentos e depois ou concomitantemente, dos primeiros aglomerados humanos, em aldeias, vilas ou cidades constatamos uma distinção claríssima entre a península extrema no Ocidente da Eurásia e Próximo e Médio Oriente, ou seja aquilo a que comumente chamamos Europa Ocidental, e o que vai acometer no Crescente Fértil, e abaixo desta região, a dos 4 rios, a do Paraíso, indo pelas estepes e chegando á China Imperial, deixando apenas de fora as estepes frias da Mongólia:

i) Na Europa, entendida península euroasiática do ponto de vista macrogeográfico, verifica-se a predominância da forma circular como *formamentis*: arquétipo remoto, é esta configuração circular que vai ditar a maioria das edificações rituais e as próprias casas ou cabanas (ou vice-versa);

ii) No Próximo e Médio Oriente, apesar de um símbolo certamente dos mais remotos que se conhece, do hieróglifo da cidade se basear na rotundidade, é quase absolutamente – para não dizer, definitivamente- adotado o esquema ortogonal e quadralético ou quadrilátero para as habitações, os palácios, a distribuição de ruas e para os enormíssimos e fascinantes templos.

Prevaleceu no Ocidente, uma visão do cosmos que preferiu o modelos circular e globular com base simbólica da terra que pisamos e do céu que observamos, e prevaleceu no Oriente uma visão do cosmos que preferiu, ciente

embora da natureza globular da esfera celestes, o modelo quadrilátero, como base de um processo mais racional, isto é mais pragmático de estabelecer ângulos com réguas, e com esquadro. Onde fica o compasso?

Assim, e após a ínfima análise dos elementos pré-urbanos, proto urbanos e urbanos presentes nas cidades da antiguidade e dos motivos que estão implícitos na sua edificação atingimos de modo muito ténue e só de relance como estas civilizações interpretavam o mundo: ser-nos-á possível estabelecer um devido paralelismo entre estas culturas, e até mesmo encontrar alguma unanimidade a nível global? Provavelmente nada teremos a aprender...

O foco desta dissertação foi assim para além da cidade. Não só a análise da arquitetura na sua componente física, mas também quais seriam as motivações que levaram as comunidades dos casos de estudo a idealizar e construir um lugar, do modo que o fizeram, constituíram uma das preocupações centrais num trabalho que é, no máximo (e disso me devo penitenciar) apenas propedêutico.

Fomos ainda um pouco para além da materialização, no sentido em que propomos até o primeiro “germe” da arquitetura no significado que o indivíduo dá a um local.

O significado torna-se então um dos cernes da questão que aqui analisamos - a mais inata vontade humana -, e como essa se materializou no espaço de antigas cidades, e eventuais repercussões que estas tenham tido no desenho da cidade contemporânea.

A forma mais elementar de representar um significado é, através de um símbolo. Estes podem atingir uma infinidade de naturezas diferentes, sendo possível no entanto que, na sua leitura, se possa encontrar alguns paralelismos, mesmo em comunidades que se crê nunca terem tido contacto ou influência direta umas sobre as outras.

Não podemos deixar de concluir esta dissertação sem um apelo: que o ensino da história e da antropologia da arquitetura e do urbanismo se debruce, também, nos exemplos mais determinantes – e ao mesmo tempo, verdadeiramente assombrosos – das OUTRAS civilizações – a começar pela nossa

a que passou em tempos longínquos, mas também a das culturas e civilizações norte-africanas, subsaarianas, e extremo-orientais. Essas arquiteturas eram como as “nossas”?

Não, não eram.





João Manuel Baltasar Firmino do Carmo |

| Elementos Arcaicos e a Formação dos Modelos Urbanísticos: Mitos, arquétipos e símbolo: da pré-história à Antiguidade

## VIII. Lista de Obras Consultadas

Arnheim, Rudolf. *The Power of the Center: A Study of Composition in the Visual Arts*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, Ltd., 1982.

Augé, Marc, Suzanne Lallemand, Françoise Michel-Jones, e Jean-Pierre Dozon. *A Construção do Mundo: Religião, Representações, Ideologia*. Lisboa: Edições 70, 2020.

Calado, Manuel J. M. «Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional.» Universidade de Lisboa, 2004.

Calado, Manuel J. M., e Catarina Oliveira. «Gente que nunca mais existiu - O Megalitismo em Montemor-o-Novo», 2017. <https://www.youtube.com/watch?v=4aLbg5ZCw0A>.

Cardona, George. «Sanskrit Language», 2019. <https://www.britannica.com/topic/Sanskrit-language>.

Cauvin, Jacques. *The Birth of the Gods and the Origins of Agriculture*. Cambridge: Cambridge University Press, sem data.

Childe, Gordon. *Man Makes Himself*. Nova Iorque: The New American Library, 1951.

Chiocel, Oana R., e Robert M. Schoch. «Stan Gooch and the Neanderthal Legacy». *New Dawn Magazine*, 2011. <https://www.aulis.com/stangooch.htm>.

Chomsky, Noam. *Language and Mind*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006.

Clayton, Sarah C. «Teotihuacan: An early urban center in its regional context». *The Cambridge World History: Volume III: Early Cities in Comparative Perspective*, 4000 BCE-1200 CE ii (2015): 279–99. <https://doi.org/10.1017/CHO9781139035606.017>.

Coedès, G. *The indianized States of Southeast Asia*. Canberra: Australian National University Press, 1975.

Confúcio. *Os Analectos* - Livro 1. LEVOIR, 2017.

Corboz, Andre. «El Territorio como Palimpsesto». Zurique: Escola Politécnica Federal, sem data.

Cotte, Miche, Clive Ruggles, Margaret Austion, Juan Belmonte, Amanda Chadburn, Von del Chamberlain, David DeVorkin, et al. *Heritage Sites of Astronomy and Archeoastronomy in the context of the UNESCO World Heritage Convention: A Thematic Study*. Paris: ICOMOS, 2010.

Cowgill, George L. *Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2015.

Creekmore, Andrew, Kevin D. Fisher, Yoko Nisimura, Stephanie Wynne-Jones, Jeffrey Fleisher, Aline Magnoni, Traci Ardren, et al. *Making ancient cities: Space and place in early Urban societies. Making Ancient Cities: Space and Place in Early Urban Societies*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2012.  
<https://doi.org/10.1017/CBO9781107110274>.

Creekmore, Andrew T. «Landscape and Settlement in the Harran Plain, Turkey: The Context of Third-Millennium Urbanization». *American Journal of Archeology* 122, n. 2 (2018): 177–208.

Department of Asian Art, The Metropolitan Museum of Art. «Neolithic Period in China», 2004.  
[https://www.metmuseum.org/toah/hd/cneo/hd\\_cneo.htm](https://www.metmuseum.org/toah/hd/cneo/hd_cneo.htm).

Dhalla, Maneckji Nusservanji. «History of Zoroastrianism.» *Numen* 41, n. 2 (1938): 1223–27.  
<https://doi.org/10.2307/3270263>.

Edinger, Edward. *Ego and Archetype*. Boulder: Shambala, 1992.

Eliade, Mircea. *A History of Religious Ideas: From the Stone Age to the Eleusinian Mysteries*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978.

Eliade, Mircea. *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Lisboa: Edições 70, 2019.

Eliade, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 2020.

«Executive Summary: Gobekli Tepe». Ancara, 2017. <https://whc.unesco.org/en/list/1572/documents/>.

Fenollós, Juan Luis Montero, e Manuel García Sánchez. «Babilónia e Persépolis». *National Geographic*, 2020.

Freedman, John. *Face to Face: Carl Jung*. Switzerland: BBC, 1959. <https://www.bbc.co.uk/programmes/p04qhvyj>.

Freud, Sigmund. *Civilization and its Discontents*. London: Pinguin Books, 2004.

Gomes, Varela. «Paisagens Megalíticas». *Em Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*, editado por Carlos Gomes, 23–39. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1997.

Gopal, Madan. *India through the Ages*. Nova Deli: Ministry of information and broadcasting government of India, 1990.

Hernández, Domingo. «La Cultura Talayótica de las Islas Baleares». *ArtyHum. Revista Digital de Artes y Humanidades* 4 (2014): 127–39.

Homer. *The Iliad*. Nova Iorque: Pinguin Books, 1991.

Howard, Ebenezer. *To-morrow: A Peaceful path to Real Reform*. Londres: Swan Sonnenschein & Co., Ltd., 1898.

Huffman, Carl. «Philolaus». The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer, 2003. <https://plato.stanford.edu/entries/philolaus/#BirCos>.

ICOMOS. «Neolithic Site of Çatalhöyük (TURKEY) - Management plan 2013 Preliminary Draft». Turquia, 2012. <https://whc.unesco.org/en/list/1405/documents/>.

Jordan, Michael. *Dictionary of Gods and Goddesses*. Nova Iorque: Facts On File, 2004.

Kennett, Karen Diane. «Female Figurines of the Upper Paleolithic». Texas State University-San Marcos, 2008.



Kostof, Spiro. *A History of Architecture: Settings and Rituals*. 2nd ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 1995.

Kostof, Spiro. *The City Assembled: Elements of Urban Form through History*. Londres: Thames & Hudson, 1992.

Kostof, Spiro. *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*. Londres: Thames & Hudson, 1991.

Lefebvre, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro Editora, 2011.

Lynch, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1960.

Masó, Felip, Josep Marcé, Jaume Prat, e Jesús Villanueva. «Mesopotâmia: As Primeiras Civilizações». *National Geographic*. Lisboa, 2019.

Montaner, Josep Maria. *Arquitectura Y Crítica*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999.

Mumford, Lewis. *A História das Utopias*. Lisboa: Antígona, 2007.

Mumford, Lewis. *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*. Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1961.

Needham, Joseph, e Wang Ling. Science and Civilisation in China: *Mathematics and the Sciences of the Heavens and the Earth*. *International Affairs*. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. <https://doi.org/10.2307/2612149>.

Newman, Hugh, Howard Crowhurst, Health Robin, Evelyn Francis, Gerald Ponting, Gordon Strong, Christ Mansell, Alexander Tom, e John Martineau. *Megalith: Studies in Stone*. China: Wooden Books, Ltd., 2018.

Nichols, Deborah L. «Teotihuacan». *Journal of Archeological Research* 24, n. 1 (2016). <https://doi.org/10.1007/s10814-015-9085-0>.

Pääbo, Svante. *Neanderthal Man: In search of Lost Genomes*. Nova Iorque: Basic Books, 2014.

Parker, Bradley J., Lynn Dodd, Andrew Creekmore, Elizabeth Healey, e Catherine Painter. «The Upper Tigris Archaeological Research Project (UTARP)». *Anatolica* 32 (2006): 72–151. <https://doi.org/10.2143/ana.32.0.2012554>.

Pereira, Paulo. *Arte e Ciência: Equações da Arte*. Maia: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2019.

Pereira, Paulo. *Lugares Mágicos de Portugal: Espírito da Terra*. Casais de Mem Martins: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2009.

Pereira, Paulo. *Lugares Mágicos de Portugal: Paisagens Arcaicas*. Casais de Mem Martins: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2009.

Pérez-Gómez, Alberto. «Introduction». Em *Ordonnance des Cinq Especies de Colonnnes Selon la Methode des Anciens*, 1–44. Santa Monica: The Getty Center for the History of Art and the Humanities, 1993.

Perlus, Barry. «Architecture in the Service of Science: The Astronomical Observatories of Jai Singh II», sem data.

Pinheiro, Paula Moura. «Visita Guiada: Foz Côa». Portugal: RTP 2, 2014.

Platão. *Timeu-Crítias*. Editado por Maria do Céu Fialho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

Reinöhl, Uta. *Grammaticalization and the rise of configurationality in Indo-Aryan*. Oxford University Press, 2017. <https://doi.org/10.1353/lan.2017.0025>.

Richer, Jean. *Sacred Geography of the Ancient Greeks: Astrological Symbolism in Art, Architecture, and Landscape*. Nova Iorque: State of University of New York Press, 1994.

Ronquist, Fredrik, Seraina Klopstein, Lars Vilhelmsen, Susanne Schulmeister, Debra L. Murray,

e Alexandr P. Rastnitsyn. «A Total-Evidence Approach to Dating with Fossils, Applied to the Early Radiation of the Hymenoptera», 2012. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3478566/>.

Rosovsky, Nitza, Magen Broshi, F. E. Peters, Joseph Dan, Paula Fredriksen, Angelika Neuwirth, Robert L. Wilken, et al. *City of the Great King: Jerusalem from David to the Present*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

Ruggles, Clive. *Ancient Astronomy: An Encyclopedia of Cosmologies and Myth*. Santa Barbara: ABC-Clío, 2005.

Rykwert, Joseph. *On Adam's House in Paradise: The idea of the Primitive Hut in Architectural History*. MIT Press, 1981.

Rykwert, Joseph. *The Idea of Town: The Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World*. Londres: Faber and Faber Ltd., 2013.

Shapur, Shahbazi A. «Traditional date of Zoroaster». *Cambridge University Press*, 2009. <https://doi.org/doi.org/10.1017/S0041977X00040386>.

Silvano, Filomena. *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Documenta, 2017.

Summers, David. *Real Spaces: World Art History and the Rise of Western Modernism*. Nova Iorque: Phaidon Press Inc., 2003.

Tainter, Joseph A. «Cahokia: Urbanization, Metabolism, and Collapse». *Urban Metabolism Options and Trends, between Growth and Degrowth*, 2019. <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/frsc.2019.00006/full>.

Tamen, Pedro. *Gilgamesh*. Lisboa: Nova Vega, 2016.

Taylor, René. *Arquitectura y magia*. Madrid: Siruela, 1995.

Valera, António Carlos. «Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal : ensaio de análise crítica .» *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, n. January (2010): 25–38.

Vellu, Iswen, Lim Tiong Yeow, Felicia Chen Youlin, e Tan Miao Nong. «Jantar Matar: The Science of Indian Conjecture», sem data.

Villanueva, Jesús. «Atlas Histórico: Mundo Antigo». *National Geographic*. Lisboa, 2017.

Vitruvius. *Ten Books on Architecture*. Harrisburgo: Pinnacle Press, 2015.

Voltaire, François-Marie. *Tratado Sobre a Tolerância*. LEVOIR, 2017.

Vuković, Krešimir. «Friends, Romans, naked wolf-men ... why an ancient festival is still controversial». *The Guardian*, 2018. <https://www.theguardian.com/science/2018/feb/15/wolves-nudity-mayhem-why-an-ancient-roman-festival-is-still-controversial#img-3>.

Watkins, Alfred. *Early British Trackways: Moats, Mounds, Camps, and Sites*. Londres: Simpkin, Marshall, Hamilton, Kent & Co., Ltd., 1922.

Welch, Chris, Joe Flatman, e Pete Herring. «Later Prehistoric shrines and Ritual Structures: introductions to Heritage Assets». *English Heritage*, n. May (2018).

Wilkinson, T. J., Graham Philip, J. Bradbury, R. Dunford, D. Donoghue, N. Galiatsatos, D. Lawrence, A. Ricci, e S. L. Smith. *Contextualizing Early Urbanization: Settlement Cores, Early States and Agro-pastoral Strategies in the Fertile Crescent During the Fourth and Third Millennia BC*. *Journal of World Prehistory*. Vol. 27. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2014. <https://doi.org/10.1007/s10963-014-9072-2>.

Young, Holly. «A language family tree - in pictures». *The Guardian*, 2015. <https://www.theguardian.com/education/gallery/2015/jan/23/a-language-family-tree-in-pictures>.



## IX. Anexos





Elementos de Apresentação:

Cronologia com base nas datas disponibilizadas por:

<https://www.ancient.eu/>

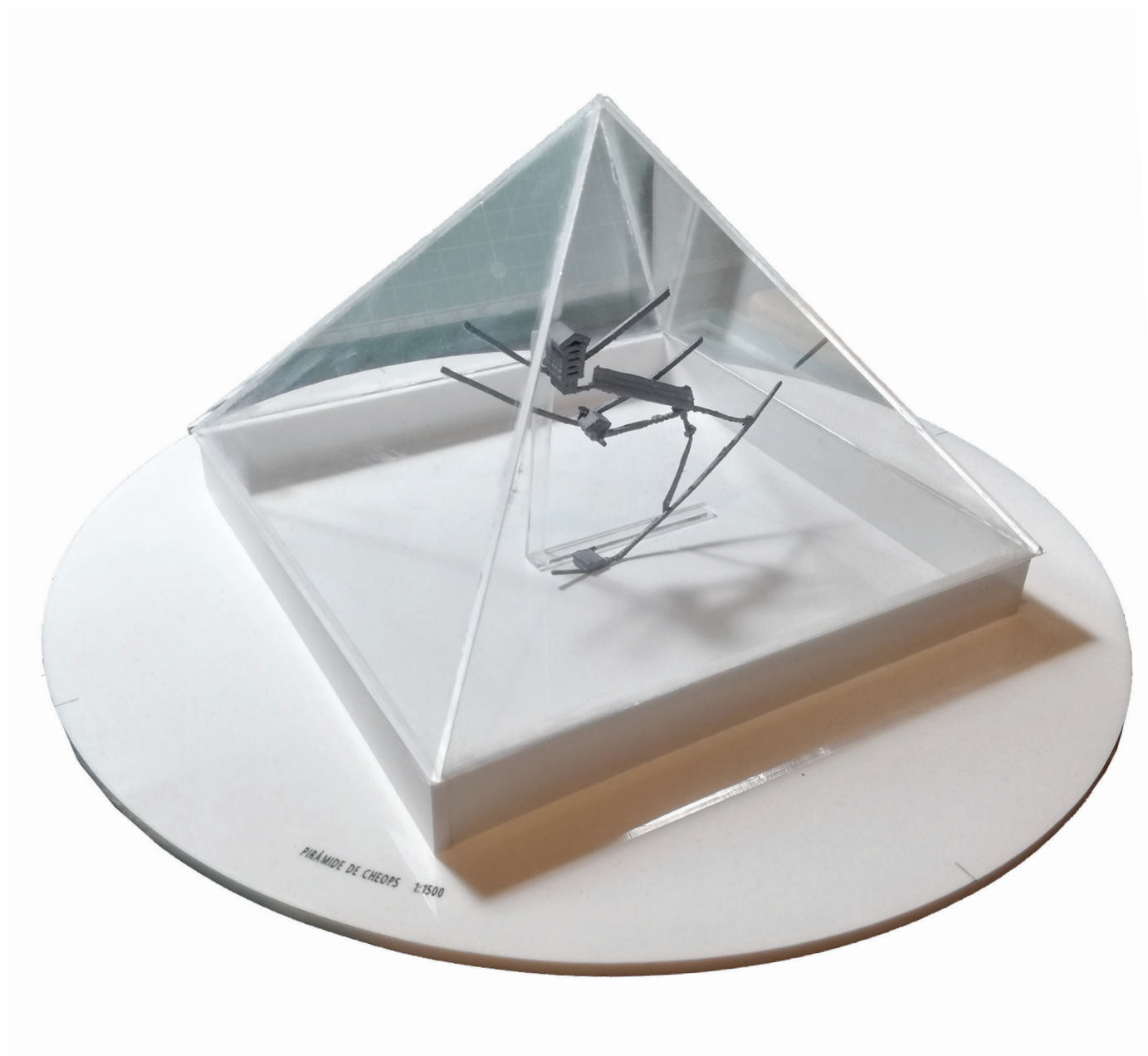
Maquetes Impressas com base nos modelos disponibilizaos nos seguintes links:

<https://sketchfab.com/3d-models/anta-grande-do-zambujeiro-2e5daaf8421046a1996c86caeeaa568et>

<https://sketchfab.com/3d-models/cromeleque-de-vale-de-maria-do-meio-2313a7a3fdc493da6219e5113091e24>

<https://sketchfab.com/3d-models/cromeleque-da-portela-de-mogos-evora-39f05017066545c8b491452e3d1b5d8f>

<https://sketchfab.com/3d-models/half-moon-stone-cromeleque-da-portela-de-mogos-dc3477ee76174cc1821a468bbfe1e4ee>



Maquete da Pirâmide de Cheops 1:1500





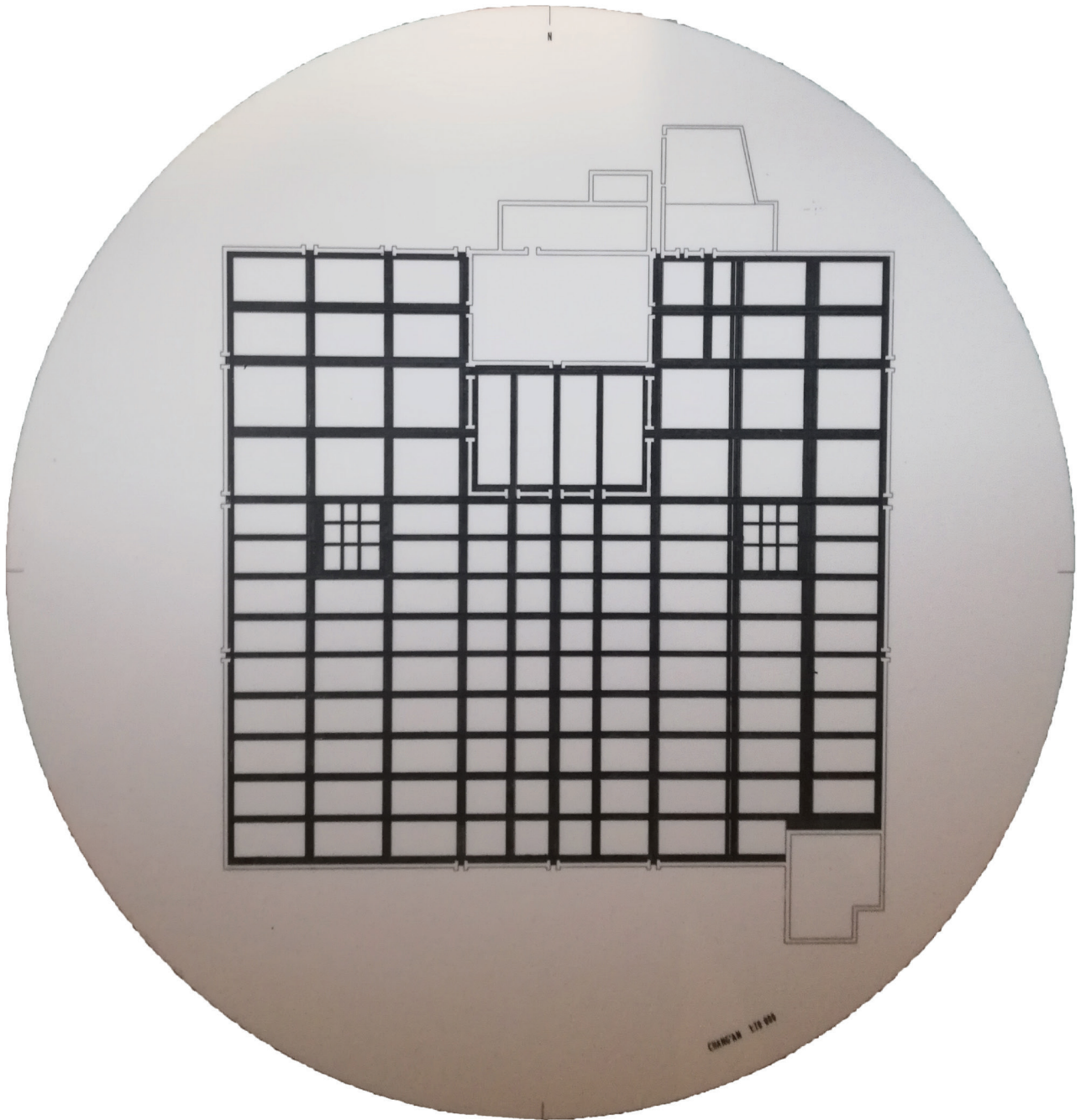
Maquete da Ziggurate de Ur 1:600

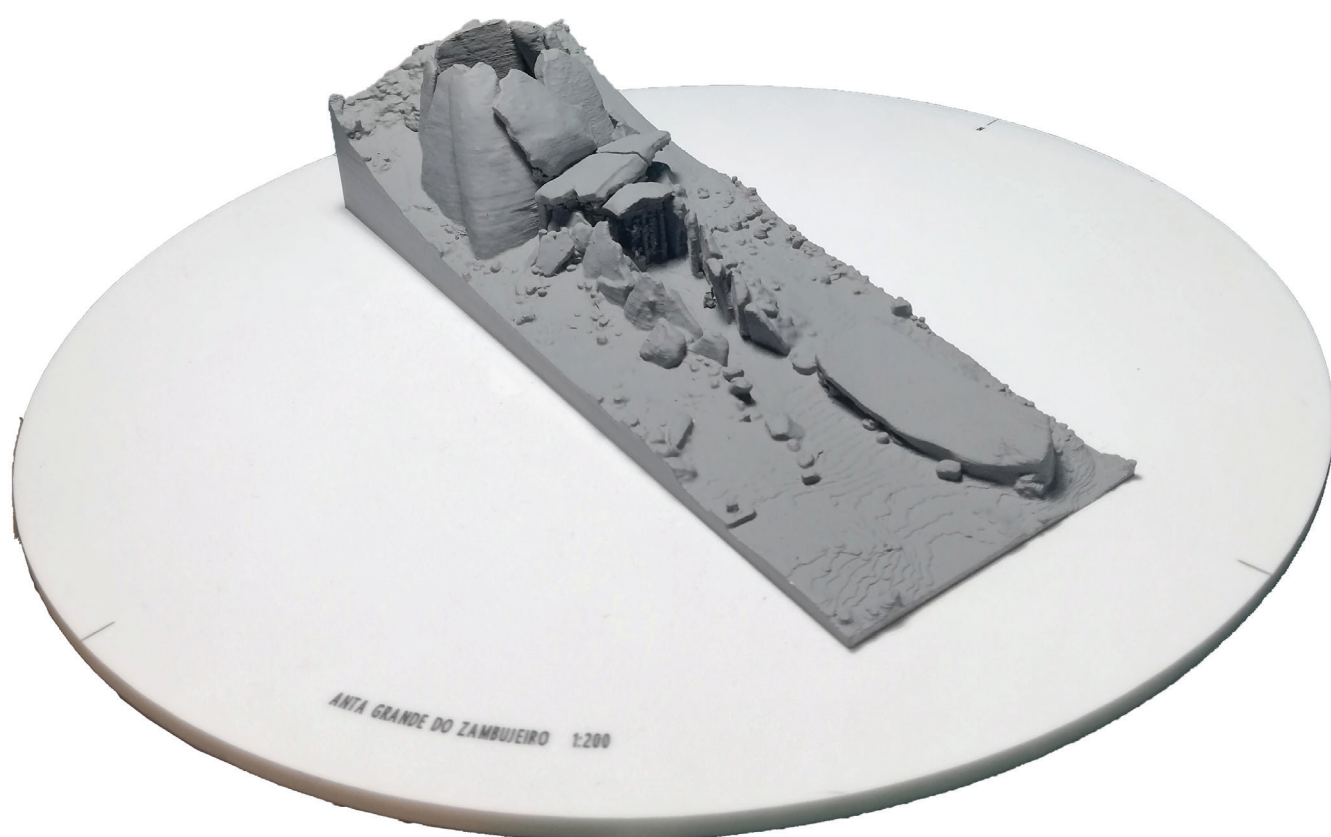






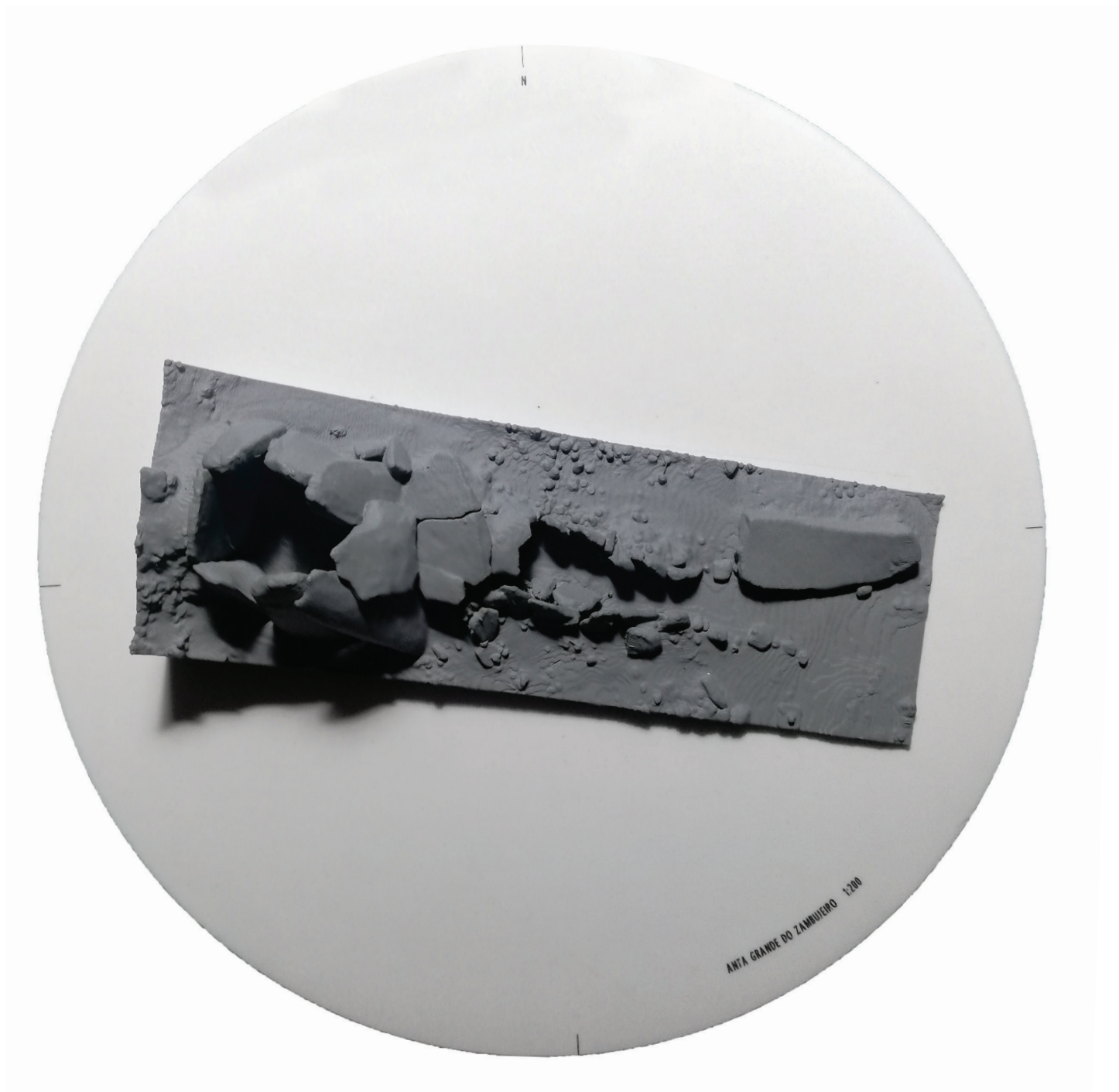
Maquete da Cidade de Chang'an 1:70 000

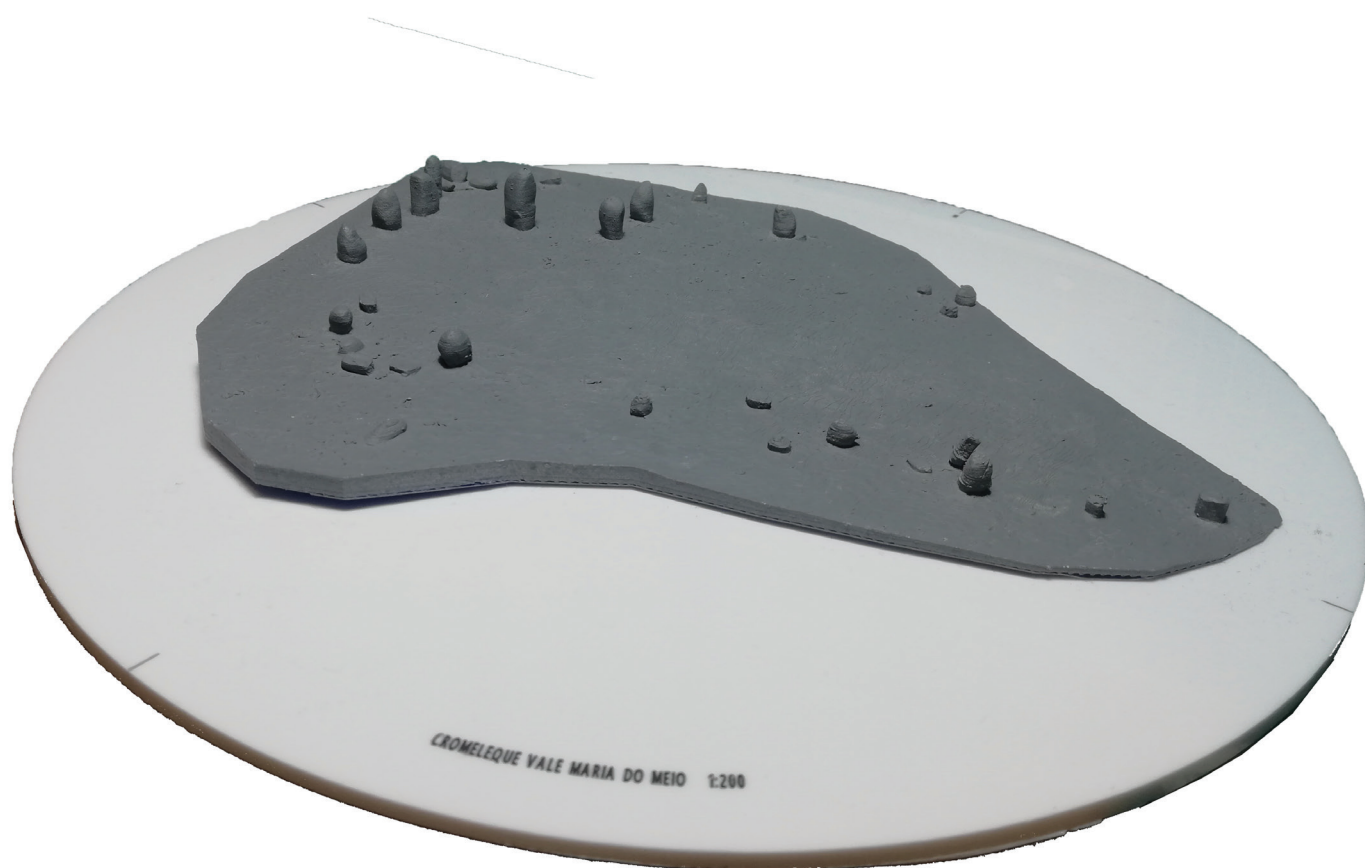




Maquete da Anta Grande do Zambujeiro 1:200

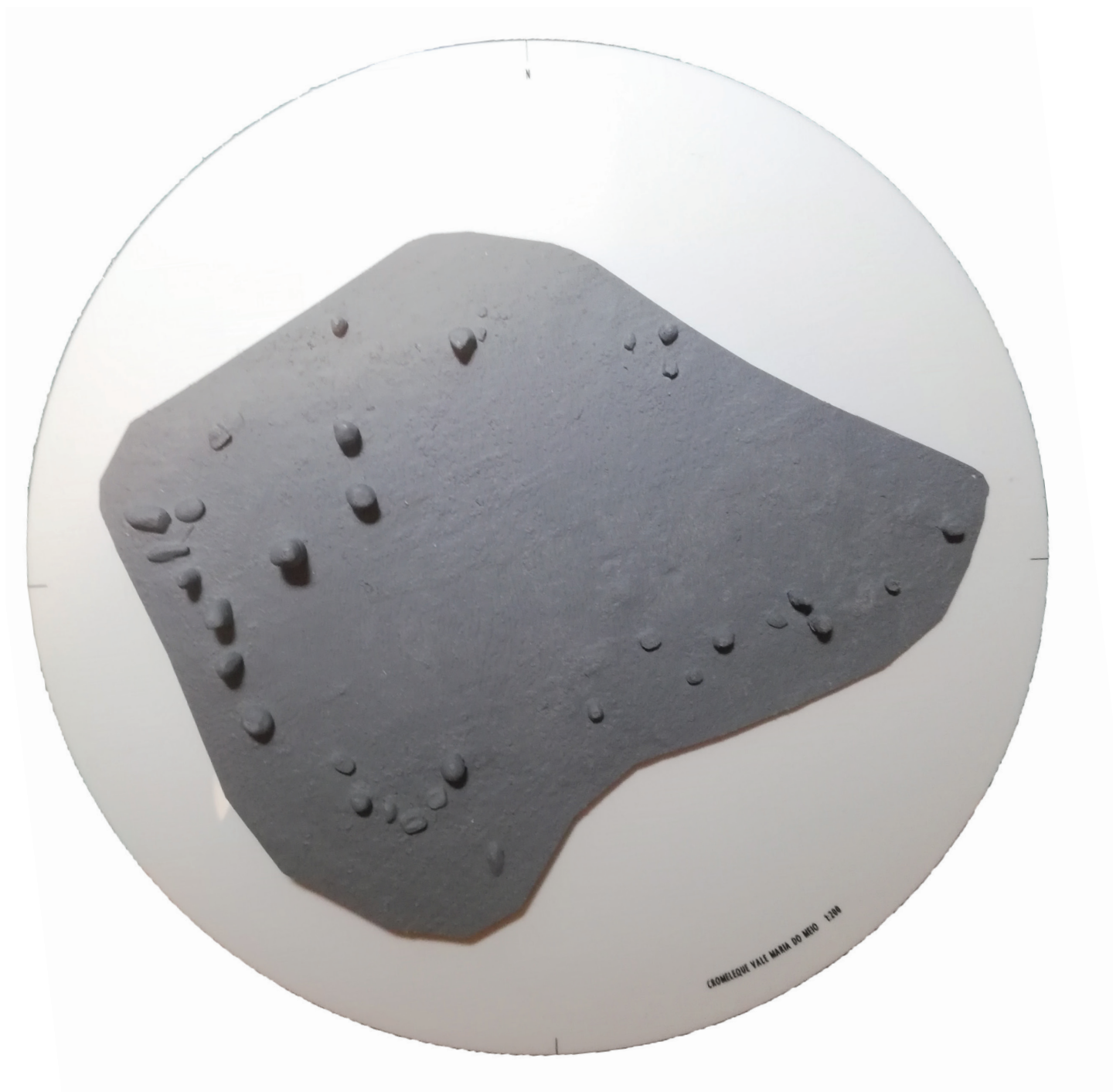


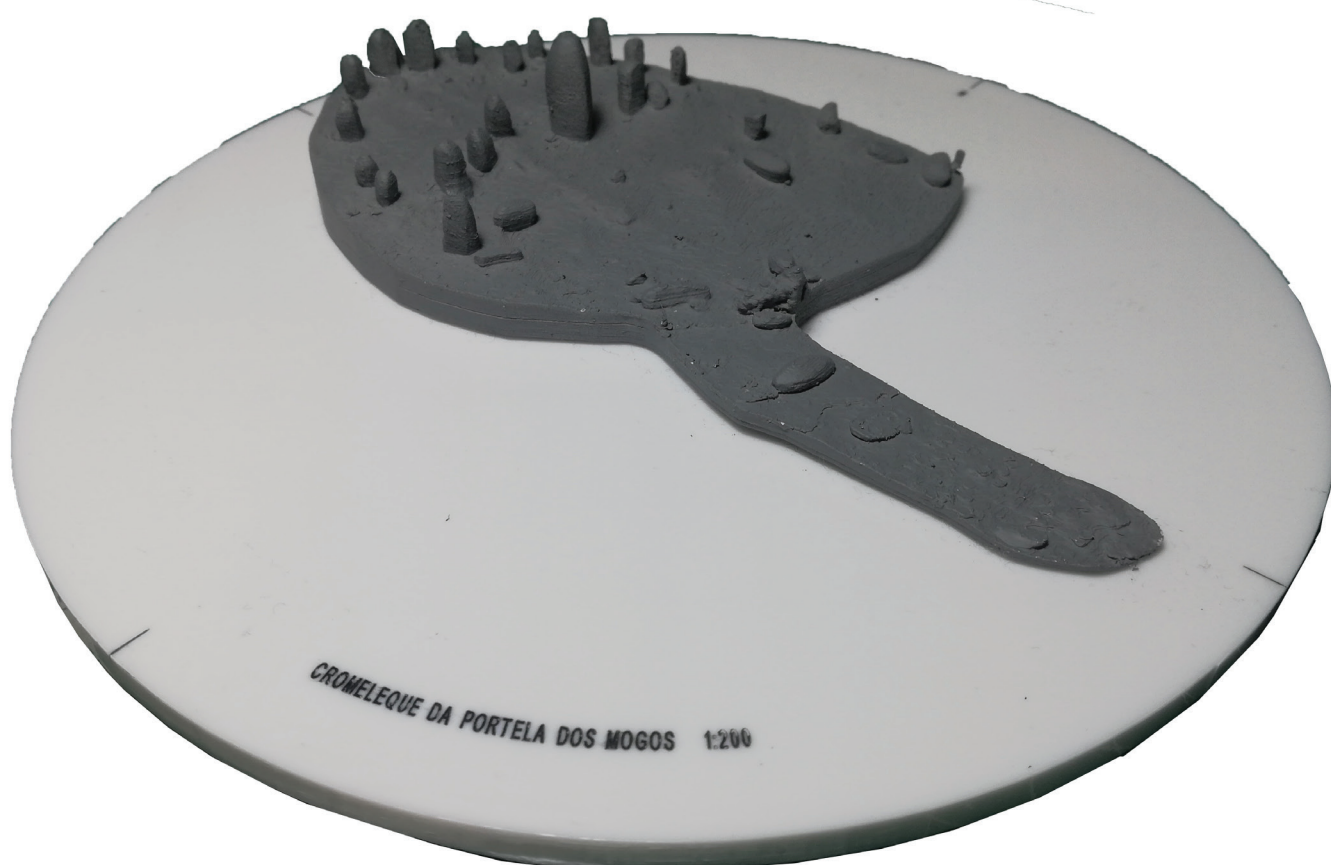




Maquete do Cromeleque do Vale Maria do Meio 1:200







Maquete do Cromleque da Portela dos Mogos 1:200



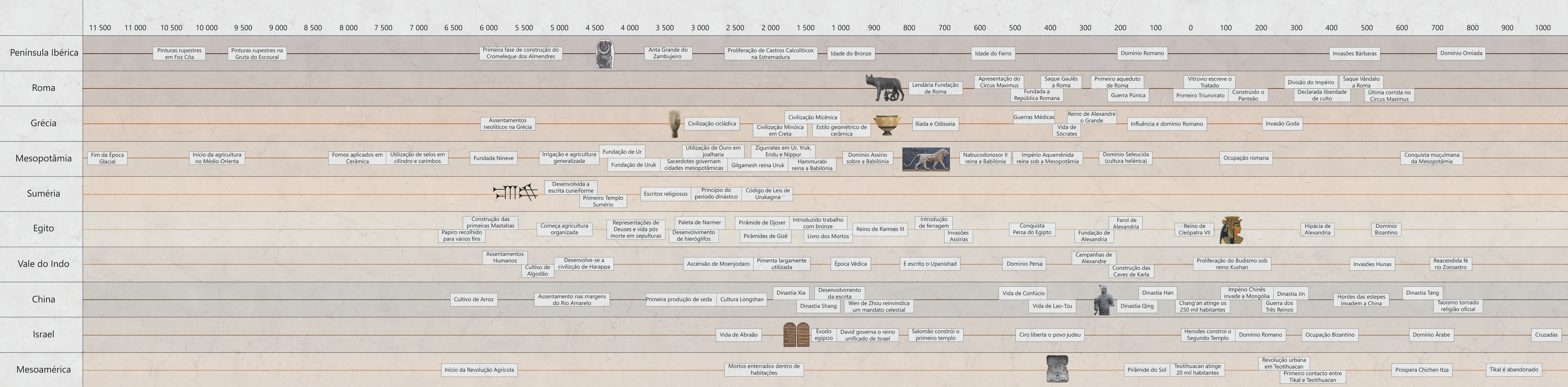


Maquete do Menir 25 do Cromeleque da Portela dos Mogos 1:10













**FACULDADE DE ARQUITETURA**  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROVA PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO FINAL DE MESTRADO DE:

**JOÃO MANUEL BALTASAR FIRMINO DO CARMO**

COM O TEMA:

## **ELEMENTOS ARCAICOS E A FORMAÇÃO DOS MODELOS URBANÍSTICOS**

MITOS, ARQUÉTIPOS E SÍMBOLOS DA PRÉ-HISTÓRIA ATÉ À ANTIGUIDADE

Orientação científica: Professor Paulo Pereira

Orientação científica: Professor Jorge Nunes

Vogal: Professor Miguel Baptista Bastos

Presidente: Professor Pedro Rodrigues



**LISBOA**

---

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

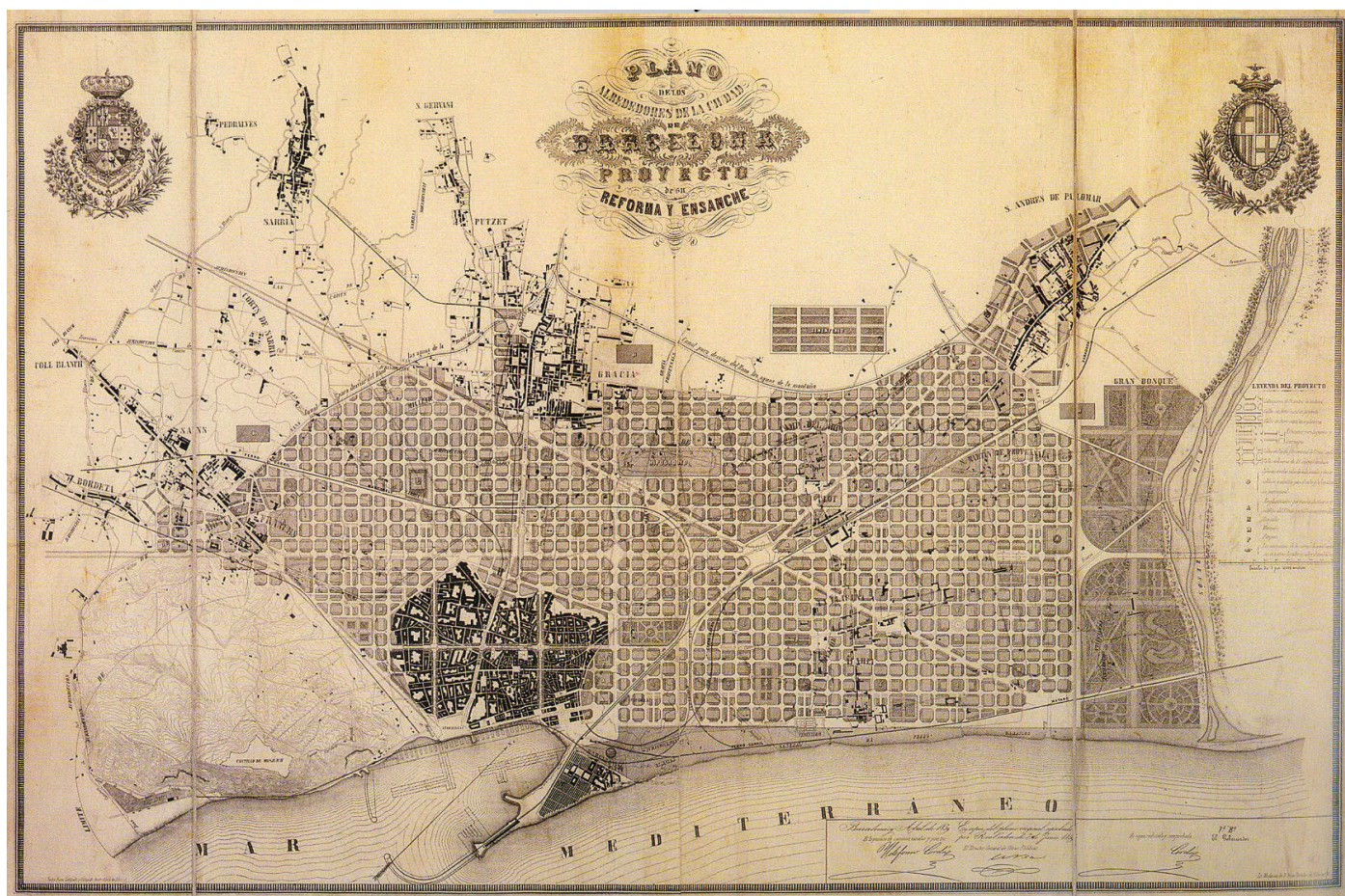


Figura 1: Plano para Barcelona por Ildefonso Cerdá em 1860.

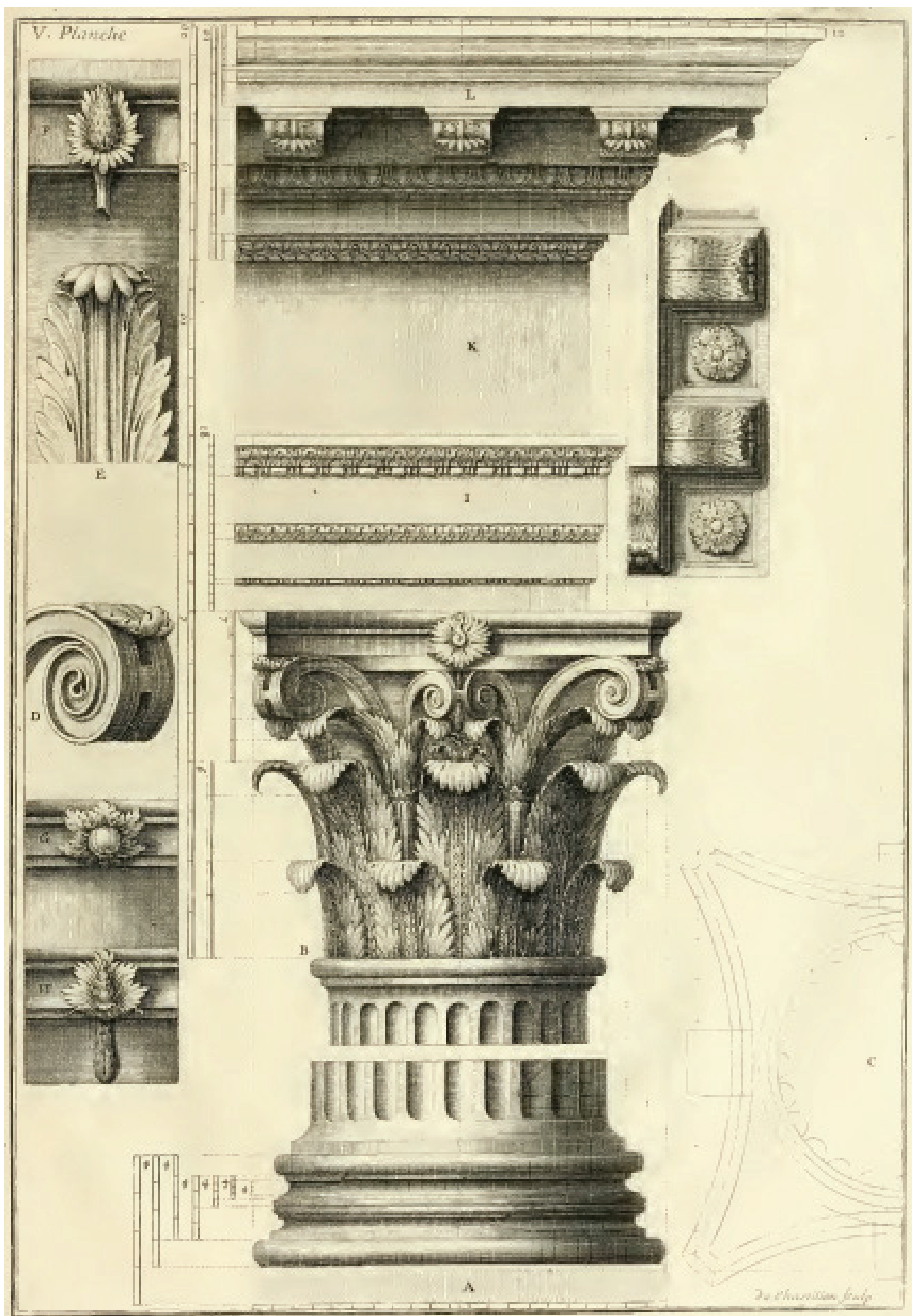


Figura 2: Gravura de coluna Coríntia por PERRAULT, 1673





Figura 3: Gravura Xamanística na Caverna das *Trois Frères* em Agnès, França



Figura 4: Interpretação da gravura por Hen



Figura 5: Híbrido Cavalo/Homem na Gruta do Escoural





Figura 6: Fotografia aérea sobre o Cromeleque dos Almendres





Figura 7: Templum Romano

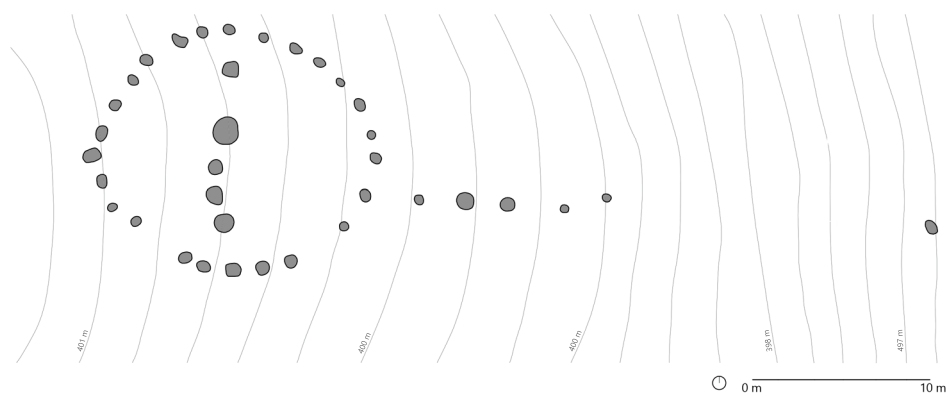


Figura 8: Cromeleque Portela dos Mogos e Planta de reconstituição





Figura 9: Recinto de fosso dos Perdigões

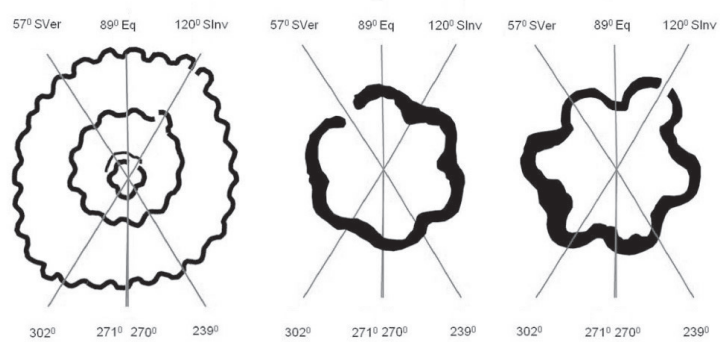


Figura 10: Recinto de Fossos e respectivas orientações segundo Valera. Esquerda para a Direita: Xacra, Santa Vitória, Outeiro Alto 2





Figura 12: Andrea Camassei, *Lupercalia*, 1635, óleo sobre tela, 238 x 366 cm.



Figura 11: Performance por Jennifer Taylor de uma reconstituição da Lupercália, Dezembro de 2017.



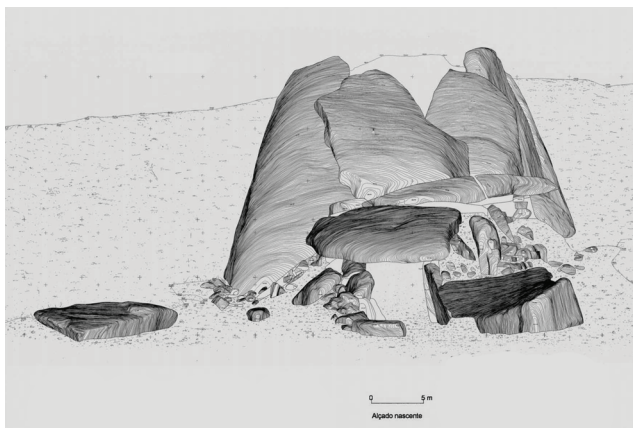
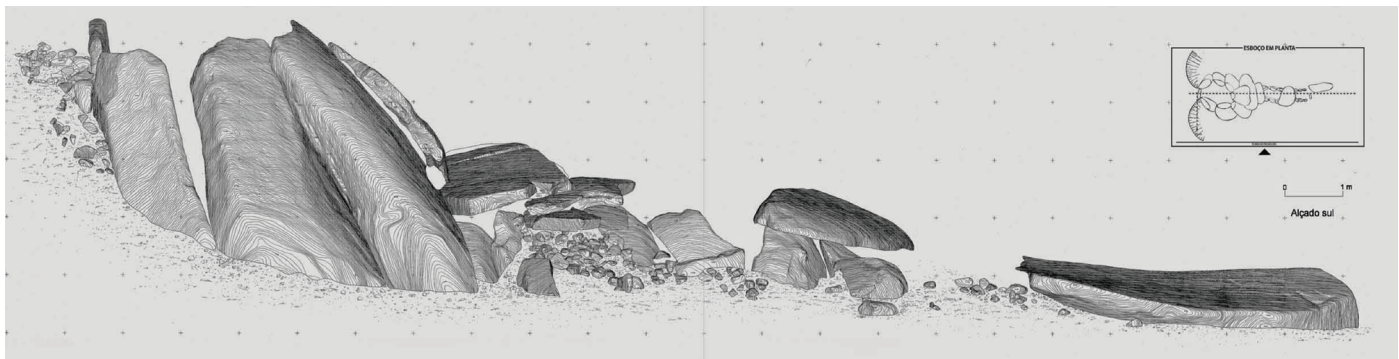
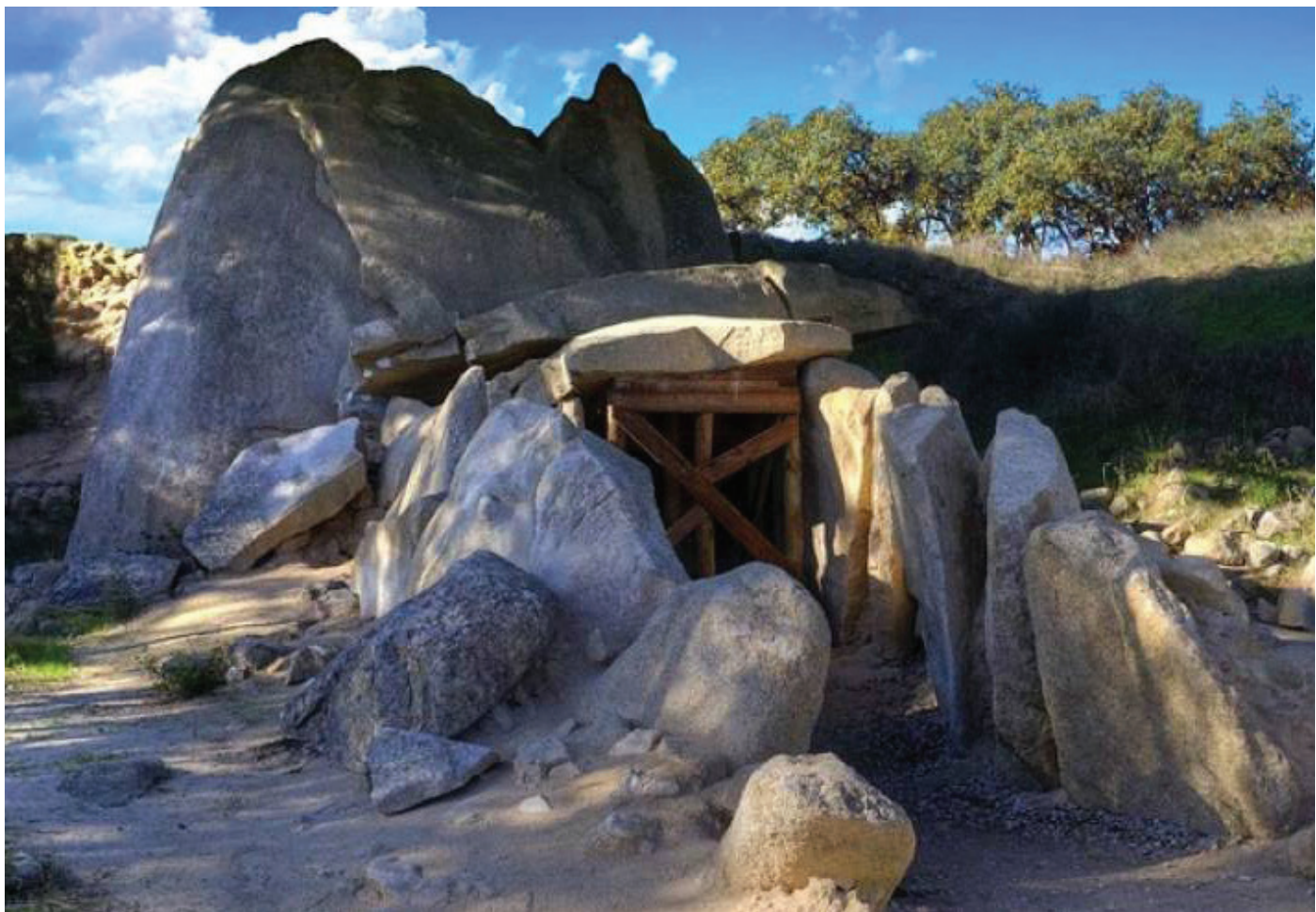


Figura 13: Anta Grande do Zambujeiro, Fotografia e levantamentos fotogramétricos.





Figura 14: Stonehendge Cursus

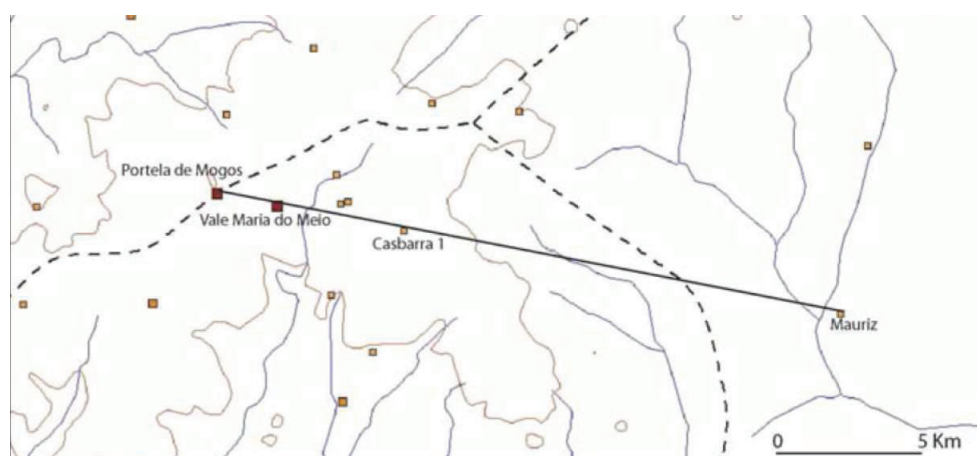


Figura 15: Ley que une o Cromeleque da Portela dos Mogos, Vale Maria do Meio, e o Menir da Casbarra 1, e o Menir de Mauriz (segundo Calado)

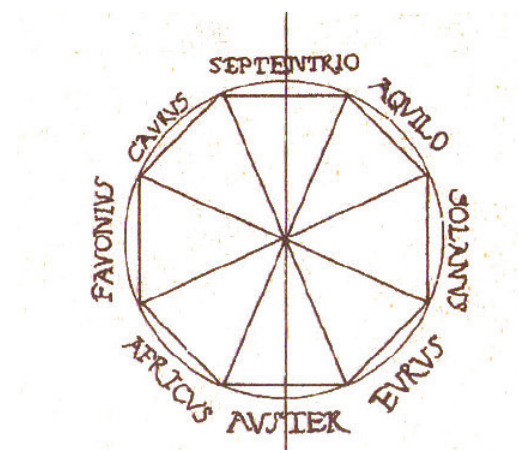


Figura 16: Rosa dos Ventos segundo Vitrúvio

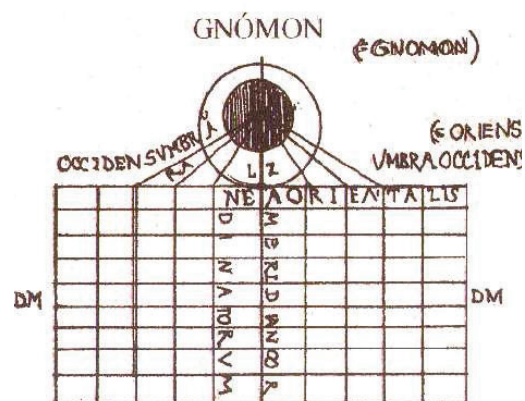


Figura 17: Diagrama do método de quadrícula de orientação pela sombra da groma

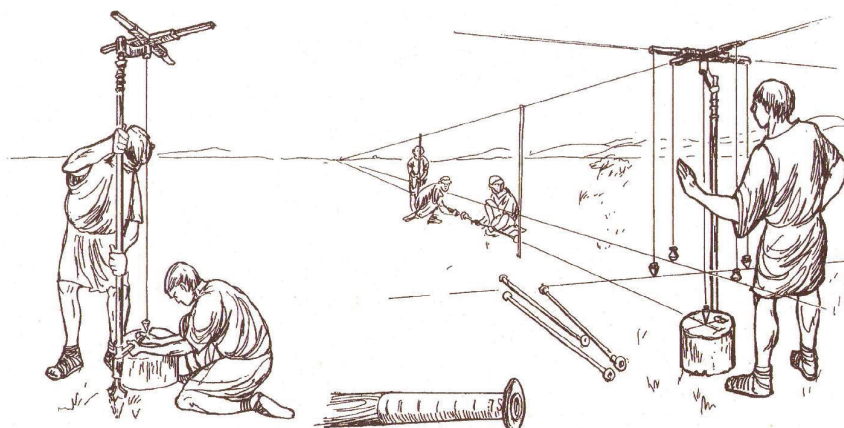


Figura 18: Assentamento da groma e respectiva agrimensura.



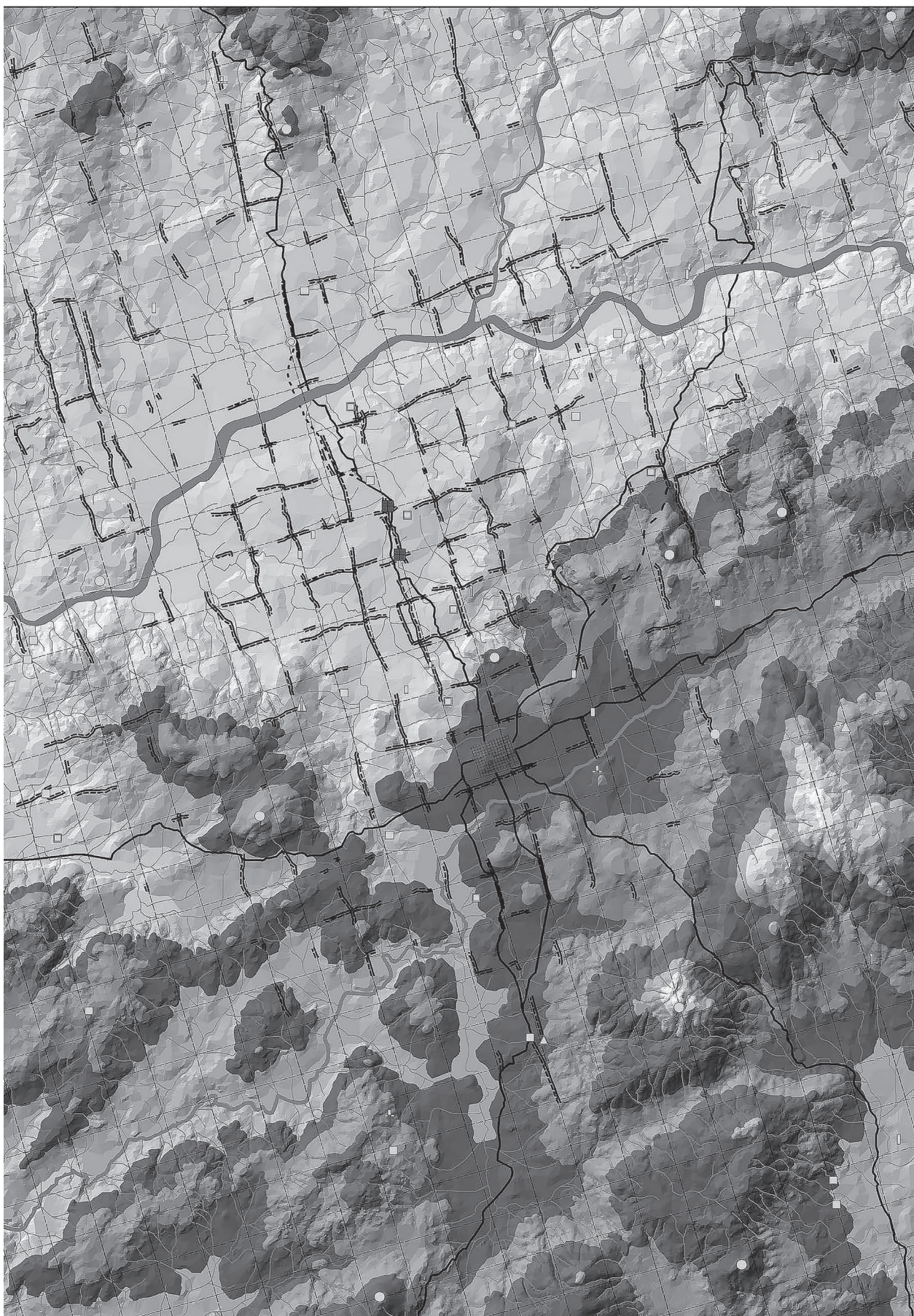


Figura 19: Centurição Romana no território de Bracara Augusta



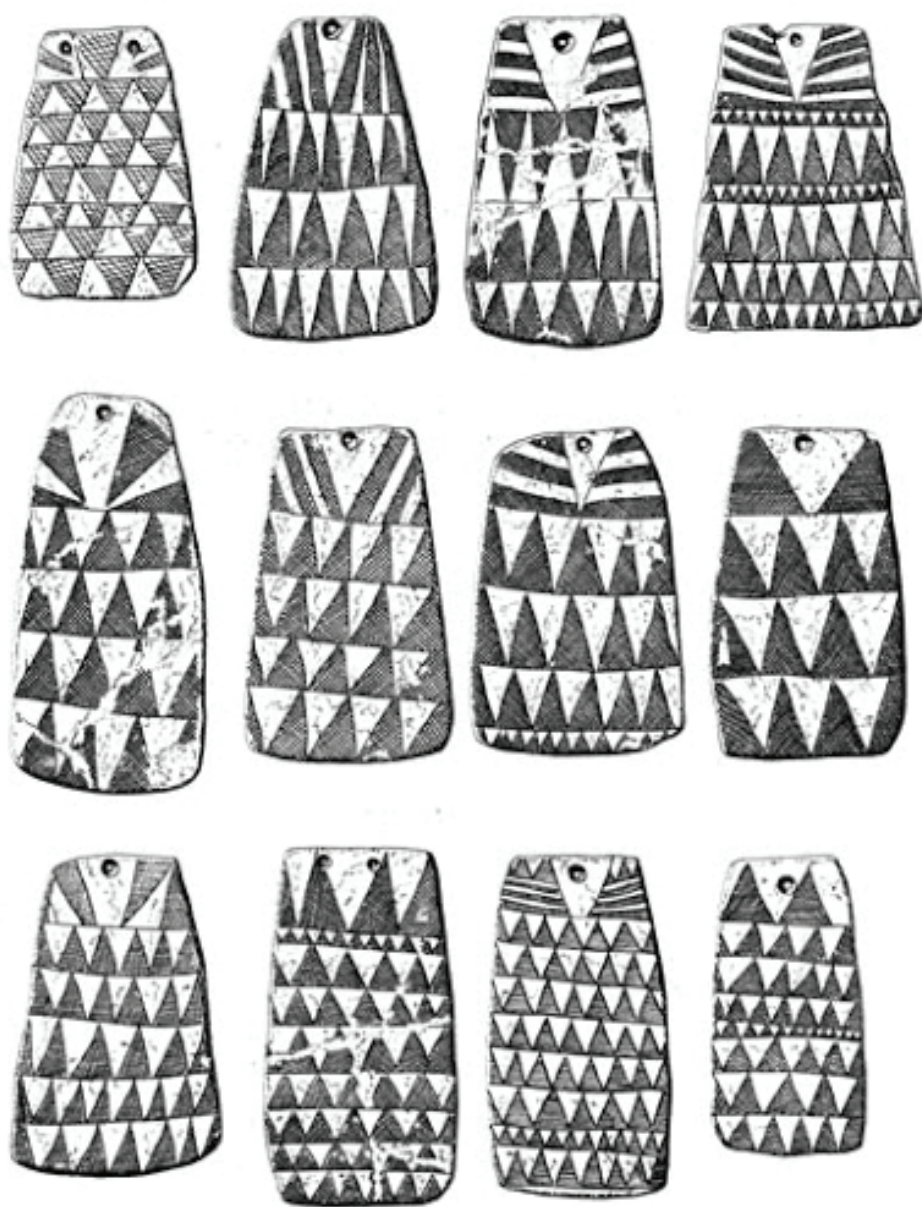


Figura 20: Placas de xisto idoloformes